#1 AUTOR BEST-SELLER NEW YORK TIMES



JIM BUTCHER

OS ARQUIVOS DRESDEN

FRENTE DE

TEMPESTADE

Spectrum

Frente de Tempestade

JIM BUTCHER

Frente de Tempestade

LIVRO 01 - OS ARQUIVOS DRESDEN



Uma pequena introdução a tradução

Bom, eu comecei a ler os Arquivos de Dresden em 2007, estava começando a aperfeiçoar meu inglês e procurando livros de fantasia que não tinham sido lançados aqui no Brasil, e dentre as diversas obras que eu li ela estava no meio, e achei interessante a ideia de uma fantasia no mundo atual, e de um mago detetive que podia ser encontrado na lista telefônica.

Não posso dizer que foi paixão a primeira vista, foi mais paixão ao terceiro livro, mas eu vi que a história tinha um potencial interessante e que valeria a pena continuar para os outros livros. Essa foi uma das minhas melhores decisões.

Dentre meus amigos eu sou o unico quem sabe ler em inglês, então eu sempre quis apresentar a obra mas, como não tinha sido lançado por aqui, ficava dificil. Então veio a Editora Underworld e publicou o primeiro livro e pensei que finalmente poderia apresentar os livros para meus amigos.

Infelizmente, eu estava errado.

Não sei o motivo da editora ter fechado, mas ela meio que ferrou as chances dos próximos livros serem lançados no Brasil. Só que Dresden Files é um daqueles livros que eu acho que merecem serem lidos por varias pessoase bem, resolvi tomar uma atitude.

Pensei em começar por Fool Moon, já que o primeiro livro já tinha sido publicado por aqui, mas eu não consegui encontrar o livro em nenhum canto da internet então resolvi começar por esse.

Frente de Tempestade foi o primeiro livro publicado por Butcher e isso significa que ele não é o melhor, da saga ele é o que eu menos gosto na verdade, mas toda obra tem um começo. E como um começo ele funciona

muito bem, principalmente comparados com outros começos, *O Pistoleiro* estou olhando para você.

Enfim, espero que vocês gostem do livro. Ele merecia uma tradução melhor, e com certeza uma revisão, mas temos que trabalhar com o que temos e eu só sou uma pessoa. Nos vemos em Lua dos Tolos.



Capítulo Um

Escutei o carteiro se aproximar do meu escritório, meia hora antes do comum. O som estava diferente. Suas passadas pareciam mais pesadas, felizes, e ele assoviava. Um cara novo. Ele assoviou até a porta do escritório, então ficou em silêncio por um momento. Então ele começou a rir.

Então ele bateu.

Eu me encolhi. Minhas cartas geralmente chegam pela portinhola a não ser que precisem ser assinadas. Poucas das cartas que recebo precisam da minha assinatura, e elas nunca são boas notícias. Me levantei da minha cadeira e abri a porta.

O novo carteiro, que parecia uma bola de basquete com braços e pernas, e com uma careca bronzeada, estava rindo do sinal no vidro da porta. Ele olhou para mim e apontou para o vidro. "Você está brincando né?"

Eu li o letreiro (as pessoas mudam de vez em quando), e balancei minha cabeça. “Não, não estou brincando. Pode me passar minhas cartas por favor?”

“Então, uh. É em festas, apresentações ou coisas do tipo?” ele olhou para dentro do escritório, como se estivesse esperando ver um tigre branco, ou algumas assistentes com pouca roupa praticando.

Eu suspirei, sem paciência para ser zoado novamente, e peguei as cartas que ele estava segurando. “Não, nada disso. Eu não participo em festas.”

Ele as segurou e entortou sua cabeça curioso. “Então o quê? Algum tipo de vidente? Cartas e bolas de cristal?”

“Não,” falei para ele. “Eu não sou psíquico.” e puxei as cartas.

Ele continuou segurando. “E o que você é então?”

“O que o letreiro na porta diz?”

“’Harry Dresden. Mago’”

“Esse sou eu.” Confirmei.

“Um mago de verdade?” ele perguntou, sorrindo, como se eu devesse explicar a piada. “Magias e poções? Demônios e encantamentos? Sútil e rápido de enfurecer?”

“Não tão sutil.” Eu arranquei as cartas da mão dele e olhei para a prancheta. “Posso assinar o recebimento por favor?”

O sorriso do novo carteiro sumiu, trocado por uma cara fechada. Ele me passou a prancheta para eu assinar (outro aviso de aluguel atrasado), e disse, “Você é louco. É isso que você é” ele pegou sua prancheta, e disse “tenha um bom dia senhor.”

Eu o observei sair.

“Típico.” Murmurei e fechei a porta.

Meu nome é Harry Blackstone Copperfield Dresden. Conjure-o a seu próprio risco. Eu sou um mago. Trabalho em um escritório no centro de Chicago. Até onde eu saiba eu sou o único Mago profissional trabalhando abertamente no país. Você pode me encontrar nas páginas amarelas, abaixo de “Magos”. Acredite ou não, eu sou o único lá. Meu anúncio é assim:

HARRY DRESDEN – MAGO

Encontro itens perdidos. Investigações paranormais.
Consultoria. Conselhos. Taxas Razoáveis.
Não faço Poções do Amor, Bolas Infinitas, Festas
ou Outros Entretenimentos.

Você ficaria surpreso com quantas pessoas me ligam pra saber se estou falando sério. Mas, se você tivesse visto as coisas que já vi, se você soubesse a metade do que eu sei, você se perguntaria como ninguém poderia achar que eu não estava falando sério.

O fim do século 20 e o amanhecer do novo milênio viu um tipo de

renascimento na percepção pública no paranormal. Psíquicos, assombrações, vampiros—entre outros. Pessoas ainda não os levam a sério, mas todas as coisas que a ciência nos prometeu não tiveram fruto. Doenças ainda são um problema. A fome ainda é um problema. Violência, crime e guerra também. E mesmo com o avanço da tecnologia, as coisas não mudaram da forma que todo mundo esperava que acontecesse.

Ciência, a maior religião do século 20, ficou um pouco manchada pelas imagens de explosões de capsulas espaciais, bebê do crack, e uma geração de Americanos complacentes que permitiram que a televisão criasse seus filhos. As pessoas estavam procurando por algo—Acho que eles não sabem o quê. E mesmo que eles estivessem abrindo seus olhos novamente para o mundo da magia e para o arcano que estavam com eles por muito tempo, eles ainda pensam que é algum tipo de piada.

De qualquer forma, tem sido um mês devagar. Um par de meses parados, na verdade. Meu alugue de fevereiro não foi pago até o decimo dia de março, e parecia que ia demorar mais para que eu conseguisse pagar o desse mês.

Meu único trabalho tinha sido na semana passada, quando eu fui para Branson, Missouri, para investigar uma possível casa assombrada de um cantor country. Não era. Meu cliente não ficou feliz com essa resposta e ficou menos feliz quando sugeri que ele parasse com as substâncias tóxicas e tentasse fazer um pouco de exercício e dormir para ver se não melhorava um pouco as coisas em vez do exorcismo. Eu recebi as despesas de viagem mais uma hora de trabalho, e saí sentindo que tinha feito a coisa honesta, correta e errada. Eu soube depois que ele contratou um psíquico fajuto para ir realizar um ritual com vários incensos e luz negra. Algumas pessoas.

Terminei meu livro e o joguei na caixa de TERMINADOS. Ela é uma caixa com uma pilha de livros lidos e descartados do lado da minha mesa, a lombada e as páginas tortas. Eu sou muito duro com livros. Estava observando a pilha de livros não lidos, considerando a próxima leitura, já que eu não tinha trabalho a fazer, quando meu telefone tocou.

Eu o observei um pouco grosseiramente. Nós magos somos incríveis em parecer irritados. Depois do terceiro toque, quando achei que não pareceria desesperado, eu atendi “Dresden.”

“Ah, este é, ahn, Harry Dresden? O, ahn, Mago?” O tom da voz dela era defensivo, como se ela tivesse com muito medo de estar me insultando.

Não, eu pensei, é Harry Dresden o ,ahn, Gago. O mago é o meu vizinho

É a prerrogativa dos magos de serem rabugentos. Não é, no entanto, a prerrogativa de um consultor freelancer que tem aluguéis atrasados, então em vez de tentar fazer graça, eu falei com a mulher no telefone “Sim madame. Como posso ajudá-la hoje?”

“Eu, humm” ela falou “Não tenho certeza. Eu perdi uma coisa, e acho que você pode me ajudar.”

“Encontrar itens perdidos é minha especialidade” eu disse “O que eu estaria procurando?”

Teve uma pausa nervosa. “Meu marido” ela disse. Ela tinha uma voz um pouco rouca, como a de uma líder de torcida que estava participando de um longo torneio, mas tinha um peso suficiente de idade para eu saber que era uma adulta,

Minhas sobrancelhas subiram. “Senhora, eu não bem um especialista em pessoas desaparecidas. Você já tentou contatar a polícia ou um detetive particular?”

“Não” ela falou, rapidamente. “Não eles não podem. Quer dizer, não falei. Oh deus, isso é tão complicado. Não é algo que se pode falar no telefone. Me desculpe por tomar seu tempo Sr. Dresden”

“Espere um pouco” falei rapidamente “me desculpe, você não falou seu nome”

A pausa nervosa aconteceu novamente, como se ela estivesse checando uma folha com nomes escritos antes de responder. “Pode me chamar de Monica.”

Pessoas que acham que sabem de alguma coisa sobre Magos não gostam de nos dar o nome delas. Elas estão convencidas que se elas falarem os seus nomes para um Mago isso podia ser usado contra eles. Sendo franco, elas

estão certas.

Eu tinha que ser o mais educado e inofensivo que eu podia. Ela estava prestes a desligar por pura indecisão, e eu precisava desse trabalho. Eu provavelmente poderia encontrar o maridinho caso eu me esforçasse.

“Ok Monica,” eu falei para ela, tentando soar o mais amigável que eu pudesse “Se você sentir que sua situação seja de natureza delicada, talvez você possa vir ao meu escritório e conversar sobre isso. Se acontecer de que eu possa lhe ajudar de alguma forma, eu irei, e se não, então eu posso lhe direcionar para alguém que possa lhe ajudar melhor.” Eu serrei meus dentes e pretendi que estava sorrindo. “Sem cobrar nada.”

Deve ter sido a falta de cobrança que a balançou. Ela concordou em vir para o escritório, e disse que estaria aqui em uma hora. Aquilo punha sua provável chegada para as 14:30. Bastante tempo para sair e lanchar, então voltar ao escritório para encontrá-la.

O telefone tocou novamente quase no instante em que eu desliguei, me fazendo pular. Eu o observei atentamente. Não confio em eletrônicos. Qualquer coisa construída depois da década de 1940 é suspeita—e não parece gostar muito de mim. Qualquer coisa: carros, rádios, telefones, TVs, Videocassetes—nenhuma delas parecem funcionar direito perto de mim. Eu não gosto de usar nem canetas automáticas.

Eu atendi o telefone com a mesma falsa animação que fabriquei para Monica Marido-sumido. “Aqui é o Dresden, como posso lhe ajudar?”

“Harry, Preciso de você no Madison nos próximos dez minutos. Você consegue chegar aqui?” a voz do outro lado da linha era de uma mulher também, calma, firme, profissional.

“Ora, Tenente Murphy” eu jorrei, voz saturada de açúcar, “é tão bom saber de você também. Já faz tanto tempo. Oh, eles estão bem, claro. Como está sua família?”

“Pode parar Harry, eu tenho um par de corpos aqui, e preciso que você dê uma olhada envolta.”

Eu fiquei sério imediatamente. Karrin Murphy era a diretora das Investigações Especiais do centro de Chicago, uma unidade preparada pelo Comissário de Polícia para investigar quaisquer crimes considerados incomuns. Ataques de vampiros, saques de trolls, e sequestros de crianças por fadas não encaixam muito bem num relatório de polícia—mas ao mesmo tempo, pessoas são atacadas, bebês são roubados e propriedade era danificada ou destruída. E alguém tinha que investigar aquilo.

Em Chicago, ou em qualquer lugar em Chicagolandia, a pessoa seria Karrin Murphy. Eu era a biblioteca móvel do sobrenatural dela, e um consultor pago pelo departamento de polícia. Mas dois corpos? Duas mortes por métodos desconhecidos? Eu nunca lidei com algo parecido para ela antes.

“Onde você está?” Perguntei.

“Hotel Madison, na décima, sétimo andar.”

“é uma caminhada de 15 minutos do meu escritório.” Eu disse.

“Então você pode estar aqui em 15 minutos. Ótimo.”

“Hum” eu disse. Olhei para o relógio. Monica Sem-Sobrenome chegaria aqui em aproximadamente 45 minutos.” Eu meio que tenho um compromisso.”

“Dresden, eu meio que tenho um par de corpos, sem pistas ou suspeitos, e um assassino a solta. Seu compromisso pode esperar.

Meu temperamento acendeu. Isso acontece de vez em quando. “Na verdade, ele não pode.” Eu disse. “Mas vamos fazer o seguinte, eu dou uma passada aí dou uma olhada e volto a tempo.”

“Você já comeu?” ele perguntou

“O quê?”

Ela repetiu a questão

“Não” eu falei.

“Continue assim.” Eve uma pausa, e quando ela falou novamente, tinha um tipo de tom esverdeado nas palavras dela. “É ruim.”

“O quão ruim estamos falando aqui, Murph?”

A voz dela suavizou, e aquilo me amedrontou mais que qualquer imagem de tripas ou morte violenta, Murphy era a garota durona original, e ela sentia orgulho em nunca mostrar fraqueza. “É ruim, Harry. Por favor não demore muito. Crimes especiais está se coçando pra pegar esse, e eu sei que você não gosta que toquem na cena antes de você possa olhar.”

“Estou a caminho.” Falei para ela, me levantando e pondo o meu casaco.

“Sétimo andar” ela me lembrou “Vejo você lá.”

“Certo”

Eu desliguei as luzes do escritório, saí e tranquei a porta atrás de mim, de cara fechada. Não tinha certeza de quanto tempo iria levar para investigar a cena de Murphy, e não queria perder a conversa com Monica Não-Me-Faça-Perguntas. Então eu abri a porta novamente, peguei um pedaço de papel e uma caneta e escrevi.

Tive que sair. Volto para o compromisso as 14:30 Dresden.

Feito isso, eu comecei a descer as escadas. Raramente uso o elevador, mesmo que eu esteja no quinto andar. Como disse eu não confio em máquinas. Elas estão sempre se quebrando perto de mim quando mais preciso.

E além disso, se eu fosse alguém na cidade usando mágica para matar pessoas, duas de cada vez, e eu não quisesse ser pego, eu teria certeza de remover o único mago ativo que o departamento de polícia mantinha por perto. Eu preferia minhas chances numa escadaria a em um espaço fechado de um elevador.

Paranoico? Provavelmente. Mas só porque você é paranoico não significa que não exista um demônio invisível prestes a comer sua cara.

Capítulo Dois

Karrin Murphy estava me esperando do lado de fora do Madison Karrin e eu somos um estudo em contrastes. Onde eu sou alto e magro, ela é baixa e entroncada. Eu tenho cabelos e olhos escuros, ela tem mechas louras, tipo a Shirley Temple, e olhos azuis. As minhas feições são magras e angulares, com um nariz meio tordo e um queixo afiado, as dela são redondas e suaves, com um nariz meio bonito que você esperaria ver numa líder de torcida.

Estava frio e ventoso, como costuma acontecer em março, e ela usava um casaco longo que cobria o terninho. Murphy nunca usava vestidos, embora eu suspeitasse que ela tivesse pernas musculosas e bem modeladas, como uma ginasta. Ela era construída para funcionalidade, e tinha um par de troféus no seu escritório de torneios de aikido para provar isso. O cabelo dela era na altura de seus ombros e esvoaçavam loucamente no vento da primavera. Ela não estava usando brincos, e sua maquiagem era de qualidade e quantidade o suficiente para parece que ela não estava usando nada. Ela parecia mais uma tia querida ou uma mãe zelosa do que uma detetive durona de homicídios.

“Você não tem outros casacos Dresden?” ela perguntou enquanto eu chegava perto. Tinha vários carros de polícia estacionados ilegalmente em frente ao prédio. Ela olhou para os meus olhos por meio segundo e olhou para o lado, rapidamente. Eu tive que dar crédito a ela. Era mais do que a maioria das pessoas. Isso não era perigoso a não ser se você o fizesse por vários segundos, mas eu estava acostumado a quem soubesse que eu era um mago fazer questão de não olhar para o meu rosto.

Eu olhei para o meu casaco de lona preto, com sua manta pesada, e seu tecido impermeável com suas mangas longas o suficiente para os meus braços. “Qual o problema deste?”

“Ele pertence num set de El Dorado”

“E?”

Ela bufou, um som indelicado para uma mulher tão pequena, e girou nos calcanhares começando a andar para a entrada do hotel.

Eu a alcancei e caminhei um pouco a frete dela.

Ela acelerou o passo. Eu fiz o mesmo. Nós disputamos quem chegava primeiro na porta de entrada, acelerando a cada passo, através das poças deixadas da chuva da noite anterior.

Minhas pernas eram maiores; Eu cheguei lá primeiro. Abria porta para ele e acenei galantemente para ela entrar. Era uma disputa antiga nossa. Talvez meus valores são datados, mas eu venho de uma escola antiga de pensamento. Eu acho que homens devem tratar as mulheres como algo além de homens mais baixos e fracos com um par de seios. Tente me condenar se me achar uma pessoa ruim por pensar assim. Eu gosto de tratar uma mulher como uma dama, abrir portas, pagar por refeições, dar flores--todas essas coisas.

Isso irrita muito a Murphy, que teve de lutar com unhas e dentes e jogar sujo contra os homens mais escrotos de Chicago para ela chegar aonde ela estava. Ela me fuzilou com os olhos enquanto eu ficava ali segurando a porta, mas havia um tipo de conforto naquele olhar, um relaxamento. Ela tinha um tipo estranho de conforto no nosso ritual, não importava o quão irritante ela normalmente o ache.

Quão ruim estava o sétimo andar afinal?

Subimos no elevador em um silencio repentino Nós nos conheciamos bem o suficiente, a essa altura, para que os silêncios não fossem desconfortáveis. Eu tinha uma boa visão sobre Murphy, um conhecimento instintivo para seus humores e padrões de pensamento--algo que desenvolvo quando estou perto de alguém por um periodo de tempo. Não sei se é um talento natural ou sobrenatural.

Meus instintos me disseram que Murphy estava tensa, esticada como uma corda de piano. Ela mantinha aquilo longe de sua expressão, mas tinha algo sobre os seus ombros e percoço, o travado das costas dela, que me faziam perceber aquilo.

Ou talvez eu estivesse me projetando nela. Os confins do elevador me deixavam nervoso. Eu lambi meus labios e olhei o interior do local. Minha sombra e a de Murphy estavam projetadas no chão, e quase pareciam que elas estavam jogadas lá. Tinha algo sobre aquilo que me incomodava, um instinto persistente que eu ignorei como um caso de nervosismo. Calma, Harry.

Ela soltou uma respiração forte assim que o elevador começou a parar, então puxou outro antes que as portas abrissem, como se ela estivesse planejando ficar segurando enquanto estivessemos naquele andar e só soltasse quando voltassemos para o elevador novamente.

Sangue cheira de uma certa forma, um tipo de odor metálico e meio grudento, e o ar estava cheio dele quando as portas do elevador se abriram. Meu estomago balançou um pouco, mas eu segurei como um homem e segui Murphy para fora do elevador e pelo corredor perto de um par de policias uniformizados, que me reconheceram e deixaram eu passar sem pedir para ver o pequeno cartão laminado que a cidade tinha me dado. Claro, mesmo em um departamento grande como a Policia de Chicago, eles não chamavam uma horda de consultores (eu aparecia na papelada como um consultor psíquico, se não me engano), mas mesmo assim. Falta de profissionalismo dos garotos em azul.

Murphy entrou primeiro na sala. O cheiro de sangue almentou, mas não tinha nada horrível atrás da porta número um. A sala exterior da suíte parecia com um tipod e sala de estar feita com tons ricos de vermelho e dourado, como um set de um filme antigo da década de 1930--Parecia cara, mas de alguma forma falso. Couro caro e escuro cobriam as cadeiras, e meus pés afundaram no grosso carpete felpudo. As cortinas de seda aveludadas estavam esticadas, e apesar das luzes estarem acesas, o local parecia um pouco escuro, um pouco sensual demais nas texturas e cores. Não era o tipo de sala onde você se sentava e iria ler um livro. Vozes vieram da porta a minha direita.

“Espere um pouco aqui.” Murphy me falou. Então ela entrou pela porta a direita da entrada e onde eu achava que era o quarto da suíte.

Dei uma volta pela sala de estar com meus olhos quase fechados, notando coisas. Sofá de couro. Duas cadeiras de couro. Som e televisão num raque preto lustroso. Uma garrafa de champanhe esquentando num balde do que

tinha sido gelo na noite anterior, com duas taças vazias ao lado. Tinha um petala de rosa vermelha no flor, contranstando com o carpete (o que naquela sala não estava fazendo isso?)

Um pouco para o lado, embaixo do acento de um dos acentos de couro, tinha um peça pequena de cetim. Me inclinei e levantei o encosto com uma mão, tendo cuidado de não tocar em nada. Uma calcinha preta de cetim, um pequeno triângulo, com laços nas pontas, estava no chão, uma alça quebrada como se a calcinha tivesse simplesmente sido arrancada. Safadinhos.

O aparelho de som era uma obra prima, apesar de que não fosse de uma marca cara. Peguei um lápis do meu bolso e apertei o botão do play com a borracha. Uma música gentil e sensual percorreu a sala, um grave baixo, uma batida rítmica, vocais sem palavras, o som de uma respiração pesada de uma mulher no fundo.

A musica continuou por alguns segundos, e então começou a pular uma seção de dois segundos, repetindo-a várias vezes.

Fechei os olhos. Como eu disse, tenho esse efeitos em máquinas. Tem alguma coisa a ver com ser um mago, com trabalhar com forças mágicas. Quão mais delicada e moderna for a máquina, a probabilidade de alguma coisa dar errada com ela se eu estiver perto é maior. Eu posso matar uma impressora a 15 metros de distância.

“A suíte do amor”veio uma voz masculina, esticando a palavra amor. “O que você acha, Sr. Homem?”

“Olá, Detetive Carmichael” eu disse sem me virar. A voz alta e nasalada de Carmichael tinha uma qualidade distinta. Ele era o parceiro de Murphy e o cético de plantão, convencido de que eu não era mais que um charlatão, roubando a cidade do seu dinheiro suado. “Você estava salvada a calcinha para levar pra casa, ou somente as ignorou?” Me virei e olhei para ele. Ele era baixo, obeso e calvo, com olhos redondos e vermelhos e um queixo fraco. Seu terno estava surrado, e tinha manchas de comida na gravata dele, tudo isso escondia uma inteligência afiada. Ele era um policial perspicaz, e completamente implacável em caçar assassinos.

Ele se aproximou da cadeira e olhou embaixo. Nada mal, Sherlock," ele disse. "Mas isso é só as preliminares. Espere para ver atração principal. Eu vou estar com um balde esperando por você." Ele se virou e desligou o som com defeito com a borracha do próprio lápis.

Eu arregalei meus olhos para ele, para que ele soubesse o quão aterrorizado eu estava, então passei por ele e entrei no quarto. E me arrependi. Eu olhei, notando os detalhes mecanicamente, e calmamente fechei a porta da parte do meu cérebro que tinha começado a gritar no momento que entrei no quarto.

Eles deviam ter morrido algum tempo da noite anterior, já que o rigor mortis ja tinha acontecido. Eles estavam na cama; ela estava montada nele, o corpo caído, as costas curvadas como uma dançarina, a curva dos seios fazendo um contorno adorável. Ele estava esticado abaixo dela, um homem magro e musculoso, braços esticados e segurando os lençóis de cetim nos seus punhos. Se fosse uma foto erótica, teria sido impressionante.

Exceto de que a caixa torácica dos amantes no lado esquerdo superior do peito tinha expandido para fora, através da pele deles, as costelas expostas como facas quebradas. Sangue arterial tinha jorrado do corpo deles, até o espelho no teto, junto com massas gelatinosas de carne que era o que tinha restado do coração deles. De pé sobre eles, eu conseguia ver a cavidade superior dos corpos. Notei o revestimento agora acinzentado, ao redor do pulmão esquerdo imóvel e as bordas das costelas, que aparentemente foram forçadas para fora, e quebradas por alguma força interna.

Com certeza reduzia o potencial erótico.

A cama era no meio do quarto, dando-a uma ênfase sutil. O quarto seguia a decoração da sala--vários vermelhos, vários tecidos felpudos, um pouco exagerado a não ser se for visto a luz de velas. E tinha velas nos suportes na parede, agora queimadas até as pontas e extinguidas.

Me aproximei da cama e andei ao redor. O carpete afundou quando fiz isso. a pequena parte do meu cérebro que estava gritando, trancada com segurança atrás das portas do meu autocontrole e treinamento rígido, continuou gritando. Eu tentei ignora-la. Sério eu tentei. Mas seu não saísse daquele quarto rapidamente, eu começaria a chorar como uma garotinha.

Então eu observei os detalhes, rapidamente. A mulher estava na casa dos vinte anos, em condição fabulosa. Pelo menos eu achava que ela era. Era difícil de dizer. Ela tinha cabelo de cor de castanhas, do corte curto, e parecia pintado. Os olhos delas estavam parcialmente abertos, e não consegui ver direito a cor alem de não-escuro. Vagamente verde?

O homem estava na casa dos quarenta, e tinha um tipo físico que vinha de uma vida de treino. Tinha uma tatuagem no bíceps direito, uma faca com asas, que o lençol de cetim quase escondia. Tinha cicatrizes profundos no nós dos dedos, e através do seu abdômen tinha uma cicatriz fina, enrugada e feia que podia ser de uma facada.

Havia roupas descartadas ao redor, um terno para ele e um mini vestido preto com um par de sapatos para ela. Havia um par de sacolas, fechadas e bem colocadas de lado, provavelmente por um carregador.

Eu levantei os olhos. Carmichael e Murphy me observavam em silêncio.

Dei de ombros para eles.

“Então?” Murphy exigiu. "Estamos lidando com magia aqui, ou não?"

“Isso ou foi um sexo realmente incrível.” falei para ela.

Charmichael quase riu.

Ri um pouco também, e isso foi o suficiente para a parte do meu cérebro que gritava arrombar as portas que eu fechei. Meu estômago revirou e arfou, e saí da sala. Carmichael, como tinha dito, colocou um balde de aço inox fora da sala, e caí de joelhos vomitando.

Levei apenas alguns segundos para me controlar novamente, mas não queria voltar para aquela sala. Eu não precisava mais ver aquilo. Não queria ver duas pessoas mortas, cujos corações literalmente explodiram de seus peitos.

E alguém usou magia para fazer isso. Eles usaram a magia para causar dano a outra pessoa, violando a Primeira Lei. O Conselho Branco teria um aneurisma coletivo. Aquilo não tinha sido o ato de um espírito maligno ou de

uma entidade maliciosa, ou o ataque de alguma das inúmeras criaturas da Terranunca, como vampiros ou trolls. Aquilo tinha sido um ato premeditado de um feiticeiro, um mago, um humano capaz de explorar as energias fundamentais da criação e da vida.

Aquilo era pior que assassinato. Era uma perversão distorcida e miserável, como se alguém assassinasse outra pessoa com um Botticelli, tornando algo belo em um ato de destruição total.

Se você nunca experimentou, é difícil de explicar. A magia é criada pela vida, e principalmente pela consciência, inteligência e emoções de um ser humano. Para acabar com uma vida com a mesma magia que era nascida da mesma, era uma coisa horrenda, quase incestuosa de alguma forma.

Me sentei novamente, e estava respirando fundo, tremendo e sentindo a bile na minha boca, quando Murphy saiu do quarto com Carmichael.

“Tudo bem, Harry” Murphy disse. “Vamos lá. O que você acha que aconteceu aqui?”

Tomei um momento para me recompor antes de responder. “Eles entraram. Tomaram um champanhe. Dançaram um pouco, se beijaram perto do som. Foram para o quarto. Eles ficaram lá menos de uma hora. E foram atingidos quando estavam chegando no climax.”

“Menos de uma hora.” Carmichael disse. “Porquê?”

“O Cd só tem uma hora e dez minutos. Acho que foram alguns minutos dançando e bebendo, então eles foram pro quarto. O CD estava tocando quando foram encontrados?”

“Não” Murphy respondeu.

“Então não estava em repetição. Acho que eles queriam música, só para deixar as coisas perfeitas, dada a sala e tudo mais.

Carmichael grunhiu, sem paciência. “Nada que não pudessemos decorberto sozinhos” ele disse para Murphy. “É melhor ele ter mais que isso.”

Murphy lançou a Carmichael um olhar que dizia "cale a boca", depois disse suavemente: "Eu preciso de mais, Harry".

Passei uma das mãos pelo meu cabelo. “Só existem duas maneiras que alguém poderia conseguir isso. A primeira é evocação Evocação é a forma mais direta, espetacular e barulhenta de magia visível ou feitiçaria. Explosões, fogo esse tipo de coisa. Mas duvido que um evocador tenha feito isso.”

“Por quê?” Murphy exigiu. Escutei o lápis percorrendo o bloco de notas que ela sempre mantinha com ela.

“Porque você precisa ser capaz de ver ou tocar onde deseja que seu efeito vá", eu disse a ela. “Tem que poder ver. O homem ou mulher teriam que estar lá na sala com eles. Difícil esconder evidências forensicas com uma coisa dessas, e alguém habilidoso o suficiente para conseguir usar uma magia dessas usaria uma arma. É mais fácil.”

“Qual a outra opção?” Murphy perguntou.

“Taumaturgia” eu disse. “Como acima, é abaixo. Faça algo acontecer em uma pequena escala, e dê energia para acontecer em larga escala.”

Charmichael bufou. “Que monte de merda.”

A voz de Murphy parecia cética. “Como isso funcionaria Harry? Podia ser feito de algum outro lugar?”

Concordei. “O assassino precisaria ter algo para conectar ele ou ela às vitimas. Cabelo, unhas, amostras de sangue. Esse tipo de coisa.”

“Como um boneco vodu?”

“Exatamente a mesma coisa, sim.”

“Tem tinta fresca no cabelo da mulher” Murphy disse.

Concordei. “Talvez se você puder encontrar onde ela pintou o cabelo, você pode encontrar algo. Não sei.”

“Tem alguma coisa a mais que possa me dizer que que possa me ajudar?”

“Sim. O assassino conhecia as vitimas. E acho que é uma mulher.”

Charmichael respirou fundo. “Não acredito que temos que sentar aqui e escutar isso. Nove de dez vezes o assassino conhece a vitima.”

“Cala a boca, Carmichael” Murphy disse. “porque você acha isso Harry?”

Me levantei, e passei a mão no meu rosto. “A forma como magia funciona. Qualquer coisa que você fizer com ela, vem de dentro de você. Magos tem que focar no que eles estão tentando fazer, visualiza-la, acreditar nela, para fazer ela funcionar. Você não pode fazer algo acontecer se ela não fizer parte de você, internamente. O assassino poderia ter matado os dois e ter feito parecer um acidente, mas ela fez dessa forma. Para ser feito dessa maneira, ela precisaria querer eles mortos, por razões muito pessoais, pra ter vontade de alcançar dentro deles dessa forma. Vingança, talvez. Talvez você esteja procurando uma amante ou esposa.

“Também por causa do momento em que eles morreram--no meio do sexo. Não é uma coincidência. Emoções são um tipo de canal para a magia, uma trilha que pode ser usado para chegar em você. Ela pegou o momento em que eles estariam juntos e carregados de luxúria. Ela tinha as amostras para usar como um foco, e ela planejou isso antes. Você não faz isso com estranhos.”

“Merda” disse Carmichael, mas dessa vez era um xingamento distraído em vez de qualquer coisa direcionada a mim.

Murphy me encarou irritada. “Você continua falando ‘ela’” ela contestou. “Por que diabos você acha isso?”

Acenei em direção a sala. “Porque você não consegue fazer algo tão ruim sem muito ódio” eu respondi. “Mulheres são melhores em odiar do que homens. Elas podem focar melhor, aguentar mais. Droga, bruxas são simplesmente mais más que magos. Isso parece algum tipo de vingança feminina para mim.”

“Mas um homem poderia ter feito isso.” Murphy disse.

“Bem...” eu me esquivei.

“Deus, você é um porco chauvinista, Dresden. Isso é algo que só uma mulher poderia ter feito?”

“Bem. Não. Acho que não.”

“Você acha que não?” Carmichael falou devagar. “Que especialista.”

Eu olhei para os dois, puto. “Eu não trabalhei nas especificidades do que seria preciso fazer para explodir um coração de alguém, Murph. Assim que eu fizer, eu informarei a você.”

“Quando você poderá me dizer alguma coisa?” Murphy perguntou.

“Não sei.” Eu ergui a mão, impedindo sua próxima pergunta. “Não posso colocar um horário certo nisso Murph. Isso simplesmente não pode ser feito. Eu não sei nem se isso pode ser feito, quanto mais quanto tempo irá demorar.”

“A cinquenta dólares a hora é melhor não demorar muito.” Carmichael rosnou. Murphy olhou para ele. Ela não concordou com ele, mas ela não discordou também.

Aproveitei a oportunidade para respirar um pouco, me acalmando. Finalmente olhei de volta para eles. “Certo” eu peguntei. “Quem são eles? As vítimas.”

“Você não precisa saber disso.” Carmichael retrucou.

“Ron.” Murphy falou. “Eu realmente poderia tomar um café.”

Carmichael se virou para ela. Ele não era alto, mas ele parecia encobrir a Murphy. “Ah, qualé Murph. Esse cara está te enrolando. Você não pode achar que ele vá poder dizer algo que valha a pena, acha?”

Murhy observou o rosto suado de seu parceiro de olhos redondos com uma calma fria, difícil de conseguir fazer isso com alguém 15 centímetros mais alto que ela. “Sem creme, dois cubos de açucar.”

“Droga.” Disse Carmichael. Ele me lançou um olhar frio (mas não olhou nos meus olhos), então enfiou suas mãos no bolso da calça e saiu da sala.

Murphy o seguiu até a porta, seus passos silenciosos, e a fechou depois que ele saiu. A sala de estar imediatamente ficou mais escura, mais próxima, com o fantasma sorridente da sua antiga intimidade fajuta dançando no cheiro de sangue e na memória dos dois corpos no quarto ao lado.

“O nome da mulher era Jennifer Stanton. Ela trabalhava no Velvet Room.”

Eu assobiei. O Velvet Room era um bordel de alta classe administrado por uma mulher chamada Bianca. Bianca mantinha um rebanho de mulheres lindas, charmosas e espertas, oferecendo-as para os homens mais ricos da região por centenas de dólares a hora. Bianca vendia o tipo de companhia feminina que a maioria dos homens somente viam na televisão ou em filmes. Eu também sabia que ela era uma vampira de influência considerável na Terranunca. Ele tinha Poder com P maiúsculo.

Eu tentei explica a Terranunca para Murphy antes. Ela não entendeu direito, mas ela sabia que Bianca era uma vampira fodona que as vezes lutava por território. Nós dois sabíamos que se uma das garotas de Bianca estava envolvida, a vampira provavelmente estava envolvida também.

Murphy foi direto ao assunto. “Isso faz parte de alguma das disputas territoriais da Bianca?”

“Não” respondi “A não ser que ela esteja contratando um feiticeiro humano. Um vampiro, mesmo um feiticeiro vampiro, não conseguiria fazer algo assim fora da Terranunca.”

“Ela pode estar com algum desentendimento com um feiticeiro humano?” Murphy me perguntou.

“Possível. Mas isso não parece com ela. Ela não é tão estúpida.” O que eu não falei para Murphy era que o Conselho Branco se certificava que vampiros que mexessem com praticantes mortais nunca sobreviveriam para se gabar. Não falo para pessoas normais sobre o Conselho Branco. Isso simplismente não pode ser feito. “Além disso” eu disse “se um humano

quisesse acertar Bianca através de suas garotas, seria melhor ele matar a garota e deixar o cliente vivo, para deixa-lo espalhar a história e afetar os negócios.

“Humph” Murphy disse. Ela não estava convencida, mas ela anotou mesmo assim.

“Quem era o homem?” Perguntei a ela.

Muphy olhou para mim por um momento, e disse, calmamente, “Tommy Tomm.”

Eu pisquei para ela para que ela soubesse que ela não tinha me revelando o mist´rio dos séculos. “Quem?”

“Tommy Tomm” ela disse. “Guarda-costas de Johnny Marcone.”

Agora fazia sentido. “Cavalheiro” Johnny Marcone tinha sido o mafioso a ficar no topo da pilha depois que a família Vargassi tinha se dissolvido após um conflito interno. O departamento de Polícia via Marcone como um benção ruim, depois de anos de luta sangrenta e impiedosa com os Vargassis. Cavalheiro Johnny não tolerava excessos em sua organização, e ele não gostava de freelancers operando em sua cidade. Assaltantes, ladrões de banco, e traficantes que não faziam parte de sua organização de alguma forma sempre pareciam ser denunciados e presos, ou simplesmente desapareciam e nunca mais se ouviam falar deles.

Marcone era uma força civilizadora no crime--e onde ele operava, era mais um problema de escala do que nunca. Um empresário extremamente astuto, ele tinha uma bateria de advogados trabalhando para ele, o que o mantinha protegido numa fortaleza de deposições e gravações e papéis contra a lei. Os policiais nunca disseram isso, mas as vezes parecia que eles estavam quase relutantes de persegui-los. Marcone era melhor que a alternativa, anarquia no submundo.

“Eu me lembro de ouvir que ele tinha um executor” falei. “Acho que não mais.”

Murphy deu de ombros. “Assim parece.”

“O que você vai fazer agora?”

“Seguir esse ângulo da cabeleireira talvez. Vou falar com Bianca e Marcone, mas eu já sei o que eles vão me falar.” Ela fechou o bloco de notas, e balançou a cabela, irritada.

A observei por um minuto. Ela parecia cansada. Eu falei isso para ela.

“Eu estou cansada” ela respondeu. “Cansada de me olharem como se eu fosse louca. Até Carmichael, meu próprio parceiro, acha que eu atravessei um limite em tudo isso.”

“O resto do departamento pensa assim também?” Perguntei a ela.

“A maioria dele apenas fazem careta e giram o dedo ao redor da orelha quando acham que não estou olhando, e arquivam meus relatórios sem nem ao menos lê-los. O resto são aqueles que já encontraram alguma coisa por aí, e eles estão aterrorizados. Eles não querem acreditar em nada que eles não viram em Senhor Ciência quando eram crianças.”

“E você?”

“Eu?” Murphy sorriu, a curvatura de seus lábios era uma expressão tão vibrante, fazendo-a parecer bonita demais para ser tão durona. “O mundo está caindo aos pedaços, Harry. Eu só acho que as pessoas são extremamente arrogantes para acredita que nós já aprendemos tudo o que se precisa aprender nesse último século. Droga. Eu consigo acreditar que nós estamos começando a ver as coisas ao nosso redor no escuro novamente. Isso atrai a cínica em mim.”

“Queria que todos pensassem dessa forma” falei. “Isso reduziria as minhas ligações.”

Ela continuou a sorrir para mim, brincalhona. “Mas você consegue imaginar um mundo onde todas as estações de rádio só tocassem ABBA?”

Nós gargalhamos. Deus, aquela sala precisava de uma risada.

“Ei, Harry” Murphy disse, sorrindo. Eu podia ver as engrenagens rodando na cabeça dela.

“Sim?”

“O que você disse sobre ser capaz de descobrir como o assassino fez isso. Sobre como você não ter certeza se você pode fazer isso.”

“Sim?”

“Eu sei que é mentira. “Por que você mentiria para mim sobre isso?”

Eu travei. Deus, ela era boa. Ou, talvez eu não seja um bom mentiroso. “Olha, Murph” eu respondi. “Tem algumas coisas que simplesmente não são feitas.”

“As vezes eu não quero entrar na cabeça do merda que estou caçando, também. Mas você faz o que é preciso para terminar o serviço. Eu te entendo, Harry.”

“Não” respondi devagar. “Você não sabe.” E ela não sabia. Ela não sabia sobe o meu passado, ou sobre o Conselho Branco, ou sobre a Condenação de Damocles pairando sobre minha cabeça. Na maioria dos dias, eu conseguia fingir que não conhecia também.

Tudo o que o Conselho precisava agora era uma desculpa, somente uma desculpa, para me considerar culpado por violar uma das Sete Leis da Magia, e a Condenação cairia. Se eu começasse a montar uma receita para um feitiço assassino, e eles descobrissem, essa poderia ser a desculpa que eles precisavam.

“Murph,” falei para ela. “Eu não posso tentar entender essa magia. Não posso começar a juntar as coisas necessárias para fazer isso. Você não entende.”

Ela me olhou furiosa, sem olhar nos meus olhos. Eu nunca conheci alguém que conseguisse fazer isso. “Ah, eu entendo. Entendo que tem um assassino a solta que não posso pegar no ato. Entendo que você sabe de alguma coisa que pode ajudar, ou pode ao menos tentar encontrar algo. E eu entendo que se

você parar de me ajudar agora, eu vou rasgar seu cartão da agenda do Departamento e joga-lo no lixo.”

Filha da puta. Minha consultoria para o departamento pagava muitas das minhas contas. Certo, a maioria delas. Eu poderia entender ela, acho. Se eu estivesse agindo no escuro como ela estava, eu estaria nervoso para caralho, também. Murphy não sabia nada sobre feitiços, rituais ou talismãs, mas ela conhecia o ódio e a violência humana muito bem.

Não é como se eu fosse fazer magia negra, falei para mim mesmo. Eu só iria descobrir como era feito. Tinha uma diferença. Eu estava ajudando uma investigação policial, nada mais. Talvez o Conselho Branco entenderia isso.

Claro que iria. E talvez algum dia desses eu fosse num museu de arte e me divertiria.

Murphy me fisgou um segundo depois. Ela me olhou nos olhos por um segundo tenso antes de desviar o olhar, o rosto dela cansado, honesto e orgulhoso. “Preciso saber tudo o que você possa me dizer Harry. Por favor.”

Clássica donzela em perigo. Para uma dessas mulheres, profissionais e liberais, ela sabia exatamente como puxar meus cordões antiquados.

Serrei meus dentes. “Tudo bem” Respondi. “Tudo bem. Começo hoje a noite.” Aahh cara. O Conselho Branco ia adorar isso. Só precisava ter certeza que eles não descobririam.

Murphy concordou e soltou um suspiro sem olhar para mim. Então ela falou, “Vamos sair daqui” e caminhou para a porta. Não tentei alcançar a porta primeiro.

Quando saímos, os policiais uniformizados ainda estavam parados no corredor. Carmichael não estava em lugar algum. Os caras da perícia tinham chegado, esperando impacientemente que nós saíssemos. Então eles pegaram as sacolas plásticas, pinças, luzes entre outras coisas e entraram na sala.

Murphy esta ajeitando o seu cabelo despenteado enquanto esperávamos o antigo elevador chegar no sétimo andar. Ela estava usando um relógio de

ouro, o que me lembrou. “Ei” perguntei a ela. “Que horas são?”

Ela checou. “14:25. Por quê?”

Soltei um palavrão e fui para as escadas. “Estou atrasado para o meu compromisso.”

Praticamente voei pelas escadas. Eu tinha bastante prática com elas, no final das contas, e cheguei no saguão correndo. Consegui esquivar de um carregador vindo pelas portas da frente cheio de bagagens, e corri para a calçada. Eu tenho pernas grandes que percorrem bastante chão. Estava corrento contra o vento, meu casaco preto esvoaçando atrás de mim.

Eu estava a vários blocos do meu prédio, e depois de percorrer metade deles eu diminuí a velocidade. Eu não queria chegar no meu compromisso com Monica Homem-Desaparecido bufando feito um fole, com meu cabelo despenteado e meu rosto cheio de suor.

Não sei se por causa que estava fora de forma por causa de um inverno inativo, mas eu estava respirando com dificuldade. Aquilo estava ocupando o suficiente da minha atenção que eu não notei o Cadilaque azul escuro até que ele parou do meu lado e um cara bastante grande saiu dele para a calçada a minha frente. Ele tinha um cabelo ruivo claro e um pescoço grosso. O rosto dele parecia que alguém tinha o esmagado ccom uma tábua , constantemente, quando ele era um bebê, exceto pelas sobrancelhas salientes. Ele tinha olhos estreitos e azuis que ficaram mais estreitos quando eu o observei.

Eu parei, me afastei e me virei. Outros dois homens, ambos do meu tamanho, só que bem mais pesados, estavam parando de correr atrás de mim. Eles pareciam estar me seguindo, e pareciam irritados. Um estava mancando um pouco, e o outro usava um corte curto que ficava em pé com algum tipo de gel capilar. Parecia que eu estava na escola novamente, cercado por bullyings membros do time de futebol.

“Em que posso ajuda-los senhores?” Perguntei. Olhei ao redor, procurando por um policial, mas parecia que eles estavam todos no Madison. Todo mundo gosta de ficar olhando.

“Entre no carro” o cara na minha frente falou. Um dos outros abriu a porta.

“Gosto de caminhar. Faz em pro meu coração.”

“Se não entrar no carro, suas pernas não vão gostar muito do que vai acontecer.” o homem rosnou.

Uma voz veio de dentro do carro. “Senhor Hendricks, por favor. Seja mais educado. Senhor Dresden, você poderia se junta a mim por um instante? Eu esperava poder lhe dar uma carona de volta para seu escritório, mas sua saída abrupta me deixou numa situação problemática. Talvez você posse me dar a honra de levá-lo o resto do caminho.”

Em me inclinei e olhei para o banco do passageiro. Um homem de feições bonitas e despretensiosas, vestido com uma jaqueta esportiva e um Levi, me observou com um sorriso. “E você quem seria?” Perguntei a ele.

O sorriso dele aumentou, e eu juro que isso fez os olhos dele brilharem.

“Meu nome é John Marcone. E gostaria de discutir negócios com você.”

Eu olhei para ele por um momento. E então meus olhos desviaram para o muito grande e muito super desenvolvido Senhor Hendricks. O homem rosnou baixinho, e parecia com o Cujo momentos antes de pular na mulher dentro do carro. Eu não estava a fim de brigar com o Cujo e seus dois amigos.

Então entrei no carro com o Cavalheiro Johnny Marcone.

Hoje estava se tornando em um dia bastante agitado. E eu ainda estava atrasado para o meu compromisso.

Capítulo Três

O Cavalheiro Johnny Marcone não parecia ser o tipo de pessoa que iria quebrar minhas pernas ou costurar minha boca. O seus cabelos grisalhos eram curtos, e suas linhas de expressões estavam marcadas nos cantos dos olhos. Os seus olhos eram verdes como uma dólar desgastado. Ele parecia mais com um técnico de futebol de faculdade: Bem apessoado, bronzeado, atlético e entusiasmado. A impressão era reforçada pelos homens que o acompanhavam. Cujo Hendricks tinha uma pinta de um jogador profissional que tinha sido demitido por violência extremamente desnecessária.

Cujo entrou no carro novamente, rosnou para mim pelo retrovisor e saiu para a rua, dirigindo vagarosamente na direção do meu escritório. O volante parecia pequeno e delicado em suas mãos. Eu fiz uma nota mental: Não deixar Cujo colocar as mãos dele em sua garganta. Ou mão. Acho que uma delas conseguiria realizar o serviço.

O rádio estava tocando, mas quando entrei no carro ele pifou e ficou soltando ruídos pelos alto-falantes. Hendricks franziu as sobrancelhas e pensou por um segundo. Talvez ele tivesse que transmitir a mensagem para o seu segundo cérebro ou coisa parecida. Então ele estendeu a mão e mexeu com os controles antes de finalmente desligar o rádio. Nesse ritmo eu estava torcendo para que o carro conseguisse chegar até o meu escritório.

“Senhor Dresden” Marcone disse, sorrindo “Entendo que você trabalha para o departamento de polícia de vez em quando.”

“Eles jogam algo para minha direção as vezes.” concordei. “Ei, Hendricks. Você deveria usar o cinto de segurança. Estatisticamente você estaria uns cinquenta a sessenta por cento mais seguro.”

Cujo rosnou para mim pelo retrovisor novamente, e eu sorri para ele. Sorrir parecia sempre irritar mais as pessoas do que realmente insultá-las. Ou talvez eu só tenha um sorriso irritante.

Marcone parecia um pouco desconcertado pela minha atitude. Talvez eu devesse estar segurando meu chapéu na mão, mas eu nunca gostei muito de Francis Ford Coppola, e eu não tinha um Padrinho. (Eu *tenho* uma Madrinha, e ela é, inevitavelmente talvez, uma fada. Mas essa é outra história.) “Senhor Dresden” ele disse. “Quanto custaria para contratar os seus serviços?”

Aquilo me deixou desconfiado. O que alguém como o Marcone iria querer que eu fizesse? “Minha taxa padrão é cinquenta dólares a hora mais despesas de transporte” respondi. “Mas pode variar, dependendo do que você precise que seja feito.”

Marcone assentiu enquanto eu falava, como se estivesse me encorajando a continuar. Ele torceu o rosto, como se estivesse considerando cuidadosamente o que iria dizer, e levando meu bem-estar em conta como um avô preocupado. “Quanto custaria seu eu fosse lhe pagar para não investigar algo?”

“Você quer me pagar para não fazer algo?”

“Digamos que eu pague sua taxa padrão. Seria mil e quatrocentos o dia, correto?”

“Mil e duzentos na verdade.” eu o corrigi.

Ele sorriu para mim. “Um homem honesto é um tesouro raro. Mil e duzentos por dia. Digamos que eu lhe pague duas semanas de trabalho, Senhor Dresden, e você tire umas férias. Vá assistir alguns filmes, dormir mais, esse tipo de coisa.”

Eu o observei. “E por mais de mil dólares por dia, você quer que eu...?”

“Não faça nada, Senhor Dresden.” Marcone sorriu. “Absolutamente nada. Só relaxe, ponha seus pés para cima. E fique fora do caminho da Detetive Murphy.”

Ah-ha. Marcone não queria que eu investigasse o assassinato de Tommy Tomm. Interessante. Eu olhei para fora da janela e cerrei os olhos, como se estivesse pensando sobre o assunto.

“Tenho o dinheiro comigo” Marcone disse. “Dinheiro no ato. Confio que você ira cumprir a sua parte no trato, Senhor Dresden. Você foi altamente recomendado pela sua honestidade.”

“Hummm. Não sei, John. Estou meio ocupado para aceitar outros serviços agora.” O carro estava perto do meu escritório. A porta ainda estava destrancada. Eu não tinha usado o cinto de segurança, no caso que eu precisasse pular do carro. Viu como penso no futuro? É aquele intelecto de um mago, e paranoia.

O sorriso de Marcone vacilou. Sua expressão ficou sincera. “Senhor Dresden, estou bastante ansioso para estabelecer uma relação de negócios positiva com você. Se for pelo dinheiro, posso lhe oferecer mais. Digamos o dobro da sua taxa habitual.” Ele colocou suas mãos na frente dele enquanto falava, quase se virando para mim. Meu deus, eu quase esperava que ele me falasse pra ir lá e ganhar uma pelo time. Ele sorriu. “O que você acha?”

“Não é sobre o dinheiro, John” respondi. eu olhei nos olhos dele vagarosamente. “Só acho que as coisas não vão funcionar entre nós.”

Para minha surpresa ele não desviou o olhar.

Aqueles que lidam com magia aprendem a ver o mundo de uma forma um pouco diferente que todo mundo. Você ganha uma perspectiva que nunca tinha considerado antes, uma forma de pensar que nunca teria acontecido sem a exposição para as coisas que um mago vê e ouve.

Quando você olha dentro dos olhos de outra pessoa, você as vê em uma luz diferente. E, por um segundo, eles o veem da mesma forma. Eu e Marcone olhamos um para o outro.

Ele era um soldado, um guerreiro, atrás daquele sorriso relaxado e do jeito paternal. Ele iria ter o que ele queria, e ele teria da maneira mais eficiente possível. Ele era um homem dedicado, dedicado para seus objetivos e para suas pessoas. Ele nunca deixava o medo afeta-lo. Ele ganhava dinheiro com a miséria e o sofrimento das pessoas,vendendo drogas e carne e bens roubados, mas ele tomava medidas para minimizar aquele sofrimento porque era simplesmente o método mais eficiente de administrar seus negócios. Ele

estava furioso pela morte de Tommy Tomm, uma fúria fria e prática de que seu domínio de direito tinha sido invadido e desafiado. Ele pretendia encontrar os responsáveis e lidar com eles da forma dele, e ele não queria a policia interferindo. Ele já tinha matado antes, e iria novamente, e não significaria nada mais para ele do que uma transação de negócios, de que pagar pelas compras no caixa. Era um ligar seco e frio dentro do Cavalheiro Johnny Marcone. Exceto em um canto escuro. Ali, escondido dos seus pensamentos diários, estava escondido uma vergonha secreta. Não consegui ver direito. Mas eu sabia que em algum luga no passado, tinha algo que ele faria qualquer coisa para desfazer, iria derramar sangue para apagar. Era daquele local escuro que ele tirava sua determinação, sua força.

Foi assim a forma que eu o vi quando olhei para dentro dele, além de todas as suas pretensões e defesas. E eu tinha certeza, em algum nível instintivo, que ele sabia o que eu iria ver caso eu olhasse, que ele encontrou meu olhar, sabendo o que ele estaria mostrando. Aquele era o motivo em me pegar sozinho. Ele queria dar uma olhada na minha alma. Queria ver o tipo de homem que eu era.

Quando eu olho nos olhos de outra pessoa, dentro de suas almas, de seu íntimo, eles podem ver o meu em troca, as coisa que tinha feito, que eu estava disposto a fazer e que eu era capaz de fazer. A maioria das pessoas ficam , no mínimo, pálidas. Uma mulher tinha desmaiado. Não sei o que eles viam quando olhavam lá dentro, não era um lugar que eu cutucava muito.

John Marcone não era como as outras pessoas que tinham visto minha alma. Ele nem piscou. Ele somente olhou e avaliou, e depois que o momento passou ele acenou para mim como se ele tivesse entendido algo. Eu tive uma sensação desconfortável que ele tinha me passado a perna. Que ele tinha descoberto mais sobre mim do que eu sobre ele. A primeira coisa que senti foi raiva, raiva d ser manipulado, raiva que ele tinha se atrevido a trocar uma contemplação da alma comigo.

Depois de um segundo, eu estava morto de medo daquele homem. u tinha olhado em sua alma e ela era sólida e vazia como uma geladeira de aço inoxidável. Era mais do que perturbador. Ele era forte, por dentro, selvagem e impiedoso sem ser cruel. Ele tinha uma alma de tigre.

“Tudo bem então” ele falou, suavemente, como se nada tivesse acontecido. “Não vou tentar forçar minha oferta em você, Senhor Dresden.” O carro estava desacelerando enquanto se aproximava do meu escritório, e Hendricks parou na frente dele. “Mas deixe-me oferecer alguns conselhos.” Ele tinha parado o ato paternal, e falou em uma voz calma e paciente.

“Se você não cobrar por eles.” Graças a Deus pelas piadas. Eu estava chocado demais para ter falado algo inteligente.

Marcone quase sorriu. “Acho que você será mais feliz se tiver uma gripe nos próximos dias.” Este negócio que a Detetive Murphy pediu para você investigar não precisa ser trazido para a luz. Você não vai gostar do que verá. Está do meu lado da cerca. Só me deixe lidar com isso, e ele não irá incomodá-lo.”

“Você está me ameaçando?” Perguntei a ele. Não achava que ele estava, mas não queria que ele soubesse disso. Teria ajudado se minha voz não tivesse tremendo.

“Não.” ele respondeu, sincero. “Tenho muito respeito por você para recorrer a algo assim. Eles dizem que você é de verdade, Senhor Dresden. Um verdadeiro magus.”

“Eles também dizem que eu sou tão maluco quanto um bolo de frutas.”

“Eu escolho com cuidado o ‘eles’ que eu escuto” Marcone disse. “Pense no que eu falei, Senhor Dresden. Não acho que nossa linhas de trabalho se cruzem frequentemente. Eu não gostaria de lhe tornar um inimigo por causa disso.”

Eu travei minha mandíbula sobre meu medo, e cuspi palavras para ele rapido e com força. “Você não quer me tornar um inimigo, Marcone. Isso não seria inteligente. Não seria nada inteligente.”

Ele cerrou os olhos para mim, preguiçoso e relaxado. Ele podia olhar no meu olhos sem medo agora. Nós havíamos medido um ao outro. Não aconteceria aquilo novamente. “Você realmente deveria tentar ser mais educado, Senhor Dresden” ele falou. “É bom para os negócios.”

Eu não respondi aquilo: Não tinha uma resposta que não soasse amedrontada ou estupidamente machona. Em vez disse eu disse “Se você perder as chaves do seu carro, me ligue. Não tente me oferecer dinheiro ou ameaças novamente. Obrigado pela carona.”

Ele me observou, sua expressão nunca mudou enquanto eu saia do carro e fechava a porta. Hendricks se afastou e foi embora, depois de me dar um último olhar feio. Eu já tinha contemplado a alma de várias pessoas antes. Não era algo que você esquecia. Eu nunca tinha encontrado alguém daquele jeito, tão calmo e controlado, mesmo os outros praticantes que eu contemplei não eram daquela forma. Nenhum deles simplesmente tinha me avaliado como uma coluna de números e guardado para referências em futuras equações.

Enfiei as minhas mãos no boldo do meu casaco, e tremi quando o vento bateu em mim. Eu era um mago, arremessando magias reais, lembrei a mim mesmo. Eu não tinha medo de homens grandes em carros grandes. Eu não fico abalado por corpos arrancados da vida por uma magia mais intensa que qualquer coisa que eu pudesse realizar. Sério. De verdade.

Mas aqueles olhos da cor de dólares, apoiados pela aquela alma fria e praticamente sem paixão, tinha me deixado tremendo enquanto subia as escadas para o meu escritório. Eu tinha sido estúpido. Ele tinha me surpreendido, e a intimidade repentina da contemplação da alma tinha me abalado e amedrontado. Aquilo tudo junto me fez desmoronar, jogando ameaças para ele como uma criança assustada. Marcone era um predador. Ele praticamente cheirou meu medo. Se ele pensasse que eu era fraco, eu tinha a sensação que aquele sorriso educado e a fachada paternal iriam sumir completamente e tão de repente quanto elas apareceram.

Que primeira impressão merda.

Ah, bem. Pelo menos eu chegaria no meu compromisso a tempo.

Capítulo Quatro

Monica Sem-Sobrenome estava parada do lado de fora do meu escritório quando eu cheguei, escrevendo na parte de trás da nota que tinha deixado na porta do escritório.

Eu caminhei em sua direção, mas ela estava tão focada em escrever que não olhou para cima. Ela era uma mulher bonita, por volta dos trinta e poucos anos. Cabelo louro acinzentado que pareciam ser naturais, depois de uma memória mórbida e involuntária da pintura do cabelo da mulher morta. A maquiagem dela era de bom gosto e bem aplicada, e seu rosto era delicado, amigável, com uma bochecha levemente arredondada que a deixavam mais jovem, e com lábios cheios que a deixavam bastante feminina. Ela estava usando uma saia longa e amarela clara, com botas marrons e uma blusa branca com um cardigã verde que parecia ser caro, para se proteger do frio do início da primavera. Ela precisava estar em forma para essa combinações de cores funcionar, e ela estava. No geral, era uma aparência bastante familiar, algo como uma Annette Funicello ou Barbara Billingsley talvez, uma aparência totalmente Americana.

“Monica?” Perguntei. Eu coloquei o meu sorriso mais amigável e inocente.

Ela piscou para mim enquanto me aproximava. “Oh. Você é o, hum, Harry...”

Eu sorri e ofereci minha mão. “Harry Dresden, senhora. Sou eu.”

Ela pegou minha mão depois de uma pequena pausa e manteve os olhos dela firmemente no meu peito. Nesse ponto, eu só estava feliz em lidar com alguém que estava nervoso demais para arriscar uma olhada nos meus olhos. Eu apertei sua mão de forma gentil mas firma, e a soltei, passando por ela para destrancar o escritório. “Peço desculpas por ter me atrasado. Recebi uma ligação da polícia que eu tinha que checar.”

“Você recebeu?” Ela perguntou. “Quer dizer que a polícia, hum...” ela balançou os seus dedos em vez de terminar a frase e entrou quando segurei a

porta para ela.

“As vezes.” Concordei. “Eles encontrar algo e querem saber minha opinião sobre o assunto.”

“Que tipo de coisas?”

Dei de ombros e engoli. Pensei nos corpos no Madison e me senti enjoado. Quando olhei para Monica ela estava estudando meu rosto, mordendo o labio nervosa. Ela evitou meu olhar rapidamente.

“Posso lhe oferecer um café?” Perguntei a ela. Eu fechei a porta e liguei as luzes.

“Oh. Não, obrigada. Estou bem. Ela ficou lá, parada, olhando para minha caixa de livros descartadas e segurando a bolsa sobre sua barriga com as duas mãos. Acho que ela poderia gritar se eu dissesse *boo* então eu tive certeza de me mexer com cuidado e devagar, preparando um copo de café para mim. Eu inspirei e expirei, fazendo movimentos familiares, até que eu me acalmasse do meu encontro com Marcone. Quando eu me acalmei, o café estava pronto. Fui para minha mesa, e a convidei para se sentar em uma das duas cadeiras na minha frente.

“Certo, Monica” eu disse. “O que posso fazer por você hoje?”

“Bem, hum. Eu lhe falei que meu marido estava... estava...” Ela acenou para mim, gesticulando.

“Desaparecido?” falei.

“Sim” ela respondeu suspirando quase aliviada. “Mas ele não sumiu misteriosamente ou coisa do tipo. Só desapareceu.” Ela corou e gaguejou. “Como se ele tivesse arrumado as coisas e saído. Mas ele não falou nada para ninguém. E ele não apareceu novamente. Estou preocupada com ele.”

“Um-hum” eu respondi. “A quanto tempo ele sumiu?”

“Hoje é o terceiro dia” ela respondeu,

Concordei. “Deve haver alguma razão para você ter vindo para mim em vez de um detetive particular ou da polícia.”

Ela corou novamente. Ela tinha um rosto bom para corar, a cor aparecia direitinho. Era bem encantador, na verdade. “Sim, hum. Ele estava interessado em...em...”

“Magia?”

“Sim. Ele estava comprando livros na seção sobre religiões na livraria. Não como aqueles jogos de Dungeons and Dragons. A coisa de verdade. Ele comprou algumas daquelas cartas de tarô. Ela pronunciou o nome como *giló*. Amadores.

“E você acha que o desaparecimento dele possa ter algo a ver com esse interesse?”

“Não tenho certeza” ela confessou. “Mas talvez. Ele estava bastante chateado. Tinha acabado de perder o emprego e estava sobre bastante pressão. Eu estou preocupada com ele. Acho que quem o encontrasse pudesse ter que falar com ele sobre o assunto.” Ela respirou fundo, como se o esforço de completar tantas frases sem um único *hum* a tivesse cansado.

“Ainda não estou entendo. Por que eu? Por que não a polícia?”

Os nós dos dedos dela esbranquiçaram na bolsa. “Ele fez as malas, Sr. Dresden. Acho que a polícia vai assumir que ele abandonou sua esposa e filhos. Eles não vão procurar de verdade. Mas ele não fez isso. Ele não é assim. Ele só quer nos dar uma vida boa. De verdade, é tudo o que ele quer.”

Eu franzi minhas sobrancelhas para ela. Esta nervosa de que o maridão tenha fugido de verdade querida? “Mesmo assim” respondi “Por que vir até mim? Por que não um detetive particular? Eu conheço um homem de confiança se você precisar.”

“Porque você conhece sobre...” ela gesticulou, irritada.

“Sobre magia” completei.

Monica concordou. “Acho que pode ser importante. Quer dizer, não sei. Mas acho que pode ser.”

“Onde ele trabalhava?” Perguntei a ela. Enquanto eu falava, peguei um bloco de papel do meu bolso e fiz algumas anotações.

“SilverCo” ela me respondeu. “Eles são uma empresa de consultoria. Eles localizam bons mercados para produtos e então aconselham outras empresas como melhor gastar o dinheiro deles.

“Um-hum” eu respondi. “Qual o nome dele Monica?”

Ela engoliu, e eu a vi ela se mexer, tentando pensar em algo além do nome verdadeiro dele. “George” ela respondeu finalmente.

Olhei para ela. Ela estava olhando para as mãos dela intensamente.

“Monica” eu disse. “Eu sei que isso deve ser bem difícil para você. Acredite, senhora, existem várias pessoas que ficam nervosas quando entram no meu escritório. Mas, por favor, me escute. Eu não estou querendo machucar você ou qualquer pessoa. O que eu faço, faço para ajudar as pessoas. É verdade que alguém com as habilidades corretas poderia usar os seus nome contra vocês, mas eu não vou fazer isso.” Peguei emprestado uma frase de Johnny Marcone. “Não é bom para os negócios.”

Ela deu uma risadinha nervosa. “Eu me sinto tão boba” ela confessou. “Mas tem tantas coisas que eu escutei sobre...”

“Magos. Eu vi.” Eu soltei meu lápis e juntei meus dedos de uma maneira mágica. A mulher estava nervosa e tinha certas expectativas. Eu poderia deixar ela um pouco mais calma o satisfazer algumas delas. Tentei não olhar atrás dela para o calendário na parede, e o círculo vermelho no décimo quinto dia do mês passado. Aluguel atrasado. Preciso de dinheiro. Mesmo com a taxa de hoje e as futuras, levaria uma eternidade para a cidade pagar.

Além do mais, eu nunca consigo resistir ajudar uma donzela em perigo. Mesmo se ela não estivesse cem por cento segura de que ela queria ser resgatada por mim.

“Monica” disse para ela. “Existem poderes no universo que a maioria das pessoas não conhecem. Poderes que nós ainda não entendemos completamente. Os homens e mulheres que trabalham com esse tipo de poderes veem as coisas de um jeito diferente das pessoas normais. Eles começam a entender as coisas em uma forma ligeiramente diferente. Isso os separa deles. As vezes isso alimenta medos e suspeitas injustificadas. Eu sei que você leu livros e viu filmes sobre o quão horríveis pessoas como eu são, e toda aquela parte de ‘a feiticeira não deixarás viver’ do antigo testamento não deixou as coisas muito fáceis. Mas nós não somos diferentes do que todo mundo.” Eu dei a ela o meu melhor sorriso. “Eu quero lhe ajudar. Mas se um for fazer isso, você vai ter que confiar em mim um pouco. Eu prometo. Lhe dou minha palavra que não irei desapontá-la.”

Eu vi ela absorver isso e pensar um pouco, enquanto ela olhava para suas mãos.

“Victor.” ela disse finalmente. “Victor Sells.”

“Tudo bem” falei, pegando meu lápis e anotando. “Você consegue pensar em algum lugar que ele possa ter ido?”

Ela acenou. “A casa do lago. Temos uma casa perto do...” ela gesticulou com as mãos.

“Do lago?”

Ela sorriu para mim, e me lembrei de ser paciente. “No lago Providence, depois da fronteira do estado, perto do Lago Michigan. É lindo lá no outono.”

“Certo, então. Você sabe de algum amigo que ele pode ter ido ver, família que ele possa ter visitado, qualquer coisa do tipo?”

“Oh, Victor não falava com sua família. Nunca soube o motivo. Ele não falava sobre eles, na verdade. Nós estamos casados a dez anos, e ele nunca falou com eles uma única vez.”

“Certo.” respondi, anotando aquilo, também. “Amigos então?”

Ela franziu os lábios, um gesto que parecia familiar para ela. “Também não. Ele era amigo do chefe dele, e de algumas pessoas no trabalho, mas depois que ele foi demitido...”

“Um-hum” eu respondi. “Entendo.” Continuei escrevendo as coisas, desenhando linhas grossas entre pensamentos para separá-los. Passei para página seguinte quando terminei de escrever os fatos e minhas observações sobre Monica. Gosto de ser minucioso com esse tipo de coisa.

“Bem, Sr. Dresden?” ela perguntou. “Você pode me ajudar?”

Olhei por cima da página e assenti. “Acho que sim Monica. Se possível, gostaria de ver as coisas que seu marido coletou. Quais livros e assim por diante. Ajudaria se eu tivesse uma foto dele, também. Eu deva olhar um pouco a sua casa perto do Lago Providence. Tudo bem?”

“Claro” ela respondeu. Ela parecia aliviada, mas ao mesmo tampo mais nervosa do que antes. Eu anotei o endereço da casa do lago e algumas instruções.

“Você está ciente das minhas taxas?” Perguntei a ela. “Não sou barato. Pode ser mais barato se você procurar outra pessoa.”

“Nós conseguimos guardar bastante dinheiro, Sr. Dresden.” ela me respondeu. “Não estou preocupada sobre o dinheiro.” Aquele parecia uma afirmação um pouco estranha, na época, fora do padrão com o jeito nervoso dela.

“Bem então” eu falei para ela. “Cobro cinquenta dólares por hora, mais despesas. Vou lhe mandar uma lista detalhada do que estiver fazendo, para que você possa ter uma ideia do que eu estarei trabalhando. Um adiantamento e habitual. Não posso garantir que irei trabalhar exclusivamente no seu caso. Eu tento lidar com cada um dos meus clientes com respeito e cortesia, então não posso dar prioridade para ninguém.”

Ela assentiu, enfaticamente, e colocou a mão dentro da bolsa. ela puxou um envelope branco e me entregou. “Tem quinhentos dólares dentro.” ela me disse. “É o suficiente para agora?”

Cha-ching. Quinhentos dólares iria dar conta do aluguel do mês passado e uma boa parte do desse mês também. Eu poderia entrar nesse negócios de clientes nervosos tentando manter a anonimidade da conta deles de minha suposta força feiticeira. Dinheiro vivo sempre gasta.

“Sim é o suficiente.” respondi. Tentei não acariciar o envelope. Pelo menos eu não fui grosseiro o suficiente em jogar o dinheiro na mesa e contar.

Ela puxou outro envelope. “Ele levou a maioria das coisas dele com ele.” ela falou. “Pelo menos, não consegui encontrá-las onde ele geralmente as guarda. Mas eu encontrei isso.” Tinha algo no envelope, deixando uma protuberância nele,aposto que era um amuleto, anel ou talismã de algum tipo. Um terceiro envelope saiu da bolsa dela, a mulher devia ser compulsivamente organizada. “Aqui tem uma foto dele, e meu número está aí dentro também. Obrigada, Sr. Dresden. Quando você irá ligar?”

“Assim que eu souber de algo” respondi. “Provavelmente amanhã de noite ou Sábado de manhã. Parece bom?”

Ela quase olhou nos meus olhos, conseguiu parar, e sorriu para o meu nariz. “Sim. Muito obrigada pela sua ajuda.” Ela olhou para o relógio. “Oh, olhe a hora. Preciso ir. as aulas estão perto de terminar.” Ela se calou e corou novamente, como se estivesse envergonhada de que ela tinha deixado uma fato bem importante escapar.

“Farei o que eu puder, senhora.” eu afirmei, me levantando, e a acompanhando para porta. “Obrigado pela confiança. Ligarei assim que puder.”

Ela disse seus adeus, nunca olhando para meu rosto, e fugiu pela porta. E fechei a porta, e fui para os envelopes.

Primeiro, o dinheiro. estava todo em notas de cinquenta, que sempre pareciam novas mesmo quando elas eram antigas por causa da baixa circulação. Tinha dez delas. As coloquei na minha carteira,e joguei o envelope fora.

O envelope com a foto era o próximo. Tirei a foto e observei uma foto que a

Monica e um homem de feições bonitas e magras, com uma testa larga e sobrancelhas peludas que distorcia sua beleza para um ângulo meio excêntrico. O sorriso dele era radiante, e sua pele suave tinha um bronzeado pesado de quem passava muito tempo no sol, velejando talvez. Era um contraste enorme contra a palidez de Monica. Victos Sells, acho eu.

O numero de telefone estava escrito em um cartão branco que tinha sido devidamente cortado para caber dentro do envelope. Não tinha nenhum nome, ou código de área, só um número de sete dígitos. Peguei meu arquivo para referência-cruzada e procurei.

Anotei aquilo também. Eu me perguntei o que ela estava pensando em ganhar só me dando os primeiros nomes, quando ela iria me entregar várias outras formas de encontrar a informação. Isso só prova que as pessoas são engraçadas quando estão nervosas com algo. Eles dizem coisas malucas, fazem escolhas estranhas que, em retrospectiva, elas se sentem incrivelmente tolas por terem feito. Eu teria que ter cuidado para não dizer nada que demonstrasse isso da próxima vez que eu falasse com ela.

Joguei fora o segundo envelope e abri o último, virando-o na minha mesa.

A casca marrom, de um escorpião morto e seco, brilhando com algum tipo de verniz preservativo, clicou na minha mesa. Um cordão de couro trançado flexível estava amarrado a um anel que estava preso na base da calda, que se usado, iria ficar com a cabeça par baixo, rabo pra cima e curvado sobre o corpo seco apontando para o chão.

Eu tremi. Escorpiões eram simbolicamente poderosos em algumas crenças. Geralmente eles não simbolizavam nada bom e saudável também. Vários feitiços mesquinhos e ruins poderiam ser utilizados ao redor de um talismã pequeno como este. Se você usasse perto de sua pele, como essas coisas são supostamente usadas, as pernas afiadas do bicho iriam ficar cutucando e roçando seu peito, uma lembrança constante que estava lá. O ferrão seco na calda poderia perfurar a pele caso alguém tentasse abraçar quem estivesse usando. Suas pinças iria ficar enrolando no cabelo do peito de um homem, ou arranhar as curvas do seio de uma mulher. Uma coisa horrível e desagradável. Não era má, por si só, mas você com certeza não iria fazer coisas felizes e brilhantes com magia usando um item desses no seu pescoço.

Talvez Victor Sells tenha se envolvido com alguma coisa de verdade, alguma coisa que tenha absolvido sua atenção. A Arte podia fazer isso com uma pessoa, particularmente os aspectos mais sombrios dela. Se el tivesse se desesperado depois de ter perdido o emprego, talvez isso pudesse explicar seu desaparecimento repentino da casa. Vários feiticeiros, ou supostos feiticeiros, se isolam na crença de que o isolamento iria aumentar a habilidades deles de focar na magia. Não deixava, mas facilitava para mentes fracas ou destreinadas evitar distrações.

Ou talvez não fosse um talismã de verdade. Talvez fosse só um suvenir de alguma visita para o sudoeste. Não tinha nenhuma maneira de que eu pudesse dizer se isso era um aparelho usado para focar e direcionar energias mágicas, a não ser que eu o usasse para fazer um feitiço, e eu realmente não queria usar uma coisa tão duvidosa, por vários motivos.

Eu teria que tirar essa pequena coisa feia da minha cabeça enquanto tentava procurar esse cara. Pode não ter nenhuma importância. Ou pode ter. Olhei para o relógio. Quinze para as três. Eu tinha tempo de procurar nos necrotérios locais para ver se eles tinha pego algum desconhecido, quem sabe, talvez minha procura estivesse terminada antes do dia acabar, e eu poderia ir para o banco depositar meu dinheiro e mandar um cheque para meu inquilino.

eu tirei minha agenda telefônica e comecei a ligar para hospitais, não era exatamente meu trabalho rotineiro, mas não era difícil, exceto elos problemas comuns que eu tinha usando telefone: estática, barulho de linha, as conversas de outras pessoas serem mais altas que a minha. Se algo puder dar errado, irá dar errado.

Por um momento eu achei que vi movimento do canto do meu olho, um espasmo do escorpião seco que estava em cima da minha mesa. Eu pisquei e olhei para ele. Ele não se mexeu. Cuidadosamente, estendi minha percepção como uma mão invisível, procurando sentir algum traço de encantamento ou energia mágica.

Nada. Estava tão seco de encantamentos quanto de vida.

Que nunca se diga que Harry Dresden está com medo de um inseto morto e

seco. Sinistro ou não, eu não iria deixá-lo arruinar minha concentração.

Então, eu o empurrei com a ponta da agenda telefônica e o joguei na gaveta do meio da minha mesa. O que o coração não vê ele não sente.

Então eu tenho um problema com coisas sinistras, mortas e venenosas. Me processe.

Capítulo Cinco

McAnally's é um pub a alguns quarteirões do meu escritório. Vou para lá quando estou estressado ou quando tenho alguns trocados extras para gastar em um bom jantar. Muitos de nós do oculto fazemos isso. Mac, o dono do pub, está acostumado a magos e a todos os problemas que vêm conosco. Não há videogame no McAnally's. Não há televisores ou jogos de computador caros. Não há nem uma jukebox. O Mac mantém um pianista em vez disso. É menos provável que enlouqueçam perto da gente.

Digo *pub* nos melhores sentidos da palavra. Quando você entra, você desce vários degraus para dentro de uma sala com uma combinação mortal de teto baixo e ventiladores de teto. Se você é alto, como eu, anda com cuidado no McAnally's. Há treze bancos no bar e treze mesas na sala. Treze janelas, colocadas no alto da parede, para ficar acima do nível do solo, deixam a luz entrar da rua. Treze espelhos nas paredes refletem os clientes e dão a ilusão de mais espaço. Treze colunas de madeira, esculpidas com figuras de contos e lendas do Velho Mundo, dificultam a caminhada em linha reta pelo local - elas também interrompem intencionalmente o fluxo de energias aleatórias, dispersando em um grau ou outro as auras que se reúnem em torno de magos rabugentos e mal-humorados e os impedem de se manifestar de maneiras coloridas e não intencionais. As cores são todas suaves, marrons terrosos e verdes marítimos. A primeira vez que entrei no McAnally, me senti como um lobo retornando a um antigo esconderijo favorito. Mac faz sua própria cerveja, Ale na verdade, e é a melhor da cidade. Sua comida é feita em um fogão a lenha. E você pode muito bem caminhar até o bar para pegar seu pedido quando estiver pronto, de acordo com Mac. É o meu tipo de lugar.

Como as ligações para os necrotérios não deram em nada, eu peguei algumas notas do adiantamento de Monica Sells e me fui para o McAnally's. Após o tipo de dia que tive, eu mereço um pouco da cerveja de Mac e de outra pessoa cozinhando. Também seria uma noite longa, quando eu voltasse para casa começaria a tentar descobrir como, quem quer que fosse, tinha lançado o feitiço mortal usado no açougueiro de Johnny Marcone, Tommy Tomm, e sua namorada, Jennifer Stanton.

"Dresden", Mac me cumprimentou quando me sentei no bar. A sala escura e confortável estava vazia, exceto por dois homens que reconheci de vista em uma mesa dos fundos, jogando xadrez. Mac é um homem alto, quase corpulento, com idade indeterminada, embora haja uma sensação nele que fala de sabedoria e força suficientes para que eu não me atrevesse a dizer que ele tinha menos de cinquenta anos. Ele tem olhos apertados e um sorriso que é raro e travesso quando se manifesta. Mac nunca fala muito, mas quando o faz, quase sempre vale a pena ouvir.

"Olá, Mac", eu o cumprimentei. “Foi um dia infernal. Me dê um sanduíche de bife, batata frita, cerveja.

"Ungh", disse Mac. Ele abriu uma garrafa de cerveja e começou a servi-la quente, olhando por mim, a meia distância. Ele faz isso com todo mundo. Considerando a clientela dele, não o culpo. Eu não arriscaria de olhá-los na cara também.

"Você ouviu sobre o que aconteceu no Madison?"

"Ungh", ele confirmou.

"Negócios desagradáveis."

Um comentário tão estúpido, aparentemente, não merecia uma resposta grunhida. Mac pegou minha bebida e virou-se para o fogão atrás do bar, verificando a madeira e mexendo-a para deixar um calor uniforme.

Peguei um jornal jogado nas proximidades e verifiquei as manchetes. “Ei, olha isso. Outro tumulto do TerceiroOlho. Jesus, essa coisa é pior que crack.” O artigo detalhava a destruição de uma mercearia do bairro por um par de viciados em TerceiroOlho que estavam convencidos de que o local estava destinado a explodir e queriam vencer o destino.

"Ungh."

"Você já viu algo assim?"

Mac balançou a cabeça.

"Eles dizem que essa coisa lhe dá terceira visão", eu disse, lendo o artigo. Os dois drogados haviam sido internados no hospital e estavam em estado crítico, após desmaiar no local. "Mas sabe de uma coisa?"

Mac olhou para mim do fogão enquanto cozinhava.

"Não acho que isso seja possível. Que monte de merda. Tentando vender para esses coitados a ideia de que eles podem fazer magia."

Mac assentiu para mim.

"Se fosse algo sério, o departamento já teria me ligado uma hora dessas."

Mac encolheu os ombros, voltando-se para o fogão. Então ele olhou para cima e olhou para o reflexo escuro do espelho atrás do bar.

"Harry", ele disse, "você foi seguido."

Eu tinha ficado muito tenso durante o dia todo para evitar sentir meus ombros se contraírem repentinamente. Coloquei as duas mãos em volta da minha caneca e me lembrei de algumas frases em pseudolatim. Nunca doía estar pronto para me defender, caso alguém pretendesse me machucar. Eu observei alguém se aproximar, uma contorno escuro no reflexo lançado pelo espelho antigo e desgastado. Mac continuou cozinhando, imperturbável. Nada perturbava muito o Mac.

Cheirei o perfume dela antes de me virar. "Ora, senhorita Rodriguez" falei. "É sempre um prazer lhe ver".

Ela parou abruptamente a alguns passos de mim, aparentemente desconcertada. Uma das vantagens de ser um mago é que as pessoas sempre atribuem tudo o que você faz à magia, se nenhuma outra explicação imediata vier à mente. Ela provavelmente não pensaria que seu perfume tinha revelado sua identidade quando poderia achar que meus poderes místicos tinham feito algo.

"Vamos lá", eu disse a ela. "Sente-se. Vou lhe pegar uma bebida enquanto me recuso a dizer qualquer coisa.

"Harry", ela me advertiu, "você não sabe se estou aqui a negócios." Ela se sentou no banco ao meu lado. Era uma mulher de estatura média e beleza impressionante, vestindo uma jaqueta de negócios e saia, com um cinto, sapatos. Seus cabelos escuros e lisos eram cortados em um corte elegante que terminava na nuca e se separava na testa em sua pele morena, enfatizando o apelo preguiçoso dos olhos escuros.

"Susan", eu a repreendi, "você não estaria aqui se não estivesse. Se divertiu em Branson?

Susan Rodriguez era repórter do Arcano de Chicago, uma revista amarela que cobria todo tipo de eventos sobrenaturais e paranormais em todo o Centro-Oeste. Geralmente, os eventos que eles cobriam não eram muito melhores do que "Homem Macaco Visto com o Filho bastardo de Elvis" ou "O Fantasma Mutante de JFK sequestra Escoteira". Mas de vez em quando, o Arcano cobria algo real. Como a Incursão Unseelie de 1994, quando toda a cidade de Milwaukee simplesmente desapareceu por duas horas. Se foi. Fotos de satélite do governo mostravam o vale coberto de árvores e vazio de vida ou habitação humana. Todas as comunicações cessaram. Então, algumas horas depois, ela tina voltado, e ninguém na cidade sabia de nada.

Ela também esteve na minha investigação em Branson na semana anterior. Ela estava me seguindo desde que tinha me entrevistado para uma reportagem, logo após eu abrir meu escritório. Eu tinha que admitir que ela tinha instintos. E curiosidade suficiente para colocá-la em dez tipos de problemas. Ela me manobrou para encarar seus olhos na conclusão de nossa primeira entrevista, uma jovem repórter ansiosa investigando um ângulo em seu entrevistado. Foi ela que desmaiou depois que tivemos a contemplação da alma.

Ela sorriu para mim. Eu gostava do sorriso dela. Fazia coisas interessantes em seus lábios, e eles já eram atraentes. "Você deveria ter ficado por perto para o show", disse ela. "Foi bem impressionante." Ela colocou a bolsa no bar e deslizou para o banquinho ao meu lado.

"Não, obrigado", eu disse a ela. "Tenho certeza de que não era meu tipo de show."

“Meu editor adorou a cobertura. Ela está convencida de que vai ganhar algum tipo de prêmio."

"Já posso ver", eu disse a ela. “'Visões Misteriosas Assombram a Mansão de Cantor Drogado'. Jornalismo paranormal realmente eficaz, esse.” Eu olhei para ela e ela encarou meus olhos sem medo. Ela não demonstrou se meu insulto tinha incomodado.

"Ouvi dizer que você foi chamado pela diretora da I.E. hoje", ela me disse. Ela se inclinou para mim, o suficiente para que um olhar para baixo tivesse proporcionado um ângulo interessante para o V de sua camisa branca. "Eu adoraria ouvir você me contar sobre isso, Harry." Ela torceu um sorriso para mim que prometia coisas.

Eu quase sorri de volta para ela. "Desculpe", eu disse a ela. "Eu tenho um contrato de confidencialidade padrão com a cidade."

"Algo extraoficial, então?" Ela perguntou. "Dizem que esses assassinatos foram sensacionais".

"Não posso ajudá-la, Susan", eu disse a ela. "Minha boca é um tumulo, etc."

"Apenas uma dica", ela pressionou. “Um comentário. Algo compartilhado entre duas pessoas que são muito atraídas uma pela outra.”

"Quem seriam essas duas pessoas?"

Ela colocou um cotovelo no balcão e apoiou o queixo na mão, me estudando através dos olhos estreitados e dos cílios longos e grossos. Uma das coisas que mais me atraia era que, embora ela usasse seu charme e feminilidade incansavelmente na busca de suas histórias, ela não tinha noção de quão atraente ela realmente era, eu tinha visto isso quando olhei dentro dela no ano passado. "Harry Dresden", disse ela, "você é um homem completamente enlouquecedor." Seus olhos se estreitaram um pouco mais. "Você não olhou para minha blusa nem uma única vez, né?" Ela acusou.

Tomei um gole da minha cerveja e acenei para Mac para servi-la também. Ele fez. "Culpado."

"A maioria dos homens estaria abalado agora", ela reclamou. “O que é preciso pra te fisgar, Dresden?

"Eu sou puro de coração e mente", eu disse a ela. "Eu não posso ser corrompido."

Ela olhou para mim frustrada por um momento. Então ela inclinou a cabeça para trás e começou a rir. Ela tinha uma riu boa também, gutural e rica. Eu olhei para o peito dela quando ela fez isso, apenas por um segundo. Um coração e mente puras só aguentam até certo ponto, mais cedo ou mais tarde os hormônios também têm a sua vez. Quero dizer, não sou mais adolescente nem nada, mas também não sou exatamente especialista em coisas assim. Chame isso de um interesse esmagador na minha carreira profissional, mas nunca tive muito tempo para namorar ou fazer transar. E quando tive não terminou muito bem.

Susan era um elemento conhecido - era atraente, brilhante, atraente, suas motivações eram claras e simples, e era honesta em segui-las. Ela flertava comigo porque queria informações tanto quanto porque me achava atraente. Às vezes ela conseguia. Às vezes não. Este caso era muito pesado para Susan ou o Arcano tocarem, e se Murphy soubesse que eu tinha falado para alguém sobre o que havia acontecido, ela teria meu coração entre dois pedaços de pão para o almoço.

"Vamos tentar uma coisa, Harry", disse ela. "Que tal se eu fizer algumas perguntas, e você apenas responder com um sim ou um não?"

"Não", eu disse prontamente. Droga. Sou um mentiroso muito ruim e não era preciso uma repórter com o cérebro de Susan para perceber.

Seus olhos brilhavam com ambição alegremente maliciosa. "Tommy Tomm foi assassinado por um ser ou meios paranormais?"

"Não", eu respondi novamente, teimoso.

"Não, ele não foi?" Susan perguntou. "Ou não, não era um ser paranormal?"

Olhei para Mac pedindo ajuda. Mac me ignorou. Mac não tomava partido.

Mac é sábio.

"Não, eu não vou responder perguntas", eu disse.

“A polícia tem alguma pista? Algum suspeito?

"Não."

"Você é um suspeito, Harry?"

Pensamento perturbador. "Não", eu disse, exasperado. "Susan"

"Você se importaria de jantar comigo sábado à noite?"

"Não! Eu...” pisquei para ela. "O que?"

Ela sorriu para mim, se inclinou e me beijou na bochecha. Seus lábios, que eu tanto admirava, pareciam muito, muito agradáveis. "Super", ela disse. "Eu vou buscá-lo em sua casa. Por volta das nove?

"Eu perdi alguma coisa?", Perguntei a ela.

Ela assentiu, olhos escuros brilhando com humor. "Vou levá-lo para um jantar fantástico. Você já comeu no Pump Room? Na embaixador leste?

Eu balancei minha cabeça.

"Bifes que você não acreditaria", ela me assegurou. “E a atmosfera mais romântica. Paletó e gravatas são requeridas. Você consegue?

“Hum. Sim?” Eu disse cuidadosamente. "Esta é a resposta para a questão de sair ou não com você, certo?"

"Não", disse Susan, com um sorriso. "Essa foi a resposta que enganei de você, então você estará preso lá. Eu só quero ter certeza de que você possui algo além de jeans e camisas ocidentais de botão.”

“Oh. Sim”, eu disse.

"Super", ela repetiu, e me beijou na bochecha mais uma vez enquanto se levantava e pegava sua bolsa. "Sábado, então." Ela se afastou e deu um sorrisinho para mim. Era um olhar matador, sensual e atraente. "Eu estarei lá. Com sinos."

Ela se virou e saiu. Eu meio que me virei para encará-la. Meu queixo deslizou para fora do bar e caiu no chão.

Acabei de concordar com um encontro? Ou uma sessão de interrogatório?

"Provavelmente os dois", eu murmurei.

Mac colocou o meu sanduíche de bife e batatas fritas na minha frente. Eu pus um pouco de dinheiro, sombriamente, e ele fez a mudança.

"Ela não vai fazer nada além de tentar tirar informações que eu não deveria dar a ela, Mac", eu disse.

"Ungh", Mac concordou.

"Por que eu disse que sim?"

Mac encolheu os ombros.

"Ela é bonita", eu disse. "Inteligente. Sexy."

"Ungh."

"Qualquer homem de sangue vermelho teria feito a mesma coisa."

"Hngh", Mac bufou.

"Bem. Talvez você não."

Mac sorriu um pouco, calmo.

"Ainda. Isso vai me causar problemas. Eu devo estar louco pra procurar alguém assim." Peguei meu sanduíche e suspirei.

"Burro", disse Mac.

"Eu acabei de dizer que ela era inteligente, Mac."

O rosto de Mac cintilou naquele sorriso e o fez parecer anos mais jovem, quase infantil. "Ela não", disse ele. "Você."

Eu jantei. E teve que admitir que ele estava certo.

Isso jogou uma chave nos meus planos. Minha melhor ideia para fuçar na casa do lago de Sells e obter informações tinha que ser realizada à noite. E eu já tinha amanhã à noite marcado para conversar com Bianca, já que eu tinha uma sensação de que Murphy e Carmichael não conseguiriam nenhuma informação da vampira. Isso significava que eu teria que dirigir para o Lago Providence hoje à noite, já que sábado à noite estava ocupado com Susan - ou pelo menos a parte antes da meia-noite.

Minha boca ficou seca quando pensei que talvez o resto da noite fosse ocupada também. Nunca se sabe. Ela me deixou tonto e me fez parecer um idiota, e provavelmente tentaria todos os truques que sabia para arrancar mais informações de mim até o lançamento matinal do Arcano na segunda-feira. Por outro lado, ela era sexy, inteligente e pelo menos um pouco atraída por mim. Isso indicava que algo mais podia acontecer além de conversar e jantar. Não era?

A questão era: eu realmente queria que isso acontecesse?

Eu tinha sido um fracasso incrível em relacionamentos, desde que meu primeiro amor azedou. Quero dizer, muitos adolescentes falham em seus primeiros relacionamentos.

Muitos deles não matam a garota envolvida.

Eu fugi dessa linha de pensamento, para que ela não trouxesse muitas memórias.

Saí de McAnally’s, depois que Mac me entregou uma sacola de papel com um grunhido de "Mister", a título de explicação. O jogo de xadrez no canto

ainda estava em andamento, os dois jogadores soprando uma nuvem de fumaça com cheiro doce dos cachimbos. Eu tentei descobrir como lidar com Susan, enquanto eu caminhava para o meu carro. Eu precisava limpar meu apartamento? Eu tinha todos os ingredientes para o feitiço que lançaria na casa do lago hoje à noite? Murphy ficaria muito puta quando eu falasse com a Bianca?

Eu ainda podia sentir o beijo de Susan persistindo na minha bochecha quando entrei no carro.

Eu balancei minha cabeça, confusa. Dizem que nós, magos, somos sutis. Mas acredite em mim, não somos nada, nada, comparado com as mulheres.

Capítulo Seis

Mister não estava em lugar nenhum quando cheguei em casa, mas deixei a comida no prato dele de qualquer maneira. Ele acabaria me perdoando por chegar em casa tarde. Eu peguei as coisas que eu precisaria da minha cozinha - pão fresco sem conservantes, mel, leite, uma maçã fresca, um canivete afiado de prata e um minúsculo jogo de jantar com um prato, tigela e copo que eu havia esculpido de um bloco de madeira de teca.

Voltei para o meu carro. O Fusca não era mais azul, já que as duas portas foram substituídas, uma com um clone verde, a outra com um branco e o capô do porta-malas na frente teve que ser substituído por uma duplicata vermelha, mas o nome grudou de qualquer forma. Mike é um super mecânico. Ele nunca fez perguntas sobre as queimaduras que abriram um buraco na escotilha da frente ou as marcas de garras que arruinaram as duas portas. Você não pode pagar por serviços como esse.

Acelerei o Fusca e dirigi pela I-94, ao redor da costa do Lago Michigan, atravessando brevemente Indiana, e depois cruzando a linha do estado até Michigan. Lago Providence é uma comunidade cara e de classe alta, com casas grandes e propriedades amplas. Não é barato possuir terras lá. Victor Sells deve ter se saído bem no seu trabalho na SilverCo para conseguir arcar um lugar desses.

O caminho do lago entrava e saía entre árvores grossas e altas e colinas até a costa. As propriedades estavam bem espalhadas, várias centenas de metros entre elas. A maioria deles estava cercada e tinha portões no lado direito da estrada, longe do lago enquanto eu dirigia para o norte. A casa de Sells foi a única que vi no lado do lago.

Um caminho de cascalho liso, ladeado por árvores, dava a volta da margem do lago até a casa de Sells. Uma península projetava-se para dentro do lago, deixando espaço suficiente para a casa e uma pequena doca, na qual nenhum barco estava ancorado. A casa não era grande, para os padrões do resto da comunidade de Lake Providence. Construída com dois andares, ela era uma

moradia bem moderna - muito vidro e madeira, que foram feitos para parecer algo mais sintético que a madeira tradicional, pela maneira como foi alisada, cortada e polida. O caminho fazia uma curva para a parte de trás da casa, onde uma entrada grande o suficiente para receber uma partida de basquete de cinco contra cinco em torno de uma tabela erguida para um lado era vista por um deck de madeira que levava ao segundo andar da casa.

Dirigi o Fusca Azul até os fundos da casa e estacionei lá. Meus ingredientes estavam em uma mochila de nylon preta, e a peguei e trouxe comigo quando saí do carro e estiquei minhas pernas. A brisa que vinha do lago era fria o suficiente para me fazer tremer um pouco, e fechei meu casaco sobre minha barriga.

Primeiras impressões são importantes, e eu queria ouvir o que meus instintos diziam sobre a casa. Parei por um longo momento e apenas olhei para ela.

Meus instintos deviam estar esperando outra garrafa da ale do Mac. Eles tinham pouco a dizer, exceto que o local parecia uma pequena e cara moradia que hospedara uma família durante muitos fins de semana e feriados. Bem, onde o instinto falha, o intelecto deve se aventurar. Quase tudo era relativamente novo. A grama ao redor da casa não havia crescido o suficiente, neste inverno, para exigir um corte. A rede de basquete estava esticada e solta o suficiente para mostrar que tinha sido usada com bastante frequência. As cortinas estavam todas fechadas.

Na grama embaixo do convés, algo vermelho brilhava, e eu fui lá para recuperá-lo. Era uma caixa plástica de filme, vermelha com uma tampa cinza, do tipo que você guarda um rolo de filme quando o envia para revelar. Vasilhas de filme eram boas para guardar vários ingredientes que eu usava, às vezes. Coloquei-a no bolso do casaco e continuei minha inspeção.

O lugar não parecia muito uma casa de família, na verdade. Parecia o ninho de amor de um homem rico, um pequeno refúgio isolado nas árvores da península e a salvo de olhos curiosos. Ou um local ideal para um feiticeiro iniciante tentar suas habilidades de principiante, a salvo de interrupções. Um bom lugar para Victor Sells montar seu espaço e praticar.

Dei uma volta rápida ao redor da casa, tentei as portas da frente e de trás e até

a porta do deck que levava, presumivelmente, a uma cozinha. Todas estavam trancadas. Fechaduras não eram um obstáculo muito grande, mas Monica Sells não me tinha me convidado para dar uma olhada dentro da casa, somente ao redor dela. Entrar na casa das pessoas sem ser convidado traz *juju ruim*. Uma das razões pelas quais os vampiros, geralmente, não fazem isso, é porque eles já têm problemas suficientes apenas em se manterem inteiros fora da Terranunca. Não é bem prejudicial para um mago humano, como eu, mas pode realmente prejudicar qualquer coisa que você tente fazer com mágica. Além disso, simplesmente não é educado. Como eu disse, sou um cara antiquado.

É claro que o painel de controle da TekTronic Segurança que pude ver pela janela da frente teve alguma influência na minha decisão, não que eu não pudesse enfeitiçá-lo em um pacote inútil de plástico e fios, mas muitos sistemas de segurança acionarão uma alarme com a companhia contratada se eles pararem de funcionar abruptamente. Seria uma ação inútil, de qualquer forma, a informação de verdade estaria em outro lugar.

Ainda assim, algo me incomodava, uma sensação de que a casa não estava vazia. Segindo um palpite, bati na porta da frente várias vezes. Até toquei a campainha. Ninguém veio atender a porta e nenhuma luz estava acesa lá dentro. Dei de ombros e voltei para os fundos da casa, passando por várias latas de lixo vazias enquanto fazia isso.

Agora isso foi um pouco estranho. Quero dizer, eu esperava que tivesse algo no lixo, mesmo que alguém não estivesse lá há um tempo. O caminhão de lixo desceu o caminho todo para pegar as latas de lixo? Isso não parecia provável. Se os Sells aparecessem em casa no fim de semana e quisessem que o lixo fosse limpo, era lógico que eles teriam que deixá-lo estrada perto da entrada, à esquerda. O que implicaria que o lixeiro deixaria as latas de lixo vazias na estrada. Alguém deve ter trazido de volta para casa.

Claro, não precisaria ter sido Victor Sells. Poderia ter sido um vizinho, ou algo assim. Ou talvez ele tenha dado um trocado para o lixeiro para trazer as latas de volta. Mas era uma pista, uma pequena dica de que talvez a casa não estivesse vazia a semana toda.

Deixei a casa atrás de mim e saí em direção ao lago. A noite estava arejada,

clara e um pouco fria. As árvores velhas e altas rangeram e gemeram sob o vento. Ainda era cedo para os mosquitos serem muito ruins. A lua estava crescendo no céu, com as nuvens ocasionais passando por ela como um véu transparente.

Era uma noite perfeita para a pegar fadas.

Varri uma área não muito longe da margem do lago, sem folhas e paus, e peguei a faca de prata da mochila. Usando a alça, desenhei um círculo na terra, depois o cobri com folhas e varas novamente, marcando a localização do perímetro do círculo na minha cabeça. Tomei cuidado de concentrar no círculo, sem deixar nenhum poder entrar nele e estragar a armadilha. Depois, trabalhando com cuidado, preparei a isca colocando o copo e a tigela. Coloquei um dedal de leite no copo e lavei a tigela cheia de mel do ursinho de plástico na minha mochila.

Depois, rasguei um pedaço de pão do fatia que levei comigo e piquei meu polegar com a faca. À luz prateada da lua, um pouco de sangue escuro brotou contra a pele, e toquei-o delicadamente na parte de baixo do pão grosso, deixando-o absorver o sangue. Então eu coloquei o pão, com o lado ensanguentado para baixo, no minúsculo prato.

Minha armadilha estava pronta. Peguei meu equipamento e recuei para a cobertura das árvores.

Há duas partes da mágica que você precisa entender para capturar uma fada. Uma delas é o conceito de nomes verdadeiros. Tudo no mundo inteiro tem seu próprio nome. Nomes são sons únicos e cadências de palavras anexadas a um indivíduo específico - mais ou menos como um tipo de música-tema. Se você souber o nome de algo, poderá associar-se a ele em um sentido mágico, quase da mesma maneira que um mago pode estender a mão e tocar em alguém, se ele possui uma mecha de cabelo, pedaços de unhas ou sangue. Se você souber o nome de algo, poderá criar um vínculo mágico com ele, assim como ligar para alguém e conversar se souber o número de telefone. Somente saber o nome não é bom o suficiente: você precisa saber exatamente como dizê-lo. Peça a dois John Franklin Smiths que digam o nome deles e você terá sutis diferenças de tom e pronúncia, cada uma delas exclusiva para o proprietário. Os magos tendem a coletar nomes de criaturas, espíritos e

pessoas como algum tipo de Rolodex enorme. Você nunca sabe quando será útil.

A outra parte da mágica que você precisa conhecer é a teoria dos círculos mágicos. A maioria das mágicas envolve um círculo de um tipo ou de outro. Desenhar um círculo define um limite local no que um mago está tentando fazer. Isso o ajuda a refinar sua mágica, focar e direcioná-la com mais clareza. Isso é feito criando uma espécie de tela, definida pelo perímetro do círculo, que impede que energias mágicas aleatórias passem por ela, contendo-a dentro do círculo para que possa ser usada. Para fazer um círculo, você o desenha no chão, ou dá as mãos com várias pessoas, ou espalha incenso, ou qualquer outro método, enquanto concentra-se no seu objetivo puxando-o. Então, você insere uma pequena centelha de energia para fechar o circuito, e está pronto.

Outra coisa que esse círculo faz: impede que criaturas mágicas, como fadas ou até demônios, passem por ele. Legal, não é? Geralmente, isso é usado para mantê-los fora. É um pouco mais complicado montar um círculo para mantê-los. É aí que o sangue entra em jogo. Com sangue vem poder. Se você pegar um pouco sangue de outra pessoa, há um significado metafísico para ele, uma espécie de energia. É minúscula se você não está realmente tentando obter energia dessa maneira (como os vampiros fazem), mas é suficiente para fechar um círculo.

Agora você sabe como é feito. Mas não recomendo tentar em casa. Você não sabe quando algo pode dar errado.

Recuei para as árvores e chamei o nome de uma fada específica que queria. Era uma série de sílabas, bastante bonita, realmente, especialmente já que a fada respondia pelo nome de Toot-toot nas vezes que eu o encontrei antes. Empurrei minha vontade junto com o nome, apenas fiz uma ligação, algo que seria sutil o suficiente para fazê-lo vir por esse caminho por vontade própria. Ou pelo menos, essa era a teoria.

Qual era o nome dele? Por favor, você acha que os magos apenas dariam informações assim? Você não sabe o que eu passei para obtê-lo.

Cerca de dez minutos depois, Toot entrou flutuando sobre a água do lago

Michigan. No começo, eu o confundi com um reflexo da lua ao lado das ondas suaves do lago. Toot tinha talvez quinze centímetros de altura. Ele tinha asas prateadas de libélula brotando de suas costas e a pálida, bela e minúscula forma humanoide que ecoava o esplendor dos lordes faéricos. Um nimbo prateado de luz natural o cercava. Seu cabelo era uma juba peluda e sedosa, como plumas de aves do paraíso, e era magenta pálido.

Toot adorava pão, leite e mel, um vício comum dos fae menores. Geralmente, eles não estão dispostos a enfrentar um ninho de abelhas para obter o mel, e há uma verdadeira escassez de leite na Terranunca desde que as fazendas tecnológicas dominaram a maior parte da indústria. Não precisa nem dizer que eles não cultivam, colhem, debulham e depois moem seu próprio trigo em farinha para fazer pão.

Toot pousou no chão com cautela, examinando as árvores. Ele não me viu. Eu o vi enxugar a boca e andar devagar em volta do jogo de jantar em miniatura, uma mão esfregando avidamente o estômago. Depois que ele pegasse o pão e fechasse o círculo, eu poderia negociar informações para sua libertação. Toot era um espírito menor na área, uma espécie de estivador da erranunca. Se alguém tivesse visto algo de Victor Sells, seria Toot, ou ele conheceria alguém que viu.

Toot hesitou por um tempo, flutuando de um lado para o outro ao redor da refeição, mas se aproximou lentamente. Fadas com mel. Mariposas com chamas. Toot já havia caído nisso várias vezes antes, e não era da natureza dos fae guardar suas memórias por muito tempo ou mudar suas naturezas essenciais. Mesmo assim, prendi a respiração.

A fada finalmente se agachou, pegou o pão, mergulhou no mel e depois engoliu avidamente. O círculo se fechou com um pequeno estalo que ocorreu exatamente no limite da minha audição.

Seu efeito sobre Toot foi imediato. Ele soltou um grito estridente, como um coelho preso, e partiu em direção ao lago em uma agitação de asas. Quando ele chegou no perímetro do círculo, ele bateu em algo tão sólido quanto uma parede de tijolos, e um pequeno sopro de prata explodiu dele em uma nuvem. Toot grunhiu e caiu com sua pequena bunda de fada na terra.

"Eu deveria saber!" Ele exclamou, enquanto eu me aproximava das árvores. A voz dele era aguda, mas mais parecida com a de uma criança do que o tipo exagerado de vozes de fadas que eu já ouvi em desenhos animados. "Agora me lembro de onde vi esses pratos antes! Seu verme mortal, feio, sorrateiro, de mãos vazias, nariz grande e pés chatos!

"Oi, Toot", eu disse a ele. "Você se lembra do nosso acordo da última vez ou precisamos revê-lo novamente?"

Toot olhou desafiadoramente para mim e bateu o pé no chão. Mais poeira das fadas prateada saiu do impacto. "Liberte-me!" Ele exigiu. "Ou eu direi à rainha!"

"Se eu não soltar você", apontei, "você não pode contar à rainha. E você sabe tão bem quanto eu o que ela diria sobre uma fadinha tola o suficiente para ser pego com uma isca de pão, leite e mel."

Toot cruzou os braços desafiadoramente sobre o peito. "Eu te aviso mortal. Solte-me agora ou sentirá o poder terrível e irresistível da magia das fadas! Eu vou apodrecer os dentes da sua cabeça! Tirar seus olhos das órbitas! Encher sua boca com esterco e seus ouvidos com vermes!"

"Pode jogar seu melhor tiro", eu disse a ele. "Depois disso, podemos conversar sobre o que você precisa fazer para sair do círculo."

Eu tinha chamado o blefe dele. Sempre fiz isso, mas ele provavelmente não se lembraria muito bem dos detalhes. Se você vive algumas centenas de anos, tende a esquecer as pequenas coisas. Toot ficou de mau humor e chutou um pouco de terra com um pé minúsculo. "Você poderia pelo menos fingir ter medo, Harry."

"Desculpe, Toot. Eu estou sem tempo. "

"Hora, hora", reclamou Toot. "Isso é tudo em que vocês mortais podem pensar? Todo mundo está reclamando do tempo! A cidade inteira corre para a esquerda e para a direita gritando sobre chegar atrasada e tocar buzinas! Vocês costumavam saber das coisas, sabia?"

Eu aguentei a palestra tranquilo. Toot nunca conseguiu manter sua mente no mesmo assunto por tempo suficiente para realmente encher o saco, em qualquer caso.

- Ora, lembro-me do povo que morava aqui antes de vocês seres pálidos e barulhentos chegarem. Eles nunca se queixaram de úlceras ou ...” Os olhos de Toot vagaram para o pão e o leite e mel novamente, e cintilaram. Ele andou para lá, depois pegou o pão restante, ensopando todo o mel e comendo-o com movimentos gananciosos e parecidos com pássaros.

“Isso é do bom, Harry. Não tem nada daquelas coisas engraçadas dentro deles.

"Conservantes", eu disse.

“Tanto faz.” Toot também bebeu o leite, em um longo gole, e logo caiu de costas, batendo na barriga arredondada. "Tudo bem", disse ele. "Agora, me deixe sair."

“Ainda não, Toot. Preciso de algo primeiro.”

Toot fez uma careta para mim. “Vocês magos. Sempre precisando de algo. Eu realmente poderia fazer a coisa com o esterco, sabia.” Ele se levantou e cruzou os braços altivamente sobre o peito, olhando para mim como se eu não fosse uma dúzia de vezes mais alto que ele. "Muito bem", disse ele, seu tom elevado. "Eu me dignei a conceder a você um único pedido de natureza pequena, pelo generoso presente de sua culinária."

Eu trabalhei para manter a cara séria. "É muita gentileza da sua parte."

Toot fungou e de alguma forma conseguiu olhar para o seu pequeno nariz de pug. "É da minha natureza ser benevolente e sábio."

Eu balancei a cabeça, como se isso fosse uma sabedoria muito grande. “Uh-huh. Olha, Toot. Preciso saber se você esteve por esse lugar nas últimas noites ou se conhece alguém que estava. Estou procurando alguém, e talvez ele tenha vindo aqui. "

"E se eu lhe disser", disse Toot, "suponho que você desmanchará esse círculo que, por alguma estranha coincidência, sem dúvida, passou por mim?"

"Seria apenas razoável", eu disse, com toda a seriedade.

Toot pareceu considerar, como se ele estivesse inclinado a não cooperar, depois assentiu. "Muito bem. Você terá as informações que deseja. Me solte.

Eu estreitei meus olhos. "Você tem certeza? Você promete?"

Toot bateu o pé novamente, espalhando mais mechas de poeira de prata. "Harry! Você está arruinando o drama! "

Eu cruzei meus braços. "Eu quero ouvir você prometer."

Toot levantou as mãos. "Certo, certo, certo! Eu prometo, eu prometo, eu prometo! Eu vou desenterrar o que você quer saber!" Ele começou a zumbir sobre o círculo em grande agitação, as asas levantando-o facilmente no ar. "Me deixe sair! Deixe-me sair!"

Uma promessa feita três vezes é o mais próximo da verdade absoluta que você pode obter de uma fada. Fui rapidamente para o círculo e passei o pé sobre linha desenhada na terra, querendo que o círculo se separasse. Ele o fez, com um pequeno chiado de energia liberada.

Toot riscou as águas do lago Michigan novamente, um cometa prata em miniatura e desapareceu em um piscar de olhos, como o Papai Noel. Embora eu deva dizer que o Papai Noel é uma fada muito maior e mais poderosa que Toot, e não sei o nome verdadeiro dele. Você nunca me veria tentando prender o Noel em um círculo mágico, mesmo que eu o fizesse. Não acho que alguém tenha bolas tão grandes.

Eu esperei, caminhando para não cair no sono. Se eu fizesse isso, Toot estaria perfeitamente dentro de seus direitos como uma fada para cumprir sua promessa, contando as informações enquanto eu estava dormindo. E, como eu o havia capturado e humilhado, ele provavelmente faria algo para equilibrar a balança, daqui a duas semanas ele nem se lembraria, mas se eu desse uma chance para ele hoje à noite, eu poderia acordar com a cabeça de

um burro, e não acho que isso seria bom para os negócios.

Então, eu andei e esperei. Toot normalmente levava cerca de meia hora para reunir o que eu queria saber.

Com certeza, meia hora depois, ele voltou brilhando e zumbiu em volta da minha cabeça, chuviscando poeira das suas asas borradas nos meus olhos. "Ah, Harry!" Ele disse. "Consegui!"

"O que você descobriu, Toot?"

"Adivinhe!"

Eu bufei. "Não."

“Ah, vamos lá. Apenas um palpite?

Eu fiz uma careta, cansada e irritada, mas tentei não mostrar. Toot não tinha como deixar de ser o que era. "Toot, é tarde. Você prometeu me contar.”

"Nada divertido", ele reclamou. "Não é de admirar que você não consiga um encontro, a menos que alguém queira saber algo de você."

Eu pisquei para ele, e ele riu alegre. “Hah! Eu amo isso! Estamos te observando, Harry Dresden!”

Agora isso era desconcertante. Eu tive uma imagem repentina de uma dúzia de fadas vouyer pairando em volta das janelas do meu apartamento e olhando para dentro. Eu teria que tomar precauções para garantir que eles não pudessem fazer isso. Não que eu estivesse com medo deles, ou qualquer coisa. Só precaução.

"Apenas me diga, Toot", suspirei.

"Chegando!", Ele gritou, e eu estendi minha mão, dedos esticados e palma para cima. Ele desceu no centro da minha palma. Eu mal podia sentir seu peso, mas a sensação, a aura dele percorreu minha pele como uma pequena corrente elétrica. Ele olhou sem medo para os meus olhos - as fadas não têm almas para contemplar e não conseguiriam entender a alma de um mortal,

mesmo que pudessem vê-la.

"Ok!" Toot disse. "Conversei com Blueblossom, que conversou com Rednose, que falou com Meg O 'Aspens, que disse que Goldeneyes disse que estava andando no carro de pizza quando vieram aqui ontem à noite!" Toot esticou o peito com orgulho.

"Carro de pizza?", Perguntei, confuso.

"Pizza!" Toot gritou, exultante. "Pizza! Pizza! Pizza!" As asas dele bateram de novo, e tentei piscar a maldita poeira dos meus olhos antes de começar a espirrar.

"Fadas gostam de pizza?" eu perguntei.

"Oh, Harry", disse Toot sem fôlego. "Você nunca comeu pizza antes?"

"Claro que sim", eu disse.

Toot parecia ferido. "E você não compartilhou?"

Suspirei. "Certo. Talvez eu possa trazer uma pizza para vocês em breve, para agradecer sua ajuda."

Toot pulou de alegria, pulando de uma ponta de dedo para a outra. "Sim! Sim! Espere até eu contar! Vamos ver quem ri de Toot-toot na próxima vez! "

"Toot", eu disse, tentando acalmá-lo, "ele viu mais alguma coisa?"

Toot riu, sua expressão maliciosa e sugestiva. "Ele disse que havia mortais praticando e que eles precisavam de pizza para recuperar suas forças!"

"Qual a pizzaria, Toot?"

A fada piscou e olhou para mim como se eu fosse irremediavelmente estúpida. "Harry. O carro de pizza." E então ele disparou para o céu, desaparecendo nas árvores acima.

Suspirei e assenti. Toot não saberia a diferença entre a Domino's e a Pizza

Hut. Ele não tinha um quadro de referência e não sabia ler - a maioria das fadas era avidamente contra a impressão.

Então, eu tinha duas informações. A primeira, alguém pediu uma pizza para ser entregue aqui. Isso significava duas coisas. Uma é que alguém esteve aqui ontem à noite. A outra é que alguém os viu e conversou com eles. Talvez eu pudesse encontrar o motorista da pizzaria e perguntar se ele tinha visto Victor Sells.

A segunda informação foi a referência de Toot a treinar. As fadas não pensavam muito na idéia dos mortais de "praticar esportes", a menos que houvesse muita nudez e luxúria envolvidas. Eles tinham uma inclinação para seguir adolescentes cheio de hormônios e pregar peças neles. Então Victor estava aqui com algum tipo de amante, para que houvesse qualquer "esporte" acontecendo.

Eu estava começando a pensar que Monica Sells estava em negação. Seu marido não estava andando por aí aprendendo a ser um feiticeiro, apesar dos talismãs assustadores de escorpião. Ele estava escondido em seu ninho de amor com uma namorada, como qualquer outro marido entediado, com uma esposa tímida e doméstica, poderia fazer sob pressão. Não era admirável, mas acho que conseguia entender as motivações que poderiam causar isso.

O único problema seria contar a Monica. Tive a sensação de que ela não queria ouvir o que eu descobrira.

Peguei o pequeno prato, a tigela e o copo e os coloquei de volta na minha mochila de nylon preta, junto com a faca de prata. Minhas pernas doíam de andar muito e ficar de pé. Eu estava ansioso para chegar em casa e dormir um pouco.

O homem com a espada nua nas mãos apareceu da escuridão sem um farfalhar de som ou cheiro de magia para anunciar sua presença. Ele era alto, como eu, mas amplo e de peito pesado, e carregava seu peso com uma espécie de dignidade. Talvez com cinquenta anos, seu apático cabelo castanho ficando grisalho em manchas desiguais, ele usava um casaco longo e preto, muito parecido com o meu, mas sem o manto, e sua jaqueta e calça também eram feitas em cores escuras - carvão e uma azul. A camisa dele era

branca, pura, da cor que você costuma ver apenas com smoking. Seus olhos eram cinzentos, tocados com pés de galinha nos cantos, e perigosos. A luz da lua brilhava naqueles olhos no mesmo tom que o da prata mais brilhante da lâmina da espada. Ele começou a andar deliberadamente em minha direção, falando em voz baixa enquanto fazia isso.

“Harry Blackstone Copperfield Dresden. O uso irresponsável de nomes verdadeiros para convocar e vincular outros à sua vontade viola a Quarta Lei da Magia”, entoou o homem. “Eu lembro que você está sob a Condenação de Damocles. Nenhuma outra violação das Leis será tolerada. A sentença para mais violações é a morte, pela espada, que deve ser executada imediatamente.”

Capítulo Sete

Você já foi abordado por um homem de aparência sombria, carregando uma espada nua com uma lâmina de cerca de 16 quilômetros de comprimento na mão, no meio da noite, sob as estrelas nas margens do lago Michigan? Se você tiver, procure ajuda profissional. Se você não tiver, então acredite em mim, isso pode assustá-lo.

Respirei fundo e tive que trabalhar para não transformar a expiração em uma frase de pseudolatim que incendiaria o corpo do homem e o reduziria a um monte de cinzas. Eu reajo mal ao medo. Normalmente, não tenho o bom senso de correr ou me esconder, apenas tento esmagar o que quer que esteja me deixando com medo. É um tipo de coisa primitiva, e não questiono muito.

Mas assassinato baseado em reflexos parecia um pouco extremo, então, em vez de incendiá-lo, assenti. “Boa tarde, Morgan. Você sabe tão bem quanto eu que essas leis se aplicam aos mortais. Não fadas. Especialmente para algo tão trivial como eu acabei de fazer. E eu não quebrei a Quarta Lei. Ele teve a escolha de aceitar meu acordo ou não.”

O rosto azedo e corajoso de Morgan ficou um pouco mais azedo, as linhas nos cantos da boca se esticaram e ficaram mais profundas. "Isso é uma tecnicalidade, Dresden. Um par delas.” Suas mãos, largas e fortes, apertaram a espada que ele segurava. Seu cabelo grisalho desigualmente estava preso em um rabo de cavalo nas costas, como o de Sean Connery em alguns de seus filmes, exceto que o rosto de Morgan era muito comprimido e fino para o visual ficar bom.

"Essa é sua argumentação?" fiz o meu melhor para não parecer nervoso ou impressionado. Verdade seja dita, eu estava ambos. Morgan era meu Sentinela, designado pelo Conselho Branco para me certificar de que não violei ou violarei nenhuma das Leis da Magia. Ele andava por aí e me espionava, principalmente, e geralmente depois que eu lançava algum tipo de feitiço. Eu ficaria puto se deixasse o cão de guarda do Conselho Branco ver qualquer medo em mim. Além disso, ele consideraria isso um sinal de culpa,

no verdadeiro espírito de fanáticos paranóicos em toda parte. Então, tudo que eu precisava fazer era manter a cara séria e sair antes que meu cansaço me fizesse vacilar e fazer ou dizer algo que ele pudesse usar contra mim.

Morgan era um dos evocadores mais mortais do mundo. Ele não era inteligente o suficiente para questionar sua lealdade ao Conselho, e podia fazer mágica rápida e suja como poucas pessoas.

Rápida e suja o suficiente para arrancar os corações dos peitos de Tommy Tomm e Jennifer Stanton, de fato, se ele quisesse.

"Meu argumento", disse ele, carrancudo, "é que é meu dever monitorar o uso de seu poder e garantir que você não o abuse".

"Estou em um caso de desaparecimento", eu disse. “Tudo o que fiz foi chamar uma fadinha para obter algumas informações. Qual é, Morgan. Todo mundo chama fadas de vez em quando. Não há mal nisso. Não é como se eu estivesse controlando as coisas. Apenas empurrando um pouco elas.”

"Técnicalidades", Morgan rosnou.

Eu estiquei meu queixo para ele, combativo. Nós tínhamos quase a mesma altura, embora ele me superasse em cerca de 45 quilos. Eu poderia escolher pessoas melhores para antagonizar, mas ele realmente conseguia entrar sob a minha pele. "Uma tecnicalidade que estou preparado para me esconder atrás sem nem pensar. Portanto, a menos que você queira convocar uma reunião do Conselho, podemos simplesmente encerrar a discussão aqui. Tenho certeza de que levará apenas dois dias para eles cancelarem todos os seus planos, se organizarem para a viagem e depois chegar aqui. Eu posso te aguentar até lá. Quero dizer, você estaria arrastando um bando de velhotes para longe de suas coisas e experimentos por nada, mas se você realmente acha que é necessário ..."

Morgan fez uma careta para mim. "Não. Não vale a pena.” Ele abriu o casaco escuro e enfiou a espada na bainha. Eu relaxei um pouco. A espada não era a coisa mais perigosa a seu respeito, nem de longe, mas era o símbolo da autoridade que lhe fora dada pelo Conselho Branco, e se os rumores eram verdadeiros, era encantada para cortar os feitiços de alguém resistindo a ele.

Eu não queria que as coisas chegassem longe o suficiente para eu descobrir se os rumores eram verdadeiros.

"Fico feliz que concordamos com algo", eu disse. "Prazer em vê-lo novamente." Comecei a passar por ele.

Morgan colocou uma daquelas mãos grandes no meu braço enquanto eu passava, e seus dedos se fecharam em torno dele. "Eu não terminei com você, Dresden."

Não ousava mexer com Morgan quando ele estava atuando em seu papel de Sentinela do Conselho Branco. Mas ele não estava usando esse chapéu agora. Depois de guardar a espada, ele estava agindo por conta própria, sem autoridade oficial maior do que a de qualquer outro homem, ou pelo menos essa era a verdade técnica. Morgan era grande em tecnicalidades. Ele me assustou e me irritou, sucessivamente. Agora ele estava tentando me intimidar. Eu odeio valentões.

Então, corri um risco calculado, usei minha mão livre e acertei-o o mais forte que pude na boca.

Eu acho que o golpe o atordoou mais do que tudo. Ele deu um passo para trás, soltando meu braço surpreso, e apenas piscou para mim. Ele colocou uma mão na boca e, quando afastou os dedos, havia sangue neles.

Plantei meus pés e o encarei, sem encontrar seus olhos. "Não me toque."

Morgan continuou a me encarar. E então vi a raiva rastejar por seu rosto, apertar sua mandíbula, destacar as veias de sua têmpora.

“Como você se atreve?” Ele disse. "Como você ousa me atacar?"

"Não foi tão difícil", eu disse. "Se você tem negócios com o Conselho comigo, estou disposto a lhe dar o respeito que lhe for devido. Quando você vem pra cima de mim por assuntos pessoais, não preciso tolerar isso.”

Eu vi o vapor saindo de seus ouvidos enquanto ele refletia. Ele procurou uma razão para vir pra cima de mim e percebeu que não tinha uma, de acordo com

as Leis. Ele não era muito inteligente, eu já mencionei isso? e ele era muito focado em seguir as Leis. "Você é um tolo, Dresden", ele cuspiu finalmente. "Um tolo arrogante."

"Provavelmente", eu disse a ele. Eu me tensionei para me mover rapidamente, se necessário. Posso não gostar de fugir do que me assusta, mas também tento não lutar batalhas sem esperança, e Morgan tinha bem mais anos de experiência que eu e pelo menos 45 quilos a mais. Também não havia Lei da Magia que me protegesse dos punhos dele, e se ele pensasse nisso, ele poderia decidir fazer algo a respeito. Aquele soco que eu tinha dado o pegou de surpresa, saindo do nada. Eu não iria me safar de novo.

“Alguém matou duas pessoas com feitiçaria ontem à noite, Dresden. Eu acho que foi você. E quando eu descobrir como você fez isso e o rastrear de volta para você, não pense que vai viver o suficiente para lançar o mesmo feitiço em mim.” Morgan limpou o sangue com seu grande punho.

Foi a minha vez de piscar. Tentei mudar de marcha mental, para acompanhar a mudança de assunto. Morgan pensava que eu era o assassino. E como Morgan não pensava muito, isso significava que o Conselho Branco pensava que eu era o assassino. Puta merda.

Claro, fazia sentido, do ponto de vista estreito e decidido de Morgan. Um mago matou alguém. Eu era um mago que já havia sido condenado por matar outro com magia, mesmo que a cláusula de autodefesa me impedisse de ser executado. Os policiais procuravam pessoas que já haviam cometido crimes antes de começarem a procurar outros culpados. Morgan era apenas outro tipo de policial, no que me dizia respeito.

E, para ele, eu era apenas mais um condenado perigoso.

"Você não está falando sério", eu disse a ele. "Você acha que eu fiz isso?"

Ele zombou de mim. Sua voz era desdenhosa, confiante e fervilhando com absoluta convicção. "Não tente esconder, Dresden. Tenho certeza de que você se acha esperto o suficiente para criar algo inovador que nós homens velhos que não conseguiremos rastrear. Mas você está errado. Determinaremos como você fez isso e seguiremos o rastro de volta para você. E quando o

fizermos, estarei lá para garantir que você nunca mais machuque ninguém.”

"Fique à vontade", eu disse a ele. Era difícil, muito difícil, manter minha voz tão alegre quanto eu queria que soasse. "Eu não fiz isso. Mas estou ajudando a polícia a encontrar o homem que fez.”

"A polícia?" Morgan perguntou. Ele estreitou os olhos, como se estivesse avaliando minha expressão. “Como se eles tivessem qualquer autoridade sobre este assunto. Eles não vão te ajudar. Mesmo se você colocar alguém para assumir a culpa por você sob a lei mortal, o Conselho Branco fará que a justiça seja feita.” Seus olhos brilhavam, fanáticos, sob as estrelas.

"Tanto faz. Olha, se você descobrir algo sobre o assassino, qualquer coisa que possa ajudar a polícia, você me liga?”

Morgan olhou para mim com profundo desgosto. “Você quer que eu te avise quando estivermos perto de você, Dresden? Você é jovem, mas nunca pensei que você fosse burro.”

Mordi o comentário óbvio que me veio à mente. Morgan já estava à beira da fúria. Se eu tivesse percebido o quão louco ele estava em me pegar escorregando, eu não teria acrescentado mais combustível ao seu fogo batendo nele.

OK. Eu provavelmente ainda o teria acertado na boca. Mas eu não teria batido tão forte.

"Boa noite, Morgan", eu disse a ele. Comecei a me afastar novamente, antes que eu deixasse minha boca me meter em mais problemas.

Ele se moveu mais rápido do que eu teria dado crédito a um homem de sua idade. Seu punho atravessou minha mandíbula a aproximadamente um milhão de quilômetros por hora, e eu cai no chão como uma marionete cortada com barbante. Por vários longos momentos, eu fui incapaz de fazer qualquer coisa, até respirar. Morgan pairava sobre mim.

"Nós estaremos observando você, Dresden." Ele se virou e começou a se afastar, as sombras da noite rapidamente engoliram seu casaco preto. Sua voz

chegou a mim com o vento. "Vamos descobrir o que realmente aconteceu".

Não me atrevi a dar uma resposta esperta. Senti minha mandíbula com os dedos e certifiquei-me de que não estivava quebrada, antes de me levantar e voltar para o Fusca, minhas pernas soltas e bambas. Eu esperava fervorosamente que Morgan descobrisse o que realmente aconteceu. Isso impediria o Conselho Branco de me executar por violar a Primeira Lei, pelo menos.

Eu podia sentir seus olhos nas minhas costas por todo o caminho até o Fusca. Droga, Morgan. Ele não precisava demonstrar tanto prazer em ser designado para me espionar. Tive a sensação de que em qualquer lugar que eu fosse nos próximos dias, ele provavelmente estaria assistindo. Ele era como aquele gato grande e caricatural, esperando do lado de fora da toca do rato esperando que o ratinho mostrasse o nariz para poder esmagá-lo com uma pata grande. Eu estava me sentindo muito como o ratinho.

Eu deixei essa analogia me animar um pouco. Os gatos dos desenhos animados sempre pareciam levar a pior, no final das contas. Talvez Morgan levasse também.

Uma parte do problema era que ver Morgan sempre trazia muitas lembranças dos meus dias de angústia na adolescência. Foi quando eu comecei a aprender mágica, quando meu mentor tentou me seduzir para a Magia Negra e quando tentou me matar quando falhou. Em vez disso, eu o matei, um golpe de sorte, mas ele estava morto do mesmo jeito, e eu o fiz com feitiçaria. Eu quebrei a Primeira Lei da Magia: Não Matarás. Existe apenas uma frase, se alguém for considerado culpado, e uma espada que eles usam para executá-la.

O Conselho Branco adiou a sentença de morte, porque a tradição exige que um mago possa recorrer ao uso de força mortal se estiver defendendo sua própria vida ou a vida de pessoas indefesas, e minha alegação de que eu havia sido atacado primeiro não poderia ser contestada pelo cadáver do meu mestre. Então, em vez disso, eles me prenderam em uma espécie de liberdade condicional acelerada: um vacilo e eu estávamos fora. Havia alguns bruxos que pensavam que o julgamento contra mim era uma injustiça ridícula (por acaso eu era um deles, mas meu voto realmente não contava) e outros que pensavam que eu deveria ter sido executado independentemente das

circunstâncias atenuantes. Morgan pertencia a esse último grupo. Apenas minha sorte.

Eu estava me sentindo um pouco irritado com todo o Conselho Branco, deixando de lado as intenções benevolentes. Eu acho que fazia sentido que eles suspeitassem de mim, e Deus sabe que eu fui um espinho ao lado deles, voando na cara da tradição praticando minha arte abertamente. Havia muitas pessoas no Conselho que poderiam muito bem me querer morto. Eu teria que começar a ser mais cuidadoso.

Abri as janelas do Fusca no caminho de volta para Chicago para me ajudar a ficar acordado. Eu estava exausto, mas minha mente estava correndo como um hamster em uma roda de exercício, trabalhando furiosamente, sem chegar a lugar algum.

A ironia era grossa o suficiente para fazer minha língua enrolar. O Conselho Branco suspeitava de mim pelos assassinatos e, se nenhum outro suspeito surgisse, eu seria culpado. A investigação de Murphy acabara de se tornar muito, muito importante para mim. Mas, para prosseguir com a investigação, eu teria que tentar descobrir como o assassino havia desencadeado esse feitiço e, para fazer isso, teria que me dedicar a pesquisas altamente questionáveis que provavelmente seriam suficientes para me condenar à morte por si só. Uma situação sem saída. Se eu tivesse algum respeito pela inteligência de Morgan, eu suspeitaria que ele tinha cometido os assassinatos para que eu levasse a culpa.

Mas isso simplesmente não funcionava. Morgan podia torcer e dobrar as regras, para conseguir o que ele via como justiça, mas nunca as violaria descaradamente. Mas se não fosse Morgan, quem poderia ter feito isso? Não havia tantas pessoas capazes de obter energia suficiente para esse tipo de feitiço para fazê-lo funcionar - a menos que houvesse alguma falha na quase-física que governava a magia que deixava os corações explodirem mais facilmente do que outras coisas; e eu não saberia disso até ter feito a pesquisa proibida.

Bianca teria mais informações sobre quem poderia ter feito isso - ela tinha que ter. Eu já tinha planejado conversar com a vampira, mas a visita de Morgan fez disso uma necessidade, e não apenas uma prioridade. Murphy

não ficaria muito feliz por eu estar me jogando para o lado dela na investigação. E, o melhor de tudo, como os negócios do Conselho Branco eram secretos para os não-bruxos, eu não seria capaz de explicar a ela por que estava fazendo isso. Mais alegria.

Sabe, às vezes acho que alguém lá em cima realmente me odeia.

Capítulo Oito

Quando cheguei em casa, já era mais de duas da manhã. O relógio no Fusca não funcionava (é claro), mas adivinhei pela posição das estrelas e da lua. Eu estava exausto, cansado, e meus nervos estavam tão esticados e apertados quanto as cordas da guitarra.

Como não era provável que eu dormisse, decidi fazer uma pequena alquimia para me ajudar a relaxar.

Eu sempre desejei ter um hobby suave e socialmente aceitável em que pudesse recorrer em momentos como este. Você sabe, tocar violino (ou era viola?) como Sherlock Holmes, ou talvez tocar em um órgão de tubos como a versão Disney do Capitão Nemo. Mas eu não. Eu sou o equivalente arcano de um nerd clássico. Eu faço mágica, de uma forma ou de outra, e é isso mesmo. Eu realmente preciso ter uma vida, um dia desses.

Meu apartamento ficava no porão, embaixo de uma casa grande e espaçosa, que foi dividida em vários apartamentos diferentes. O porão e o subsolo abaixo são os meus, o que é bem legal. Sou o único inquilino morando em dois andares e meu aluguel é mais barato que o de todas as pessoas que têm janelas inteiras.

A casa era cheia de rangidos, suspiros e tábuas, o tempo e a vida deixaram suas impressões na madeira e no tijolo. Eu posso ouvir todos os sons, todo o caráter do lugar, acima e ao redor de mim durante toda a noite. É um lugar antigo, mas canta na escuridão e está vivo, à sua maneira peculiar. É meu lar.

Mister estava me esperando no pé da escada que levava à porta da frente do apartamento. Mister é um enorme gato cinzento. Quero dizer, enorme. Existem cães menores que Mister. Ele pesa pouco mais de 15 quilos e não há uma nada de gordura em seu corpo. Eu acho que talvez o pai dele fosse um gato selvagem ou um lince ou algo assim. Eu encontrei Mister em uma lata de lixo cerca de três anos antes, um gatinho miado, com o rabo arrancado por um cachorro ou um carro, nunca tive certeza do que, mas Mister odiava os

dois e atacava ou fugia deles quando os via.

Mister recuperou sua dignidade nos meses seguintes e logo passou a acreditar que ele era o inquilino do apartamento, e eu era alguém que ele mal tolerava compartilhar o espaço com ele. Agora ele olhou para cima e miou em um tom irritado.

"Eu pensei que você tinha um encontro quente", eu disse a ele.

Ele caminhou até mim e bateu um ombro de brincadeira no meu joelho. Eu cambaleei, recuperei meu equilíbrio e destranquei a porta. Mister, como era próprio, entrou antes de mim.

Meu apartamento é um estúdio, uma sala não muito grande com uma cozinha no canto e uma lareira ao lado. Há uma porta que leva para outro cômodo, meu quarto e banheiro, e depois há a porta com dobradiças no chão que desce para o subsolo, onde mantenho meu laboratório. As coisas são muito texturizadas, existem vários tapetes no chão, tapeçarias nas paredes, uma coleção de bugigangas e esquisitices em todas as superfícies disponíveis, meu cajado e minha espada na bengala no canto, e várias estantes abarrotadas que eu realmente iria organizar um dia.

Mister foi até seu lugar diante da lareira e exigiu que fosse acesa. Eu o atendi com um fogo e acendi uma lanterna também. Ah, eu tenho luzes e assim por diante, mas elas queimam com tanta frequência que quase não vale a pena acendê-las. E não quero me arriscar com o aquecedor a gás. Fico com as coisas simples, a lareira e minhas velas e lanternas. Eu tenho um fogão a carvão especial e uma abertura para remover a maior parte da fumaça, embora o lugar cheire um pouco de fumaça de lenha e carvão, não importa o que eu faça.

Tirei meu casaco e coloquei meu robe pesado de flanela antes de ir para o laboratório. É por isso que os magos usam túnicas, eu juro. É muito frio no laboratório para ficar sem um. Desci a escada para o laboratório, carregando minha vela comigo e acendi algumas lanternas, um par de queimadores e um aquecedor a querosene no canto.

As luzes se acenderam e revelaram uma longa mesa no centro da sala, outras

mesas contra três das paredes ao redor, e um espaço livre em uma extremidade da sala onde um círculo de metal havia sido colocado no chão e fixado no cimento com parafusos em forma de U. As prateleiras sobre as mesas estavam cheias de gaiolas vazias, caixas, Tupperware, jarros, latas, recipientes de todos os tipos, um par de chifres incomuns, um par de pelo animal, vários livros velhos e mofados, uma longa fila de cadernos cheios de minha escrita apertada e um crânio humano branco alvejado.

"Bob", eu disse. Comecei a limpar o espaço em cima da mesa central, jogando caixas e sacos de supermercado e os tubos de plástico sobre o círculo de latão no chão. Eu precisava de espaço para trabalhar. "Bob, acorde."

Houve um momento de silêncio, enquanto eu começava a pegar algumas coisas das prateleiras. "Bob!" Eu disse, mais alto. "Hora de balançar o esqueleto."

Um par de luzes surgiu nas cavidades vazias do crânio, alaranjadas, tremeluzindo como chamas de velas. "Não basta", disse o crânio, "eu ter que acordar. Eu tenho que acordar com trocadilhos ruins. Qual seu problema que você tem que fazer trocadilhos ruins?

"Pare de choramingar", eu disse alegremente. "Temos trabalho a fazer."

Bob a Caveira resmungou alguma coisa em francês antigo, acho, embora tenha me perdido quando ele chegou às improbabilidades anatômicas dos sapos-boi. Ele bocejou e seus dentes ossudos estremeceram quando sua boca se fechou novamente. Bob não era realmente um crânio humano. Ele era um espírito do ar, mais ou menos como uma fada, mas diferente. Ele morou dentro do crânio que havia sido preparado para ele várias centenas de anos atrás, e era seu trabalho lembrar as coisas. Por razões óbvias, não posso usar um computador para armazenar informações e acompanhar as leis quase-físicas que mudam lentamente. Por isso eu tinha o Bob. Ele havia trabalhado com dezenas de magos ao longo dos anos, e isso lhe dera um vasto repertório de conhecimento, isso e uma atitude realmente arrogante. "Malditos magos", ele murmurou.

"Eu não consigo dormir, então vamos fazer algumas poções. Parece bom?"

"Como se eu tivesse escolha", disse Bob. "Qual é a ocasião?"

Atualizei Bob sobre o que aconteceu naquele dia. Ele assobiou (um truque impressionante sem os lábios) e disse: "Parece pegajoso".

"Muito pegajoso", eu concordei.

“Vou te dizer uma coisa”, ele disse. "Deixe-me sair para passear e eu lhe digo como sair dela."

Isso me deixou desconfiado. “Bob, eu deixei você sair uma vez. Lembra?"

Ele assentiu sonhadoramente, raspando osso na madeira. “A república estudantil. Eu lembro."

Eu bufei e comecei a ferver um pouco de água sobre um dos queimadores. "Você deveria ser um espírito de intelecto. Não entendo por que você é obcecado por sexo. "

A voz de Bob ficou na defensiva. "É um interesse acadêmico, Harry."

"Sério? Bem, talvez eu não ache justo deixar sua academia espiar na casa de outras pessoas. "

"Espere um minuto. Minha academia não apenas espia ...

Eu levantei uma mão. "Pode parar. Eu não quero ouvir isso. "

Ele resmungou. "Você está banalizando o que sair um pouco significa para mim, Harry. Você está insultando minha masculinidade.”

"Bob", eu disse, "você é uma caveira. Você não tem masculinidade para insultar. "

"Ai é?" Bob me desafiou. “Corvo chamando o urubu de preto, Harry! Você já conseguiu um encontro? Hã? A maioria dos homens tem algo melhor para fazer no meio da noite do que brincar com seus joguinhos de química.”

"Na verdade", disse a ele, "tenho um marcado para o sábado à noite".

Os olhos de Bob flutuaram de laranja para vermelho. "Oooooo." Ele riu. "Ela é bonita?"

"Pele escura", eu disse. “Cabelo escuro, olhos escuros. Pernas para morrer. Inteligente, sexy como o inferno.

Bob riu. "Acha que ela gostaria de ver o laboratório?"

"Tire sua mente da sarjeta."

"Não, sério", disse Bob. "Se ela é tão legal, o que ela está fazendo com você? Você não é exatamente Sir Gawain, sabe.”

Foi a minha vez de ficar na defensiva. "Ela gosta de mim", eu disse. "Isso é um choque?"

"Harry", Bob falou lentamente, suas luzes piscando presunçosamente, "com o que você sabe sobre mulheres, eu poderia fazer malabarismos."

Eu olhei para Bob por um momento, e percebi com uma sensação certeira que o crânio provavelmente estava certo. Não que eu fosse admitir isso para ele, nem em um milhão de anos, mas ele estava.

"Nós vamos fazer uma poção de fuga", eu disse a ele. "Eu não quero ficar a noite toda, então podemos trabalhar? Hã? Só me lembro de metade da receita.”

"Sempre há espaço para fazer duas se você estiver fazendo uma, Harry. Você sabe disso."

Isso era verdade. O processo de mistura de uma poção alquímica é praticamente mexer, ferver e aguardar. Você sempre podia preparar outra e alternar entre elas. Às vezes, você poderia até fazer três, embora isso esteja arriscado. "Ok, então, vamos fazer uma cópia."

"Oh, qual é", Bob me repreendeu. "Isso é chato. Você deveria se desafiar. Tentar algo novo."

"Como o quê?"

As órbitas dos olhos de Bob brilharam alegremente. “Uma poção do amor, Harry! Se você não me deixar sair, pelo menos deixe-me fazer isso! Os espíritos sabem que você teria uso e ...

"Não" eu disse com firmeza. "De jeito nenhum. Sem poção do amor.”

"Tudo bem", disse ele. "Sem poção do amor, sem poção de fuga também."

"Bob", eu disse, avisando.

As luzes dos olhos de Bob se apagaram.

Eu rosnei. Eu estava cansado e irritadiço e, nas melhores circunstâncias, não sou exatamente uma personalidade do tipo A. Fui até lá, peguei Bob pelas mandíbulas e o sacudi. "Ei!", Gritei. "Bob! Saia daí! Ou eu vou pegar esse crânio e jogá-lo no poço mais profundo que eu puder encontrar! Juro por você, vou colocá-lo em algum lugar onde ninguém possa deixá-lo sair nunca mais!”

Os olhos de Bob acenderam por um momento. "Não, você não vai. Eu sou valioso demais.” Então eles apagaram novamente.

Cerrei os dentes e tentei não esmagar o crânio em pedacinhos no chão. Respirei fundo, convocando anos de treinamento e controle para não fazer birra e quebrar o espírito em pequenos pedaços e agradáveis. Em vez disso, coloquei o crânio de volta na prateleira e contei lentamente até trinta.

Eu poderia fazer a poção sozinho? Eu provavelmente conseguiria. Mas tinha a sensação de que talvez não tivesse exatamente o efeito que eu queria. Poções eram um negócio complicado, e dependiam muito mais de detalhes precisos do que de intenções, como nos feitiços. E só porque eu fiz uma poção do amor não significava que eu precisava usá-la. Certo? De qualquer forma, só funcionaria por alguns dias, certamente não até o fim de semana. Quantos problemas isso poderia causar?

Eu lutei para racionalizar a ação. Isso apaziguaria Bob e lhe daria algum tipo de emoção vicária. As poções do amor eram as coisas mais baratas do mundo de se fazer, por isso não me custaria muito. E, pensei, se Susan me pedisse

algum tipo de demonstração de magia (como ela sempre fazia), eu sempre poderia ...

Não. Isso já era demais. Seria como admitir que eu não poderia fazer uma mulher gostar de mim sozinha e seria injusto, me aproveitar dela. O que eu queria era a poção de fuga. Talvez eu precise na casa de Bianca e sempre poderia usá-la, se as coisas piorarem, para fugir de Morgan e do Conselho Branco. Eu me sentiria muito melhor se tivesse a poção de fuga.

“Ok, Bob. certo. Você ganhou. Nós vamos fazer os dois. Tudo bem?"

As luzes dos olhos de Bob se acenderam com cautela. "Você tem certeza? Você vai fazer a poção do amor, do jeito que eu disser?”

"Eu não faço sempre as poções como você diz, Bob?"

"E aquela poção de dieta que você tentou?"

"OK. Aquilo foi um erro.”

"E a poção de antigravidade, lembra disso?"

“Nós consertamos o chão! Não foi grande coisa!”

"E a-"

"Tudo bem, tudo bem", eu rosnei. "Você não precisa esfregar na minha cara. Agora fale as receitas."

Bob fez isso, de bom humor, e pelas duas horas seguintes fizemos poções. Poções são todas feitas da mesma maneira. Primeiro, você precisa de uma base para formar o conteúdo líquido essencial, depois algo para envolver cada um dos sentidos, e depois algo para a mente e outra para o espírito. Oito ingredientes, no total, e eles são diferentes para cada poção e para cada pessoa que os faz. Bob tinha séculos de experiência e podia extrapolar os componentes mais bem-sucedidos de uma determinada pessoa e transformar em poção. Ele estava certo em ser um recurso inestimável, eu nunca tinha ouvido falar de um espírito com a experiência de Bob e tinha a sorte de tê-lo.

Isso não significava que eu não quisesse quebrar o crânio dele de vez em quando.

A poção de escape foi feita em uma base de duzentos e cinquenta mls de Coca cola. Adicionamos uma gota de óleo de motor pelo cheiro e cortamos as penas de um pássaro em pequenas lascas para obter o valor tátil. Cento e vinte cinco mls de café expresso coberto de chocolate, moído em pó, entraram em seguida. Depois, uma passagem de ônibus triturada que eu nunca usei para a mente e uma pequena corrente que eu quebrei e depois joguei, para o coração. Desdobrei um pano branco limpo, onde eu tinha uma sombra tremeluzente armazenada para essa ocasião e joguei-a na bebida, depois abri uma jarra de vidro onde mantinha os barulhos de rato e joguei o som no vasilhame onde poção estava se formando.

"Você tem certeza que isso vai funcionar, Bob?", Perguntei.

"Sempre. Essa é uma super receita, aí."

"Tem um cheiro terrível."

As luzes de Bob brilharam. "Elas costumam ter."

"O que está fazendo? Essa é aquela de super velocidade ou a de teletransporte?”

Bob tossiu. “Um pouco de ambos, na verdade. Beba e você será o vento por alguns minutos. "

"O vento?" Eu olhei para ele. "Eu nunca ouvi falar disso antes, Bob."

"Eu sou um espírito do ar, afinal", Bob me disse. "Isso vai funcionar bem. Confie em mim."

Eu resmunguei e coloquei a primeira poção em fogo brando, depois comecei a próxima. Hesitei, depois que Bob me disse o primeiro ingrediente.

"Tequila?", Perguntei a ele, cético. “Você tem certeza disso? Eu pensei que a base para uma poção do amor deveria ser champanhe.”

"Champanhe, tequila, qual é a diferença, desde que diminua suas inibições?", Disse Bob.

“Uh. Estou pensando que vai nos dar um, hum, resultado mais safado."

"Hey!" Bob protestou. "Quem é o espírito da memória aqui! Eu ou você?"

"Bem-"

"Quem tem toda a experiência com mulheres aqui? Eu ou você?"

"Bob..."

"Harry", Bob me ensinou: "Eu estava seduzindo pastoras quando você não brilhava nos olhos de seu tataravô. Eu acho que sei o que estou fazendo. "

Suspirei, cansado demais para discutir com ele. "Está bem, está bem. Credo. Tequila.” Desci a garrafa, medi duzentos e cinquenta mls no copo e olhei para o crânio.

"Certo. Agora, 85 gramas de chocolate preto.”

"Chocolate?" Eu perguntei.

"Garotas adoram chocolate, Harry."

Eu murmurei, mais interessado em terminar do que qualquer outra coisa, e medi os ingredientes. Fiz o mesmo com uma gota de perfume (uma imitação de marca que eu gostava), 25 gramas de renda desfiada e o último suspiro no fundo da jarra de vidro. Eu adicionei um pouco de luz de velas à mistura, e ela assumiu um brilho rosado e dourado.

"Ótimo", disse Bob. "É isso mesmo. Ok, agora adicionamos as cinzas de uma carta de amor apaixonada.”

Eu pisquei para o crânio. “Bob. Eu acabei de ficar sem."

Bob bufou. “Como eu adivinhei. Olhe na prateleira atrás de mim.”

Eu olhei e encontrei um par de livros de romance, suas capas cheias de carne incrivelmente deliciosas. "Ei! Onde você conseguiu isso?

"Minha última saída", Bob respondeu alegremente. "Página cento e setenta e quatro, o parágrafo que começa com 'Seus seios brancos leitosos'. Rasgue a página e queime-a e adicione essas cinzas".

Eu engasguei. "Isso vai funcionar?"

“Ei, as mulheres comem essas coisas. Confie em mim."

"Tudo bem", eu suspirei. "Este é o ingrediente espiritual?"

"Uh-huh", disse Bob. Ele estava balançando de um lado para o outro em seus maxilares em emoção. "Agora, apenas uma colher de chá de diamante em pó, e terminamos."

Esfreguei meus olhos. "Diamante. Não tenho diamantes, Bob. "

"Eu imaginei. Você é pão duro, é por isso que as mulheres não gostam de você. Olha, apenas rasgue uma nota de cinquenta em pedacinhos e coloque isso aí.

"Uma nota de cinquenta dólares?" Eu exigi.

"Dinheiro", Bob opinou. "Muito sexy."

Eu murmurei e tirei os cinquenta restantes do meu bolso, rasgando-o e jogando-o para completar a poção.

O próximo passo era onde o esforço entrava. Depois que todos os ingredientes estiverem misturados, você precisava forçar energia suficiente através deles para ativá-los. Não são os ingredientes físicos que são importantes, é o significado que eles carregam, também, o significado que eles têm para a pessoa que faz a poção e para aqueles que a usarão.

A energia para a magia vem de muitos lugares. Pode vir de um lugar especial (geralmente algum local natural espetacular, como o Monte St. Helens ou o Velho Fiel), de algum tipo de foco (como Stonehenge é, em larga escala) ou

de dentro das pessoas. A melhor mágica vem de dentro. Às vezes, é apenas puro esforço mental, força de vontade bruta. Às vezes são emoções e sentimentos. Todos eles são viáveis para serem usados no para alimentar o fogo proverbial.

Eu tinha bastante preocupação para alimentar a magia, e muito aborrecimento e um inferno de muita teimosia. Murmurei a litania em pseudolatim necessária sobre as poções, repetidamente, sentindo uma espécie de resistência crescendo, quase fora do alcance dos sentidos físicos, mas lá. Reuni todas as minhas preocupações, raiva e teimosia e joguei todas elas contra a resistência em uma grande bola, moldando-as com a força e o tom das minhas palavras. A magia me deixou em uma onda repentina, como um jarro abruptamente esvaziado.

"Eu amo essa parte", disse Bob, no momento em que as duas poções explodiram em fumaça esverdeada e começaram a espumar sobre os lábios dos copos.

Eu caí em um banquinho e esperei que as poções diminuíssem, toda a força desapareceu de mim, o cansaço se acumulando como uma carga de tijolos nos meus ombros. Depois que a espuma se assentou, me inclinei e despejei cada poção em sua própria garrafa esportiva com uma tampa de pressão, depois rotulei os recipientes com um Marcador Mágico permanente, bem legível. Não me arrisco mais a misturar poções, desde o incidente da invisibilidade/tônico capilar, quando eu estava tentando crescer barba decente.

"Você não vai se arrepender, Harry", Bob me assegurou. "Essa é a melhor poção que eu já fiz."

"Eu fiz isso, não você", eu rosnei. Eu estava realmente exausto agora, cansado demais para deixar preocupações bobas, como uma possível execução, me impedirem de dormir.

"Claro, claro", Bob concordou. "Tanto faz, Harry."

Andei pela sala apagando todos as chamas e o aquecedor a querosene, depois subi a escada de volta ao porão sem dizer boa noite. Bob estava rindo

alegremente para si mesmo enquanto eu subia.

Eu tropecei na minha cama e caí nela. Mister sempre entra e dorme sobre minhas pernas. Eu esperei por ele, e alguns segundos depois ele apareceu, sentando-se e ronronando como um motor de popa em miniatura.

Eu lutei para montar um itinerário para os próximos dias através da névoa de exaustão. Fale com o vampiro. Localize o marido desaparecido. Evite a ira do Conselho Branco. Encontre o assassino.

Antes que ele me encontre.

Um pensamento desagradável, mas decidi que não deixaria que isso me incomodasse também, e me enrolei para dormir.

Capítulo Nove

Sexta à noite, fui ver Bianca, a vampira.

Eu não pulei da cama e fui vê-la, é claro. Você não entra tranquilamente na cova dos leões proverbial. Você começa com um bom café da manhã.

Meu café da manhã aconteceu por volta das três da tarde, quando acordei ao ouvir meu telefone tocando. Eu tive que sair da cama e entrar na sala principal para atender.

"Mmmrrmmph", eu resmunguei.

"Dresden", disse Murphy, "o que você pode me dizer?"

Murphy parecia estressada. Sua voz tinha aquele toque distinto de sempre quando ela ficava nervosa, e isso me irritava, como unhas arranhando ossos. A investigação do assassinato de Tommy Tomm não devia estar indo bem. "Nada ainda", eu disse. Então eu menti para ela, um pouco. "Fiquei acordado a maior parte da noite trabalhando, mas nada para mostrar ainda."

Ela me respondeu com um palavrão. "Isso não é bom o suficiente, Harry. Preciso de respostas e preciso delas ontem.

"Eu vou consegui-las o mais rápido possível."

"Tente mais rápido", ela rosnou. Ela estava brava. Não que isso fosse estranho para Murphy, mas aquilo me dizia que tinha algo acontecendo. Algumas pessoas entram em pânico quando as coisas ficam difíceis, atormentadas. Algumas pessoas desmoronam. Murphy ficou chateada.

“O Comissário está montando em você de novo?” O comissário da polícia da cidade, Howard Fairweather, usou Murphy e sua equipe como bodes expiatórios para todos os tipos de crimes impossíveis que havia jogado no colo dela. Fairweather estava sempre à espreita, procurando uma oportunidade de manchar a imagem de Murphy, como se ao fizzesse isso

pudesse evitar ser crucificado.

“Como um macaco alado de O Mágico de Oz. Isso meio que faz você pensar em quem está se apoiando nele para fazer as coisas.” A voz dela estava azeda como limões maduros. Eu a ouvi jogar um Alka-Seltzer em um copo. "Estou falando sério, Harry. Você tem que me dar as respostas que eu preciso e rápido. Preciso saber se isso foi feitiçaria e, se sim, como foi feito e quem poderia ter feito. Nomes, lugares - eu preciso saber tudo.”

"Não é assim tão simples, Mur-"

“Então simplifique. Quanto tempo até você puder me dizer? Preciso de uma estimativa para o comitê de investigação do Comissário em quinze minutos, ou posso entregar meu crachá hoje.”

Eu fiz uma careta. Se eu conseguisse obter algo de Bianca, poderia ajudar Murph na investigação, mas se não tivesse resultado, eu teria passado a noite inteira sem fazer nada produtivo, e Murphy precisava das respostas dela agora. Talvez eu devesse ter feito uma poção para ficar acordado. "O comitê trabalha nos fins de semana?"

Murphy bufou. "Você está de brincadeira?"

"Teremos algo até segunda-feira, então."

“Você consegue descobrir isso até lá?” Ela perguntou.

"Eu não sei o quanto isso lhe ajudará, mesmo que eu possa montar as peças. Espero que você tenha mais em que continuar. "

Eu a ouvi suspirar no telefone e beber a bebida com gás. "Não me decepcione, Harry."

Hora de mudar de assunto, antes que ela percebesse algo errado e me cheirasse mentindo. Eu não tinha a intenção de fazer a pesquisa proibida, se pudesse encontrar uma maneira de fazê-lo. "Não teve sorte com Bianca?"

Outro palavrão. "Aquela cadela não fala com a gente. Apenas sorri, assente e sopra fumaça, faz conversa fiada e cruza as pernas. Você deveria ter visto

Carmichael babando.”

"Bem. Difícil culpá-lo, talvez. Ouvi dizer que ela é bonitinha. Escute, Murph. E se eu apenas ...”

“Harry não. Absolutamente não. Você não vai para o Velvet Room, não vai conversar com aquela mulher e não vai se envolver nisso.”

"Tenente Murphy", eu falei devagar. "Parece que estamos com um pouco de ciúmes, não é?"

"Não se iluda. Você é um civil, Dresden, mesmo que tenha sua licença de investigador. Se você colocar sua bunda no hospital ou no necrotério, sou eu quem vai sofrer por isso.”

"Murph, estou tocado."

"Vou tocar sua cabeça em uma parede de tijolos algumas vezes, se você fizer isso, Harry." Sua voz era aguda, veemente.

“Ei, calma, Murph. Se você não quer que eu vá, não há problema.” Opa. Uma mentira. Ela estaria em cima dela como um troll em uma cabra.

“Você é um péssimo mentiroso, Harry. Puta que pariu, eu devia te prender apenas para impedi-lo de ...

"O quê?" Eu disse, alto, no receptor. "Murph, está falhando. Eu não consigo te ouvir. Maldito telefone de novo. Me ligue de volta.” Então eu desliguei.

Mister veio até mim e bateu na minha perna. Ele me olhou com sérios olhos verdes quando eu me inclinei e desconectei o telefone quando ele começou a tocar novamente.

“Ok Mister. Você está com fome?"

Eu fiz um café da manhã para gente. Sobras do sanduíche de bife para ele, Spaghetti esquentados no fogão a lenha para mim. Eu racionei minha última lata de Coca-Cola, que Mister é tão viciado quanto eu, e no tempo em que terminei de comer, beber e acariciar, estava acordado e pensando novamente

- e me preparando para o pôr do sol.

O horário de verão ainda não havia chegado e o noite caía por volta das seis. Eu tinha cerca de duas horas para me preparar.

Você pode pensar que sabe uma coisa ou duas sobre vampiros. Talvez algumas das coisas que você ouviu sejam precisas. Provavelmente não é. De qualquer forma, não estava ansioso pela perspectiva de entrar no covil de Bianca para arrancar informações dela. Eu achava que as coisas ficariam feias antes que tudo fosse dito e feito, apenas para garantir que eu não fosse pego com meu cajado para baixo.

Magia é pensar no futuro, estar preparado. Magos não são realmente sobre-humanos. Temos apenas a oportunidade de ver as coisas com mais clareza do que as outras pessoas e de poder usar as informações extras que temos para nosso benefício. Caramba, a origem palavra mago tem o significado de pessoa sábia. Nós sabemos coisas. Não somos mais fortes ou mais rápidos do que qualquer outra pessoa. Nem sequer temos muito mais no departamento mental. Mas somos muito sorrateiros e, se tivermos a chance de nos preparar para algo, podemos fazer algumas coisas impressionantes.

Como um mago, se você estiver pronto para solucionar um problema, é provável que consiga criar algo que permita lidar com isso. Então, reuni todas as coisas que pensei que poderia precisar: verifiquei se minha bengala estava polida e pronta. Coloquei minha faca de prata em uma bainha pendurada logo abaixo do braço esquerdo. Coloquei a poção de escape em sua garrafa plástica no bolso do casaco. Coloquei meu talismã favorito, um pentagrama de prata em uma corrente de prata, tinha sido da minha mãe. Meu pai passou para mim. E coloquei um pequeno pedaço de pano branco dobrado no bolso.

Eu tinha vários itens encantados por aí, ou itens semi-encantados. Realizar um encantamento completo é caro e consome muito tempo, e eu simplesmente não podia me dar ao luxo de fazê-lo. Nós, magos de colarinho azul, só temos que lançar alguns feitiços onde pudermos e torcer para que eles não fiquem sem energia na hora errada. Eu ficaria muito mais confortável se estivesse carregando minha varinha explosiva ou meu cajado, mas isso seria como aparecer na porta de Bianca em um tanque, andar carregando uma metralhadora e um lança-chamas, enquanto anunciava minha

intenção de lutar.

Eu tinha de manter um bom equilíbrio entre entrar pronto para o problema e entrar pedindo problemas.

Não que eu estivesse com medo, veja bem. Eu não acho que Bianca estaria disposta a causar problemas para um mago mortal. Bianca não gostaria de irritar o Conselho Branco mexendo comigo.

Por outro lado, eu não era exatamente o cara favorito do Conselho Branco. Eles poderiam até olhar para o outro lado, se Bianca decidisse me tirar em silêncio da cena.

Cuidado, Harry, eu me avisei. Não fique totalmente paranóico. Se você ficar assim, Você vai transformar seu pequeno apartamento em um Porão da Solidão.

"O que você acha?", Perguntei ao Mister, quando estava pronto com parafernália que estava disposto a carregar.

Mister foi até a porta e bateu nela insistentemente.

"Todo mundo é crítico. Tudo bem, tudo bem." Suspirei. Deixei-o sair, depois saí, entrei no meu carro e dirigi até o Velvet Room, em sua cara localização à beira do lago.

Bianca administra seus negócios em uma enorme mansão antiga desde os primeiros anos da década de 1920. Há rumores de que o infame Al Capone o construiu para uma de suas amantes.

Havia um portão com uma cerca de ferro e um guarda de segurança. Levei o Fusca para o pequeno caminho que começava na rua e terminava na cerca. Houve um chiado soluçante no motor quando eu parei o carro. Abaixei a janela e enfiei a cabeça para fora, olhando para trás. Alguma coisa soltou um barulho, e então uma fumaça negra saiu do fundo do carro e desceu a ladeira do caminho até a rua.

Eu estremeci. O motor deu um chocalho quase apologético e estremeceu até a

morte. Ótimo. Agora eu não tinha carona para casa. Saí do Fusca e fiquei de luto por um momento.

O guarda de segurança do outro lado do portão era um homem quadrado, não muito alto, mas musculoso demais e escondendo-os sob um traje caro. Ele me estudou com olhos de cão de ataque e depois disse, através do portão: "Você tem um compromisso?"

"Não", eu disse a ele. "Mas acho que Bianca vai querer me ver."

Ele parecia impressionado. "Sinto muito", disse ele. "Bianca está fora para a noite."

As coisas não eram simples como antigamente. Dei de ombros para ele, cruzei os braços e me encostei no capô do Fusca. “Tudo bem. Eu vou ficar aqui até que um caminhão de reboque apareça e até que eu possa tirar essa coisa do caminho para você. "

Ele olhou para mim, seus olhos estreitados em pequenas fendas com o esforço de pensar. Eventualmente, os pensamentos chegaram ao seu cérebro, foram processados e foram enviados de volta com uma mensagem para "passar a bola". "Vou chamar seu nome", disse ele.

"Bom homem", eu aprovei. "Você não vai se arrepender."

"Nome", ele rosnou.

"Harry Dresden."

Se ele reconheceu meu nome, ele não apareceu no rosto dele. Ele olhou para mim e para o Fusca, depois deu alguns passos, levantando um telefone celular do bolso e colocando no ouvido.

Eu escutei. Não é difícil ouvir. Hoje em dia, ninguém tem prática, mas você pode treinar para prestar atenção aos seus sentidos, se trabalhar nisso por tempo suficiente.

"Eu tenho um cara aqui que diz que Bianca vai querer falar com ele", disse o guarda. "Diz que o nome dele é Harry Dresden." Ele ficou em silêncio por

um momento. Eu não conseguia entender o zumbido da outra voz, além de ser feminina. "Uh-huh", disse ele. Ele olhou para mim. "Uh-huh", ele disse novamente. "Certo. Claro que vou. Claro, senhora.

Entrei pela janela do Fusca e peguei minha bengala. Eu a coloquei de pé no concreto ao lado de minhas botas e bati nela algumas vezes, como se estivesse impaciente.

O guarda voltou-se para mim, inclinou-se para um lado e apertou um botão em algum lugar. O portão tocou e abriu.

"Venha, Sr. Dresden", disse ele. "Eu posso mandar alguém rebocar seu carro, se você quiser."

"Super", eu disse a ele. Eu dei a ele o nome do rebocador com o qual Mike tem um acordo e disse a ele para dizer ao cara que era o carro do Harry novamente. Fido, o guarda, obedientemente anotou, escrevendo em um pequeno caderno que tirou do bolso. Enquanto ele o fazia, passei por ele em direção à casa, clicando na bengala no concreto a cada passo.

"Pare", ele me disse, sua voz calma e confiante. As pessoas não falam com esse tipo de autoridade absoluta, a menos que tenham uma arma nas mãos. Eu parei.

“Abaixe a bengala”, ele me disse, “e levante os braços. Você deve ser revistado antes de poder entrar.

Suspirei, fiz o que ele disse e deixei que ele me revistasse. Não me virei para encará-lo, mas senti o cheiro do metal da arma dele. Ele encontrou a faca e a pegou. Seus dedos roçaram a nuca do meu pescoço, sentiram a corrente ali.

"O que é isso?", Ele disse.

"Pentagrama", eu disse a ele.

“Deixe-me ver. Use uma mão.”

Usei minha esquerda para tirar da camisa e mostrar a ele, uma estrela de cinco pontas prateada dentro de um círculo, toda geometria suave. Ele

resmungou e disse: "Tudo bem". A busca continuou e ele encontrou a garrafa plástica. Ele tirou do meu bolso, abriu e cheirou.

"O que é isso?"

"Um refrigerante saldável", eu disse a ele.

"Cheira a merda", ele disse, tampou e colocou de volta no meu bolso.

"E a minha bengala?"

"Você pega de volta quando sair", disse ele.

Droga. Minha faca e minha bengala eram minhas únicas linhas físicas de defesa. Qualquer outra coisa que eu fizesse tinha que confiar inteiramente na magia e isso poderia ser arriscado nos melhores dias. Era o suficiente para me irritar.

É claro que Fido, o guarda, havia perdido algumas coisas. Primeiro, ele tinha esquecido o lenço branco limpo no meu bolso. Segundo, ele me deixou entrar com meu pentagrama ainda no meu pescoço. Ele provavelmente imaginou que, como não era um crucifixo ou uma cruz, eu não poderia usá-lo para manter Bianca longe de mim.

O que não era verdade. Os vampiros (e outras criaturas desse tipo) não tem medo de símbolos como este. Eles respondem ao poder que acompanha um ato de fé. Eu não conseguiria afastar um mosquito vampiro com a minha fé no Todo-Poderoso, ele e eu nunca parecíamos nos conectar. Mas o pentagrama era um símbolo da própria magia, e eu tinha muita fé nisso.

E, é claro, Fido havia esquecido minha poção de fuga. Bianca realmente deveria contar para os seus guardas mais sobre o sobrenatural e que tipo de coisas procurar.

A casa em si era elegante, muito espaçosa, com tetos altos e pisos amplos que não são mais fabricados. Uma jovem bem-vestida, com um corte de cabelo curto e reto, me recebeu no enorme hall de entrada. Eu estava passando educadamente por ela, e ela me mostrou a biblioteca, suas paredes alinhadas

com livros antigos em tiras de couro, semelhantes às cadeiras almofadadas de couro ao redor da enorme mesa velha de pés de cachorro no centro da sala.

Sentei-me e esperei. E esperei. E esperei. Mais de meia hora se passaram antes que Bianca finalmente chegasse.

Ela entrou na sala como uma vela acesa com uma chama fria e clara. Seu cabelo tinha um tom polido de castanho escuro que era escuro demais para refletir qualquer cor avermelhada, mas refletiam mesmo assim. Seus olhos eram escuros, claros, sua tez perfeitamente impecável e elegantemente adornada com cosméticos. Ela não era uma mulher alta, mas bem torneada, usando um vestido preto com um decote e uma barra em um lado que mostrava uma porção generosa de coxa pálida. Luvas pretas cobriam seus braços acima dos cotovelos, e seus sapatos de trezentos dólares eram um estudo em aparelhos de tortura de salto alto. Ela parecia boa demais para ser verdade.

"Senhor Dresden", ela me cumprimentou. "Este é um prazer inesperado."

Eu levantei quando ela entrou na sala. "Madame Bianca", respondi, acenando para ela. “Nós finalmente nos encontramos. Boatos falharam em mencionar o quão adorável você é.”

Ela riu, os lábios moldando os sons, a cabeça caindo para trás apenas o suficiente para mostrar um lampejo de garganta pálida. “Um cavalheiro, eles disseram. Eu vejo que eles estavam corretos. É uma coisa encantadora e blasé ser um cavalheiro neste país.”

"Você e eu somos de outro mundo", eu disse.

Ela se aproximou de mim e estendeu a mão, um movimento exundando a graça feminina. Inclinei-me brevemente por sua mão, pegando-a e tocando meus lábios contra as costas de sua luva. "Você realmente acha que sou bonita, senhor Dresden?", ela me perguntou.

"Tão adorável como uma estrela, madame."

"Educado e bonito também", ela murmurou. Seus olhos cintilaram sobre

mim, da cabeça aos pés, mas até ela evitou encontrar meu olhar, seja por um desejo de evitar direcionar seu poder inadvertidamente para mim ou por medo de receber o meu, eu não sabia dizer. Ela continuou pela sala e parou ao lado de uma das cadeiras confortáveis. Como se fosse a coisa mais comum, eu andei em volta da mesa e puxei a cadeira para ela, sentando-a. Ela cruzou as pernas, naquele vestido, naqueles sapatos, e foi lindo. Pisquei por um momento, depois voltei para o meu lugar.

“Então, senhor Dresden. O que o traz à minha humilde casa? Gostaria de uma noite de entretenimento? Garanto-lhe que nunca terá outra experiência como essa.” Ela colocou as mãos no colo, sorrindo para mim.

Eu sorri para ela e coloquei uma mão no meu bolso, no lenço branco. “Não, obrigado. Eu vim conversar.”

Seus lábios se abriram em um ah silencioso. "Entendo. Sobre o que, se eu posso perguntar?

“Sobre Jennifer Stanton. E o assassinato dela.”

Eu tive um aviso de um segundo. Os olhos de Bianca se estreitaram, depois se arregalaram, como os de um gato prestes a saltar. Então ela estava vindo para cima de mim sobre a mesa, mais rápido do que uma respiração, os braços estendidos em direção à minha garganta.

Caí de costas na minha cadeira. Embora eu tenha começado a me mover primeiro, quase não foi o suficiente para evitar que as unhas chegassem a tempo. Uma roçou na minha garganta com uma sensação quente de dor, e ela continuou vindo, me seguindo até o chão, aqueles lábios ricos puxados para trás com as presas afiadas.

Tirei minha mão do bolso e abri meu lenço branco para ela, liberando a imagem da luz do sol que eu estava armazenando para usar em poções. Ele iluminou a sala por um momento, brilhante.

A luz bateu em Bianca, atirou-a de costas sobre a mesa velha em uma das prateleiras e arrancou pedaços de carne dela como pedaços de carne podre sendo arrancados de uma carcaça por um jateador de areia. Ela gritou, e a

carne ao redor de sua boca se soltou e se soltou como escamas de uma cobra.

Eu nunca tinha visto um vampiro de verdade antes. Eu teria tempo para ficar aterrorizado mais tarde. Eu fui percebendo os detalhes enquanto puxava meu talismã por cima do pescoço. Tinha um rosto de morcego, horrível e feio, a cabeça grande demais para o corpo. Mandíbulas escancaradas, famintas. Seus ombros eram curvados e poderosos. Asas de membrana esticadas entre as articulações de seus braços quase esqueléticos. Seios pretos flácidos pendiam diante dela, saindo do vestido preto que não parecia mais feminino. Seus olhos eram arregalados, pretos e fixos, e uma espécie de pele pegajosa e coberta de couro cobria sua carne, como um tubo interno ensopado de vaselina, embora houvesse pequenos orifícios corroídos pela luz do sol que eu trouxera comigo.

Ela se recuperou rapidamente, agachando-se e estendendo os braços compridos que terminavam em dedos com garras para ambos os lados com um silvo de raiva.

Coloquei meu pentagrama em meu punho, ergui-o como todo matador de vampiros que você já viu e disse: “Meu Deus, senhora. Eu só vim aqui para conversar.”

O vampiro sibilou e se aproximou de mim com um passo estranho e gracioso. Seus pés com garras ainda usavam as sandálias pretas de trezentos dólares.

"Pra trás", eu disse, dando um passo na direção dele. O pentagrama começou a arder com a luz fria e clara da vontade e crença aplicadas, minha fé, se você preferir, que poderia afastar tal monstro.

Ele assobiou e virou o rosto para o lado, erguendo os braços membranosos para proteger os olhos da luz. Deu um passo para trás e depois outro, até que suas costas curvadas estavam pressionadas contra uma parede de livros.

Agora o que eu faria? Eu não tentaria colocar uma estaca no coração dela. Mas se eu diminuísse minha vontade, ela poderia vir pra cima de mim de novo, e eu não achava que tinha alguma coisa, mesmo as evocações mais rápidas, que pudesse sair da minha boca antes que ela arrancasse minha cabeça. E mesmo que eu passasse por ela, ela provavelmente tinha lacaios

mortais, como o guarda de segurança no portão, que ficaria feliz em me matar se me vissem destruindo sua chefe.

"Você a matou", o vampiro rosnou, e sua voz era exatamente a mesma, sensual e feminina, mesmo que torcida pela raiva e vindo daquela boca horrível. Era inquietante. “Você matou Jennifer. Ela era minha, mago.”

"Olha", eu disse a ela. "Eu não vim aqui para nada disso. E a polícia sabe que estou aqui. Que tal evitar um monte de problemas. Sente-se, converse comigo e então nós dois iremos embora felizes. Cristo, Bianca, você acha que se eu tivesse matado Jennifer e Tommy Tomm, eu teria vindo aqui assim?”

"Você espera que eu acredite que você não fez? Você nunca vai sair desta casa vivo.”

Eu estava me sentindo bravo e assustado. Cristo, até o vampiro pensava que eu era o vilão. "O que é preciso para lhe convencer de que não fiz isso?"

Olhos negros sem fundo me encaravam através do fogo ardente da minha fé. Eu podia sentir algum tipo de poder lá, tentando me atingir, e impedido pela força da minha vontade, exatamente como a própria criatura. O vampiro rosnou: "Abaixe o amuleto, mago."

"Se eu fizer, você vai pular na minha garganta de novo?"

"Se não fizer, com certeza vou."

Lógica instável, essa. Eu tentei trabalhar com a situação do ponto de vista dela. Ela estava assustada quando eu apareci. Ela tinha me revistado e se livrado de todas as armas da melhor maneira possível. Se ela pensasse que eu era o assassino de Jennifer Stanton, a simples menção desse nome teria causado aquela violência repentina? Comecei a ter aquela sensação que você sente quando percebe que nem tudo é o que parece.

"Se eu abaixar isso", eu disse a ela, "quero sua palavra de que você irá sentar e falar comigo. Eu juro, pelo fogo e pelo vento, que não tive nada a ver com a morte dela.”

O vampiro sibilou para mim, protegendo os olhos da luz com uma mão com garras. "Por que eu deveria acreditar em você?"

"Por que *eu* deveria acreditar em você?"

Presas amareladas apareceram em sua boca. "Se você não confia na minha palavra, mago, como posso confiar na sua?"

"Então você dá sua palavra?"

O vampiro endureceu, e embora sua voz ainda estivesse dura de raiva e dor, ainda era sexy como uma camisa de seda sem botões, pensei ter ouvido o tom da verdade em suas palavras. “Você tem minha promessa. Abaixe seu talismã, e conversaremos.”

Hora de outro risco calculado. Joguei o pentáculo em cima da mesa. A luz fria sumiu, deixando a sala iluminada por mera eletricidade mais uma vez.

O vampiro lentamente abaixou os braços, piscando os olhos grandes demais para mim e depois para o pentagrama sobre a mesa. Uma língua comprida e rosada cintilou nervosamente sobre as mandíbulas e a face inferior, depois voltou à boca. Ele tinha ficado surpreso, eu percebi. Surpreso que eu tinha feito isso.

Meu coração estava disparado, mas forcei meu medo a sair do meu cérebro e entrar em segundo plano. Os vampiros são como demônios, como lobos, como tubarões. Você não os deixa pensar que você é um alimento em potencial e obtém o respeito deles ao mesmo tempo. A verdadeira aparência do vampiro era grotesca, mas não era tão ruim quanto algumas das coisas que eu tinha visto nos meus dias. Alguns demônios eram muito piores, e algumas das Coisas Anciãs poderiam rasgar sua mente, apenas deixando você olhar para eles. Eu olhei para a criatura com um olhar nivelado.

"Que tal isso?" Eu disse. "Vamos conversar. Quanto mais nos sentamos olhando um para o outro, mais o assassino de Jennifer permanece livre.”

O vampiro olhou para mim por um momento mais. Então estremeceu, colocando as membranas das asas sobre si. Gosma negra se transformou em

manchas de carne perfeita e pálida que se espalharam pela pele escura do vampiro como um crescimento de fungo. Os seios pretos flácidos incharam em perfeição suavemente arredondada e com pontas rosadas mais uma vez.

Bianca ficou diante de mim e, um momento depois, recolocou o vestido novamente, os braços cruzados sobre ela como se estivesse com frio, as costas rígidas e os olhos irritados. Ela não estava menos bonita do que havia sido alguns momentos antes, nem uma linha ou uma curva diferente. Mas para mim, o glamour havia sido arruinado. Ela ainda tinha os mesmos olhos, escuros, insondáveis e alienígenas. Eu sempre me lembraria de como ela realmente era, sob sua máscara de carne.

Eu me inclinei e peguei minha cadeira, endireitando-a. Então eu dei a volta na mesa, dei as costas para ela e levantei a dela também. Então eu a estendi para ela, exatamente como eu tinha quando entrei na sala.

Ela olhou para mim por um longo minuto. Alguma expressão cintilou em seu rosto. Ela ficou desconcertada com a minha aparente falta de preocupação com a aparência, e isso apareceu. Então ela ergueu o queixo, orgulhosa, e se acomodou graciosamente na cadeira novamente, majestosa como qualquer rainha, cada linha rígida de raiva. As regras de cortesia e hospitalidade do Velho Mundo estavam em vigor - mas por quanto tempo?

Voltei ao meu lugar e me inclinei para pegar meu lenço branco, brincando com ele. Os olhos zangados de Bianca brilharam, e mais uma vez ela repetiu o gesto nervoso de lamber os dentes e os lábios, embora desta vez sua língua parecesse humana.

"Então. Conte-me sobre Jennifer e Tommy Tomm” falei.

Ela balançou a cabeça, quase zombando. “Eu posso te contar o que eu disse à polícia. Não sei quem poderia matá-los.

“Vamos Bianca. Não precisamos esconder coisas um do outro. Nós não fazemos parte do mundo mortal. "

As sobrancelhas dela se inclinaram, revelando mais raiva. "Não. Você é o único na cidade com o tipo de habilidade necessária para lançar esse tipo de

feitiço. Se você não fez, não tenho ideia de quem mais poderia ter feito."

"Você não tem inimigos? Alguém que quisesse causar uma impressão em você?

Uma pequena linha amarga apareceu no canto de seus lábios, algo que não era exatamente um sorriso. "Claro. Mas nenhum deles poderia ter feito o que aconteceu com Tommy e Jenny." Ela bateu as unhas sobre a mesa, deixando pequenas marcas na madeira. "Não deixo nenhum inimigo perigoso correr vivo. Pelo menos não por muito tempo."

Recostei-me na cadeira, franzindo a testa, e fiz o possível para não deixá-la ver como eu estava assustado. "Como você conheceu Tommy Tomm?"

Ela encolheu os ombros, que brilhavam como porcelana e igualmente quebradiços. "Você pode ter pensado que ele era apenas um dos capangas de Johnny Marcone, Senhor Dresden. Mas Tommy era um homem muito gentil e atencioso no fundo. Ele sempre foi bom com suas mulheres. Ele as tratava como pessoas reais." O olhar dela foi de um lado para o outro, sem levantar. "Como seres humanos. Eu não aceitaria um cliente se pensasse que ele não seria um cavalheiro, mas Tommy era melhor que a maioria. Eu o conheci anos atrás, em outro lugar. Eu deixei tudo preparado para que ele tivesse alguém para cuidar dele quando ele queria uma noite de companhia."

"Você enviou Jennifer para ele naquela noite?"

Ela assentiu, sua expressão sombria. Suas unhas tamborilaram na mesa novamente, arrancando mais madeira.

"Havia mais alguém que ele via regularmente? Talvez alguém que tivesse falado com ele, sabia o que estava acontecendo em sua vida?"

Bianca balançou a cabeça. "Não", ela disse. Mas então ela franziu a testa.

Eu apenas a observei e joguei distraidamente o lenço na mesa. Seus olhos foram para ele, depois para os meus.

Eu não vacilei. Eu encontrei seu olhar sem fundo e abri minha boca em um

pequeno sorriso, como se eu tivesse algo mais, e pior, para tirar do meu chapéu, se ela quisesse vir atrás de mim novamente. Vi sua raiva, sua raiva e, por um momento, dei uma espiada lá dentro, vi a fonte disso. Ela ficou furiosa por eu ter visto sua verdadeira forma, horrorizada e envergonhada por ter arrancado seu disfarce e visto a criatura embaixo. E ela estava com medo de que eu pudesse tirar até a máscara dela, para sempre, com o meu poder.

Mais do que qualquer outra coisa, Bianca queria ser bonita. E hoje à noite eu tinha destruído sua ilusão. Eu tinha sacudido seu mundinho dourado. Ela com certeza não ia me deixar esquecer isso.

Ela estremeceu e desviou os olhos, furiosa e assustada ao mesmo tempo, antes que eu pudesse ver mais fundo nela - ou ela em mim. "Se eu não tivesse lhe dado minha palavra, Dresden", ela sussurrou, "eu mataria você neste instante."

"Isso seria lamentável", eu disse. Eu mantive minha voz dura. "Você deve conhecer os riscos da maldição da morte de um mago. Você tem algo a perder, Bianca. E mesmo que você possa me derrubar, pode apostar que eu vou te arrastar para o inferno comigo."

Ela ficou rígida, depois virou a cabeça para um lado e deixou os dedos frouxos. Foi uma rendição silenciosa e amarga. Ela não se moveu rápido o suficiente para eu não ver uma lágrima escorrer por uma bochecha.

Eu fiz o vampiro chorar. Ótimo. Eu me senti como um super-herói de verdade. Harry Dresden, o destruidor de corações dos monstros.

"Pode haver uma pessoa que pode saber alguma coisa", disse ela, sua voz adorável sem graça, plana, sem vida. "Eu tinha uma mulher que trabalhava para mim. Linda Randall. Ela e Jennifer faziam chamadas juntas, quando os clientes queriam esse tipo de coisa. Elas eram próximas."

"Onde ela está agora?", Perguntei.

"Ela está trabalhando como motorista de alguém. Um casal rico que queria um criado que faria mais do que janelas. Ela não era do tipo que eu costumo manter de qualquer forma. Acho que Jennifer tinha o número de telefone

dela. Posso pedir para alguém buscá-lo, senhor Dresden.” Ela disse meu nome como se fosse algo amargo e venenoso que ela queria cuspir.

"Obrigado. Seria muito gentil.” Mantive meu tom cuidadosamente formal, neutro. Formalidade e um bom blefe eram tudo o que a mantinha longe da minha garganta.

Ela permaneceu quieta, controlando suas emoções evidentes, antes de começar a olhar novamente, finalmente. Seus olhos congelaram, depois se arregalaram quando chegaram à minha garganta. Sua expressão ficou desumanamente e perfeitamente imóvel.

Eu fiquei tenso. Não apenas tenso, mas travado, como uma mola de aço. Eu estava sem truques e armas. Se ela viesse pra cima de mim agora, eu não teria a chance de me defender. Não havia como eu beber a poção antes que ela me rasgasse. Segurei os braços da minha cadeira com força, para me impedir de fugir. Não mostre medo. Não fuja. Isso só a faria me perseguir, instigar seus instintos na reação de perseguir a presa.

"Você está sangrando, senhor Dresden", ela sussurrou.

Levantei minha mão, lentamente, até minha garganta, onde suas unhas haviam me marcado antes. Minhas pontas dos dedos saíram escorregadias com meu próprio sangue.

Bianca continuou olhando. Sua língua cintilou em volta da boca novamente. "Cubra", ela sussurrou. Um som estranho e miado saiu de sua boca. "Cubra, Dresden."

Peguei meu lenço e o pressionei na garganta. Bianca piscou os olhos, lentamente, e depois se virou, meio curvada sobre o estômago. Ela não se levantou.

"Vá", ela me disse. "Vá agora. Rachel está vindo. Vou mandá-la para o portão com o número de telefone daqui a pouco.”

Fui em direção à porta, mas depois parei, olhando para ela. Havia um tipo de fascínio horrível, saber o que havia por baixo do exterior sedutor, a máscara

de carne, mas vê-lo se contorcer e se entortar de necessidade.

"Vá", Bianca choramingou. Fúria, fome e alguma emoção que eu nem conseguia entender fizeram sua voz se esticar, mais fina. "Vá. E não pense que não vou me lembrar desta noite. Não pense que não vou fazer você se arrepender."

A porta da biblioteca se abriu e a moça de cabelos lisos que me cumprimentou antes entrou na sala. Ela me deu um olhar passageiro, depois passou por mim, ajoelhada ao lado de Bianca. Rachel, eu presumi.

Rachel murmurou algo muito suave para ouvir, gentilmente afastando os cabelos do rosto de Bianca com uma mão. Então ela desabotoou a manga da blusa, passou-a pelo cotovelo e pressionou o pulso na boca de Bianca.

Eu tive uma boa visão do que aconteceu. A língua de Bianca brilhou, longa, rosada e pegajosa, manchando o pulso de Rachel com saliva brilhante. Rachel estremeceu com o toque, sua respiração ficando mais rápida. Seus mamilos endureceram sob o tecido fino da blusa, e ela deixou a cabeça cair lentamente para trás. Seus olhos estavam vidrados com uma lentidão narcótica, como os de um drogado que acabara de disparar.

As presas de Bianca se estenderam e cortaram a pele pálida e bonita de Rachel. Sangue jorrou. A língua de Bianca começou a piscar dentro e fora, mais rápido do que realmente podia ser visto, lambendo o sangue tão rapidamente quanto apareceu. Seus olhos escuros estavam estreitos, distantes. Rachel estava ofegando e gemendo de prazer, todo o corpo tremendo.

Fiquei um pouco doente e me retirei passo a passo, não dando as costas para a cena. Rachel caiu lentamente no chão, se contorcendo em direção à inconsciência com uma evidente alegria. Bianca a seguiu, agora sem graça, uma criatura de fome bestial. Ela se agachou sobre a mulher, no encosto de seus ombros pálidos, pude ver o morcego sob a máscara de carne, lambendo o sangue de Rachel.

Saí dali rápido, fechando a porta atrás de mim. Meu coração estava batendo muito rápido. A cena com Rachel poderia ter me excitado, se eu não tivesse visto o que estava por baixo da máscara de Bianca. Em vez disso, só me

deixou mal do estômago e com medo. A mulher se entregou àquela coisa, tão rápida e voluntariamente quanto qualquer mulher ao seu amante.

A saliva, uma parte minha racionalizou, desesperada para se agarrar a algo frio, lógico e desapegado. A saliva era provavelmente narcótica, talvez até viciante. Isso explicaria o comportamento de Rachel, a necessidade de tomar mais de sua droga. Mas eu me perguntei se Rachel teria ficado tão ansiosa, se ela conhecesse o verdadeiro rosto de Bianca.

Agora eu entendi por que o Conselho Branco era tão duro com os vampiros. Se eles pudessem obter esse tipo de controle sobre um mortal, o que aconteceria se pudessem colocar suas garras em um mago? Se eles pudessem viciar um mago neles tão completamente quanto a garota que eu acabara de ver? Certamente, não era possível.

Mas se não fosse, por que o Conselho era tão nervoso com eles?

Não pense que não vou fazer você se arrepender, ela havia dito.

Senti frio enquanto corria pela entrada escura em direção ao portão.

Fido, o segurança, estava me esperando no portão da frente e devolveu minha faca e minha bengala sem dizer uma palavra. Um caminhão de reboque estava na frente, pegando o Fusca. Coloquei uma mão no metal frio do portão e mantive a outra, com o lenço, pressionado na garganta, enquanto observava George, o cara do caminhão de reboque trabalhar. Ele me reconheceu e acenou, exibindo um sorriso que mostrava os dentes brancos em seu rosto escuro. Eu assenti de volta. Eu não estava disposto a responder o sorriso.

Alguns minutos depois, o telefone celular do guarda tocou nele. Ele recuou vários passos, repetiu várias afirmativas, depois tirou um caderno do bolso, escrevendo algo. Ele guardou o telefone e voltou para mim, oferecendo-me o pedaço de papel.

"O que é isso?", eu perguntei.

“O número de telefone que você estava procurando. E uma mensagem.”

Olhei para o jornal, mas evitei lê-lo naquele momento. "Eu pensei que Bianca iria enviar Rachel para baixo com isso."

Ele não disse nada. Mas sua mandíbula se apertou, e eu vi seus olhos passarem para a casa, onde estava sua chefe. Ele engoliu em seco. Rachel não tinha saído de casa e Fido estava com medo.

Eu peguei o papel. Eu segurei minha mão para não tremer enquanto olhava para ele.

Nele havia um número de telefone. E uma única palavra: Arrependimento.

Dobrei o pedaço de papel ao meio e o guardei no bolso do meu casaco. Outro inimigo. Super. Pelo menos com as mãos nos bolsos, Fido não podia vê-las tremendo. Talvez eu devesse ter ouvido Murphy. Talvez eu devesse ter ficado em casa e brincado com alguma magia negra agradável, segura e proibida.

Capítulo dez

Parti da casa de Bianca no carro do George, um Studebaker com painéis de madeira que resmungava, rosnava e gritava por toda parte. Parei em um telefone público, a uma curta distância da casa, e liguei para o número de Linda Randall.

O telefone tocou várias vezes antes de um contralto silencioso responder: "Beckitts ', esta é Linda".

"Linda Randall?", Perguntei.

"Mmmm", ela respondeu. Ela tinha uma voz peluda e aveludada, algo tátil. "Quem é?"

“Meu nome é Harry Dresden. Fiquei imaginando se poderia falar com você.”

"Harry quem?" Ela perguntou.

“Dresden. Eu sou um investigador particular. "

Ela riu, o som rico o suficiente para rolar nu. “Investigando minhas partes particulares, Sr. Dresden? Eu já gosto de você.”

Eu tossi. "Ah sim. Senhora Randall ...”

“Senhorita” ela disse, interrompendo. “Senhorita Randall. Não estou com ninguém. No momento."

"Senhorita Randall", eu alterei. "Gostaria de fazer algumas perguntas sobre Jennifer Stanton, se eu pudesse."

Silêncio do outro lado da linha. Eu podia ouvir alguns sons ao fundo, um rádio tocando, talvez, e uma voz gravada falando sobre zonas brancas e vermelhas e sobre o carregamento e descarregamento de veículos.

“Senhorita Randall?”

"Não", ela disse.

"Não vai demorar muito. E garanto que você não é o assunto de nada que eu esteja investigando. Se você pudesse me dar alguns momentos do seu tempo.”

"Não", ela me disse. "Estou de serviço e passarei a noite toda. Não tenho tempo para isso."

“Jennifer Stanton era sua amiga. Ela foi assassinada. Se houver algo que você possa me dizer que possa ajudar ... "

Ela me cortou de novo. "Não há", disse ela. "Adeus, Sr. Dresden."

A linha ficou muda.

Eu fiz uma careta para o telefone, frustrado. Era isso então. Eu tinha passado por toda a preparação, o confronto com Bianca e possíveis problemas futuros por nada.

De jeito nenhum, pensei. De jeito nenhum.

Bianca havia dito que Linda Randall estava trabalhando como motorista de alguém, os Beckit, se não me engano, quem quer que fossem. Eu reconheci a voz em segundo plano como uma mensagem gravada que tocava fora dos saguões no aeroporto de O'Hare. Então, ela estava em um carro no aeroporto, talvez esperando para pegar os Beckitts, e definitivamente não ficaria lá por muito tempo.

Sem tempo a perder, liguei o velho Studebaker barulhento e segui para O'Hare. Era muito mais fácil desligar alguém por telefone do que fazê-lo pessoalmente. Havia várias entradas, mas eu tinha que confiar na sorte, sorte para me guiar para o caminho certo, e sorte para chegar lá antes que a senhorita Livre Randall tivesse a oportunidade de pegar seus empregadores e ir embora. E um pouco mais de sorte para manter o Studebaker correndo até O'Hare.

O Studebaker chegou até lá e, na segunda entrada, encontrei uma limusine prateada, parada em uma zona de estacionamento. O interior estava escuro, então não pude ver muito bem o interior. Era uma noite de sexta-feira, e o local estava movimentado, gente de negócios em seus ternos sóbrios voltando para casa depois de longas viagens pelo país. Os carros ronronavam continuamente dentro e fora da unidade semicircular. Um policial uniformizado dirigia o tráfego, impedindo as pessoas de fazer coisas imbecis, como estacionar no meio de uma das faixas de tráfego, a fim de carregar o carro.

Eu desviei o velho Studebaker para um lugar do estacionamento, correndo contra um Volvo e vencendo por dirigir o veículo mais velho e pesado e tendo uma atitude mais suicida. Fiquei de olho na limusine prateada quando saí do carro e caminhei até um banco de telefones públicos. Coloquei minha moeda e disquei mais uma vez o número fornecido por Bianca.

O telefone tocou. Na limusine prateada, alguém se mexeu.

"Beckitts ', essa é Linda", ela ronronou.

"Olá, Linda", eu disse. "Este é Harry Dresden novamente."

Eu quase podia ouvi-la sorrir. Houve um lampejo de luz dentro do carro, a silhueta do rosto de uma mulher e o brilho laranja de um cigarro sendo aceso. "Pensei ter dito que não queria falar com você, Sr. Dresden."

"Gosto de mulheres que se fazem de difícil".

Ela riu aquela risada deliciosa. Eu podia ver a cabeça dela se mover no carro escuro quando ela fez. "Estou ficando mais difícil de pegar a cada segundo. Adeus novamente." Ela desligou na minha cara.

Sorri, desliguei o telefone, fui até a limusine e bati na janela.

Ela baixou e uma mulher de vinte e poucos anos arqueou uma sobrancelha para mim. Ela tinha olhos lindos da cor das nuvens de chuva, sombra demais e batom escarlate brilhante nos lábios de arco de cupido. Seu cabelo era castanho médio, preso em uma trança apertada que fazia suas bochechas

parecerem quase nítidas, severas, exceto pelas mechas, que pendiam perto dos olhos em desordem insolente. Ela tinha um olhar predatório, duro, afiado. Ela usava uma camisa branca, calça cinza e segurava um cigarro aceso na mão. A fumaça se enrolou em volta do meu nariz e eu exalei, tentando afastá-lo.

Ela me olhou de cima a baixo, avaliando francamente. "Não me diga. Harry Dresden."

"Eu realmente preciso falar com você, senhorita Randall. Não vai demorar muito."

Ela olhou para o relógio e depois para as portas do terminal. Então olhou de volta para mim. "Bem. Você me encurralou, não é? Estou à sua mercê." Os lábios dela se curvaram. Ela deu uma tragada no cigarro. "E eu gosto de um homem que simplesmente não para".

Limpei minha garganta novamente. A mulher era atraente, mas não indevidamente. No entanto, havia algo nela que acelerava meus motores, algo sobre o modo como ela segurava a cabeça ou moldava suas palavras que contornavam meu cérebro e iam direto para meus hormônios. Melhor ir direto ao ponto e minimizar minhas chances de parecer idiota. "Como você conheceu Jennifer Stanton?"

Ela olhou para mim através de longos cílios. "Intimamente."

Ahem. "Você é... Trabalhou para Bianca com ela."

Linda soprou mais fumaça. "Aquela putinha insuportável. Sim, eu trabalhei com Jen. Nós éramos até colegas de quarto por um tempo. Compartilhavamos uma cama." Ela colocou os lábios em torno da última palavra, extraindo-a com um pequeno tremor que alongando-a com uma risada perversa e secreta.

"Você conheceu Tommy Tomm?", Perguntei.

"Ah com certeza. Fantástico na cama." Ela baixou os olhos e se mexeu no assento do carro, abaixando uma das mãos e me fazendo pensar para onde tinha ido. "Ele era um cliente regular. Talvez duas vezes por mês, Jen e eu

íamos à casa dele, dar uma festinha.” Ela se inclinou para mim. “Ele podia fazer coisas com uma mulher que a transformavam em animal de verdade, Harry Dresden. Você sabe o que eu quero dizer? Rosnando e rosnando. No calor."

Ela estava me deixando louco. A voz dela inspirava os tipos de sonhos que você gostaria de lembrar mais claramente de manhã. A expressão dela prometia me mostrar coisas sobre as quais você não fala com outras pessoas, se eu lhe desse uma chance. Seu trabalho, Harry. Pense no seu trabalho.

Alguns dias eu realmente odeio o meu trabalho.

"Quando foi a última vez que você falou com ela?"

Ela deu outra tragada, e desta vez vi uma pequena sacudida em seus dedos, uma que ela rapidamente escondeu. Apenas não rápido o suficiente. Ela estava nervosa. Nervosa o suficiente para tremer, e agora eu podia ver o que ela estava fazendo. Ela estava usando a máscara de gato do beco, apelando para as minhas glândulas em vez do meu cérebro, e tentando me distrair com ela, tentando me impedir de descobrir algo.

Eu não sou inumano. Eu posso me distrair com um rosto bonito ou corpo, como qualquer outro homem jovem. Linda Randall era muito boa em fazer o papel. Mas eu não gosto de ser feito de bobo.

Então, senhorita Deusa Sexual. O que você está escondendo?

Limpei a garganta e perguntei suavemente: "Quando foi a última vez que você falou com Jennifer Stanton, senhorita Randall?"

Ela estreitou os olhos para mim. Ela não era burra, o que quer que fosse. Ela me viu lendo ela, vendo através de seu pretexto. A maneira de paquerar desapareceu. "Você é policial?" Ela exigiu.

Eu neguei com minha cabeça. "Honra de escoteiro. Só estou tentando descobrir o que aconteceu com ela. "

"Droga", disse ela suavemente. Ela jogou a ponta do cigarro no concreto e

soprou um bocado de fumaça. "Veja. Eu digo qualquer coisa e vejo um policial chegando, eu nunca te vi antes. Entendeu?"

Eu assenti.

“Conversei com Jen na quarta-feira à noite. Ela me chamou. Era o aniversário de Tommy. Ela queria se reunir novamente.” Sua boca torceu. "Uma espécie de reunião."

Olhei em volta e me inclinei para mais perto dela. "Você foi?"

Seus olhos estavam vagando agora, nervosos, como um gato que se viu trancado em uma pequena sala. "Não", ela disse. "Eu tive que trabalhar. Eu queria, mas ...”

“Ela disse algo incomum? Alguma coisa que possa ter feito você suspeitar que ela estava em perigo?”

Ela balançou a cabeça novamente. “Não, nada. Não conversamos muito por um tempo. Eu não a vi tanto depois que saí da Velvet Room.”

Eu fiz uma careta para ela. “Você sabe o que mais ela estava fazendo? Alguma coisa com a qual ela poderia estar envolvida que poderia tê-la machucado?”

Ela balançou a cabeça. "Não não. Nada como isso. Esse não era o estilo dela. Ela era doce. Muitas garotas se tornam..., elas ficam muito ruins, Sr. Dresden. Mas isso nunca realmente a tocou. Ela fazia as pessoas se sentirem melhor consigo mesmas de alguma forma.” Ela desviou o olhar. "Eu nunca poderia fazer isso. Tudo o que fazia era deixá-los excitados.”

"Não há nada que você possa me dizer? Em que você pode pensar?”

Ela apertou os lábios e balançou a cabeça. Ela balançou a cabeça novamente e mentiu para mim enquanto fazia isso. Eu tinha certeza disso. Ela estava se fechando, se apertando, e se não houvesse nada para me dizer, ela não estaria tentando esconder. Ela devia saber de alguma coisa, a menos que estivesse apenas se desligando porque eu tinha pisoteado em seus sentimentos, como

os de Bianca. De qualquer maneira, ela não me diria mais nada.

Eu apertei meu punho, frustrado. Se Linda Randall não tinha informações para mim, eu estava em um beco sem saída. E eu feri os sentimentos de outra mulher, duas em uma noite. Você está com tudo, Dresden. Mesmo se um deles tivesse sido algo não humano.

"Por quê", perguntei a ela, as palavras escapando antes de pensar sobre elas. "Por que o ato de puta?"

Ela olhou para mim novamente e sorriu. Eu vi a mudança sutil nela, ampliando aquele tipo de apelo animal que ela tinha, mais uma vez, como ela tinha feito quando eu a cheguei pela primeira vez, mas isso não escondia a auto-aversão em seus olhos. Eu desviei o olhar, rapidamente, antes que eu tivesse que ver mais. Tive a sensação de que não queria ver a alma de Linda Randall. "Porque é o que eu faço, Sr. Dresden. Para algumas pessoas, são drogas. Bebida. Para mim, orgasmos. Sexo. Paixão. Apenas mais um viciado. A cidade está cheia deles." Ela olhou para o lado. "A melhor coisa para amar. E isso me mantém no trabalho. Um momento."

Ela abriu a porta. Dei um passo rápido para trás e para fora do caminho dela enquanto ela se movia para a parte de trás da limusine, pernas longas dando longos passos e abrindo o porta-malas.

Um casal alto, de óculos e vestido com elegantes roupas cinza de negócios, emergiu do terminal e se aproximou da limusine. Eles tinham a aparência de profissionais frenéticos, do tipo que têm carreira e não têm filhos, com dinheiro e tempo suficientes para gastar com a aparência, um casal NordicTrack. Ele estava carregando uma mala de uma noite por cima do ombro e uma pequena mala na mão, enquanto ela carregava apenas uma maleta. Eles não usavam jóias, nem mesmo relógios ou alianças. Estranho.

O homem jogou a bagagem no porta-malas da limusine e olhou de Linda para mim. Linda evitou os olhos dele. Ele tentou falar em voz baixa o suficiente para não ser ouvido, mas eu tenho bons ouvidos.

"Quem é esse?", Ele perguntou. Sua voz tinha uma nota tensa.

“Apenas um amigo, Sr. Beckitt. Um cara que eu costumava ver” ela respondeu.

Mais mentiras. Mais interessante.

Olhei através da limusine para a mulher, presumivelmente a sra. Beckitt. Ela me olhou com um rosto calmo, totalmente desprovido de emoção. Foi um pouco assustador. Ela tinha a aparência que eu já vi nos filmes, nos rostos de prisioneiros libertados dos stalags alemães no final da Segunda Guerra Mundial. Vazia. Entorpecida. Morta, e ainda não sabia.

Linda abriu a porta dos fundos e deixou o Sr. e a Sra. Beckitt entrarem no carro. A Sra. Beckitt colocou brevemente a mão na cintura de Linda, um gesto íntimo e possessivo demais para a ajuda contratada. Vi Linda estremecer, depois fechei a porta. Ela voltou ao redor do carro para mim.

"Saia daqui", disse ela em voz baixa. "Não quero ter problemas com meu chefe."

Peguei a mão dela, agarrei-a e segurei-a entre as minhas, como um antigo amante, eu supunha. Meu cartão de visita estava pressionado entre as palmas das mãos. "Meu cartão. Se você pensar em mais alguma coisa, ligue para mim. OK?"

Ela se afastou de mim sem responder, mas o cartão desapareceu no bolso antes de voltar para a limusine.

Os olhos mortos da sra. Beckitt me observavam pela janela lateral enquanto a limusine passava por mim. Foi a minha vez de tremer. Como eu disse, assustador.

Eu entrei no aeroporto. Os monitores que exibiam os horários dos voos tremiam quando eu passei. Fui a um dos cafés lá dentro, sentei-me e pedi uma xícara de café. Eu tive que pagar por ele com troco. A maior parte do meu dinheiro foi para pagar o aluguel do mês passado e para a poção do amor que eu deixei Bob me convencer a fazer. Dinheiro. Eu precisava trabalhar no caso de Monica Sells, encontrando o marido. Eu não queria sair de água quente com o Conselho Branco, apenas para perder meu escritório e

apartamento, porque não podia pagar as contas.

Bebi café e tentei organizar meus pensamentos. Eu tinha duas áreas de preocupação. O mais importante era descobrir quem matara Tommy Tomm e Jennifer Stanton. Não apenas para pegar o assassino antes que mais cadáveres aparecessem, mas porque se não o fizesse, o Conselho Branco provavelmente usaria a oportunidade para me matar.

E, enquanto rastreava assassinos e evitava esquadrões de execução, eu tinha que trabalhar para alguém que me pagasse. A saída desta noite não era algo que eu podia cobrar de Murphy, ela colocaria minha bunda numa tipóia se soubesse que eu estava andando por aí fazendo perguntas, cutucando meu nariz onde não deveria estar. Então, se eu quisesse dinheiro com o Departamento de Polícia de Chicago, teria que gastar um tempo fazendo a pesquisa que Murphy queria, a pesquisa de magia negra que poderia me matar por si só.

Ou poderia trabalhar no caso do marido desaparecido de Monica Sells. Eu achava que esse já era um caso terminado, mas não faria mal em continuar procurando. Eu poderia gastar tempo trabalhando nisso, preencher as horas do adiantamento, talvez até adicionar mais algumas. Isso me atraia muito mais do que tentar descobrir um pouco de magia negra.

Então, eu poderia acompanhar a pista que Toot-toot me deu. Houve uma entrega de pizza na casa do Lago Providence naquela noite. Hora de conversar com o entregador, se possível.

Saí do café, fui aos telefones públicos e liguei para a assistência telefônica. Havia apenas um lugar perto do endereço do Lago Providence que entregava pizza. Eu peguei o número e disquei.

"Pizza 'Spressa", alguém com a boca cheia disse. "O que vai ser hoje à noite?"

"Olá", eu disse. “Gostaria de saber se você pode me ajudar. Estou procurando o motorista que fez o pedido para um endereço na quarta-feira à noite.” Contei o endereço e perguntei se podia falar com o motorista.

"Outro", ele bufou. “Claro, espere. Jack acabou de sair correndo.” A voz do outro lado da linha chamou alguém, e um minuto depois o barítono alto de um jovem falou timidamente em meu ouvido.

"Olá?"

"Olá", eu respondi. "Você é o motorista que levou pizza para ..."

"Olha", disse ele, sua voz exasperada e nervosa. “Eu já pedi desculpas. Isso não vai acontecer novamente. "

Eu pisquei por um minuto, sem entender. "Desculpas pelo quê?"

"Caralho", disse ele. Eu o ouvi atravessar uma sala, com muita música e conversas altas ao fundo, e então o ruído de fundo foi cortado, como se ele tivesse entrado em outra sala e fechou a porta atrás de si. "Olha", ele disse quase chorando. "Eu disse que não vou dizer nada a ninguém. Eu só estava olhando. Você não pode me culpar, certo? Ninguém atendeu a porta, o que eu deveria fazer?” Sua voz falhou no meio de suas frases. “Era uma festa e tanto, mas ei. Isso é problema seu. Certo?"

Eu lutei para acompanhar o garoto. "O que exatamente você viu, Jack?", Perguntei a ele.

"Não vi nenhum rosto", ele me garantiu, sua voz ficando mais nervosa. Ele deu uma risadinha nervosa e tentou brincar. “Tinha coisas melhores para olhar do que rostos, certo? Quero dizer, eu não dou a mínima para o que você faz em sua própria casa. Ou seus amigos ou quem quer que seja. Não se preocupe comigo. Nunca vou dizer nada. Da próxima vez, vou deixar a pizza e colocar na conta, certo? "

Amigos, plural. Interessante. O garoto estava muito nervoso. Ele deve ter conseguido dar uma olhada. Mas eu tinha um instinto de que ele estava escondendo outra coisa, mantendo-o para trás.

"O que mais?", Perguntei a ele. Eu mantive minha voz calma e neutra. “Você viu outra coisa. O que foi isso?"

"Não é da minha conta", disse ele instantaneamente. "Não é da minha conta. Olha, eu tenho que sair dessa linha. Temos que mantê-la aberto para pedidos. É sexta à noite, estamos ocupados como o inferno. "

"O que", eu disse, separando minhas palavras, mantendo-as cortadas, "mais?"

"Oh, merda", ele respirou, sua voz tremendo. "Olha, eu não estava com esse cara. Não sabia nada sobre ele. Eu não disse a ele que você estava tendo uma orgia por aí. Sério. Caramba, senhor, não quero nenhum problema."

Victor Sells parecia ter uma boa idéia de como festejar, e de como assustar os adolescentes. "Mais uma pergunta, e vou deixar isso passar", eu disse a ele. "Quem você viu? Me fale sobre ele."

"Eu não sei. Eu não o conheço, não o reconheci. Um cara, com uma câmera, é tudo. Eu dei a volta nos fundos da casa para tentar a porta dos fundos, subi no seu deck e apenas vi o interior. Eu não continuei olhando. Mas ele estava lá em cima, todo de preto, com esta câmera, tirando fotos." Ele fez uma pausa quando alguém bateu na porta que ele havia fechado mais cedo. "Oh, Deus, eu tenho que ir, senhor. Eu não te conheço. Eu não sei de nada." E então houve uma corrida de pés, e ele desligou o telefone.

Eu desliguei o telefone e voltei para o carro de George. E trabalhei nos detalhes que acabara de aprender no caminho de volta ao meu apartamento.

Alguém ligou para Pizza 'Spressa, evidentemente um pouco antes de mim. Outra pessoa foi perguntar pelo entregador de pizza. Quem?

Victor Sells, é claro. Localizando pessoas que possam ter informações sobre ele, sua possível presença na casa do lago. Victor Sells, que estava tendo algum tipo de reunião lá fora naquela noite. Talvez ele estivesse bêbado, ou um de seus convidados tivesse pedido a pizza, e agora Victor estava tentando encobrir seus rastros.

O que implicava que Victor sabia que alguém estava procurando por ele. Inferno, até onde eu sabia, ele estava em casa quando eu fui lá na noite passada. Isso tornava as coisas muito mais interessantes. Um homem desaparecido que não quer ser encontrado pode ficar perigoso se alguém vier

bisbilhotar atrás dele.

E um fotógrafo? Alguém à espreita do lado de fora das janelas e tirando fotos? Vasculhei meu bolso e senti a lata redonda de filme plástico. Isso explicava de onde vinha o cartucho, de qualquer forma. Mas por que alguém estaria fora da casa, tirando fotos de Victor e seus amigos? Talvez porque Monica tivesse contratado outra pessoa, um detetive particular, sem me dizer. Talvez apenas um vizinho com muita vontade de tirar fotos sujas. Não há como dizer, realmente. Mais mistérios.

Puxei o Studebaker para o meu estacionamento e desliguei o motor. Eu calculei a pontuação para a noite. Enigmas: vários. Harry: zero.

Minha investigação para Monica Sells me rendeu um marido dando festas loucas em sua casa de praia depois de perder o emprego e trabalhando duro para não ser encontrado. Provavelmente um caso avançado de menopausa masculina. Monica não parecia ser o tipo de mulher que aceitaria uma coisa dessas com bom grado, ela parecia mais com a que fechava os olhos e me chamava de mentiroso se eu contasse a verdade. Mas pelo menos isso merecia um pouco mais de atenção, eu poderia colocar mais algumas horas no caso, talvez ganhar mais dinheiro com isso antes de dar a conta a ela. Mas eu ainda não sabia de nada.

O ângulo com Bianca chegara a um beco sem saída em Linda Randall. Tudo o que eu tinha eram mais perguntas para a senhorita Randall, e ela estava tão fechada quanto um banco no domingo. Eu não tinha nada sólido o suficiente para entregar a Murphy para que ela pudesse seguir em frente. Droga. Eu teria que fazer essa pesquisa no final das contas. Talvez isso resultasse em algo útil, algum tipo de pista que ajudasse a pegar o assassino.

E talvez dragões voassem da minha bunda. Mas eu tinha que tentar.

Então eu saí do carro para entrar e trabalhar.

Ele estava me esperando atrás das latas de lixo que ficavam ao lado das escadas que levavam à minha porta da frente. O taco de beisebol que ele me acertou pegou atrás da orelha e me jogou na base da escada como um saco quase desacordado. Eu podia ouvir seus passos, mas não conseguia me mexer

muito, quando ele desceu as escadas em minha direção.

Devia ter imaginado. Era exatamente o tipo de dia que eu estava tendo.

Senti o pé dele na parte de trás do meu pescoço. Senti-o levantar o taco de beisebol. E então o taco veio assobiando em direção ao meu crânio com um poderoso impacto.

Exceto que ele errou minha cabeça imóvel e bateu no concreto próximo ao meu rosto, bem pelos meus olhos.

"Escute, Dresden", disse meu atacante. Sua voz era áspera, baixa, propositalmente rouca. “Você tem um nariz grande. Pare de colocá-lo onde não pertence. Você tem uma boca grande. Pare de falar com pessoas com as quais você não precisa conversar. Ou vamos calar a sua boca.” Ele esperou um momento melodramaticamente apropriado e acrescentou: "Permanentemente".

Seus passos subiram as escadas e desapareceram.

Eu só fiquei lá observando as estrelas na frente dos meus olhos por um tempo. Mister apareceu de algum lugar, provavelmente atraído pelo barulho de gemidos, e começou a lamber meu nariz.

Acabei recuperando minha mobilidade e me sentei. Minha cabeça estava girando e eu me senti enjoado. Mister se esfregou contra mim, como se sentisse que algo estava errado, ronronando em um estrondo baixo. Consegui me levantar por tempo suficiente para destrancar a porta do meu apartamento, deixar Mister e eu entrar e trancá-la atrás de mim. Eu cambaleei para a minha poltrona na escuridão e me sentei com um sopro de ar expelido.

Fiquei imóvel até que a sala parasse de girar o suficiente para permitir que eu abrisse meus olhos novamente e até que minha cabeça parasse de latejar. Cabeça latejando. Alguém poderia estar batendo na minha cabeça com um taco de beisebol naquele momento, batendo na minha cabeça em a transformando em formas novas e interessantes que eram incompatíveis para continuar em atividades comerciais. Alguém poderia estar batendo Harry Dresden direto no outro mundo.

Eu cortei essa linha de pensamento. "Você não é um coelho indefeso, Dresden!", Lembrei-me severamente. “Você é um mago da velha escola, um feiticeiro do mais alto calibre. Você não vai rolar para um idiota com um taco de beisebol, porque ele diz para você rolar!”

Galvanizado pelo som da minha própria voz, ou talvez apenas pela percepção um tanto perturbadora de que eu estava falando sozinho, levantei-me e acendi o fogo na lareira, depois caminhei cambaleando para frente e para trás, tentando pensar, para me lembrar dos detalhes.

As visitas desta noite desencadearam o aviso? Quem tinha motivos para me ameaçar? O que eles estavam tentando me impedir de encontrar? E, o mais importante, o que eu ia fazer sobre isso?

Alguém me viu conversando com Linda Randall, talvez. Ou, mais provavelmente, alguém me viu aparecer na casa de Bianca, fazendo perguntas. O Fusca Azul pode não ser chamativo, mas é meio difícil confundir o carro de outra pessoa. Quem teria motivos para me vigiar?

Ora, o Cavalheiro Johnny Marcone não tinha me seguido para conversar comigo? Para que ele pudesse me pedir para ficar de fora desse negócio com o assassinato de Tommy Tomm? Sim ele tinha. Talvez esse tivesse sido outro lembrete do chefe da máfia. Tinha o estilo mafioso.

Eu cambaleei para a minha cozinha e tomei um chá tisano para a dor de cabeça, depois adicionei um pouco de aspirina. Os remédios à base de plantas são ótimos, mas não gosto de me arriscar.

Trabalhando com o mesmo princípio, tirei o meu Smith & Wesson .38 Chief's Special da gaveta, tirei a cobertura de pano e verifiquei se ele estava carregado. Então enfiei o revólver no bolso do casaco.

Magia de lado, é difícil superar uma arma para desencorajar homens com tacos de beisebol. E eu com certeza não iria fugir de Johnny Marcone de alma tigre, deixe-o me empurrar, deixá-lo saber que estava tudo bem passar por cima de mim sempre que quisesse. De jeito nenhum no inferno, ou na terra, também.

Minha cabeça latejava e minhas mãos tremiam, mas desci a escada para a meu laboratório, e comecei a descobrir como arrancar o coração de alguém do peito a 80 quilômetros de distância.

Quem disse que eu nunca faço nada divertido numa sexta à noite?

Capítulo Onze

Levou o resto da noite e parte da manhã, mas eu descobri como eu poderia matar alguém da mesma forma que Tommy Tomm e Jennifer Stanton tinham sido mortos. Depois da quinta ou sexta vez em que verifiquei os números, observei meus cálculos.

Não fazia sentido nenhum. Isso era impossível.

Ou talvez estivéssemos subestimando o quão perigoso esse assassino era.

Peguei meu casaco e saí sem me preocupar em verificar como estava. Não guardo espelhos em minha casa. Muitas coisas podem usar espelhos como janelas, ou portas, mas eu tinha certeza de que parecia um naufrago. O espelho retrovisor do Studebaker confirmou isso. Meu rosto estava abatido, com uma sombra de barba, círculos profundos sob os olhos vermelhos e cabelos que pareciam terem dado uma volta de moto em alta velocidade através de uma nuvem de fumaça oleosa. Ter o hábito de alisar o cabelo com as palmas das mãos suadas enquanto estuda faz isso com
você. Especialmente se você o fizer por doze ou catorze horas seguidas.

Isso não importava. Murphy queria essas informações e precisava delas. As coisas estavam ruins. Eles estavam muito, muito ruins.

Consegui chegar rapidamente até a estação, sabendo que Murphy iria querer ouvir isso cara a cara. A delegacia em que Murphy trabalhava era um complexo antigo de edifícios que abrigava o departamento de polícia metropolitana. Estava abatido, afundando em lugares como um velho soldado que, apesar de tudo, ficava em posição de sentido e lutava para segurar sua barriga. Havia um grafite ao longo de uma parede que o zelador não viria esfregar até segunda de manhã.

Estacionei na área dos visitantes, fácil de fazer no sábado de manhã, e subi as escadas e entrei no prédio. O sargento da entrada não era o bigodudo velho cavalo de guerra que eu já havia encontrado antes, mas uma senhora

acinzentada com olhos de aço que desaprovavam a mim e ao meu estilo de vida com um único olhar, então me fez esperar enquanto ela chamava Murphy.

Enquanto eu esperava, um par de policiais entrou, arrastando um homem algemado entre eles. Ele não estava resistindo, o contrário, na verdade. Sua cabeça estava abaixada e ele estava gemendo de uma maneira quase musical. Ele era esbelto e tive a impressão de que ele era jovem. Seus jeans e jaqueta estavam surrados, descuidados, assim como seus cabelos. Os policiais o arrastaram pela mesa, e um deles disse: "Aquele DSI que ligamos. Vamos levá-lo até a espera até que ele possa ver direito".

A sargento da entrada entregou uma prancheta e um dos policiais a pegou debaixo do braço, antes que os dois arrastassem o jovem, escada acima. Eu esperei, esfregando meus olhos cansados, até o sargento conseguir falar com alguém lá em cima. Ela deu um Hm bastante surpreso e disse: “Tudo bem, tenente. Vou mandá-lo subir.” Ela acenou com a mão para eu continuar. Eu podia sentir seus olhos em mim enquanto passava, e passei minha mão sobre minha cabeça e mandíbula inseguro.

As Investigações Especiais mantinham uma pequena área de espera perto da porta no topo da escada. Consistia em quatro cadeiras de madeira e um sofá velho e caído que provavelmente mataria suas costas se você tentasse dormir nele. O escritório de Murphy ficava no final de uma fila dupla de cubículos.

Murphy estava em pé dentro de seu escritório com um telefone pressionado no ouvido, com uma expressão martirizada. Ela parecia uma adolescente brigando com um namorado de fora da cidade, embora ela arrancaria minha cabeça se me ouvisse dizer algo assim. Acenei com a mão e ela acenou de volta para mim. Ela apontou para a sala de espera e depois fechou a porta do escritório.

Sentei-me em uma das cadeiras e encostei a cabeça na parede. Eu tinha acabado de fechar os olhos quando ouvi um grito atrás de mim no corredor. Houve um som de luta, e algumas exclamações assustadas, antes que o grito se repetisse, mais perto desta vez.

Eu agi sem pensar - estava cansado demais para pensar. Levantei-me e fui

para o corredor, em direção à fonte do som. À minha esquerda estava a escada e, à minha direita, o corredor se estendia à minha frente.

Uma figura apareceu, a silhueta de um homem correndo, se movendo em minha direção com passos largos. Era o homem que estava pendurado tão calmamente entre os dois oficiais, cantarolando alguns minutos antes. Tinha sido ele quem gritou. Ouvi um som de passadas, e então o par de oficiais que eu tinha visto lá embaixo alguns momentos antes viraram a esquina. Nenhum dos dois era jovem, e os dois corriam de barriga para fora, ofegando, segurando os cintos de armas com uma mão.

"Pare!" Um dos oficiais gritou, ofegante. "Pare esse homem!"

O cabelo na parte de trás do meu pescoço ficou em pé. O homem correndo em minha direção continuou gritando, alto e aterrorizado, sua voz um longo e ininterrupta camada de ... alguma coisa. Terror, pânico, luxúria, raiva, tudo misturado em uma bola e arremessado no ar através de suas cordas vocais.

Eu tive uma visão rápida de olhos arregalados, um rosto sujo, uma jaqueta jeans e uma calça jeans velhos quando ele correu pelo corredor sombrio. Suas mãos estavam atrás das costas, provavelmente presas por algemas. Ele não estava vendo o corredor pelo qual estava correndo. Não sei o que ele estava olhando, mas tive a impressão de que não queria saber. Ele veio correndo em minha direção e das escadas, cego e perigoso para si mesmo.

Não era da minha conta, mas eu não podia deixá-lo se quebrar em uma queda das escadas. Eu me joguei na direção dele o mais forte que pude, tentando posicionar meu ombro em seu estômago e levá-lo para trás em um encontrão de futebol americano.

Tinha um motivo para eu ser excluído todos os anos durante o ensino médio. Eu o acertei, mas ele apenas soltou uma bufada e girou para o lado, em uma parede. Era como se ele não tivesse me visto chegando e não tivesse percebido que eu estava lá. Ele apenas olhava cegamente e gritava, se afastando da parede e continuando seu caminho, em direção às escadas. Caí no chão, minha cabeça latejando com força de novo, onde o capanga desconhecido me bateu com um taco de beisebol na noite passada.

Uma das coisas boas de ser tão alto quanto eu é que tenho braços compridos. Eu rolei na direção a ele e tentei pegá-lo. Consegui pegar os jeans dele e dei um puxão forte na lateral de sua perna.

Aquilo funcionou. Ele girou, desequilibrado e caiu no chão de ladrilhos. O grito parou quando a queda roubou o ar dele. Ele deslizou até o começo da escada e parou, lutando fracamente. Os policiais passaram por mim na direção dele, cada um indo para os lados.

E então algo estranho aconteceu.

O jovem olhou para mim, e seus olhos se arregalaram e dilataram, até que pensei que eles haviam se transformado em enormes moedas negras pontilhando seus olhos vermelhos. Seus olhos reviraram em sua cabeça até que ele mal pudesse ver, e ele começou a gritar com uma voz clara.

"Mago!" Ele gritou. "Mago! Eu te vejo! Eu vejo você, mago! Eu vejo as coisas que te seguem, aqueles que andam antes e Ele que Anda Por Atrás! Eles vêm, eles vêm atrás de você!”

“Jesus Cristo de muleta”, disse o oficial mais baixo e redondo, quando pegaram o homem pelos braços e começaram a arrastá-lo de volta pelo corredor. “Viciados. Obrigado pela ajuda, amigo.”

Eu olhei para o homem, atordoado. Eu peguei a manga do oficial mais alto. "O que está acontecendo, senhor?", perguntei a ele.

Ele parou, deixando o prisioneiro ficar entre ele e seu parceiro. A cabeça do prisioneiro estava inclinada para frente e seus olhos ainda estavam revirados, mas ele estava com a cabeça virada para mim e sorria um sorriso horrível e cheio de dentes. Sua testa estava enrugada de forma estranha, quase como se ele estivesse, de alguma forma, focado em mim através dos ossos das sobrancelhas e dos lobos frontais do cérebro.

"Viciado", disse o oficial mais alto. “Um desses novos punks do TerceiroOlho. O pegamos no lago em seu carro com quase quatro gramas do material. Provavelmente mais nele.” Ele balançou a cabeça. "Você está bem?"

"Estou bem, estou bem", eu assegurei a ele. “TerceiroOlho? A droga nova?”

O oficial mais baixo bufou. "A que supostamente os permite ver o mundo espiritual, esse tipo de porcaria."

O mais alto assentiu. “Ela vicia mais que o crack. Obrigado pela ajuda. Mas não sabia que você era civil. Não esperava ninguém além da polícia aqui a essa hora do dia.”

"Não tem problema", eu assegurei a ele. "Estou bem."

"Ei", disse o mais robusto. Ele olhou para mim e apontou o dedo. “Você não é aquele cara? Aquele consultor psíquico que Carmichael me falou?”

"Vou evocar a quinta", eu disse a ele com um sorriso que não sentia. Os dois policiais riram e voltaram aos seus negócios, se esquecendo de mim enquanto arrastavam seu prisioneiro.

Ele sussurrava com uma vozinha louca, todo o caminho pelo corredor. “Eu lhe vejo, eu lhe vejo mago. Veja Ele Que Anda Por Trás.”

Voltei para minha cadeira na área de espera no final da fila de cubículos e me sentei, minha cabeça latejando, meu estômago revirando desconfortavelmente. Ele Que Anda Por Trás. Eu nunca tinha visto o drogado antes. Nunca estive perto dele. Eu não tinha sentido a tensão sutil de poder no ar ao redor dele que significava a presença de um praticante de magia.

Então, como diabos ele viu a sombra de Ele Que Anda Por Trás seguindo em meu rastro?

Por razões que não tenho tempo para falar agora, estou marcado, irreversivelmente, com os restos da presença de um espírito de caçador, uma espécie de assassino espectral conhecido como Ele Que Anda Por Trás. Eu tinha tido muita sorte de sobreviver ao meu inimigo que havia conjurado Ele Que Anda Por Trás e o enviado atrás de mim, mas mesmo que o espírito caçador nunca tivesse conseguido me matar, a marca ainda podia ser vista por aqueles que sabiam como, usando a Terceira Visão, se estendendo atrás de mim como uma sombra longa e horrivelmente modelada. Uma espécie de

cicatriz espiritual para me lembrar do encontro.

Mas apenas um mago tinha esse tipo de visão, a capacidade de sentir as auras e manifestações de fenômenos mágicos. E esse drogado não era um mago.

Seria possível que eu estivesse errado na minha avaliação inicial do TerceiroOlho? A droga poderia genuinamente conceder a seus usuários as visões da Terceira Visão?

Estremeci com o pensamento. Os tipos de coisas que você vê quando aprende a abrir o Terceiro Olho podem ser incrivelmente bonitas, de trazer lágrimas aos seus olhos, ou podem ser horríveis, coisas que fariam seus piores pesadelos parecerem comuns e reconfortantes. Visões do passado, do futuro, da verdadeira natureza das coisas. Manchas psíquicas, sombras perturbadoras, espírito de gente de todas os tipos, o poder trêmulo da Terranunca em todos os seus tons sutis e brilhantes, e todos indo direto para o seu cérebro: inesquecível, permanente. Os magos aprendem rapidamente como controlar o Terceiro Olho, para mantê-lo fechado, exceto em momentos de grande necessidade, ou eles ficariam loucos dentro de algumas semanas.

Eu estremeci. Se a droga era real, se realmente abria o Terceiro Olho em mortais, em vez de apenas infligir alucinações comuns a seus usuários, era muito mais perigoso do que parecia, mesmo com os efeitos demonstrados pelo drogado que eu havia enfrentado. Mesmo que um usuário não enlouqueça ao ver as coisas horríveis ou de outro mundo, ele poderia ver através das ilusões e disfarces de qualquer um dos vários seres que caminhavam entre a humanidade regularmente, sem serem vistos, o que poderia obrigar essas criaturas a se defender, por medo de ser revelado. Perigo duplo.

"Dresden", Murphy retrucou, "acorde".

Eu pisquei. "Não estou dormindo", eu murmurei. "Apenas descansando meus olhos."

Ela bufou. "Pare com isso, Harry", disse ela, e empurrou uma xícara em minhas mãos. Ela fez o café com uma tonelada de açúcar, do jeito que eu gosto, e mesmo que fosse um pouco fraco, cheirava a céu.

"Você é um anjo", eu murmurei. Tomei um gole e depois assenti para a fileira de cubículos. "Você vai querer ouvir isto em seu escritório."

Eu podia sentir os olhos dela em mim enquanto bebia. "Tudo bem", ela disse. "Vamos. E o café custa cinquenta centavos, Harry."

Eu a segui até seu escritório, uma coisa montada às pressas, com paredes de MDF barato e uma porta que não era totalmente reta. A porta tinha uma placa de papel colada, cuidadosamente escrita em marcador preto com TEN. KARRIN MURPHY. Havia um retângulo de madeira mais clara, onde uma placa já havia guardado o nome de outro policial infeliz. O fato de o escritório nunca ter se incomodado em colocar uma placa nova era um lembrete não tão sutil da posição precária do diretor das Investigações Especiais.

Os móveis do escritório, todo o interior do escritório, na verdade, contrastava com o exterior. Sua mesa e cadeira eram elegantes, escuras e novas. Seu computador estava sempre ligado e funcionando em sua própria mesa, imediatamente à esquerda. Um quadro de avisos cobria a maior parte de uma pequena parede e os casos atuais eram separados de maneira organizada. O diploma da faculdade dela, os troféus de aikido e os prêmios de atirador estavam na parede à direita que podiam ser vistos assim que você entrava no escritório, e ficavam bem ao lado do seu rosto, se você ficasse em pé diante da mesa ou sentado na cadeira em frente a ela . Aquilo era a Murphy, organizada, direta, determinada e só um pouco combativa.

"Espere", Murphy me disse. Parei do lado de fora do escritório dela, como sempre fazia, enquanto ela entrava e desligava e depois tirava da tomada o computador e o pequeno rádio em sua mesa. Murphy estava acostumada com o tipo de confusão que acontece sempre que eu fico perto de máquinas. Depois que ela terminou, entrei.

Sentei-me e bebi mais café. Ela deslizou para a borda da mesa, olhando para mim, seus olhos azuis se estreitaram. Ela estava vestida não menos casualmente em um sábado do que em um dia de trabalho, calça escura, blusa escura destacada pelos cabelos dourados e colar e brincos de prata brilhante. Muito elegante. Eu, de moletom amarrotado e camiseta, casaco preto e cabelos despenteados, me senti muito desleixado.

"Tudo bem, Harry", disse ela. "O que você tem para mim?"

Tomei um último gole de café, abafei um bocejo e coloquei a xícara na mesa dela. Ela colocou uma porta-copos embaixo dela quando comecei a falar. "Eu fiquei acordado a noite toda trabalhando nisso", eu disse, mantendo minha voz suave. “Eu tive um tempo infernal para descobrir o feitiço. E o mais próximo que consegui chegar, é praticamente impossível fazer isso com uma pessoa, imagine duas ao mesmo tempo.”

Ela olhou para mim. “Não me diga que é praticamente impossível. Eu tenho dois cadáveres que dizem o contrário.”

"Se acalme", eu rosnei para ela. “Estou apenas começando. Você precisa entender a coisa toda, se quiser entender alguma coisa.”

Seu olhar irritado se intensificou. Ela colocou as mãos na borda da mesa e disse em um tom mortal e razoável: “Tudo bem. Por que você não me explica?”

Esfreguei meus olhos novamente. "Veja. Quem fez isso, fez com um feitiço taumatúrgico. Isso eu tenho certeza. Ele usou alguns dos cabelos ou unhas de Tommy Tomm e Jennifer Stanton ou algo assim para criar um vínculo entre eles. Então eles arrancaram um coração simbólico de algum tipo de boneca ritual ou animal de sacrifício e usaram uma quantidade de energia do tamanho de uma baleia para fazer o mesmo acontecer com as vítimas.”

"Isso não me diz nada de novo, Harry."

"Estou chegando lá, estou chegando lá", eu disse. “A quantidade de energia necessária para fazer isso é impressionante. Seria bem mais fácil causar um pequeno terremoto do que afetar um ser vivo dessa forma. Na melhor das hipóteses, talvez eu conseguisse fazer isso sem me matar. Com uma pessoa que realmente me irritou.”

“Você está se identificando como suspeito?” A boca de Murphy se curvou no canto.

Eu bufei. “Eu disse que era forte o suficiente para fazer isso com uma

pessoa. Eu acho que me mataria tentar duas.”

"Você está dizendo que alguma versão do Arnold Schwarzenegger mago fez isso?"

Dei de ombros. “É possível, eu suponho. É mais provável que seja alguém que é realmente muito bom. Poder bruto não determina tudo o que você pode fazer com a magia. Foco também importa. Quanto melhor o seu foco, melhor a aplicação de seu poder em um só lugar ao mesmo tempo, você pode fazer mais. É como quando você vê algum velho mestre chinês de artes marciais baixinho quebrar um tronco de árvore com as mãos. Ele não conseguiria erguer um filhote de cachorro acima da cabeça, mas ele pode concentrar o poder que ele tem, com efeitos incríveis.”

Murphy olhou para os troféus de aikido e assentiu. “Tudo bem”, ela disse, “eu entendo, acho. Então, estamos procurando a versão mago do senhor Miyagi.”

“Ou”, eu disse, levantando um dedo, “mais de um mago trabalhou nisso ao mesmo tempo. Reuniram o poder deles e usaram tudo de uma vez.” Minha cabeça latejante, combinada com o estômago enjoado e a cafeína, estava me deixando um pouco tonto. "Trabalho em equipe, trabalho em equipe, é isso que conta."

"Múltiplos assassinos", Murphy demorou. "Eu não tenho um, e você está me dizendo que pode haver cinquenta."

"Treze", eu a corrigi. “Você nunca pode usar mais de treze. Mas não acho isso muito provável. É uma coisa foda de se fazer. Todos no círculo devem estar comprometidos com o feitiço, não podem ter dúvidas ou medo. E eles têm que confiar um no outro implicitamente. Você não vê esse tipo de coisa na sua gangue comum de assassinos. Não é algo que acontece, fora de algum tipo de fanatismo. Um culto ou organização política.”

"Um culto ", disse Murphy. Ela esfregou os olhos. “O Arcano vai se esbaldar com isso, se vazar. Então Bianca está envolvida nisso, afinal. Certamente ela tem inimigos suficientes por aí que poderiam fazer isso. Ela poderia inspirar esse tipo de esforço para se livrar dela.”

Eu balancei minha cabeça. A dor estava piorando, mais pesada, mas as peças estavam se encaixando. "Não. Você está pensando no ângulo errado. O assassino não estava matando a prostituta e Tommy Tomm para chegar na Bianca."

"Como você sabe?"

"Fui vê-la", respondi.

"Droga, Harry!"

Eu não reagi à raiva dela. "Você sabe que ela não iria falar com você, Murph. Ela é uma garota monstro antiquada. Nenhuma cooperação com as autoridades."

"Mas ela falou com você?" Murphy exigiu.

"Eu pedi por favor."

"Eu lhe encheria de porrada se você já não parecesse ter levado uma surra.", disse Murphy. "O que você descobriu?"

"Bianca não estava envolvida nisso. Ela não tinha ideia de quem poderia ter sido. Ela estava nervosa, assustada." Eu não mencionei que ela estava assustada o suficiente para tentar me transformar em pedaços.

"Então alguém estava enviando uma mensagem, mas não para Bianca?"

"Para Johnny Marcone", confirmei.

"Guerra de gangues nas ruas", disse Murphy. "E agora a máfia está trazendo feitiçaria para a jogada. Feitiços mafiosos. Jesus Cristo." Ela tamborilou na beira da mesa.

"Guerra de gangues. Fornecedores de TerceiroOlho contra narcóticos convencionais. Correto?"

Ela olhou para mim por um minuto. "Sim", disse Murphy. "Sim está. Como você sabia? Estamos escondendo detalhes dos jornais."

“Acabei de encontrar um cara que estava chapado com TerceiroOlho. Algo que ele disse me faz pensar que essas coisas não são um monte de porcaria. Elas são pra valer. E você teria que ser um mago muito, muito foda para fabricar uma grande quantidade desse tipo de droga.”

Os olhos azuis de Murphy brilhavam. "Então, quem é que abastece as ruas com o TerceiroOlho..."

“...foi quem matou Jennifer Stanton e Tommy Tomm. Eu tenho certeza disso. Parece correto.”

"Eu tenderia a concordar", disse Murphy, assentindo. "Tudo bem então. Quantas pessoas você conhece que poderiam administrar o feitiço de assassinato?”

"Cristo, Murphy", eu disse, "você não pode me pedir para lhe entregar uma lista de nomes de pessoas para arrastar o centro da cidade para interrogá-las."

Ela se inclinou para mais perto de mim, olhos azuis ferozes. “Errado, Harry. Eu posso sim. Eu posso pedir para você me dar. E se não o fizer, posso lhe prender por obstrução e cumplicidade tão rápido que faria sua cabeça girar.”

"Minha cabeça já está girando", eu disse a ela. Uma pequena risadinha saiu. Cabeça latejante pulsando, pulsando, pulsando. “Você não faria isso, Murph. Eu te conheço. Você sabe muito bem que se eu tivesse algo que você pudesse usar, eu daria a você. Se você me deixar entrar na investigação, me dê a chance de...”

"Não, Harry", disse ela, sua voz dura. “Sem chance. Já estou afundada com tubarões, sem que você de uma de difícil comigo. Você já está machucado e não me peça para acreditar que você caiu da escada. Eu não quero ter que raspar você do concreto. Quem matou Tommy Tomm vai pegar pesado quando alguém aparecer, e não é seu trabalho fazer isso. É o meu."

"Se vire então, eu disse a ela. "Você é a única com um prazo final."

O rosto dela ficou pálido e seus olhos brilharam. "Você é uma merda sem

tamanho, Harry."

Comecei a responder a ela, realmente tentei, mas meu crânio ficou frouxo e trêmulo no pescoço, e as coisas começaram a girar, e minha cadeira meio que balançou sobre as pernas traseiras e girou precariamente. Eu pensei que era provavelmente mais seguro deslizar para o chão, vagarosamente como uma cobra. Os ladrilhos eram bonitos e frescos embaixo da minha bochecha e pareciam reconfortantes. Minha cabeça disparou, boom, boom, boom, o tempo todo em que estive lá embaixo, estragando o que de outra forma teria sido uma agradável soneca.

Capítulo Doze

Eu acordei no chão do escritório de Murphy. O relógio na parede dizia que eram cerca de vinte minutos depois. Algo macio estava embaixo da minha cabeça e meus pés estavam apoiados em várias listas telefônicas. Murphy estava pressionando um pano frio contra minha testa e garganta.

Eu me senti terrível. Exausto, dolorido, enjoado, minha cabeça latejando. Eu não queria fazer nada além de me enrolar e choramingar até dormir. Dado que eu nunca esqueceria isso, fiz uma piada. “Você tem um vestidinho branco? Eu tenho essa fantasia antiga com você de enfermeira, Murphy.

“Um pervertido como você teria. Quem bateu na sua cabeça?” ela exigiu.

"Ninguém", eu murmurei. "Caí das escadas do meu apartamento."

"Besteira, Harry", disse ela, com a voz dura. Suas mãos não foram menos gentis com o pano frio, no entanto. “Você tem fuçado por aí neste caso. É daí que ganhou o galo na cabeça. Não foi?

Comecei a protestar.

"Oh, nem começa", disse ela, soltando um suspiro. “Se você não tivesse uma concussão, eu amarraria seus calcanhares no meu carro e atravessaria o tráfego.” Ela levantou dois dedos. "Quantos dedos eu estou segurando?"

"Cinquenta", eu disse, e levantei dois dos meus. “Não é uma concussão. Apenas uma pequena pancada na cabeça. Eu ficarei bem.” Comecei a me sentar. Eu precisava chegar em casa, dormir um pouco.

Murphy colocou a mão no meu pescoço e me pressionou de volta no travesseiro embaixo da minha cabeça, que era, aparentemente, a jaqueta dela, porque ela não estava usando. "Fique deitado", ela rosnou. "Como você chegou aqui? Não foi naquele seu ferro velho, espero.”

"O Fusca está passando pelo seu ritual de fênix", eu disse a ela. “Eu tenho um

emprestado. Olha, eu vou ficar bem. Apenas me deixe sair daqui, e vou para casa dormir um pouco.”

"Você não está em condições de dirigir", disse Murphy. “Você é uma ameaça. Eu teria que me prender se deixasse você atrás de um volante em sua condição.”

"Murph", eu disse, irritado, "a menos que você possa pagar o que está me devendo, agora, não posso exatamente chamar um táxi."

"Continue sonhando, Harry", disse Murphy. “E economize seu fôlego. Vou te dar uma carona para casa.”

"Eu não preciso de uma..." Comecei, mas ela se levantou e saiu do escritório.

Loucura, pensei. Estupidez. Eu estava perfeitamente capaz de me mover. Então me sentei e me levantei.

Ou tentei. Na verdade, eu consegui me sentar. E então eu desabei.

Murphy voltou para me encontrar encolhido do meu lado, seu escritório fedia onde vomitei. Para variar, ela não disse nada. Ela apenas se ajoelhou perto de mim, limpou minha boca e colocou outro pano frio na parte de trás do meu pescoço.

Lembro dela me ajudando a entrar no seu carro. Lembro de pequenos pedaços do caminho de volta para o meu apartamento. Lembro de dar as chaves do apartamento e resmungar algo sobre Mike e o motorista do caminhão de reboque.

Mas eu lembro principalmente da sensação da mão dela na minha, fria com um pouco de nervosismo nos dedos macios, pequena embaixo dos meus grandes dedos largos e fortes. Ela reclamou e me ameaçou todo o caminho de volta para o apartamento, eu acho. Mas lembro da maneira como ela se certificou de segurar minha mão, como se quisesse garantir que eu ainda estava lá. Ou para me garantir que ela estava, que ela não estava indo a lugar algum.

Há uma razão pela qual eu me esforço para ajudar Murphy. Ela é gente boa. Uma das melhores.

Voltamos ao meu apartamento antes do meio dia. Murphy me ajudou a descer as escadas e abriu a porta para mim. Mister veio correndo e se jogou contra as pernas dela em cumprimento. Talvez ser baixa lhe dê um apoio melhor ou algo assim, já que ela nem balançou quando o senhor bateu nela, como eu fazia. Ou talvez seja o aikido.

"Cristo, Harry", ela murmurou. “Este lugar é escuro.” Ela tentou o interruptor, mas as lâmpadas tinham queimado na semana passada, e eu não tinha dinheiro para substituí-las. Então ela me sentou no sofá e acendeu algumas velas com os carvões acesos da lareira. "Tudo bem", disse ela. "Estou colocando você na cama."

"Bem. Se você insiste."

O telefone tocou. Estava ao alcance de um braço, então eu peguei. "Dresden", eu murmurei.

“Senhor Dresden, esta é Linda. Linda Randall. Você se lembra de mim?"

Heh. Os homens se lembram da cena do filme com Marilyn parada em cima da grade do metrô? Eu me vi lembrando os olhos de Linda Randall e imaginando coisas que um cavalheiro não deveria.

"Você está nua?" Eu disse. Levei um minuto para registrar o que eu tinha dito. Ops.

Murphy me deu um olhar arqueado. Ela se levantou e entrou no meu quarto, e começou a endireitar as cobertas, me dando um pouco de privacidade. Eu me senti animado. Meu deslize tinha enganado Murphy melhor do que qualquer mentira que eu pudesse ter falado. Talvez um Harry tonto não fosse, necessariamente, um Harry ruim.

Linda ronronou ao telefone. “Estou no carro agora, querido. Talvez mais tarde. Olha, eu descobri algumas coisas que podem ajudá-lo. Você pode me encontrar hoje à noite?”

Esfreguei meus olhos. Era sábado. Esta noite era sábado à noite. Não havia algo que eu deveria fazer hoje à noite?

Para o inferno com isso, pensei. Não poderia ter sido tão importante se eu nem conseguia me lembrar. "Claro", eu disse a ela. "Tudo bem."

Ela deu um hummmm no telefone. “Você é um cavalheiro. Eu gosto disso de vez em quando. Eu saio às sete. Tudo bem? Você quer me encontrar? Digamos às oito?”

"Meu carro explodiu", eu disse. Minha língua estava confusa. "Eu posso te encontrar no 7-Eleven na mesma rua do meu apartamento."

Ela soltou aquele riso rico e cremoso no meu ouvido novamente. "É o seguinte. Me dê mais ou menos uma hora para ir para casa, tomar um bom banho quente, ficar bonita, e então eu estarei lá em seus braços. Parece bom para você?”

"Bem. OK."

Ela riu de novo e não se despediu antes de desligar.

Murphy apareceu novamente assim que eu desliguei o telefone. "Não me diga que você acabou de marcar um encontro, Dresden."

"Você está apenas com ciúmes."

Murphy bufou. "Por favor. Preciso de mais homem do que você para me manter feliz.” Ela começou a colocar um braço embaixo de mim para me ajudar. “Você quebraria como uma vara seca, Dresden. É melhor você ir para a cama antes de ter mais ilusões.”

Coloquei a mão no ombro dela para empurrá-la de volta. Eu não tinha esse tipo de força, mas ela recuou, franzindo a testa. "O que?"

"Algo", eu disse. Esfreguei meus olhos. Algo estava me incomodando. Eu estava esquecendo de alguma coisa, eu tinha certeza disso. Algo que eu disse que faria no sábado. Eu lutei para empurrar pensamentos de guerras contra as drogas e pessoas enlouquecidas pelas visões da Terceira Visão dadas pela

droga TerceiroOlho, e tentei me concentrar.

Não demorou muito para clicar. Monica. Eu disse a ela que entraria em contato com ela. Bati nos bolsos do meu casaco até encontrar meu bloco de notas e o tirei. Eu o abri e acenei para Murphy.

"Vela. Precisa ler alguma coisa."

"Cristo, Dresden. Eu juro que você é pelo menos tão ruim quanto meu primeiro marido. Ele era teimoso o suficiente para se matar também." Ela suspirou e trouxe uma vela. A luz machucou meus olhos por um momento. Eu descobri o número de Monica e liguei para ela.

"Olá?", perguntou a voz de uma criança do sexo masculino.

"Oi", eu disse. "Eu preciso falar com Monica, por favor."

"Quem é?"

Lembrei que estava trabalhando para ela às escondidas e respondi: "O primo dela, Harry, de Vermont".

"Certo", disse o garoto. "Espere." Então ele gritou, sem abaixar o bocal do telefone dos lábios: "MAMÃE! SEU PRIMO HARRY DE VERMONT ESTÁ NO TELEFONE DE LONGA DISTÂNCIA!"

Crianças. Você tem que amá-las. Eu adoro crianças. Um pouco de sal, um pouco de limão, perfeito.

Eu esperei que as batidas na minha cabeça se transformassem em mera agonia quando o garoto largou o telefone e saiu correndo, os pés batendo no chão de madeira.

Um momento depois, houve o barulho do telefone sendo atendido, e a voz calma e um pouco nervosa de Monica disse: Olá?"

"É Harry Dresden", eu disse a ela. "Eu só queria ligar para você saber o que eu descobri..."

"Sinto muito", ela me interrompeu. "Eu não, hum ... preciso de um desses."

Eu pisquei. "Uh, Monica Sells?" Eu li o número de telefone dela.

"Sim, sim", disse ela, sua voz apressada, impaciente. "Não precisamos de ajuda, obrigado."

"Este é um momento ruim?"

"Não. Não é isso não. Eu só queria cancelar meu pedido. Interrompa o serviço. Não se preocupe comigo." Havia um tom estranho em sua voz, como se ela estivesse forçando o bom ânimo de uma dona de casa.

"Cancelar? Você não me quer mais procurando seu marido? Mas senhora, o dinheiro..." O telefone começou a soltar estática e deixou a linha confusa. Eu pensei ter ouvido uma voz ao fundo, em algum lugar, e então o som se apagou, exceto pela estática. Por um momento, pensei que tinha perdido completamente a conexão. Telefones não confiáveis. Geralmente, eles erravam do meu lado, não do lado de quem recebe. Você nem pode confiar que eles se quebrem de maneira confiável.

"Olá? Olá?" Eu disse, irritado.

A voz de Monica voltou. "Não se preocupe com isso. Muito obrigado por toda a sua ajuda. Bom dia, tchau, obrigada." Então ela desligou na minha cara.

Tirei o telefone do ouvido e olhei para ele. "Bizarro", eu disse.

"Vamos lá, Harry", disse Murphy. Ela pegou o telefone da minha mão e o plantou firmemente no gancho.

"Aww, mãe. Ainda não está nem escuro." Falei a piada besta para tentar pensar em algo além de quão terrivelmente minha cabeça iria doer quando Murphy me levantasse. Ela me levantou. Doeu. Nós entramos mancando no quarto e quando eu me estiquei nos lençóis frios, eu tinha certeza de que iria criar raízes.

Murphy mediu minha temperatura e sentiu meu couro cabeludo com os

dedos, tomando cuidado com o ovo de ganso na parte de trás do meu crânio. Ela apontou uma lanterna nos meus olhos, o que eu não gostei. Ela também pegou um copo de água, o que eu gostei, e me fez engolir algumas aspirinas, Tylenol ou algo assim.

Só me lembro de mais duas coisas naquela manhã. Uma delas era Murphy, tirando minha camisa, botas e meias, e se inclinando para beijar minha testa e bagunçar meus cabelos. Então ela me cobriu com cobertores e apagou as luzes. Mister se arrastou e se deitou sobre minhas pernas, ronronando como um pequeno motor diesel, reconfortante.

A segunda coisa que lembro foi o telefone tocando novamente. Murphy estava prestes a sair, com as chaves do carro na mão. Ouvi-a voltar para atender o telefone e dizer: "Residência de Harry Dresden".

Houve um silêncio.

"Olá?" Murphy disse.

Depois de outra pausa, Murphy apareceu na porta, uma pequena sombra, olhando para mim. "Número errado. Descanse um pouco, Harry.

"Obrigado, Karrin." Eu sorri para ela, ou tentei. Deve ter parecido horrível. Ela sorriu de volta, e tenho certeza de que o dela era mais agradável que a meu.

Ela saiu então. O apartamento ficou escuro e silencioso. Mista continuou a ronronar suavemente no escuro.

Algo continuou me incomodando, enquanto eu adormecia. O que eu tinha esquecido? E outra pergunta menos sensata, quem estava na linha e não queria falar com Murphy? Monica Sells tinha tentado me ligar de volta? Por que ela cancelou a investigação e me disse para ficar com o dinheiro?

Pensei nisso, e tacos de beisebol e outros assuntos, até o ronronar de Mister me fazer dormir.

Capítulo Treze

Eu acordei quando trovões balançaram a antiga casa em cima de mim.

A verdadeira escuridão havia caído. Eu não tinha ideia de que horas eram. Fiquei deitado na cama por um momento, confuso e um pouco tonto. Tinha um pedaço quente nas minhas pernas, onde o Mister devia estar até alguns momentos atrás, mas o grande gato cinza não estava em lugar nenhum. Ele era um frangote contra tempestades.

A chuva caía com força. Eu podia ouvi-la no concreto do lado de fora e na antiga construção acima de mim. Ela rangia e balançava na tempestade de primavera e com o vento, as madeiras mexiam suavemente, velhas e sábias o suficiente para ceder um pouco, em vez de resistirem obstinadamente até que se quebrassem. Eu provavelmente poderia aprender algo com aquilo.

Meu estômago estava roncando. Saí da cama, cambaleei um pouco e torci pelo meu roupão. Não conseguia encontrá-lo no escuro, mas encontrei meu casaco onde Murphy o deixara em uma cadeira, cuidadosamente dobrado. Em cima dele havia um punhado de dinheiro, junto com um guardanapo com as palavras “Você me pagará de volta. Murphy.” Eu fiz uma careta para o dinheiro e tentei ignorar a sensação de gratidão que senti. Peguei meu casaco e o puxei sobre meu peito nu. Então eu andei descalço até a sala de estar.

O trovão retumbou novamente, rosnando lá fora. Eu podia sentir a tempestade, de uma maneira que muitas pessoas não conseguem, e que a maioria das que conseguiam assumisse que fosse medo. Tinha uma energia bruta lá em cima, nua e pulsando através das nuvens. Eu podia sentir a água na chuva e nas nuvens, o ar em movimento soprando as gotas em rajadas contra as paredes da casa acima. Eu podia sentir, esperando, o fogo do relâmpago mortal, pulando de nuvem em nuvem acima e procurando um caminho de menor resistência para a terra paciente e atemporal que suportava o impacto do ataque da tempestade. Todos os quatro elementos, interagindo, se movendo, energia piscando de um lugar para outro em cada uma de suas

formas. Havia muito potencial nas tempestades, potencial que um feiticeiro poderia explorar se estivesse desesperado ou fosse estúpido o suficiente. Muita energia para ser usada lá em cima, onde as forças antigas da natureza brigavam e caíam.

Eu fiz uma careta, pensando sobre isso. Isso não tinha me ocorrido antes. Teve uma tempestade na quarta-feira à noite? Sim, teve. Lembro de trovões me acordando por alguns momentos nas horas antes do amanhecer. O nosso assassino poderia ter tocado nela para alimentar seus feitiços? Possivelmente. Merecia uma investigação. Essa energia costumava ser instável ou volátil demais para ser usada de maneira tão cuidadosamente direcionada.

Um raio voltou a brilhar e contei três ou quatro segundos antes que o estrondo me atingisse. Se o assassino estivesse usando as tempestades, Era provável que se, ele ou ela, atacasse novamente, isso aconteceria hoje à noite. Eu estremeci.

Meu estômago roncou, e assuntos mais mundanos chamaram minha atenção. Minha cabeça estava um pouco melhor. Eu não estava mais tonto. Meu estômago estava furioso comigo, assim como muitos homens altos e magros, eu como sem parar, mas nunca engordo. Eu não tenho ideia do porquê. Entrei na cozinha e comecei a montar a churrasqueira.

"Mister?" Eu chamei. “Você está com fome, amigo? Vou fritar alguns hambúrgueres, mmm, mmm, mmm.”

Raios brilharam novamente, mais perto desta vez, o trovão seguindo. O flash foi brilhante o suficiente para atravessar minhas janelas semiafundadas e me fazer fechar os olhos. Mas, sob o clarão da luz, avistei o senhor.

O gato estava em cima da minha estante de livros, no canto mais distante do apartamento, o mais longe possível da minha porta da frente. Ele a observava, com os olhos luminosos no meio escuro e, embora tivesse a aparência preguiçosa de qualquer felino relaxado, seus ouvidos estavam inclinados para a frente e seu olhar focado sem cessar na porta. Se ele tivesse um rabo, estaria balançando.

Houve uma batida na porta do meu apartamento.

Talvez tenha sido a tempestade que me deixou nervoso, mas eu procurei com meus sentidos, sentindo qualquer ameaça que pudesse estar lá. A tempestade deixou tudo bagunçado, e todo esse barulho, tanto físico quanto espiritual, me impediu de dizer algo além de que havia alguém do lado de fora da minha porta.

Eu procurei no bolso do meu casaco pela arma, mas lembrei que a havia deixado no laboratório ontem à noite e não a levei comigo até a delegacia. A polícia não gostava muito que ninguém, exceto a polícia carregasse armas de fogo dentro da estação, não me pergunte o porquê. De qualquer forma, estava fora de alcance agora.

E então me lembrei que Linda Randall deveria aparecer. Eu me repreendi por ter me assustado tão facilmente, e depois novamente por dormir tanto tempo, e novamente por parecer e cheirar como se eu não tivesse tomado banho há alguns dias ou penteado meu cabelo ou feito a barba ou qualquer outra coisa que pudesse me deixar marginalmente menos desagradável. Ah bem. Tive a impressão de que, com Linda, esse tipo de coisa não pareceria importar muito. Talvez ela gostasse de *eau des hommes*.

Fui até a porta e a abri, alisando meu cabelo com uma mão e tentando manter um sorriso tímido longe do meu rosto.

Susan Rodriguez esperava do lado de fora na chuva, com o guarda-chuva preto em cima dela. Ela usava um casaco cáqui e um vestido preto caro por baixo, com saltos. Pérolas brilhavam em sua garganta e ouvidos. Ela piscou para mim quando eu apareci na porta. "Harry?"

Eu a encarei. Oh meu Deus. Eu tinha esquecido de meu encontro com Susan. Como eu pude ter esquecido isso? Quer dizer, não bastasse o Conselho Branco, a polícia, os vampiros, as concussões, os drogados, os chefes da máfia e os bandidos que atacavam com bastões de beisebol...

Bem não. Provavelmente não havia nenhuma mulher incrível o suficiente para ficar na minha mente por tudo isso. Mas, mesmo assim, me pareceu um pouco rude.

"Oi, Susan", eu disse fracamente. Eu olhei além dela. Quando Susan disse que ia aparecer? Nove? E quando Linda disse? Oito, não, espere. Ela disse às oito horas no início e depois disse que chegaria em mais uma hora depois disso. Às nove. Eita cara. Isso não seria bonito.

Susan me leu como um livro e olhou para trás na chuva, antes de olhar para mim. "Esperando alguém, Harry?"

"Não exatamente", eu disse a ela. "Ah bem. Talvez. Olha, entre. Você está ficando encharcada." O que não era exatamente verdade. Eu estava ficando encharcado, com os pés descalços encharcados, parado com a porta aberta, o vento soprando chuva da escada para mim.

A boca de Susan se torceu em um sorriso malicioso e predatório, e ela entrou, abaixando o guarda-chuva e passando por mim. "Este é o seu apartamento?"

"Não", eu disse a ela. "Esta é minha casa de verão em Zurique." Ela me olhou quando eu fechei a porta, peguei o casaco e pendurei em um porta chapéu de madeira perto da porta.

Susan se afastou de mim quando pendurei o casaco dela. O vestido mostrava as costas, a longa curva de sua coluna, até a cintura. Tinha uma bainha bem leve e mangas longas e apertadas. Eu gostei. Muito. Ela me deixou vê-la de volta por um tempo enquanto se afastava de mim, em direção à lareira, depois lentamente se virou para mim, sorrindo, apoiando um quadril liso no sofá. O seu cabelo escuro estava preso no alto da cabeça, exibindo um pescoço longo e fino, a pele anunciando algo suave e maravilhoso. Seus lábios se curvaram nos cantos e ela estreitou os olhos escuros e reluzentes para mim. "A polícia está fazendo você fazer hora extra, Harry?" Ela falou devagar. "Os assassinatos devem ser sensacionais. Criminoso de alto escalão, assassinado com magia. Gostaria de fazer uma declaração?"

Eu estremeci. Ela ainda estava procurando um ângulo para o Arcano. "Claro", eu disse a ela. Os olhos dela se arregalaram de surpresa. "Eu preciso de um banho", eu disse. "Volto já. Mister, fique de olho na moça, hein?

Susan me deu uma pequena revirada de olhos, depois olhou para cima e estudou Mister em seu poleiro na estante. Mister, por sua vez, sacudiu uma

orelha e continuou olhando para a porta.

Mais trovões ecoaram no céu.

Acendi algumas velas para ela e depois levei uma para o banheiro. Pense Harry. Acorde e fique com a cabeça limpa. O que fazer?

Fique limpo, eu disse a mim mesmo. Você cheira a cavalo. Coloque um pouco de água fria sobre sua cabeça e resolva isso. Linda Randall estará aqui em um minuto, e você precisa descobrir como impedir Susan de enfiar o nariz nos assassinatos.

Assim aconselhado, concordei comigo mesmo e rapidamente me despi e entrei no chuveiro. Não uso aquecedor de água e, consequentemente, estou mais do que acostumado a tomar banho frio. Na verdade, dada a frequência com que eu e os magos em geral saímos com mulheres de verdade, talvez seja melhor assim.

Eu estava ensaboando o xampu quando os raios ficaram muito piores, os trovões muito mais altos, a chuva muito mais forte. A tempestade atingiu a casa antiga e a atingiu com força. Era quase possível ver claramente a descarga elétrica violenta. Quase impossível ouvir algo além do trovão. Mas captei um lampejo de movimento pelo canto do olho, uma sombra que se movia pela janela afundada (coberta por cortinas modestas) no banheiro. Alguém estava se movendo em direção à escada que levava ao meu apartamento.

Já falei como não tinha muito sucesso com mulheres? Noites como essa eram uma das razões. Entrei em pânico, com tudo. Eu pulei para fora do chuveiro, minha cabeça toda ensaboada, enrolei uma toalha em volta da minha cintura e fui para a sala da frente.

Eu não podia deixar Linda simplesmente vir até a porta e pedir que Susan atendesse. Essa seria a coisa mais idiota que você já viu, e eu seria o único a receber todos os arranhões e mordidas também.

Virei a esquina do meu quarto para a sala principal e vi Susan pegando a maçaneta da porta. Relâmpagos brilharam novamente e trovões me

impediram de ouvir o clique do botão. Ouvi outra coisa, porém, um rosnado, cuspido, e vi Mister, de pé agora, com as costas arqueadas e todo o pelo em pé, os dentes arreganhados, os olhos não sonolentos fixos na porta.

O trovão passou quando Susan abriu a porta. Eu podia ver o rosto dela de perfil. Ela estava com uma mão em seu quadril, e havia um pequeno sorriso divertido e perigoso em sua linda boca.

Quando a porta se abriu, senti, a nuvem de energias que acompanha um ser espiritual quando chega ao mundo mortal, disfarçado até agora pela confusão de fundo da tempestade. Uma figura estava parada na entrada, bastante agachada, com menos de um metro e meio de altura, vestida com um casaco de chuva marrom claro, iluminado por um raio azul no alto. Havia algo errado na forma, algo que simplesmente não fazia parte da boa e velha Mãe Terra. Sua “cabeça” virou-se para olhar para mim, e súbitos pontos duplos de fogo, azuis como o relâmpago dançando acima, iluminaram as curvas de couro e desumanas de um rosto que mais se assemelhava ao de um sapo grande e verrugoso.

Susan deu uma boa olhada nos olhos e no rosto do demônio a um metro de distância e gritou.

"Susan!" Eu gritei, já me movendo em direção ao sofá. "Saia da frente!" Eu me joguei no chão atrás do sofá, caí em um monte de chão duro batendo nas minhas costelas.

As mandíbulas do demônio se abriram em um silvo silencioso, e sua garganta se contraiu estranhamente quando eu desapareci atrás do sofá. Houve um som de assobio e uma parte do sofá do tamanho de um coração se dissolveu em uma nuvem de névoa e fedor fétido. Gotas de líquido espirraram através, no chão perto de mim e onde tocaram apareceram pequenos orifícios corroídos no espaço de dois segundos. Eu me afastei do sofá e do ácido do demônio.

"Susan!" Eu gritei. “Volte para a cozinha! Não fique entre isso e eu!”

"O que é isso?" Ela gritou de volta para mim.

"Um cara mau." Eu levantei minha cabeça e espiei através do buraco

fumegante no sofá, pronto para me abaixar de volta a qualquer momento. O demônio, agachado e mais volumoso que um humano, estava parado na porta, ambas as mãos, com dedos compridos e pontas almofadadas, inclinando-se para a frente em direção ao interior da casa. Parou como se tivesse impedido por uma tela leve.

“Por que ele não está entrando?” Susan perguntou do outro lado, perto da porta. Suas costas estavam pressionadas contra a parede e seus olhos estavam arregalados e aterrorizados. Meu Deus, pensei, por favor não desmaie, Susan.

"Leis de propriedade", eu disse. “Não é uma criatura mortal. Ele precisa reunir sua energia para atravessar a barreira em torno de uma casa.”

“Mas ele consegue entrar?” Ela disse. Sua voz estava fina, estridente. Ela estava fazendo perguntas, coletando informações, dados, recorrendo a seus instintos cultivados pela carreira, porque, eu suspeitava, seu cérebro racional havia entrado em curto-circuito. Isso acontece com pessoas que veem um demônio pela primeira vez.

Corri até ela e agarrei seu braço, arrastando-a de volta para a porta que dava para o meu laboratório. "Desça", eu gritei, abrindo a porta e revelando a escada dobrável.

"Está escuro ", protestou Susan. "Oh, Deus." Ela piscou na minha cintura. "Harry? Por que você está nu?”

Eu olhei para baixo. E corei. A toalha deve ter caído enquanto eu estava pulando. Olhar para baixo fez com que o shampoo ainda estivesse no meu cabelo escorresse para os meus olhos, fazendo-os arder e queimar. Esta noite poderia ficar pior?

Ouviu um som rasgando na porta e o demônio-sapo meio avançou tropeçando. Agora ele estava dentro da minha casa. Um raio ainda dançava no céu atrás dele, e eu só podia vê-lo em um contorno feio e corcunda, exceto pela luz elétrica de seus olhos arregalados, redondos e esbugalhados quando ele veio em minha direção. Sua garganta estava trabalhando em pequenos movimentos ondulantes.

"Merda", eu disse. Sou bastante eloquente em tempos de crise. Empurrei Susan em direção à escada e me virei para o demônio, as pontas dos meus polegares se tocando, os dedos abertos, as palmas voltadas para ele.

A boca do demônio se abriu novamente e emitiu um som escorregadio.

"Vento Riflittum", eu gritei, forçando meu medo e ansiedade a se tornarem tangíveis, jogando-o do meu coração palpitante através dos ombros e braços, direcionados para o inimigo. O glóbulo de ácido demoníaco acelerou em direção ao meu rosto.

Meu terror e adrenalina rugiram da ponta dos meus dedos na forma de vento, ganhando velocidade suficiente para arrancar o cabelo da cabeça de um homem. Ele pegou a gota de ácido e o jogou de volta para o demônio em um spray fino, conseguiu parou a coisa e até a afastou vários metros, com os pés com garras deslizando no meu chão liso, rasgando os tapetes.

O ácido chiou e cuspiu pequenas faíscas azuis elétricas em sua pele, mas não pareceu machucar o demônio. Entretanto, ele dissolveu o sobretudo em menos tempo do que uma respiração e estragou meus tapetes e móveis.

O demônio balançou a cabeça, se recuperando. Eu me virei para o canto mais distante, perto da porta, e estendi minha mão, gritando: “Vento servitas!” A madeira pálida e macia do cajado de meu mago quase brilhava na escuridão enquanto voava em minha direção, conduzida por uma gentil, mais refinada explosão do mesmo vento. Peguei-o na minha mão e girei-o em direção ao demônio, chamando as linhas de poder e força nas profundezas dos longos e ininterruptos grãos de madeira no cajado. Estendi o cajado em direção a ele, horizontalmente como uma barra, e gritei: “Fora! Fora! Fora! Você não é bem-vindo aqui!” Um pouco dramático em qualquer outra circunstância, talvez, mas quando você tem um demônio em sua sala, nada parece muito extremo.

O demônio-sapo encolheu os ombros, plantou os pés largos e grunhiu quando uma onda de força invisível saiu do meu cajado como uma vassoura mexendo no chão. Eu podia sentir o demônio resistir, pressionando contra a força do cajado, como se eu estivesse empurrando a madeira em uma barra de aço vertical e tentando encaixá-la naquele comprimento.

Nós nos esforçamos em silêncio por alguns segundos até eu perceber que essa coisa era forte demais para mim. Eu não seria capaz de afastá-lo como se ele fosse um pequeno imp ou um poltergeist irritante. Não demoraria muito para eu me cansar, e uma vez que o demônio pudesse se mover novamente, ele me dissolveria com seu ácido ou então viria até mim e me rasgaria em pedaços. Ele seria mais forte que um mortal, muito mais rápido, e não iria parar até que eu estivesse morto ou o sol nascesse ou uma de várias outras condições improváveis fosse atendida.

"Susan!" Eu gritei, meu peito arfando. "Você está aí embaixo?"

"Sim", ela disse. "Ele se foi?"

"Não exatamente, não." Senti minhas mãos suarem, a madeira lisa do cajado começou a deslizar. Meus olhos começaram a arder mais por causa do shampoo, e as luzes dos olhos do demônio brilharam.

“Por que você não toca fogo nele? Atira nele! Explode ele!” A voz dela tinha uma qualidade de busca, como se ela estivesse procurando alguma coisa, lá embaixo no laboratório.

"Eu não posso ", disse a ela. “Eu não posso colocar energia o suficiente no feitiço para machucar a coisa sem nos explodir junto com ela. Você precisa sair daqui.” Minha mente estava correndo, calculando possibilidades, números, minhas reservas de energia, frias e racionais. A coisa estava aqui atrás de mim. Se eu o puxasse para um lado, para o meu quarto ou banheiro, Susan poderia escapar. Por outro lado, poderia estar sob ordens de matar a mim e a quaisquer testemunhas; nesse caso, depois de terminado, simplesmente iria atrás dela também. Tinha que haver outra maneira de tirá-la daqui. E então eu lembrei daquilo.

"Susan!" Eu gritei. “Tem uma garrafa esportiva na minha mesa lá embaixo. Beba o que há nela e pense em um lugar longe daqui. OK? Pense em um lugar longe.”

"Eu encontrei", ela falou um segundo depois. "Isso cheira mal."

“Droga, é uma poção. Vai tirar você daqui. Beba!

Houve um barulho de engasgos e, um momento depois, ela disse: "E agora?"

Eu pisquei e olhei para as escadas descendo. “Deveria ter dado cer...” Parei quando o sapo se inclinou para frente, estendeu um pé com garras e, nesse passo, ganhou um metro de terreno na minha direção. Eu fui capaz de pará-lo novamente, apenas um pouco, mas eu sabia que ele viria na minha garganta em mais alguns segundos.

"Nada aconteceu", disse ela. "Droga, Harry, nós temos que fazer alguma coisa." E então ela veio subindo a escada, olhos escuros brilhando, meu revólver 38 na mão.

"Não!" Eu disse a ela. "Não!" Senti o cajado escorregar mais. O demônio estava se preparando para passar por todas as minhas defesas.

Susan levantou a arma, o rosto pálido, as mãos trêmulas e começou a atirar. Um .38 Chief's Special carrega seis balas, e eu uso uma carga de velocidade média, em vez de balas perfurantes ou explosivas ou qualquer coisa assim. Menos chances de algo dar errado na presença de muita magia.

Uma arma é uma máquina bastante simples. Um revólver é bem mais simples. Rodas, engrenagens e um simples impacto na alavanca para acender a pólvora. É difícil para a magia discutir com a física, na maioria das vezes.

O revólver rugiu seis vezes.

Os dois primeiros tiros devem ter passado longe e acertado em outro lugar. Os dois seguintes atingiram a pele do demônio e a amassaram profundamente antes de saltarem e se ricochetearem violentamente pela sala, como eu temia que eles fizessem, mais uma ameaça para nós do que para ele. Felizmente, nenhum de nós foi ferido ou morto pelos ricochetes. O quinto tiro foi entre suas longas pernas de formato estranho e passou direto.

O sexto acertou a coisa entre seus os olhos elétricos, desequilibrou-o e o derrubou com um assobio de frustração.

Eu ofeguei e agarrei o pulso de Susan. "Porão", chiei quando ela largou a arma. Nós dois descemos a escada. Não me preocupei em fechá-la atrás de

mim. A coisa poderia rasgar seu caminho através do chão, se necessário. Dessa forma, eu pelo menos saberia de onde ele desceria, em vez de fazer um túnel pelo chão e sair por cima da minha cabeça.

Com minha vontade, a ponta do cajado que eu ainda segurava explodiu em luz, iluminando a sala.

"Harry?" A voz de Bob veio da prateleira. As luzes dos olhos do crânio acenderam, e ele girou para me encarar. "O que diabos está acontecendo? Uau, quem é a garota?”

Susan deu um pulo. "O que é isso?"

"Ignore-o", eu disse, e segui meu próprio conselho. Fui até a extremidade da minha mesa de laboratório e comecei a chutar caixas, sacolas, cadernos e velhos livros do chão. “Me ajude a limpar esse espaço. Rápido!"

Ela ajudou, e eu amaldiçoei a minha falta de organização que deixou essa extremidade do laboratório tão bagunçada. Eu estava lutando para chegar ao círculo que eu havia colocado no chão, um anel perfeito de cobre, um laço ininterrupto no concreto que poderia ser capaz de manter um demônio dentro ou fora.

"Harry!" Bob engoliu em seco enquanto trabalhamos. “Tem, um, hum. Um sapo-demônio extremamente fodão descendo a escada.

"Eu sei disso, Bob." Eu joguei um monte de caixas de papelão para o lado enquanto Susan jogava alguns papéis freneticamente, expondo a totalidade do anel de cobre, com cerca de um metro e meio de largura. Peguei a mão dela e entrei no círculo, puxando-a para perto de mim.

"O que está acontecendo?" Susan perguntou, sua expressão confusa e aterrorizada.

"Apenas fique perto", eu disse a ela. Ela se agarrou com força a mim.

"Ele está te vendo, Harry", relatou Bob. "Vai cuspir algo em você, eu acho."

Não tive tempo de ver se Bob estava certo. Inclinei-me, toquei o círculo com

a ponta do meu cajado e empurrei poder nele, para ter algo entre mim e a criatura. O círculo surgiu ao nosso redor, uma tensão silenciosa e invisível no ar.

Algo espirrou e assobiou no ar a alguns centímetros do meu rosto. Eu olhei para cima e vi ácido escuro e crepitante deslizando pelo escudo invisível que o poder do círculo nos fornecia. Meio segundo antes e isso teria comido minha cara. Pensamento alegre.

Tentei recuperar o fôlego, ficar ereto e não deixar nenhuma parte de mim se estender para fora do círculo, o que quebraria sua energia e negaria seu poder. Meus braços estavam tremendo e minhas pernas estavam fracas. Susan também estava visivelmente tremendo.

O demônio se aproximou de nós. Pude ver claramente à luz do meu cajado e desejei não poder. Ele era horrível, deformado, sujo, musculoso, e eu o comparei com um sapo apenas porque não sabia de mais nada que se aproximasse de uma descrição dele. Ele olhou para nós e deu um soco no escudo do círculo. O soco ricocheteou em uma chuva de faíscas azuis, e a coisa sibilou, um som horrível e ventoso.

Lá fora, a tempestade continuava a roncar e a rosnar, abafada pelas grossas paredes do subsolo.

Susan estava se segurando em mim e quase chorando. “Por que ele não está nos matando? Por que não está nos pegando?”

“Ele não pode", eu disse gentilmente. “Não pode passar, e não pode fazer nada para quebrar o círculo. Contanto que nenhum de nós cruze essa linha, estaremos seguros.

"Oh, Deus", disse Susan. "Quanto tempo temos que ficar aqui?"

"Amanhecer", eu disse. "Até o amanhecer. Quando o sol nasce, ele tem que desaparecer.”

"Não há sol aqui embaixo", disse ela.

“Não funciona assim. Ele tem uma espécie de cabo de força que o liga a quem o chamou. Uma linha de combustível. Assim que o sol nasce, essa linha é cortada e ele desaparece, como um balão sem ar.”

“Quando o sol nascerá?” Ela perguntou.

"Ah bem. Daqui a dez horas mais ou menos.”

"Oh", disse ela. Ela deitou a cabeça no meu peito nu e fechou os olhos.

O demônio-sapo andava devagar em volta do círculo, procurando uma fraqueza no escudo. Não encontraria nenhuma. Fechei os olhos e tentei pensar.

"Uh, Harry", Bob começou.

"Agora não, Bob."

"Mas Harry..." Bob tentou novamente.

“Droga, Bob. Estou tentando pensar. Se você quer ser realmente útil, pode tentar descobrir por que essa poção de fuga da qual você tem tanta confiança não funcionou para Susan.”

"Harry", protestou Bob, "é o que estou tentando lhe dizer."

Susan murmurou, contra o meu peito: “Está ficando quente aqui? Ou é só comigo?"

Uma terrível suspeita me atingiu. Olhei para Susan e tive uma sensação certeira. Claro que não. Não. Não poderia ser.

Ela olhou para mim, seus olhos escuros fumegantes. “Nós vamos morrer, não vamos, Harry? Você já pensou que gostaria de morrer fazendo amor?”

Ela beijou meu peito, quase distraidamente.

Foi bom. Muito, muito bom. Tentei não notar todas as costas lindas e nuas que estavam nuas debaixo da minha mão.

"Eu pensei isso, várias vezes", disse ela, contra a minha pele.

"Bob", comecei, minha voz ficando furiosa.

"Eu tentei te contar", lamentou-se Bob. "Eu tentei! Ela pegou a poção errada e a engoliu. O crânio de Bob virou-se para mim um pouco, e as luzes brilharam. “Você tem que admitir, no entanto. A poção do amor funciona muito bem.”

Susan estava beijando meu peito e esfregando seu corpo contra mim de uma maneira que não era nada elegante, extremamente agradável e distraída. "Bob, eu juro, vou prendê-lo em um cofre de parede pelos próximos duzentos anos."

"Não é minha culpa!" Bob protestou.

O demônio observou o que estava acontecendo no círculo com olhos de sapo e limpou uma parte do chão suficientemente para que ele se agachasse e observasse, inquieto e pronto como um gato esperando por um rato para enfiar a cabeça fora da toca dele. Susan olhou para mim com olhos sensuais e tentou me puxar para o chão, e consequentemente para fora do poder protetor do círculo. Bob continuou a lamentar sua inocência.

Quem disse que não sei como divertir uma dama?

Capítulo Quatorze

Susan puxou meu pescoço e puxou minha cabeça para a dela para um beijo. Dos beijos que eu dei, bem. Foi extremamente interessante. Perfeitamente apaixonado, abandonado, nem um traço de autoconsciência ou hesitação. Ou pelo menos não dela. Eu parei para respirar um minuto depois, meus lábios coçando com a intensidade do beijo, e ela me encarou com olhos ardentes. “Me possua, Harry. Eu preciso de você."

“Uh, Susan. Não é uma ideia muito boa no momento” falei. A poção teve um efeito forte nela. Não é de admirar que ela tenha se recuperado o suficiente do seu terror para subir as escadas e disparar minha arma contra o demônio. Reduziu suas inibições a um grau suficiente para que também reduzisse seus medos.

Os dedos de Susan vagaram e seus olhos brilharam. "Sua boca diz que não", ela ronronou, "mas isso diz que sim."

Fiquei na ponta dos pés e engoli, tentando manter o equilíbrio e tirar a mão dela de mim ao mesmo tempo. "Essa coisa está sempre dizendo algo estúpido", eu disse a ela. Não tinha como conversar com ela. A poção tinha colocado sua libido em modo suicida. "Bob, me ajude aqui!"

"Estou preso no crânio", disse Bob. "Se você não me deixar sair, eu não posso fazer nada, Harry."

Susan ficou na ponta dos pés para morder minha orelha, envolveu sua coxa bem torneada em torno de uma das minhas e começou a choramingar e me puxando em direção ao chão. Meu equilíbrio vacilou. Um círculo de um metro não era suficiente para lutar luta livro ou fazer ginástica ou... qualquer outra coisa, sem deixar algo de fora para o demônio mastigar.

"A outra poção ainda está lá?", Perguntei.

"Claro", disse Bob. “Eu posso ver onde caiu no chão. Poderia jogar para você também.

"Tudo bem", eu disse, ficando excitado, bem, mais excitado. Ainda poderia sair vivo do porão. “Vou deixar você sair por cinco minutos. Quero que você me ajude jogando a poção para mim.

"Não, chefe", disse Bob, sua voz irritantemente alegre.

"Não? Não?!"

"Eu ganho 24 horas de folga, ou nada."

“Droga, Bob! Eu sou responsável pelo que você faz se eu deixar você sair! Você sabe disso!"

Susan sussurrou, no meu ouvido: "Eu não estou usando calcinha", e tentou algo parecido com uma queda de judô para me jogar no chão. Meu equilíbrio vacilou e mal consegui afastá-la. Os olhos de sapo do demônio se estreitaram, e ficou de pé, pronto para saltar sobre nós.

"Bob!" Eu gritei. "Seu idiota maldito!"

“Tente viver em uma caveira ossuda por algumas centenas de anos, Harry! E você também gostaria de ter uma noite de folga de vez em quando!”

"Tudo bem!" Eu gritei, meu coração pulando na garganta enquanto meu equilíbrio oscilava novamente. "Tudo bem! Apenas me traga a poção! Você tem vinte e quatro horas.

"Apenas certifique-se de pegá-la", respondeu Bob. E então uma enxurrada de luzes alaranjadas fluiu de ambas as órbitas oculares do crânio e entrou na sala. As luzes se acenderam em uma nuvem alongada sobre o frasco de poções que estava no chão do outro lado do laboratório, juntou-o e jogou-o no ar em minha direção. Estendi a mão e peguei-a, quase a deixei cair por um minuto e depois prendi novamente.

As luzes alaranjadas que eram a forma espiritual de Bob dançaram um pouco, depois zuniram pela escada e saíram do laboratório, desaparecendo.

"O que é isso?" Susan murmurou, olhos atordoados.

"Outra bebida", eu disse. “Beba isso comigo. Acho que posso cobrir a nós dois no quesito foco e tirar a gente daqui.”

"Harry", ela disse. "Eu não estou com sede." Seus olhos ardiam. "Estou com fome."

Eu tive uma ideia. "Quando bebermos isso, eu estarei pronto e podemos ir para a cama."

Ela olhou para mim confusa e sorriu, perversa e encantada. “Oh, Harry. Se prepare.” Suas mãos fizeram uma espécie de comentário silencioso sobre suas palavras, e eu pulei, quase deixando cair a garrafa. Mais xampu do meu cabelo escorreu nos meus olhos, que já ardiam, e eu os fechei.

Eu tomei metade da poção, tentando ignorar o gosto de cola e passei o resto rapidamente para Susan. Ela sorriu preguiçosamente e bebeu, lambendo os lábios.

Começou em minhas entranhas, uma espécie de tremor, que se moveu pelos pulmões e pelos ombros, pelos braços. Também desceu, pelos meus quadris e pelas minhas pernas. Comecei a tremer incontrolavelmente.

E então eu comecei a voar em uma nuvem de um milhão de bilhões de pequenos pedaços de Harry, cada um com sua própria perspectiva e visão. A sala não era apenas um porão quadrado e confuso para mim, mas um padrão de energias, agrupadas em formas e usos específicos. Até o demônio era apenas uma nuvem de partículas, lenta e densa. Flutuei ao redor daquela nuvem, através da abertura no porão no teto, para fora do apartamento e para a confusão furiosa da tempestade.

Demorou talvez cinco segundos, e então o poder da poção desapareceu. Senti todos os meus pedaços voltarem de uma vez, juntos e batendo um no outro a uma velocidade impensável. Doeu e me deixou enjoado, uma espécie de impacto pesado que não vinha de nenhuma direção, mas de todas as direções ao mesmo tempo. Eu cambaleei, plantei meu cajado no chão e senti a chuva cair sobre mim.

Susan apareceu ao meu lado um batimento cardíaco depois, e caiu

prontamente de bunda no chão, na chuva. "Oh Deus. Eu me sinto mal."

Dentro do apartamento, o demônio gritou, um assobio furioso e sem voz. Eu podia ouvi-lo furioso lá dentro. "Vamos lá", eu disse a ela. "Temos que sair daqui antes que ele fique esperto e comece a procurar do lado fora".

"Estou passando mal", disse ela. "Não tenho certeza se consigo andar."

"A mistura de poções", eu disse. “Elas podem fazer isso com você. Mas temos que ir agora. Vamos, Susan. Vamos lá.” Eu me abaixei e a levantei e me afastei do meu apartamento.

“Para onde estamos indo?” Ela perguntou.

"Você está com as chaves do seu carro?"

Ela deu uma tapinha no vestido, como se procurasse bolsos, e depois balançou a cabeça atordoada. "Elas estavam no bolso do meu casaco."

"Nós caminhamos, então."

"Andar para onde?"

“Para Reading Road. Ela sempre inunda quando há tanta chuva. É água suficiente para parar essa coisa, se tentar nos seguir.” A rua era apenas a alguns quarteirões de distância. A chuva fria caiu com força. Eu estava tremendo, tremendo e nu, e mais sabão estava entrando nos meus olhos. Mas ei. Pelo menos eu estava limpo.

"O que?" Ela murmurou. "O que a chuva fará com aquilo?"

"A chuva não. Água corrente. A corrente o mata se ele tentar atravessá-la para ir atrás da gente” expliquei a ela, pacientemente. Eu esperava que as poções que se misturassem no estômago dela não tivessem feito nada irreversível. Já aconteceu antes. Estávamos andando a boa velocidade, considerando tudo, e havíamos percorrido talvez quarenta metros na chuva. Não faltava muito.

“Oh. Oh, isso é bom” ela disse. E então ela convulsionou e caiu no chão. Eu

tentei segurá-la, mas eu estava muito cansado, meus braços muito fracos. Eu quase caí com ela. Ela rolou para o lado e ficou deitada, vomitando horrivelmente, se esvaziando.

Trovões e relâmpagos caíram novamente ao nosso redor, e ouvi o estalo agudo do poder da tempestade tocando uma árvore próxima. Eu vi um flash brilhante de contato e depois o brilho suave de galhos queimados. Eu olhei na direção em que estávamos indo. A inundada Reading Road, a salvo do demônio, ainda estava a trinta metros de distância.

"Eu não pensei que você duraria tanto tempo", alguém disse.

Eu quase pulei da minha pele. Peguei meu bastão nas duas mãos e me virei em um círculo lento, procurando a fonte da voz. “Quem está aí?” Ali, no lado, um ponto frio, não frio físico, mas algo mais profundo e mais escuro, que meus outros sentidos detectaram. Um agrupamento de sombras, uma ilusão na escuridão entre as luzes, desapareceu quando os raios brilharam e voltaram novamente quando eles passaram.

“Você espera que eu te dê meu nome?” As sombras desprezaram. "Basta dizer que sou eu quem te matou."

"Você está muito apressado", eu retruquei, ainda virando, os olhos procurando. "O trabalho não está concluído."

Então na escuridão, embaixo de uma luz de rua quebrada, talvez a seis metros de distância, eu consegui distinguir a forma de uma pessoa. Homem ou mulher, eu não sabia dizer, nem distinguir da voz. "Logo", disse a forma. “Você não pode durar muito mais tempo. Meu demônio vai acabar com você antes que outros dez minutos se passem.” A voz era extremamente confiante.

"Você chamou esse demônio aqui?"

"De fato", confirmou a forma sombria.

"Você está louco?" Eu falei, atordoado. "Você não sabe o que poderia acontecer com você, se essa coisa se soltar?"

"Não vai", a forma me assegurou. "Eu estou no controle."

Estendi meus sentidos em direção à forma e descobri que o que eu suspeitava era verdade. Não era uma pessoa real, ou uma ilusão mascarando uma pessoa real. Era apenas a aparência de uma pessoa, um fantasma de forma e som, um holograma que podia ver, ouvir e falar por seu criador, onde quer que ele estivesse.

"O que você está fazendo?", Exigiu. Deve ter me sentido perceber isso.

"Verificando suas credenciais", eu disse, e enviei parte da minha vontade restante na direção da ilusão, o equivalente feiticeiro de um tapa na cara.

A imagem gritou de surpresa e retrocedeu. "Como você fez isso?", Rosnou.

"Eu fui a escola."

O holograma rosnou, depois levantou a voz, gritando em sílabas. Tentei ouvir o que havia sido dito, mas outra trovoada bloqueou o que era sem dúvida o nome do demônio.

De dentro do meu apartamento, o som distante e fraco do estrondo esmagador do demônio parou abruptamente.

"Agora", disse a imagem, zombando de sua voz. "Agora você pagará."

"Por que você está fazendo isso?" Eu exigi.

"Você está no meu caminho."

"Deixe a mulher ir."

"Desculpe", disse a imagem. “Ela já viu demais. Ela também está no caminho agora. Meu demônio matará vocês dois.”

"Seu bastardo", rosnei.

Ele riu de mim.

Olhei por cima do ombro, de volta para o apartamento. Através da chuva, ouvi um assobio seco e áspero, coberto por uma espécie de rosnado. Olhos azuis de sapo, refletindo os raios da tempestade, subiram as escadas do meu apartamento no porão. Ele se concentrou em mim imediatamente e começou a avançar. O paralama traseiro do carro de Susan, que ela havia estacionado do lado de fora do meu apartamento, o atrapalhou e, com os as pontas dos dedos de uma das mãos magras e macias, ele pegou a traseira do carro e o jogou para o lado, onde ele aterrissou com um baque pesado.

Tentei não pensar naqueles dedos em volta da minha garganta.

"Está vendo?", dizia a imagem. “Ele é meu para comandar. Hora de você morrer, Sr. Dresden.”

Outro relâmpago mostrou o demônio caindo de quatro e se arrastando em minha direção como um lagarto obeso correndo pela areia quente até a sombra, em um movimento exagerado que parecia ridículo, mas o deixava mais próximo com uma velocidade enganosa.

"Deposite mais uma moeda para continuar sua ligação, imbecil", eu disse. Empurrei meu cajado em direção à imagem sombria, desta vez, concentrando minha vontade em um ataque de verdade. “Stregallum finitas.”

A luz escarlate inundou a imagem abruptamente, devorando suas bordas e movendo-se para dentro.

A imagem rosnou, então ofegou de dor. “Dresden! Meu demônio vai rolar nos seus ossos!” E então ele explodiu em um grito de angústia quando meu contrafeitiço começou a destruir a imagens. Eu era melhor do que quem tinha feito o holograma, e eles não conseguiam segurar o feitiço contra o meu contra-ataque. A imagem e o grito desapareceram lentamente até que os dois se foram. Eu me permiti um pequeno toque de satisfação e depois me virei para a mulher no chão.

"Susan", eu disse, agachando-me, mantendo meus olhos no demônio. “Susan, levante-se. Temos de ir."

"Eu não posso", ela soluçou. "Oh, Deus", disse ela, e vomitou um pouco

mais. Ela tentou se levantar, mas caiu de volta ao chão, gemendo piedosamente.

Eu olhei de volta para a água, medindo a velocidade da coisa. Estava chegando, rápido, mas não tão rápido quanto um homem podia correr. Eu ainda poderia escapar, se eu corresse com tudo. Eu poderia atravessar a água. Eu poderia estar seguro.

Mas não podia levar Susan até lá. Eu nunca conseguiria isso, com ela me atrasando. Mas se eu não fosse, nós dois morreríamos. Não seria melhor para um de nós, pelo menos, sobreviver?

Eu olhei de volta para o demônio. Eu estava exausto e isso me pegou despreparado. A chuva forte manteria o fogo, a arma mais antiga do homem contra a escuridão e as coisas que ele escondia, de ser eficaz. E eu não tinha energia o suficiente para fazer mais nada. Lutar contra ele seria praticamente um suicídio.

Susan soluçou no chão, impotente na chuva, doente por causa das minhas poções, incapaz de se levantar.

Inclinei minha cabeça para trás e deixei a chuva lavar os últimos traços de xampu dos meus olhos, meus cabelos. Então me virei, dei um passo em direção ao demônio que se aproximava. Eu não poderia deixar Susan para essa coisa. Nem mesmo se isso significasse morrer. Eu nunca seria capaz de viver comigo depois.

O demônio gritou algo para mim com sua voz sibilante, e levantou as duas mãos em minha direção, subindo nas patas traseiras. Um raio brilhou no céu, ofuscando forte. Os trovões caíam logo depois, forte o suficiente para sacudir a rua sob meus pés descalços.

Trovão.

Relâmpago.

A tempestade.

Eu olhei para as nuvens ferventes no alto, iluminadas pelo raio dançando entre elas, mortalmente bonito e luminoso. O poder fervilhava e dançava na tempestade, energias místicas tão antigas quanto o tempo, poder suficiente para quebrar pedras, superaquecer o ar, ferver a água, queimar qualquer coisa que tocasse em cinzas.

Neste ponto, acho seguro dizer que estava desesperado o suficiente para tentar qualquer coisa.

O demônio uivou e avançou, desajeitado e rápido. Eu levantei meu cajado para o céu com uma mão e com a outra apontei um dedo para o demônio. Aquilo era um trabalho perigoso, tocar a tempestade. Não havia ritual para dar forma, um círculo para me proteger, nem palavras para proteger minha mente da maneira como as energias da magia passariam através dela. Enviei meus sentidos para o alto, em direção à tempestade, agarrando os poderes sem forma e atraindo-os para padrões de energia bruta que começaram a vir em minha direção, para a ponta do meu cajado.

"Harry?" Susan disse. "O que você está fazendo?" Ela se encolheu no chão em seu vestido, estremecendo. A voz dela estava fraca, no máximo.

"Você já fez uma fila de pessoas de mãos dadas quando criança, e arrastou os pés pelo carpete juntos, e depois faz com que a última pessoa da fila toque alguém na orelha para dar um choque nela?"

"Sim", ela disse confusa.

“Estou fazendo isso. Apenas maior.”

O demônio gritou novamente e se lançou no ar com suas poderosas pernas de sapo, correndo em minha direção, navegando no ar com uma graça assustadora e antinatural.

Concentrei o pouco que restava da minha vontade no cajado, nas nuvens e no poder furioso acima. "Ventas!" Eu gritei. “Ventas fulmino!”

Com a minha vontade, uma faísca saltou da ponta do meu cajado em direção às nuvens acima e tocou na barriga inquieta da tempestade.

O inferno rugiu em resposta.

Raios, fúria branca como fogo, com uma torrente de vento e chuva, caíram sobre mim, centrados ao redor do cajado. Senti o poder atingir o final da madeira molhada com um solavanco como uma marreta. Ele percorreu o cajado e entrou em minha mão, fazendo meus músculos convulsionarem, curvando meu corpo nu com a tensão. Tomou tudo o que eu tinha para manter a imagem do que eu queria em minha mente, para manter minha mão apontada para o demônio enquanto ele vinha para mim, para manter a energia fluindo através de mim para causar estragos em carne menos sensível que a minha.

O demônio estava a uns quinze centímetros de distância quando a fúria da tempestade passou pelo meu corpo e atravessou meu braço, e meu dedo indicador e o acertou no coração. A força do feitiço arremessou a coisa para trás, para trás e para cima, no ar, e a manteve ali, envolvida em uma coroa de energia ofuscante.

O demônio lutou, gritou, as mãos do sapo se agitando, as pernas do sapo chutando.

E então explodiu em uma chuva de chamas azuis. A noite foi iluminada mais uma vez, brilhante como o dia. Eu tive que proteger meus olhos contra isso. Susan gritou de medo, e acho que devo ter gritado junto com ela.

Então a noite ficou quieta novamente. Pedaços flamejantes de algo que eu não queria pensar estavam chovendo ao nosso redor, aterrissando com pequenos sons molhados na estrada, na calçada, nos pátios das casas ao meu redor, queimando rapidamente em pequenos briquetes de carvão e depois assobiando em frieza crepitante. O vento abruptamente diminuiu. A chuva diminuiu para um tamborilar suave, a fúria da tempestade gasta.

Minhas pernas cederam e me sentei trêmulo na rua, atordoado. Meu cabelo estava seco e em pé. Havia fumaça subindo das pontas enegrecidas das minhas unhas dos pés. Eu apenas fiquei lá, feliz por estar vivo, por inspirar e expirar novamente. Eu senti como se pudesse voltar para a cama e dormir por alguns dias, apesar de ter me levantado há menos de meia hora.

Susan sentou-se, piscando, o rosto vazio. Ela olhou para mim.

"O que você vai fazer no próximo sábado?", perguntei a ela.

Ela continuou olhando por um minuto. E então calmamente deitou-se novamente ao meu lado.

Ouvi os passos se aproximando da escuridão para um lado. "Convocar demônios", disse a voz azeda, enojada. “Além das atrocidades que você já cometeu. Eu sabia que cheirava magia negra aos ventos hoje à noite. Você é uma praga, Dresden.”

Eu meio que rolei minha cabeça para um lado para considerar Morgan, meu sentinela, alto e enorme em seu casaco preto. A chuva pingava nos cabelos grisalhos na cabeça e escorria pelas linhas do rosto como canais em uma laje de pedra.

"Eu não chamei aquilo", eu disse. Minha voz estava arrastada pelo cansaço. “Mas eu enviei de volta para onde ele pertence caralho. Você não viu?”

"Eu vi você se defender daquilo", disse Morgan. “Mas eu não vi mais ninguém convocar. Você provavelmente o convocou e perdeu o controle. Não teria me derrubado de qualquer forma, Dresden. Não teria feito nenhum bem a você.”

Eu ri fracamente. "Você está se lisonjeando", eu disse. "Eu, com certeza não correria o risco de chamar um demônio apenas para te matar, Morgan."

Ele estreitou os olhos já estreitos. "Eu convoquei o Conselho", disse ele. “Eles estarão aqui daqui a dois dias. Eles ouvirão meu testemunho, Dresden, e as evidências que tenho que apresentar a eles contra você.” Houve outro relâmpago mais moderado e deu a seus olhos um brilho selvagem e louco. "E então eles vão ordenar que você seja morto."

Eu apenas olhei para ele por um momento, sem graça. "O Conselho", eu disse. “Eles estão vindo para cá. Para Chicago.”

Morgan sorriu para mim, o tipo de sorriso que os tubarões reservam para focas bebês. “No amanhecer, da segunda-feira, você será levado diante deles. Normalmente, não aprecio minha posição como carrasco, Harry Blackstone Copperfield Dresden. Mas no seu caso, tenho orgulho de cumprir esse papel.”

Estremeci quando ele pronunciou meu nome completo. Ele quase o pronunciou corretamente, talvez por acidente, e talvez não também. O Conselho Branco tinha pessoas que sabiam meu nome, sabiam como dizê-lo. Fugir de um Conselho convocado, evitá-los, seria admitir culpa e convidar desastres. E porque eles sabiam meu nome, eles poderiam me encontrar. Eles poderiam me pegar. Em qualquer lugar.

Susan gemeu e se mexeu. "HH-Harry?" Ela murmurou. "O que aconteceu?"

Eu me virei para ela, para ter certeza de que ela estava bem. Quando olhei por cima do ombro, Morgan tinha sumido. Susan espirrou e se encolheu contra mim. Coloquei um braço em volta dela, para compartilhar o pouco calor que eu tinha.

Segunda-feira de manhã.

Segunda-feira de manhã, Morgan apresentaria suas suspeitas e faria suas acusações, e provavelmente seria o suficiente para que eu fosse votado como culpado. Quem quer que fosse o senhor ou a senhorita Sombra, eu tinha que encontrá-lo, ele, ela ou eles antes da manhã de segunda-feira, ou eu estava morto.

Eu estava refletindo sobre como eu era par de encontro miserável, quando o carro da polícia parou, virou os faróis para nós, e o policial disse, pelo alto-falante: “Coloque a vara no chão e levante as mãos. Não faça movimentos bruscos.”

Perfeitamente natural, pensei, abraçando uma espécie de estoicismo exausto, para o policial prender um homem nu e uma mulher vestida com um vestido de noite, sentado em uma calçada na chuva, como dois bêbados recém-saídos de uma festa.

Susan protegeu os olhos e depois olhou para os holofotes. Todo aquele vômito deve ter se tirado a poção nela, acabando com seus efeitos amorosos. "Esta", disse ela, com uma voz calma e desapaixonada, "é a pior noite da minha vida." Os policiais saíram do carro e começaram a ir em nossa direção.

Eu resmunguei. "Isso é o que você ganha por tentar sair com um mago."

Ela olhou para mim e seus olhos brilharam sombriamente por um momento. Ela quase sorriu, e havia uma espécie de satisfação vingativa em seu tom quando ela falou.

"Mas vai ser uma reportagem fantástica."

Capítulo Quinze

Parece que Linda Randall tinha um motivo excelente para faltar nosso encontro no sábado à noite.

Linda Randall estava morta.

Eu espirrei enquanto passava sob a fita amarela da polícia com uma calça de moletom e uma camiseta que eu tinha pêgo da bagunça da minha casa antes que o carro da polícia me levasse pela cidade até o apartamento de Linda Randall. E botas de caubói. Mister arrastou um dos meus tênis e eu não tive tempo de encontrá-lo, então usei o que tinha. Gato maldito.

Linda morreu um pouco mais cedo naquela noite. Depois de chegar à cena, Murphy tentou me telefonar, ninguém atendeu então mandou uma viatura para me pegar e me trazer para fazer meu trabalho de consultor. Os patrulheiros enviados para me buscar haviam parado para checar o maluco nu a um quarteirão de distância do meu apartamento, e ficaram surpresos e um pouco desconfiados quando me tornei o mesmo homem que eles deveriam pegar e trazer para a cena do crime.

Cara Susan veio em meu socorro, explicando o que tinha acontecido como “apenas uma daquelas coisas, Tee- hee”, e assegurando aos policiais que ela estava bem e podia dirigir para casa. Ela ficou um pouco pálida quando viu mais uma vez as ruínas do meu apartamento e o enorme entalhe que o demônio havia colocado na lateral do carro, mas ela fez uma cara ousada e acabou saindo de cena com aquele brilho de “eu tenho uma história para escrever” nos olhos. Ela parou e me deu um beijo na bochecha ao sair e sussurrou: "Nada mal, Harry" no meu ouvido. Então ela deu um tapinha na minha bunda nua e entrou em seu carro.

Eu Corei. Não acho que os policiais tenham notado, na chuva e no escuro. Os patrulheiros me olharam com desconfiança, mas ficaram mais do que felizes em me deixar vestir roupas novas. As únicas coisas que eu tinha limpas foram o moletom e a camiseta, esta, proclamando em letras maiúsculas em

um pequeno cemitério de desenhos animados: "A Páscoa foi cancelada, eles encontraram o corpo".

Coloquei elas, e meu casaco, que de alguma forma havia sobrevivido ao ataque do demônio, e minhas botas de cowboy totalmente inapropriadas, e então entrei no carro-patrulha e fui conduzido pela cidade. Prendi meu pequeno cartão de identificação na lapela do casaco e segui o pessoal de uniforme. Um deles me levou a Murphy.

No caminho, peguei pequenos detalhes. Havia muitas pessoas em pé olhando boquiabertas. Ainda era bastante cedo, afinal. A chuva caiu em uma névoa fina e suavizou os contornos da cena. Havia vários carros de polícia estacionados nos estacionamentos do prédio, e um no gramado perto da porta que dava para o pequeno pátio de concreto do apartamento em questão. Alguém havia deixado as lâmpadas acesas e luzes azuis brilhavam sobre a cena em faixas alternadas de sombra e luz fria. Havia muita fita amarela da polícia por perto.

E bem no meio de tudo estava Murphy.

Ela parecia terrível, como se não tivesse comido nada que não saísse de uma máquina de vendas ou bebesse nada além de café velho desde que eu a vi pela última vez. Seus olhos azuis estavam cansados e injetados de sangue, mas ainda afiados. "Dresden", disse ela. Ela olhou para mim. "Você está planejando mandar King Kong escalar no seu cabelo?"

Eu tentei sorrir para ela. “Ainda precisamos encontrar nossa donzela gritante. Interessada?"

Murphy bufou. Ela bufa muito bem para alguém com um nariz tão fofo. "Vamos." Ela girou em um salto e caminhou até o apartamento, como se não estivesse exausta e no quase sem esperança.

A equipe forense já estava lá, então conseguimos algumas botas de plástico bacanas para colocar sobre os sapatos e luvas de plástico para as mãos com um policial parado ao lado da porta. “Tentei ligar mais cedo”, disse Murphy, “mas seu telefone estava fora de serviço. Mais uma vez, Harry.”

"Noite ruim pra isso", respondi, balançando enquanto vestia as botas. "Qual é a história?"

"Outra vítima", disse ela. "O mesmo M.O. que Tommy Tomm e aquela mulher, Stanton."

"Jesus", eu disse. "Eles estão usando as tempestades."

"O quê?" Murphy se virou e fixou os olhos em mim.

"A tempestade", repeti. “Você pode explorar tempestades e outros fenômenos naturais para fazer as coisas. Todo o combustível natural para o mojo.”

"Você não disse nada sobre isso antes", Murphy acusou.

"Eu não tinha pensado nisso até hoje à noite." Esfreguei meu rosto. Isso fazia sentido. Sinos do Inferno, foi assim que o Homem das Sombras foi capaz de fazer tudo isso em uma noite. Ele conjurou o demônio e foi capaz de enviá-lo atrás de mim, além de aparecer na sombra que ele havia projetado. E ele foi capaz de matar novamente.

"Você tem uma identificação com a vítima?", Perguntei.

Murphy virou-se para entrar quando ela respondeu. “Linda Randall. Motorista. 29 anos.”

Foi uma coisa boa a Murphy ter se virado, ou a maneira como meu queixo caiu teria dito a ela que eu conhecia a falecida, e ela teria todo tipo de perguntas desconfortáveis. Eu olhei para Murphy por um segundo, depois corrigi minha expressão e a segui para dentro do apartamento.

O apartamento de um quarto de Linda Randall parecia o trailer de uma banda de rock que não fazia nada além de tocar em concertos, dar festas e depois caiu em um estupor. Roupas sujas estavam espalhadas em um lado de uma cama king. Havia uma quantidade desproporcional de roupas que pareciam ter sido compradas de um catálogo da Frederick's de Hollywood, cores rendadas, sedosas e acetinadas, todas brilhantes, projetadas para atrair os olhos. Havia muitas velas ao redor da cama, nas prateleiras e armários e uma

mesa de cabeceira, a maioria queimada até a metade. A gaveta da mesa de cabeceira estava parcialmente aberta, revelando uma série de brinquedos íntimos, aparentemente Linda Randall gostava de seus brinquedos.

A cozinha, ao lado, parecia praticamente não utilizada, exceto a cafeteira, o microondas e a lata de lixo, na qual várias caixas de pizza estavam abarrotadas. Talvez tenham sido as caixas de pizza que conseguiram, que me deram uma súbita pontada de compreensão e empatia por Linda. Ela parecia com a minha cozinha, na maioria das vezes, exceto o microondas. Ali havia morado alguém que sabia que a única coisa que a esperava em casa era uma sensação de solidão. Às vezes é reconfortante. Na maioria das vezes, não é. Aposto que Linda teria entendido isso.

Mas eu nunca teria a chance de saber. A equipe forense estava reunida em volta da cama, escondendo o que estava lá, como um grupo de urubus ao redor da cabeça exposta dos bandidos que costumavam enterrar até o pescoço no Velho Oeste. Eles falaram entre si em voz baixa e calma, desapaixonados como conversas no jantar, mostrando pequenos detalhes para seus companheiros, elogiando-se mutuamente por suas observações.

"Harry?" Murphy disse, calmamente. Seu tom de voz sugeria que não era a primeira vez que ela falava. "Você tem certeza de que está bem para isso?"

Minha boca estremeceu. Claro que eu não estava bem nisso. Ninguém deve estar bem para esse tipo de coisa. Mas, em vez de dizer isso, eu disse a ela: “Minha cabeça está doendo. Desculpe. Vamos acabar logo com isso.”

Ela assentiu e me levou em direção à cama. Murphy era muito mais baixa que a maioria dos homens e mulheres que trabalhavam em volta da cama, mas eu tinha quase uma cabeça de altura a mais que eles. Então não precisei pedir a ninguém que se mexesse, apenas me aproximei da cama e olhei.

Linda estava no telefone quando morreu. Ela estava nua. Mesmo no início do ano, ela tinha linhas bronzeadas ao redor dos quadris. Ela deve ter ido a uma cabine de bronzeamento durante o inverno. O cabelo dela ainda estava úmido. Ela estava deitada de costas, com os olhos semicerrados, a expressão tranquila, como nunca tinha visto nela.

Seu coração foi arrancado. Estava a cerca de 30 centímetros dela na cama, amassado, esmagado e escorregadio, uma espécie de cor escarlate e cinza. Também havia um buraco no peito, mostrando onde os ossos haviam sido estilhaçados para fora pela força que havia removido seu coração.

Eu apenas olhei por alguns momentos, observando detalhes de uma maneira distinta. Novamente. Mais uma vez alguém usou a magia para terminar uma vida.

Eu tive que pensar nela, como ela soava no telefone. Brincalhona, um raciocínio rápido. Uma espécie de sensualidade astuta, na forma como ela pronunciava suas palavras e formulava suas frases. Um pequeno indício de insegurança nas bordas, vulnerabilidade que ampliava as outras partes de sua personalidade. Seu cabelo estava úmido porque ela estava tomando banho antes de vir me ver. O que quer que alguém dissesse sobre ela, ela estava apaixonadamente, vitalmente viva. Estava.

Eventualmente, eu percebi o quão silencioso o quarto estava.

Os homens e mulheres da equipe forense, todos os cinco, estavam olhando para mim. Esperando. Quando olhei em volta, todos eles desviaram o olhar, mas você não precisava ser um mago para ver o que havia em seus rostos. Medo, puro e simples. Eles foram confrontados com algo que a ciência não poderia explicar. Aquilo os agitaram, os abalaram até o âmago, essa súbita, violenta e sangrenta evidência de que trezentos anos de ciência e pesquisa não eram páreo para as coisas que ainda estavam, mesmo depois de todo esse tempo, à espreita no escuro.

E era eu quem deveria ter as respostas.

Eu não tinha nada para eles, e me senti uma merda por ficar em silêncio quando dei um passo para trás e me afastei do corpo de Linda, depois caminhei pelo quarto até o pequeno banheiro. A banheira ainda estava cheia de água. Uma pulseira e brincos estavam dispostos no balcão em frente a um espelho, além de um pouco de maquiagem, um frasco de perfume.

Murphy apareceu ao meu lado e ficou comigo, olhando para o banheiro. Ela parecia muito menor do que normalmente.

"Ela nos ligou", disse Murphy. “O Nove um um tem a chamada gravada. Foi assim que soubemos vir aqui. Ela ligou e disse que sabia quem havia matado Jennifer Stanton e Tommy Tomm e que agora eles estavam vindo atrás dela. Então ela começou a gritar.”

“Foi quando o feitiço a atingiu. A ligação provavelmente caiu logo depois.”

Murphy franziu a testa para mim e assentiu. "Sim. Sim. Mas estava funcionando bem quando chegamos aqui.”

“A magia atrapalha a tecnologia às vezes. Você sabe disso.” Esfreguei um olho. "Você conversou com algum parente, algo assim?"

Murphy balançou a cabeça. “Não há parentes na cidade. Estamos olhando agora, mas pode levar algum tempo. Tentamos encontrar o chefe dela, mas ele não estava disponível. Um Sr. Beckitt?” Ela estudou meu rosto, esperando que eu dissesse alguma coisa. “Você já ouviu falar dele?” Ela perguntou, depois de um momento.

Não olhei para Murphy. Dei de ombros.

A mandíbula de Murphy ficou tensa, pequenos movimentos nos cantos do rosto. Então ela disse: “Greg e Helen Beckitt. Três anos atrás, sua filha, Amanda, foi morta em um fogo cruzado. Os bandidos de Johnny Marcone estavam atirando contra alguns da gangue jamaicana que tentava entrar no território naquela época. Um deles atirou na menina. Ela viveu por três semanas em terapia intensiva e morreu quando a tiraram do suporte de vida.”

Eu não disse nada. Mas pensei no rosto entorpecido e nos olhos mortos da sra. Beckitt.

“Os Beckitts tentaram entrar com uma ação por morte indevida contra Johnny Marcone, mas os advogados de Marcone eram bons demais. Eles anularam o caso antes mesmo de ir à tribunal. E eles nunca encontraram o homem que atirou na garotinha. Dizem que Marcone se ofereceu para lhes pagar dinheiro de sangue. Fazer reparações. Mas eles o recusaram.”

Eu não disse nada. Atrás de nós, eles estavam colocando Linda em uma bolsa de corpo, selando-a. Ouvi homens contar até três e levantá-la, colocá-la em uma maca de algum tipo e levá-la para fora. Um dos forenses disse a Murphy que eles iriam fazer uma pausa e voltariam em dez minutos. Ela assentiu e os enviou. A sala ficou ainda mais silenciosa.

"Bem, Harry", disse ela. Sua voz estava baixa, como se ela não quisesse perturbar a nova quietude do apartamento. "O que você pode me dizer?" Havia um peso sutil na pergunta. Ela poderia muito bem ter me perguntado o que eu não estava dizendo a ela. Foi isso que ela quis dizer. Ela tirou a mão do bolso do paletó e me entregou uma sacola plástica.

Eu peguei. Dentro estava o meu cartão de visita, o que eu dera a Linda. Ainda estava um pouco amassado, onde eu tive que pega-lo. Também estava manchado com o que eu presumi que era o sangue de Linda. Eu olhei para a parte da bolsa onde você escreve o número do caso e a identificação da evidência. Estava em branco. Não estava nos registros. Não era oficial. Ainda.

Murphy estava esperando minha resposta. Ela queria que eu lhe dissesse algo. Eu só não tinha certeza se ela estava esperando que eu dissesse a ela que muitas pessoas têm meu cartão e que eu não sabia como ele chegou aqui, ou se ela queria que eu dissesse como eu conhecia a vítima. Como eu estava envolvido com ela. Então ela teria que me fazer perguntas. Os tipos de perguntas que você faz aos suspeitos.

"Se eu disser", eu disse, "que eu estou tendo uma premonição psíquica, você me levaria a sério?"

“Que tipo de premonição?” Ela disse. Ela não olhou para mim.

"Eu sinto ..." Fiz uma pausa, pensando nas minhas palavras. Eu queria que eles fossem muito claras. “Sinto que essa mulher terá um registro policial, provavelmente por posse de narcóticos e solicitação. Sinto que ela trabalhava no Velvet Room para Madame Bianca. Sinto que ela costumava ser amiga, amiga íntima, de Jennifer Stanton. Sinto que se ela tivesse sido abordada ontem e perguntada sobre essas mortes, teria alegado não saber de nada.”

Murphy refletiu sobre minhas palavras por um momento. “Sabe, Dresden”, ela disse, e sua voz era firme, fria, furiosa, “se você sentisse essas coisas ontem, ou talvez até hoje de manhã, é possível que pudéssemos conversar com ela. É possível que pudessemos ter descoberto algo dela. É até possível”, e ela se virou para mim e me bateu contra a porta com um antebraço e o peso de seu corpo, repentinamente e chocantemente duro, “Seria até possivel”, ela rosnou, “que ela ainda estivesse viva”. Ela olhou para o meu rosto e agora ela não parecia mais com uma líder de torcida fofa. Ela se parecia com uma mãe loba em pé sobre o corpo de um de seus filhotes e se preparando para fazer alguém pagar por isso.

Dessa vez fui eu que desviei o olhar. "Muitas pessoas têm meu cartão", eu disse. “Eu os coloco em todo lugar. Não sei como ela conseguiu.”

"Droga, Dresden", disse ela. Ela se afastou de mim e se afastou, em direção aos lençóis manchados de sangue. “Você está escondendo coisas de mim. Eu sei que você está. Posso obter um mandado de prisão. Posso pedir que você seja interrogado.” Ela se voltou para mim. “Alguém já matou três pessoas. É meu trabalho detê-los. É o que eu faço. “

Eu não disse nada. Senti o cheiro do sabonete e do xampu do banho de Linda Randall.

"Não me faça escolher, Harry." Sua voz suavizou, seus olhos ou seu rosto não. "Por favor."

Eu pensei sobre isso. Eu poderia falar tudo para ela. Era o que ela estava perguntando, nem metade da história, nem parte da informação. Ela queria tudo. Ela queria todas as peças à sua frente para poder juntá-las e prender os bandidos. Ela não queria trabalhar com o quebra-cabeça, sabendo que eu estava mantendo algumas das peças no bolso.

Qual seria o problema? Linda Randall me ligou mais cedo naquela noite. Ela tinha planejado vir até mim, conversar comigo. Ela ia me dar algumas informações e alguém a calou antes que ela pudesse.

Vi dois problemas ao dizer isso a Murphy. Um, ela começaria a pensar como um policial. Não seria difícil descobrir que Linda não era exatamente um

equipamento de alta fidelidade. Que ela tinha numerosos amantes nos dois lados da cerca. E se ela e eu fossemos mais próximos do que admitíamos? E se eu tivesse usado magia para matar seus amantes em um acesso de raiva ciumenta e depois esperado por outra tempestade e a matasse também? Parecia plausível, viável, um crime passional, Murphy tinha que saber que o promotor teria bastante problemas em provar magia como arma do crime, mas, se tivesse sido uma arma, teria dado certo.

O segundo problema, e o que mais me preocupava, era que já havia três pessoas mortas. E se eu não tivesse tido sorte e criatividade, haveria mais duas pessoas mortas no meu apartamento. Eu ainda não sabia quem era o bandido. Contar a Murphy o pouco que eu sabia não lhe daria nenhuma informação útil. Isso só a faria fazer mais perguntas, e ela queria respostas.

Se a voz nas sombras soubesse que Murphy estava encabeçando a investigação para encontrá-lo e estivesse no caminho certo, ele também não teria escrúpulos em matá-la. E não havia nada que ela pudesse fazer para se proteger contra isso. Ela podia ser formidável contra um criminoso comum, mas todo o aikido do mundo não lhe faria nenhum bem contra um demônio.

Também havia o Conselho Branco. Homens como Morgan e seus superiores, seguros em seu próprio poder, arrogantes e considerando-se acima da autoridade de qualquer lei que não a sua, não hesitariam em remover uma tenente da polícia que descobrira o mundo secreto do Conselho Branco.

Olhei para os lençóis manchados de sangue e pensei no cadáver de Linda. Pensei no escritório de Murphy, e como seria ela esparramada no chão, com o coração arrancado do peito ou a garganta arrancada por alguma coisa rasteira do além.

"Desculpe, Murph", eu disse. Minha voz saiu em um sussurro áspero. "Eu gostaria de poder te ajudar. Não sei de nada útil.” Não tentei olhar para ela e não tentei esconder que estava mentindo.

Senti, mais do que vi, o endurecimento ao redor dos olhos dela, as pequenas linhas de mágoa e raiva. Não tenho certeza se uma lágrima caiu, ou se ela realmente apenas levantou a mão para escovar alguns dos cabelos. Então ela se virou para a porta da frente e gritou: “Carmichael! Traga sua bunda

aqui!”

Carmichael parecia igualmente tão desleixado como há alguns dias atrás, como se a passagem do tempo não o tivesse mudado, certamente não havia mudado sua jaqueta, apenas as manchas de comida em sua gravata e o padrão particular de suplemento em seus cabelos. Devia haver algo reconfortante, refleti, naquele tipo de estabilidade. Não importa o quão ruim as coisas fiquem, não importa quão horrível ou repugnante seja a cena, você pode contar com Carmichael para parecer com a mesma qualidade de porcaria. Ele olhou para mim quando entrou. "Sim?"

Ela jogou a sacola plástica para ele, e ele a pegou. "Marque isso e registre-o", disse ela. “Espere um pouco. Eu quero uma testemunha.”

Carmichael olhou para a bolsa e viu meu cartão. Seus olhos redondos se arregalaram. Ele olhou de volta para mim e eu vi a mudança de marchas em sua cabeça, me reclassificando de aliado irritante para suspeito.

"Senhor. Dresden” disse Murphy. Ela manteve seu tom gelado, educado. “Há algumas perguntas que gostaríamos de fazer. Você acha que poderia ir até a delegacia e fazer uma declaração?”

Perguntas a serem feitas. O Conselho Branco me convocaria e executaria em pouco mais de trinta horas. Não tinha tempo para perguntas. “Sinto muito, tenente. Eu tenho que pentear meu cabelo hoje à noite.”

"Amanhã de manhã, então", disse ela.

"Vamos ver", eu disse.

"Se você não estiver lá de manhã", disse Murphy, "vou pedir um mandado. Nós vamos te encontrar e, por Deus, Harry, eu vou conseguir algumas respostas para isso.”

"Fique a vontade", eu disse a ela, e fui para a porta. Carmichael deu um passo à frente e ficou no meu caminho. Parei e olhei para ele, e ele manteve os olhos focados no centro do meu peito. "Se eu não estou preso", eu disse a ela, "então presumo que estou livre para ir."

"Deixe-o ir, Ron", disse Murphy. Seu tom de voz estava enojado, mas eu pude ouvir a dor por baixo. "Eu vou falar com você novamente em breve, Sr. Dresden." Ela se aproximou e disse, em um tom perfeitamente uniforme: "E se eu descobrir que você é o responsável por tudo isso, fique tranquilo. Tudo o que você puder fazer e o que puder lançar, eu o encontrarei e o derrubarei. Você me entende?"

Eu realmente entendi. Eu entendi a pressão que ela estava sofrendo, sua frustração, sua raiva e sua determinação em impedir que acontecesse outro assassinato. Se eu fosse algum tipo de herói de um romance, teria dito algo breve, eloquente e comovente. Mas sou apenas eu, então eu disse: "Eu entendo, Karrin".

Carmichael saiu do meu caminho.

E me afastei de Murphy, com quem não conseguia falar, e de Linda, a quem não consegui proteger, minha cabeça doendo, cansado até os ossos e me sentindo uma merda total.

Capítulo Dezesseis

Caminhei pelo quarteirão do prédio de Linda Randall, meus pensamentos e emoções eram uma tempestade muito mais furiosa da que estava rolando para longe da cidade, sobre a vastidão do lago. Liguei para um táxi do telefone público do lado de fora de um posto de gasolina e fiquei encostado na parede do prédio sob a chuva de neblina, carrancudo e esperando.

Eu havia perdido a confiança de Murphy. Não importava que eu tivesse feito aquilo para proteger tanto a ela quanto a mim. Intenções nobres não significavam nada. Eram os resultados que contavam. E os resultados de minhas ações foi contar uma mentira peluda para uma das únicas pessoas que eu poderia chegar perto de chamar de amigo. E eu não tinha certeza de que, mesmo se eu achasse a pessoa ou pessoas responsáveis, mesmo se eu descobrisse como derrubá-las, mesmo se eu fizesse o trabalho de Murphy por ela, que o que havia acontecido entre nós pudesse ser concertado.

Meus pensamentos estavam nesse assunto e questões semelhantes de desgraça e tristeza quando um homem com um chapéu puxado sobre o rosto começou a passar por mim, parou no meio do caminho, depois se virou e enfiou o punho na minha barriga.

Tive tempo para pensar: de novo não, e então ele me atingiu pela segunda e terceira vez. Cada golpe chegou às minhas entranhas, me empurrou contra a parede inflexível, me deixou enjoado. Minha respiração voou para fora da minha boca em um pequeno suspiro estrangulado, e mesmo se eu já tivesse um feitiço em mente, não teria tido fôlego para falar.

Eu meio que escorreguei quando ele parou de me bater, e ele me jogou no chão. Estávamos em um posto de gasolina bem iluminado, pouco antes da meia-noite de um sábado à noite, e tudo o que ele fazia estava à vista de todos os carros que passavam. Certamente, Deus, ele não planejava me matar. Embora, no momento, eu estivesse muito cansado e dolorido para me importar.

Fiquei ali por um momento, atordoado. Eu podia sentir o cheiro do suor e da colônia do meu atacante. Eu poderia dizer que era a mesma pessoa que havia me atacado na noite anterior. Ele agarrou meu cabelo, levantou minha cabeça e, com um corte audível de uma tesoura de aço, cortou uma grande mecha do meu cabelo. Então me soltou.

Meu sangue ficou frio.

Meu cabelo. O homem cortou meu cabelo. Poderia ser usado em quase qualquer tipo de magia, qualquer tipo de feitiço mortal, e não haveria nada que eu pudesse fazer para detê-lo.

O homem se virou, andando rapidamente, mas não correndo. Em uma onda de pânico e desespero, eu pulei na perna dele, o peguei no joelho e puxei com força. Ouvi um pequeno pop, e então o homem gritou: "Filho da puta!" E caiu pesadamente no chão. Um punho, um punho muito grande e com os nós dos dedos grossos, estava agarrado ao mecha do meu cabelo. Tentei respirar fundo e pulei para aquela mão.

O chapéu do meu atacante caiu e eu o reconheci, um dos homens de Johnny Marcone que me seguiu do hotel na tarde de quinta-feira, o que começou a mancar depois de correr atrás de mim por vários quarteirões. Aparentemente, Manco tinha um joelho machucado, e eu acabei de machuca-lo mais ainda.

Agarrei seu pulso e segurei com as duas mãos. Eu não sou um homem particularmente forte, mas sou feito de arame e teimoso como o inferno. Eu me enrolei em torno de seu pulso e segurei, tentando forçar seus dedos grossos. Manco tentou afastar o braço dele. Ele estava carregando muito músculo naquele braço, mas não era o suficiente para mover o peso do meu corpo inteiro. Ele me empurrou com o outro braço, tentando me empurrar de cima dele, depois começou a bater em mim com um punho.

"Me solta, caralho", Manco gritou. "Saia de perto de mim!"

Abaixei minha cabeça, levantei meus ombros e aguentei. Se eu pudesse cavar meus polegares em seus tendões por tempo suficiente, sua mão teria que abrir, não importa o quão forte ele fosse. Tentei imaginar seu pulso como um

Play-Doh e meus polegares como aço sólido, empurrando-o, e segurei por tudo o que valia a pena. Eu senti seus dedos começarem a se soltar. Eu podia ver os fios escuros e finos do meu cabelo.

"Jesus Cristo", alguém gritou. "Ei, Mike, vamos lá!"

Havia passos correndo.

E então dois rapazes vestidos com roupas de ginástica e tênis se aproximaram e me tiraram de cima do Manco. Gritei, incoerentemente, enquanto minhas mãos deslizavam do pulso dele. Alguns dos meus cabelos caíram sobre o concreto molhado, mas o resto ficou em suas mãos quando seus dedos se fecharam novamente.

"Calma, calma, cara", um dos caras estava dizendo enquanto me arrastavam. "Se acalme."

Não adiantava lutar contra os dois. Em vez disso, respirei fundo e consegui ofegar. “Carteira. Ele pegou minha carteira.”

Considerando a maneira como eu estava vestida, em comparação com o terno e o casaco do Manco, essa era uma mentira que nunca colaria. Ou pelo menos não teria, se Manco não tivesse se virado e começado a se apressar. Os dois homens me deixaram ir, confusos. Depois, tomando a atitude segura, eles partiram, voltando apressadamente para o carro.

Lutei para ficar de pé e fui atrás do Manco, chiando como um acordeão gotejante. Manco atravessou a rua em direção a um carro que já estava lá e partiu quando consegui alcançá-lo. Eu parei em uma nuvem de exaustão e olhei vagamente para as lanternas traseiras enquanto ele se afastava na chuva.

Meu coração bateu forte no peito e não diminuiu a velocidade mesmo depois que recuperei o fôlego. Meu cabelo. Johnny Marcone agora tinha uma mecha do meu cabelo. Ele poderia entregá-lo a alguém que usasse magia e usá-lo para fazer o que bem quisessem para mim.

Eles podiam usar meu cabelo para arrancar meu coração do peito, arrancá-lo,

como fizeram com Jennifer Stanton, Tommy Tomm e a pobre Linda Randall. Marcone havia me avisado para parar duas vezes e agora ele me tiraria da jogada de uma vez por todas.

Meu cansaço, medo e fadiga foram abruptamente queimados pela raiva. "Um cacete", rosnei. "Um cacete que você vai!"

Tudo o que eu precisava fazer era encontrá-los, encontrar Johnny Marcone, encontrar Manco e encontrar o mago de Marcone, quem quer que ele fosse. Encontrá-los, pegar meu cabelo, derrubá-los como um pega varetas e chamar a Murphy para prendê-los.

Por Deus, eu não aceitaria isso quieto. Esses idiotas eram sérios. Eles já tentaram me matar uma vez e estavam vindo atrás de mim novamente. Marcone e seus garotos...

Não, pensei. Marcone não. Isso não fazia sentido, a menos que fosse a gangue de Marcone que estivesse traficando o TerceiroOlho desde o início. Se Marcone tivesse um mago no bolso, por que ele tentaria me subornar? Por que não apenas tirar uma mecha de cabelo de mim quando ele enviou o bandido com o bastão e depois me matar quando eu não escutei?

Poderia ser Marcone? Ou seu capanga poderia estar trabalhando pros dois lados da rua?

Eu decidi que, no final das contas, isso não importava. Uma coisa estava clara: alguém tinha uma mecha do meu cabelo. Algum mago, em algum lugar, pretendia me matar.

Quem quer que fosse esse mago, ele não era muito bom, eu tinha visto isso quando acabei com seu feitiço de envio de sombras. Ele não conseguiria resistir muito se eu pudesse forçá-lo a um confronto direto, ele poderia ter muita energia, e muita força bruta, para aproveitar as tempestades como ele tinha e forçar um demônio em servidão. Mas ele era como um adolescente grande e desajeitado, descobrindo suas forças. Eu tinha mais do que apenas força, mais do que apenas energia. Eu tive treinamento, experiência e conhecimento do meu lado.

Além disso. No momento, eu estava com raiva o suficiente para mastigar pregos e cuspir clipes de papel.

O Homem das Sombras ainda não conseguiria me atacar. Ele não tinha esse tipo de força. Ele precisava esperar as tempestades que vinham a cada primavera e usá-las para me matar. Eu tinha tempo. Eu tinha tempo de trabalhar. Se eu pudesse descobrir onde eles estavam, ondo Manco tinha levado meu cabelo, eu poderia ir atrás dele.

A resposta veio a mim rapidamente, e parecia simples. Se o cabelo pudesse ser usado como um vínculo para o resto de mim, eu poderia revertê-lo, para criar um vínculo de mim de volta para o cabelo. Inferno, talvez eu pudesse incendiá-lo, queimar tudo do meu apartamento. A fórmula para um feitiço como esse seria maluca, como o inferno. Eu precisava de Bob. Bob poderia me ajudar a elaborar um feitiço, descobrir uma fórmula como essa em minutos, em vez de horas ou dias.

Eu fiz uma careta. Bob tinha saído, e ficaria fora por cerca de vinte e quatro horas. Não havia como eu descobrir essa fórmula em menos de dez ou doze horas sozinho, e eu não achava que meu cérebro estivesse coerente o suficiente para fazer cálculos sólidos no momento.

Eu poderia ter ligado para Murphy. Murphy saberia onde Marcone estava à espreita e Manco provavelmente estaria por perto. Ela poderia ter me dado uma ideia, pelo menos, de como encontrar o cavalheiro Johnny, Manco e o homem das sombras. Mas ela nunca faria isso agora. E mesmo que soubesse, exigiria conhecer toda a história, e depois que eu contasse a ela, tentaria me levar sob custódia protetora ou algo ridículo assim.

Cerrei os punhos com força e minhas unhas cravaram nas palmas das mãos. Eu deveria apará-las em algum momento

Eu olhei para as minhas unhas. Então, apressadamente, atravessei a rua para ficar sob as luzes do posto de gasolina e olhei para minhas mãos.

Havia sangue sob minhas unhas, onde eles haviam arranhado os pulsos do Manco. Joguei a cabeça para trás e ri. Eu tinha tudo o que precisava.

Afastei-me da chuva e me agachei na calçada de concreto. Usei um pouco de giz que guardo no bolso para esboçar um círculo no concreto. Então eu raspei o sangue debaixo das minhas unhas e coloquei no concreto entre os meus pés. Ele brilhava na neblina.

Precisei pensar um pouco para faze o resto, mas resolvi usar o feitiço de rastreamento que já conhecia, em vez de tentar modificá-lo para algo um pouco mais digno. Peguei alguns pelos do meu nariz e os coloquei no círculo também, em cima dos pedaços da pele e do sangue do Manco. Então toquei um dedo no círculo de giz e coloquei energia nele, fechando-o.

Reuni minha energia, da minha raiva, meu medo, minha cabeça dolorida e meu estômago enjoado, e a joguei no feitiço. "Segui votro testatum."

Houve uma onda de energia que se concentrou nas minhas narinas e me fez espirrar várias vezes seguidas. E então comecei a sentir, com muita força, o perfume da colônia do Manco. Levantei-me, quebrei o círculo com um golpe do meu pé e saí dele. Eu me virei em uma volta lenta. O cheiro do Manco ficou mais forte no Sudoeste, em direção a alguns dos subúrbios mais ricos de Chicago.

Comecei a rir de novo. Eu peguei o filho da puta. Eu poderia segui-lo de volta para Marcone, ou para quem ele estivesse trabalhando, mas eu tinha que fazê-lo agora. Eu não tinha sangue suficiente para durar muito tempo.

"Ei, amigo!" O taxista se inclinou pela janela e olhou para mim, o motor parado, o fim de seu charuto brilhando em laranja.

Eu olhei para ele por um segundo. "O que?"

Ele fez uma careta. “Você é surdo? Alguém chamou um táxi?”

Eu sorri para ele, ainda com raiva, ainda um pouco tonto, ainda ansioso para chutar Manco e os dentes do Homem das Sombras. "Chamei."

"Por que eu recebo todos os doidos?", Ele disse. "Entre."

Eu entrei, fechando a porta atrás de mim. Ele me olhou desconfiado no

espelho e disse: "Para onde?"

"Duas paradas", eu disse a ele. Dei a ele o endereço do meu apartamento e sentei-me no banco, minha cabeça automaticamente direcionada para o sudoeste, para onde estavam os homens que queriam me matar.

"Essa é primeira", disse ele. "Onde está a número dois?"

Eu estreitei meus olhos. Eu precisava de algumas coisas do meu apartamento. Meus talismãs, Minha varinha de explosões, meu cajado, um fetiche que ainda deveria ser vital. E depois disso, eu teria uma conversa séria com um dos maiores bandidos de Chicago.

"Eu vou te dizer quando chegarmos lá."

Capítulo Dezessete

Acabamos chegando no Varsity, um clube que Marcone tinha em um subúrbio de Chicago. Era um lugar movimentado, atendendo a grande parte da multidão universitária que se encontrava deste lado da cidade, e mesmo às uma e meia da manhã ainda estava bastante lotado pra algum lugar tão isolado, sozinho em um avenida comercial, o único negócio aberto a essa hora da noite, as únicas janelas iluminadas à vista.

"Maluco", o taxista murmurou enquanto se afastava, e eu tive que parar um pouco e concordar com ele. Eu o havia levado por uma linha sinuosa, o feitiço me deixou farejar a trilha do Manco. O feitiço começou a desaparecer quase no instante em que eu o lançara, eu não tinha sangue suficiente para fazer um encantamento mais duradouro, mas ele durou o suficiente para eu encontrar o Varsity e identificar o carro do Manco no estacionamento. Passei pelas janelas e, com certeza, em uma cabine grande e circular no fundo, vi Johnny Marcone, o pescoço de boi Sr. Hendricks, Manco e Spike, sentados juntos e conversando. Eu me abaixei com pressa, antes que um deles me notasse. Então voltei para o estacionamento para considerar exatamente o que eu tinha à minha disposição.

Uma pulseira em cada pulso. Um anel. Minha varinha de explosão. Meu cajado.

Pensei em todos os meios sutis e desonestos pelos quais poderia virar a situação a meu favor, ilusões inteligentes, Uma falta conveniente de eletricidade ou água, uma invasão repentina de ratos ou baratas. Eu poderia ter feito qualquer uma delas. Poucas pessoas que usam magia são tão versáteis, menos ainda têm o tipo de experiência e treinamento necessário para montar esses feitiços rapidamente.

Eu balancei minha cabeça, irritado. Não tinha tempo de me preocupar com sutileza.

Poder nos talismãs, então. Poder no anel. Peguei o poder tanto no cajado

quanto na varinha de explosão, a força fria de madeira e a raiva fervente do fogo, e fui até a porta da frente do Varsity.

Então eu as arranquei das dobradiças.

Eu as puxei para fora, em vez de para dentro. Pedaços voaram em minha direção e ricochetearam no escudo de ar que eu segurava na minha frente, enquanto outros choviam atrás de mim, no estacionamento. Não seria interessante ferir um monte de pessoas inocentes do outro lado. Você só tem uma chance de causar uma primeira impressão.

Uma vez que a porta foi arrancada, apontei minha varinha para dentro e falei um comando. A jukebox bateu contra a parede como se uma bala de canhão a tivesse atingido e depois se derreteu em uma poça de gosma de plástico líquido. A música que tocava nos alto-falantes parou. Entrei na porta e soltei uma onda reprimida de energia do meu anel. Começando pela porta e depois circulando pela sala, as lâmpadas começaram a explodir com pequenas detonações afiadas e choveu vidro em pó e pedaços brilhantes de filamentos. As pessoas no bar e em todas as mesas de madeira espalhadas pela sala reagiram como as pessoas tendem a reagir nesse tipo de situação. Eles começaram a gritar e gritar, se levantando ou se escondendo embaixo das mesas, confusos. Alguns saíram pela porta de incêndio nos fundos de um lado da sala. Então houve um silêncio abrupto e profundo. Todo mundo ficou parado e olhou para a porta - eles me encararam.

Na mesa dos fundos, Johnny Marcone observava a porta com seus olhos sem paixão, cor de dinheiro. Ele não estava sorrindo. O Sr. Hendricks, ao lado dele, estava olhando para mim, sua única sobrancelha abaixada o suficiente para ameaçá-lo de cegueira. Spike estava com os lábios cerrados e pálido. Manco olhou para mim com puro horror. Nenhum deles fez nenhum movimento ou som. Eu acho que ver um mago se soltar pode fazer isso com você.

"Porquinho, porquinho, me deixe entrar", eu disse, no silêncio. Plantei meu cajado no chão e estreitei os olhos para Marcone. "Eu realmente gostaria de falar com você por um minuto, John."

Marcone olhou para mim por um momento; então seus lábios se contraíram nos cantos. "Você tem uma maneira singular de persuasão, Sr. Dresden." Ele se levantou e falou em voz alta para a sala sem tirar os olhos de mim. Ele devia estar puto, mas o exterior gelado escondeu. “Senhoras e senhores, o Varsity está fechando mais cedo, pelo que parece. Saiam de forma ordenada pela porta mais próxima de você. Não se preocupe com suas contas. Sr. Dresden, você poderia sair da entrada e permitir que meus clientes saiam?”

Eu saí da entrada. O local se esvaziou rapidamente, clientes e funcionários, deixando-me sozinho na sala com Marcone, Hendricks, Spike e Manco. Nenhum deles se mexeu enquanto esperava os clientes, as testemunhas, irem embora. Manco começou a suar. A expressão de Hendricks nunca mudou. O grandalhão era tão paciente quanto um leão da montanha, pronto para saltar sobre o cervo inocente.

"Quero meu cabelo de volta", eu disse, assim que o último casal universitário saiu correndo pela porta.

“Desculpe o que?” Marcone disse. Ele inclinou a cabeça para um lado e parecia genuinamente intrigado.

"Você me ouviu", eu disse. “Esse seu pedaço de lixo”, eu levantei minha varinha de explosão e apontei para Manco, “simplesmente me pegou do lado de fora de um posto de gasolina do outro lado da cidade e cortou alguns um pedaço dos meus cabelos. Eu quero de volta. Não vou sair da jogada como Tommy Tomm.”

Os olhos de Marcone brilhavam abruptamente com uma raiva terrível, fria. Ele virou a cabeça, deliberadamente, para Manco.

O rosto largo do Manco ficou um pouco mais pastoso. Ele piscou uma gota de suor dos olhos. "Eu não sei do que ele está falando, chefe."

O olhar de Marcone nunca vacilou. "Eu presumo, Sr. Dresden", disse ele, "que você tem algum tipo de prova?"

"Olhe para o pulso esquerdo", eu disse. "Ele tem várias marcas de unha na pele onde eu o agarrei."

Marcone assentiu, com aqueles olhos frios de tigre nos do Manco e disse, quase gentilmente: "Bem?"

"Ele está mentindo, chefe", protestou Manco. Ele lambeu os lábios. “Inferno, eu tenho alguns arranhões da minha garota. Ele sabia disso. Você sabe o que dizem, ele é real, ele sabe das coisas.”

As peças do quebra-cabeça se encaixaram. "Quem matou Tommy Tomm sabe que eu estou no caminho dele", eu disse. “Seu rival, quem quer que esteja vendendo o TerceiroOlho. Manco aqui deve ter conseguido um bom acordo com ele para te trair. Ele tem fornecido ao seu rival informações o tempo todo, sendo o garoto de recados dele.”

Manco não conseguiria jogar poker nem para salvar sua vida. Ele me olhou horrorizado, balançou a cabeça em sinal de protesto.

"Existe uma maneira fácil de resolver isso", disse Marcone, sua voz suave e uniforme. “Lawrence. Mostre-me seu pulso.”

"Ele está mentindo, chefe", disse Manco Lawrence novamente, mas sua voz estava trêmula. "Ele está apenas tentando mexer com sua cabeça."

"Lawrence", disse Marcone, seu tom de reprovação suave de pai para filho.

Manco Lawrence sabia que tinha acabado. Eu vi a decisão desesperada em seu rosto antes que ele realmente se mexesse. "Mentiroso!" Ele uivou para mim. Ele se levantou, levantando a mão debaixo da mesa. Tive tempo de perceber que ele segurava um revólver, praticamente um gêmeo do meu .38, na mão, antes de começar a atirar.

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Eu levantei minha mão, concentrando minha vontade no bracelete de pequenos escudos de estilo medieval em volta do meu pulso esquerdo, e endureci as energias protetoras ao meu redor. As Balas martelaram contra ele com ruídos finos, provocando faíscas na escuridão do restaurante.

Spike saltou para fora da mesa, mantendo-se abaixado, uma pequeno Uzi automática em sua mão. Hendricks foi mais cruel e direto, reagindo com os

instintos violentos de um selvagem. Com uma mão, o grande guarda-costas puxou Marcone, colocando seu próprio corpo entre o chefe da máfia e Manco Lawrence. Com a outra mão, ele produziu uma semi-automática compacta.

Manco Lawrence virou a cabeça e viu Hendricks e sua arma. Ele entrou em pânico, virando sua própria arma na direção do homem maior.

Hendricks atirou nele com uma eficiência implacável, três sons agudos e três lampejos no cano. Os dois primeiros tiros atingiram Manco no meio do peito, levando-o para trás dois passos. O terceiro golpeou-o pela sobrancelha direita, jogou a cabeça para trás e o derrubou no chão.

Manco Lawrence tinha olhos escuros, como os meus. Eu podia vê-los. Sua cabeça virou-se para mim enquanto ele estava deitado no chão. Eu o vi piscar uma vez. Então as luzes se apagaram e ele se foi.

Eu fiquei lá por um momento, atordoado. Entrada triunfal ou não, não era isso que eu queria que acontecesse. Eu não queria matar ninguém. Inferno, eu não queria que ninguém morresse, nem eu nem eles. Eu me senti enjoado. Pra mim aquilo era uma espécie de jogo, uma competição para ver quem era o mais macho que eu estava determinado a vencer. De repente, não era mais um jogo, e eu só queria sair de lá vivo.

Todos nós ficamos lá, ninguém se mexendo. Então Marcone disse, embaixo de Hendricks: “Eu o queria vivo. Ele poderia ter respondido a várias perguntas, primeiro.”

Hendricks franziu a testa e saiu de cima de Marcone. "Desculpe chefe."

“Está tudo bem, Sr. Hendricks. Melhor errar por precaução, suponho.” Marcone levantou-se, ajeitou a gravata e depois se ajoelhou junto ao corpo. Ele sentiu a garganta do homem, depois o pulso, e balançou a cabeça. “Lawrence, Lawrence. Eu pagaria o dobro do que eles lhe ofereceram, se você me procurasse. Você nunca foi muito esperto, não foi?” Então, com o rosto sem demonstrar mais emoção do que a noite inteira, Marcone afastou a manga esquerda do Manco Lawrence e estudou o pulso do homem. Ele franziu a testa e abaixou o braço novamente, sua expressão pensativa.

"Parece, Sr. Dresden", disse ele, "que temos um inimigo em comum." Ele se virou para focar seu olhar em mim. "Quem é?"

Eu balancei minha cabeça. "Eu não sei. Se eu soubesse, não estaria aqui. Eu pensei que talvez fosse você."

Marcone levantou as sobrancelhas. "Você deveria me conhecer melhor que isso, Sr. Dresden."

Foi a minha vez de franzir a testa. "Você está certo. Eu deveria." Os assassinatos foram mais cruéis e selvagens do que Marcone teria feito. Talvez os concorrentes precisem ser removidos, mas não faria sentido fazer um estardalhaço. Certamente, não havia razão para assassinar espectadores, como Linda, como Jennifer Stanton. Era ineficiente, ruim para os negócios.

"Se ele tem algo seu, você pode pegar, Sr. Dresden", disse Marcone. Ele olhou ao redor da sala e suspirou. "Melhor se apressar. Eu acho que o Varsity viu sua última plateia. Uma vergonha."

Foi difícil, mas fui até o corpo de Manco Lawrence. Eu tive que deixar de lado meu cajado, minha varinha de explosão, para vasculhar os bolsos do cadáver. Eu me senti como um ghoul, agachado sobre o corpo de um homem morto, escolhendo o que era valioso para mim, de seus bolsos.

Não encontrei meu cabelo em lugar nenhum. Eu olhei para Marcone, e ele me olhou, nos meus olhos, sem nenhuma emoção legível.

"Nada", eu disse a ele.

"Interessante. Ele deve ter passado o material em questão para outra pessoa antes de vir para cá", disse Marcone.

"Alguém depois que ele chegou aqui, talvez?"

Marcone balançou a cabeça. "Tenho certeza de que ele não fez isso. Eu teria notado.

"Eu acredito em você", eu disse a ele, e acreditava. "Mas quem?"

"Nosso inimigo", disse Marcone . "Obviamente."

Fechei os olhos, de repente cedendo ao cansaço. "Droga".

Marcone não disse nada. Ele se levantou e deu algumas ordens silenciosas a Hendricks e Spike. Hendricks limpou a arma com um guardanapo e a deixou no chão. Spike foi atrás do balcão e começou a fazer algo que envolvia um cabo de força e uma garrafa de uísque.

Juntei minha varinha de explosão e meu cajado, me levantei e virei para Marcone. “Me fale o que mais você sabe. Preciso de tudo o que você tem se eu quiser pegar esse cara”.

Marcone considerou isso e assentiu. “Sim, você precisa. Infelizmente, você escolheu um fórum público para esta discussão. Você se colocou nos olhos de qualquer um que quisesse ver como meu inimigo. Por mais compreensíveis que tenham sido seus motivos, permanece o fato de que você me desafiou publicamente. Não posso deixar isso passar sem resposta, independentemente de meus sentimentos pessoais, sem parecer fraco. Eu devo manter o controle. Não é pessoal, Sr. Dresden. São negócios.”

Apertei minha mandíbula e segurei minha varinha de explosão, e certifiquei-me de que meu escudo ainda estivesse lá, pronto para ir. "Então, o que você vai fazer sobre isso?"

"Nada", ele disse. “Eu não preciso fazer nada. Ou nosso inimigo irá matá-lo, e então não preciso me arriscar ou a meu grupo em removê-lo, ou você o encontrará a tempo e o derrubará. Se você o derrotar, vou deixar claro para quem perguntar que você o fez sob meu comando, depois terei a inclinação de esquecer esta noite. De qualquer forma, é melhor esperar para ver.”

“Se ele me matar,” eu apontei, “se eu sou o próximo a ter meu coração arrancado, você ainda não saberá onde ele está. Você não estará mais perto de removê-lo e proteger seus negócios.”

"Verdade", disse Marcone. Então ele sorriu, uma expressão que durou apenas uma fração de segundo. “Mas acho que você não será uma presa tão fácil. Eu acho que mesmo que ele te mate, ele se revelará de alguma maneira. E desde

o nosso encontro no outro dia, acho que tenho uma sensação melhor de que tipo de coisas procurar.”

Eu fiz uma careta para ele e me virei para ir, indo rapidamente em direção à porta.

"Harry", ele disse. Eu parei e me virei.

“Em uma nota pessoal, eu não sei nada que poderia lhe ajudar, de qualquer forma. Todo o pessoal dele que conseguimos pegar não revelou nada. Eles estavam aterrorizados. Parece que ninguém sabe exatamente de onde vem a droga, de como é fabricada ou de onde essa pessoa faz negócios. Sombras, eles dizem. Ele está sempre nas sombras. Foi tudo o que descobri.”

Eu olhei para Johnny Marcone por um momento e depois assenti uma vez. "Obrigado."

Ele encolheu os ombros. "Boa sorte. Eu acho que seria melhor se você e eu não nos encontrássemos no futuro. Não posso tolerar mais nenhuma interferência nos meus negócios.”

"Eu acho que é uma boa ideia também", eu disse.

"Excelente. É bom ter alguém que entenda.” E então ele se voltou para os dois homens restantes, deixando o cadáver do Manco Lawrence no chão atrás dele.

Eu me virei e me arrastei para fora do lugar, na noite e no frio e na chuva enevoada. Eu ainda estava enjoado, ainda podia ver os olhos do Manco Lawrence quando ele morreu. Eu ainda podia ouvir o riso rouco de Linda Randall na minha cabeça. Eu ainda estava arrependido de mentir para Murphy, e ainda não tinha a intenção de contar a ela mais do que já tinha dito. Eu ainda não sabia quem estava tentando me matar. Eu ainda não tinha uma defesa para apresentar ao Conselho Branco.

"Vamos ser sinceros, Harry", eu disse a mim mesmo. "Você ainda está ferrado."

Capítulo Dezoito

Você já se sentiu desespero? Desesperança absoluta? Você já ficou na escuridão e soube, no fundo do seu coração, no seu espírito, que isso nunca iria melhorar? Que algo havia sido perdido para sempre e que não voltaria?

Era assim que se sentia, saindo do Varsity, saindo na chuva. Quando estou em turbulência, quando não consigo pensar, quando estou exausto, com medo e me sentindo muito, muito sozinho, faço caminhadas. É apenas uma daquelas coisas que faço. Ando e ando e, mais cedo ou mais tarde, algo vem a mim, algo para me fazer sentir menos vontade de pular de um prédio.

Então eu andei. Foi muito estúpido, em retrospecto, andar por Chicago na madrugada de domingo. Eu não olhei para cima com muita frequência. Eu andei e deixei as coisas rolarem na minha cabeça, minhas mãos nos bolsos do meu casaco, que batia nas minhas pernas longas enquanto a chuva leve gradualmente grudava meu cabelo na minha cabeça.

Eu pensei no meu pai. Geralmente faço isso, quando chego tão baixo. Ele era um homem bom, um homem generoso, um perdedor sem esperança. Um mágico de palco em um momento em que a tecnologia produzia mais magia do que mágica, ele nunca teve muito para dar à sua família. Ele estava na estrada a maior parte do tempo, se apresentando em casas degradadas, tentando ganhar a vida para minha mãe. Ele não estava lá quando eu nasci.

Ele não estava lá quando ela morreu.

Ele apareceu depois de mais de um dia depois que nasci. Ele me deu o nome de três mágicos e depois me levou com ele, na estrada, entretendo crianças e aposentados, se apresentando em ginásios escolares e supermercados. Ele sempre foi generoso, gentil, mais gentil e generoso do que podíamos bancar, na verdade. E ele estava sempre um pouco triste. Ele me mostrava fotos de minha mãe e falava sobre ela todas as noites. Ao ponto de que eu quase sentisse que a conhecia.

À medida que envelheci, o sentimento aumentou. Eu via meu pai, acho, como ela deve ter visto, como um homem querido, doce e gentil. Um pouco ingênuo, mas honesto e gentil. Alguém que se importava com os outros e que não valorizava o ganho material acima de tudo. Eu pude ver por que que ela o teria amado.

Eu nunca tive idade suficiente para ser seu assistente, como ele havia me prometido. Ele morreu dormindo uma noite. Um aneurisma, disseram os médicos. Eu o encontrei frio, sorrindo. Talvez ele estivesse sonhando com a mamãe quando morreu. E, quando olhei para ele, de repente me senti, pela primeira vez na minha vida, completamente sozinho. Que tinha perdido algo que nunca mais voltaria, que um pequeno buraco havia sido escavado dentro de mim e nunca mais seria preenchido.

E foi assim que me senti, naquela noite chuvosa de primavera em Chicago, andando pelas ruas, minha respiração desabando, minha bota direita rangendo a cada passo, pessoas mortas ocupando todos os meus pensamentos.

Suponho que não deveria ter me surpreendido quando, depois de horas andando, meus passos me levaram de volta ao apartamento de Linda Randall. A polícia tinha ido embora, as luzes estavam apagadas, todos os vizinhos boquiabertos estavam em suas camas. Estava quieto no complexo de apartamentos. O amanhecer ainda não tinha roçando o céu, mas em algum lugar, no parapeito de uma janela ou no ninho de um telhado, um pássaro estava cantando.

Eu estava no fim de minhas forças, meus recursos. Eu não tinha pensado em nada, não tinha tido nenhuma ideia brilhante. O assassino iria fazer um feitiço para me matar na próxima vez que tivesse uma tempestade, e pela maneira como o ar estava poderia ser a qualquer momento. Se ele não me matasse, Morgan certamente faria o Conselho Branco me executar na madrugada de segunda-feira. O bastardo provavelmente já estava procurando por votos. Se o assunto fosse apresentado ao Conselho, eu não teria chance.

Eu me encostei na porta do apartamento de Linda. Estava listrado com uma fita adesiva amarela e preta com os dizeres: LINHA POLICIAL- NÃO CRUZE. Eu realmente não percebi o que estava fazendo até já ter feito um feitiço que abriu a porta, desatei a faixa mais baixa de fita amarela e entrei no

apartamento dela.

"Isso é estúpido, Harry", eu disse a mim mesmo. Acho que não estava com vontade de ouvir. Eu andei pelo apartamento de Linda, cheirando seu perfume e seu sangue. Ainda não tinham vindo limpar o sangue. O gerente do apartamento provavelmente teria que lidar com isso mais tarde. Eles nunca mostram detalhes desse tipo no cinema.

Eu finalmente me encontrei deitado no chão, no carpete ao lado da cama grande de Linda Randall. Eu estava deitada de lado, de costas para a cama dela, meu rosto em direção às portas de vidro que davam para o pequeno pátio de concreto. Não tinha vontade de me mexer, de ir a lugar algum, de fazer qualquer coisa. Sem utilidade. Tudo tinha sido inútil. Eu ia morrer nos próximos dois dias.

A pior parte foi que eu não tinha certeza se me importava. Eu estava tão cansado, exausto de toda a magia que tive que usar, da caminhada, dos machucados e socos e falta de sono. Estava escuro. Tudo estava escuro.

Acho que devo ter adormecido. Eu precisava disso, depois de tudo o que tinha acontecido. Não me lembro de mais nada, até que o sol estava muito brilhante nos meus olhos.

Pisquei e levantei a mão contra a luz, mantendo os olhos fechados. As manhãs nunca foram o meu melhor momento, e o sol havia nascido acima do topo dos prédios do outro lado da rua, o alegre sol da primavera que atravessava as cortinas de Linda Randall, as minhas pálpebras e meu cérebro. Eu resmunguei algo, e virei, de frente para a escuridão fresca debaixo da cama de Linda, de volta para a luz do sol quente.

Mas não voltei a dormir. Em vez disso, comecei a sentir nojo de mim mesmo.

"O que diabos você está fazendo, Harry?" Eu exigi, em voz alta.

"Deitado esperando a morte", eu disse a mim mesmo, petulantemente.

"Um cacete", disse minha parte mais sábia. "Saia do chão e comece a trabalhar."

“Não quero. Estou cansado. Vá embora."

“Você não está cansado demais para falar sozinho. Então você também não está cansado para salvar sua bunda dos jacarés. Abra seus olhos” eu disse a mim mesmo, com firmeza.

Eu dobrei meus ombros, não querendo obedecer, mas contra meu melhor julgamento, eu abri meus olhos. A luz do sol transformou o apartamento de Linda Randall em um lugar quase alegre, coberto por uma camada de ouro, ainda vazio, sem dúvidas, mas quente com algumas boas lembranças. Vi um anuário do ensino médio por perto, embaixo da cama, várias fotografias servindo como marcador. Havia também uma foto emoldurada de uma Linda Randall muito mais jovem, sorrindo brilhantemente, nenhuma das linhas cansadas que eu tinha visto nela em evidência, de pé em suas vestes de formatura entre um casal de aparência gentil, com quase cinquenta anos. Os pais dela, eu presumi. Ela parecia feliz.

E, deitado à beira de um pequeno raio de sol disperso, que já estava se retirando quando o sol se erguia acima da borda dos edifícios, havia um pequeno cilindro de plástico vermelho com uma tampa cinza.

Minha salvação.

Peguei-o debaixo da cama. Eu estava tremendo. Eu balancei a lata, e ela chocalhou. Um rolo de filme estava dentro. Abri a lata e peguei o filme na minha mão. O faixa do plástico havia sido colocada no cilindro, havia fotos no filme, mas elas ainda não tinham sido reveladas. Fechei o filme novamente, enfiei a mão no bolso do meu casaco e puxei outra vasilha, a que encontrei na casa do lago de Victor Sells. Os dois eram iguais.

Minha mente girou, decolando numa nova pista. Um reino inteiramente novo de possibilidades se abriu para mim, e em algum lugar poderia haver a minha oportunidade, minha chance de sair dessa vivo, de pegar o assassino, de salvar tudo o que começara a ir para o inferno.

Mas ainda não estava claro. Eu não podia ter certeza do que estava acontecendo, mas eu tinha um possível vínculo agora, um vínculo entre a investigação de assassinato e a investigação cancelada de Monica Sells sobre

o desaparecimento de seu marido, Victor. Eu tinha outro caminho a seguir, mas não havia muito tempo para segui-lo. Eu tive que me levantar, me levantar e ir, rápido. Você não pode manter um bom mago abatido.

Me levantei, peguei meu cajado e varinha e fui em direção à porta. A última coisa que eu precisava era ser pego invadindo uma cena de crime. Eu poderia ser preso e ficar numa cela, e eu estaria morto antes de conseguir pagar a fiança. Minha mente já estava avançando, trabalhando no próximo passo, tentando encontrar esse fotógrafo que estivera na casa de praia de Victor, revelando essas fotos e vendo se havia algo nelas que valia a pena o assassinato de Linda Randall.

Foi então que ouvi um som e parei. Veio novamente, um ruído silencioso.

Alguém girou a chave na fechadura da porta da frente do apartamento e a abriu.

Capítulo Dezenove

Não havia tempo para fugir debaixo da cama ou para o banheiro e, de qualquer forma, eu não queria ter minha mobilidade reduzida. Eu pulei para frente e fiquei atrás da porta quando ela se abriu, e fiquei parado.

Um homem entrou, esbelto, baixo, de aparência atormentada. Seu cabelo, um tom apático de marrom, estava preso em um rabo de cavalo. Ele usava calça de algodão escura e uma jaqueta escura, e carregava uma bolsa com uma alça ao lado. Ele fechou a porta a maior parte do caminho e olhou em volta com grande agitação. Mas, como a maioria das pessoas que estão nervosas demais para pensar com clareza, ele estava vendo menos do que deveria estar e, embora sua cabeça tenha passado por onde eu estava em sua visão periférica, ele não me notou. Ele era um homem bonito, pelo que parecia, com linhas fortes na mandíbula e nas maçãs do rosto.

Ele atravessou a sala e parou quando viu a cama manchada de sangue. Eu o vi fechar os punhos. Ele emitiu um som estranho e estridente, depois correu para a frente, jogando-se no chão ao lado da cama e começando a fuçar debaixo dela. Depois de alguns segundos, sua mão ficou mais frenética, e eu o ouvi xingar em voz alta.

Deslizei meus dedos sobre a superfície lisa da caixa de filme no meu bolso. Então. O fotógrafo misterioso do lado de fora da casa do lago de Victor Sells estava aqui procurando o filme. Senti uma sensação no estômago como quando acabo um quebra-cabeça particularmente difícil, uma satisfação peculiar misturada com um toque de presunção.

Coloquei meu cajado e minha varinha de explosão no canto e atravessei silenciosamente pela da porta e peguei o meu distintivo de consultor da polícia oficial, completo com a minha fotografia, de dentro do meu casaco, para que ele contrastasse no tecido preto. Eu cobri minha camiseta velha e suja com o casaco e esperava que o homem estivesse muito agitado e nervoso para perceber que eu estava usando calça de moletom e botas de cowboy embaixo do casaco.

Eu mantive minhas mãos nos bolsos, fechei a porta com um pequeno empurrão na minha bota e, assim que ela se fechou, disse: “Voltando à cena do crime. Eu sabia que te pegaríamos se eu apenas esperasse.”

A reação do homem teria me feito rir em qualquer outro dia. Ele deu um pulo, bateu a cabeça no fundo da cama, gritou, puxou-se para trás da cama, virou-se para olhar para mim e quase pulou de volta sobre a cama de surpresa quando me viu. Revisei minha opinião de sua aparência, sua boca era muito apertada, seus olhos muito pequenos e muito próximos, dando-lhe a aparência atenta e predatória de um furão.

Eu estreitei os olhos e caminhei em direção a ele um passo lento de cada vez. "Não conseguiu ficar longe, não é?"

"Não!" Ele disse. "Oh Deus! Você não entende. Sou fotografo. Veja? Está vendo?” Ele se atrapalhou com o estojo ao seu lado e tirou uma câmera dele. "Eu tiro fotos. Para os jornais. É o que estou fazendo aqui, apenas tentando dar uma boa olhada ao redor.”

"Pode parar", eu disse a ele. “Nós dois sabemos que você não está aqui para tirar fotos. Você estava procurando por isso.” E puxei a caixa de filme do bolso, levantei e mostrei a ele.

Seus balbucios pararam e ele ficou parado, olhando para mim. Então para o plástico. Ele lambeu os lábios e começou a tentar dizer alguma coisa.

"Quem é você?", Perguntei. Eu mantive minha voz rouca, exigente. Eu tentei pensar em como Murphy agiria, se eu estivesse no centro com ela agora, esperando para ela me fazer perguntas.

“Uh, Wise. Donny Wise.” Ele engoliu em seco, olhando para mim. "Estou com algum tipo de problema?"

Eu estreitei meus olhos para ele e zombei: “Vamos ver sobre isso. Você tem identificação?”

"Claro, sim."

"Deixe-me ver." Lancei-o com um olhar e acrescentei: "Lentamente".

Ele olhou para mim e colocou a mão o bolso do quadril com lentidão exagerada. Ele sacou a carteira e a abriu na carteira de motorista. Eu andei em direção a ele, a peguei e estudei. Sua licença e foto concordavam com o nome que ele havia me dado.

“Bem, Sr. Wise”, comecei, “esta é uma investigação em andamento. Contanto que você me dê sua cooperação, não acho que nós...”

Eu olhei para cima para vê-lo olhando para o meu crachá e minha voz sumiu. Ele puxou a carteira de volta e acusou: "Você não é policial!"

Inclinei minha cabeça para trás em um ângulo arrogante. "OK. Talvez não. Mas eu trabalho com a polícia. E eu tenho o seu filme.”

Ele xingou de novo e começou a colocar sua câmera de volta na bolsa, claramente querendo sair. "Não. Você não tem nada. Nada que conecte nada disso a mim. Estou fora daqui."

Eu o vi passar por mim, em direção à porta. “Não seja tão apressado, Sr. Wise. Eu realmente acho que você e eu temos coisas a discutir. Como uma lata de filme caído sob o convés de uma casa no Lago Providence, na noite de quarta-feira passada.”

Ele lançou um rápido olhar para mim. "Não tenho nada a lhe dizer", ele murmurou, "quem diabos você seja." Ele alcançou a porta e começou a abri-la.

Fiz um gesto curto para meu cajado no canto e assobiei, na minha melhor voz dramática, "Vento servitas", empurrando minha mão na porta. Meu cajado, dirigido por canais de ar fortemente controlados que se moviam em resposta à minha evocação, saltou pela sala e bateu na porta a fechando com força na frente do nariz de Donny Wise. Ele ficou rígido como um quadro. Ele se virou para mim, seus olhos arregalados.

"Meu Deus. Você é um deles. Não me mate” ele disse. "Oh Deus. Você tem as fotos. Eu não sei de nada, nada. Não sou um perigo para você.” Ele tentou

manter a voz calma, mas estava tremendo. Eu o vi inclinar os olhos para as portas de correr de vidro do pequeno pátio, como se calculasse suas chances de chegar lá antes que eu pudesse impedi-lo.

"Relaxe, Sr. Wise", eu disse a ele. “Eu não estou aqui para machucá-lo. Estou atrás do homem que matou Linda. Ajude-me. Diga-me o que você sabe. Eu vou cuidar do resto.”

Ele soltou uma risada rouca e deu um meio passo em direção às janelas de vidro. “E ser morto? Como Linda, como aquelas outras pessoas? De jeito nenhum."

“Não, Sr. Wise. Diga-me o que você sabe. Vou acabar com os assassinatos. Vou levar o assassino de Linda à justiça.” Tentei manter minha voz suave, lutando contra a frustração que sentia. Inferno, eu queria sacudi-lo, mas não pretendia assustá-lo tanto que ele quisesse pular por uma porta deslizante de vidro. "Quero que essas pessoas parem tanto quanto você."

"Por quê?" Ele exigiu. Eu vi um pouco de desprezo em seus olhos, agora. “O que ela era para você? Você estava dormindo com ela também?

Eu balancei minha cabeça. "Não. Não, ela é apenas mais uma pessoa morta que não deveria estar.”

“Você não é policial. Por que arriscar sua bunda para fazer isso? Por que lutar contra essas pessoas? Você não viu o que eles podem fazer?”

Dei de ombros. “Quem mais vai?” Ele não me respondeu, então eu levantei a caixa do filme. “Que fotos são essas, Sr. Wise? Por que vale a pena matar Linda Randall?”

Donny Wise esfregou as mãos sobre as coxas. Seu rabo de cavalo tremeu quando ele olhou ao redor da sala. “Eu vou fazer um acordo. Me dê o filme e eu vou lhe conto o que sei.”

Eu balancei minha cabeça. "Eu posso precisar do que está aqui."

"O que tem aí não adiantará de nada se não souber o que procurar",

ressaltou. “Eu não te conheço. Eu não quero nenhum problema. Tudo o que eu quero é tirar minha bunda disso vivo e inteiro.”

Eu olhei para ele por um momento. Se eu o trocasse, perderia o filme e o que quer que estivesse nele. Se não o fizesse, e ele estivesse me dizendo a verdade, o filme não me faria nenhum bem. A trilha me levou até aqui, até ele. Se eu não descobrisse a pista para outro lugar, estava morto.

Então eu bati meus dedos, deixando meu cajado cair no chão. Então eu joguei o filme para ele. Ele o deixou cair e se inclinou para recuperá-lo, me estudando com cautela.

“Depois que eu sair daqui”, ele disse, “estamos quites. Eu nunca te vi antes.”

Eu assenti. "Certo. Vamos lá.”

Donny engoliu em seco e passou a mão pelos cabelos, dando um puxão nervoso no rabo de cavalo no final do movimento. “Eu conhecia Linda por aí. Eu tinha tirado algumas fotos dela, para um portfólio. Eu fotografo algumas das meninas da cidade. Eles querem aparecer em revistas, a maioria delas.”

"Revistas para adultos?", Perguntei.

“Não”, ele retrucou, nervoso, “a revista do tio Abner para crianças. É claro que revistas para adultos. Nada muito elegante, mas você pode ganhar um bom dinheiro, mesmo que não seja do tipo de Hugh Hefner.”

“Então, na quarta-feira, Linda vem até mim. Ela diz que tem um negócio para mim. Tiro algumas fotos para ela, dou-lhe o filme e eu ganho... e ela é muito legal comigo. Tudo o que preciso fazer é aparecer onde ela disser, fotografar pelas janelas e sair. Entregar as fotos para ela no dia seguinte. Então eu fiz. E agora ela está morta.”

"No lago Providence", eu disse.

"Sim."

"O que você viu lá?", Perguntei.

Donny Wise balançou a cabeça, seus olhos passando por mim para a cama novamente. “Linda. Algumas outras pessoas. Ninguém que eu conhecia. Eles estavam tendo algum tipo de festa. Velas e outras coisas. Estava chovendo pra caramba, muitos trovões e raios, então eu realmente não podia ouvi-los. Fiquei um pouco preocupado de alguém olhar para mim e me ver no raio, mas acho que eles estavam muito ocupados.”

"Eles estavam fazendo sexo", eu disse.

"Não", ele retrucou. “Eles estavam tocando canastra. Sim sexo. A coisa real, não coisas falsas em um set. A coisa real não parece tão boa. Linda, outra mulher, três homens. Eu tirei minhas fotos e saí.”

Eu sorri, mas ele não parecia ter percebido o duplo sentido. Você não consegue panacas fodidos de qualidade com muita frequência. "Você pode descrever alguma dessas outras pessoas?"

Ele balançou sua cabeça. “Eu não estava olhando. Mas eles não estavam sendo muito particulares, se você me entende. Virou meu estômago.”

"Você sabia o que Linda queria com as fotos?"

Ele olhou para mim e depois riu, como se eu fosse extremamente burro. “Jesus, amigo. O que você acha que alguém quer com fotos assim? Ela queria chantagear alguém. Inferno, a reputação dela não sofreria caso as fotos dela no meio de uma orgia saíssem. Mas podia ter ferrado algumas pessoas com ela. Que tipo de policial fajuto é você?”

Eu ignorei a pergunta. "O que você vai fazer com o filme, Donny?"

Ele encolheu os ombros. "Lixeira, provavelmente." Vi seus olhos passarem de um lado para o outro, e eu sabia que ele estava mentindo para mim. Ele ficaria com o filme, descobria quem estava nas fotos e, se achasse que poderia se safar, tentaria obter o máximo de lucro possível. Ele parecia o tipo, e eu confiei em meus instintos.

"Permita-me", eu disse, e bati meus dedos. "Fuego".

A tampa cinza da lata voou em um pequeno whoosh de chamas, e Donny Wise uivou, puxando sua mão bruscamente. A vasilha vermelha explodiu em chamas a caminho do chão e aterrissou ali em um nódulo amassado e fumegante.

Ele olhou para o filme, depois para mim, com a boca aberta.

"Espero não descobrir que você mentiu para mim, Donny", eu disse a ele. Ele ficou branco como um lençol, garantiu-me que não tinha, depois se virou e fugiu do apartamento, soltando dois pedaços de fita da polícia ao sair. Ele não fechou a porta atrás dele.

Eu o deixei ir. Eu acreditei nele. Ele não parecia inteligente o suficiente para inventar uma história em tempo real, tão agitado quanto estava. Senti uma onda feroz de triunfo, raiva e desejo de encontrar essa pessoa, quem quer que fosse, que estivesse pegando as forças cruas de vida e criação e usando-as para os fins da destruição, e colocá-lo na lixeira junto com o resto do lixo. Quem quer que ele fosse, matando com magia e destruindo pessoas aos poucos com o TerceiroOlho, ele era alguém que eu queria derrubar. Meu cérebro acelerou, agora que havia algo para trabalhar, alguma outra possibilidade para amanhã de manhã, além de eu morrer de várias maneiras terríveis.

Linda Randall estava planejando chantagear alguém. Dei um salto mental impressionante e imaginei que era Victor, ou alguém em sua casa durante a festa. Mas por que? Eu não tinha fotos agora, apenas as informações que obtive de Donny Wise. Eu não podia dar ao luxo de esperar. Eu tive que seguir as pistas que ele me deu para chegar ao fundo disso e descobrir quem matou Linda.

Como eu consegui entrar em todo esse problema em apenas alguns dias? E como, no mundo, eu consegui tropeçar no que parecia ser um pequeno e complexo plano traiçoeiro por acaso, na casa de Lake Providence, em uma investigação separada?

Resposta simples, não era um acidente. Tudo fora planejado. Eu fui

direcionado para lá. Alguém me queria na casa do lago, queria que eu me envolvesse e descobrisse o que estava acontecendo lá fora. Alguém que era nervosa como o diabo perto de magos, que se recusou a dar o nome dela, que soltou cuidadosamente frases que me fizeram acreditar em sua ignorância, que teve que sair rapidamente de sua consulta e que estava disposta a deixar quinhentos dólares, só para me tirar do telefone alguns segundos mais rápido. Alguém me chamou e me forçou a ficar lá fora, onde eu atraíra todo tipo de atenção hostil.

Aquela era a chave.

Juntei meu cajado e varinha e saí pela porta.

Estava na hora de conversar com Monica Sells.

Capítulo Vinte

O taxista me deixou a um quarteirão da casa de Monica Sells, nos subúrbios. Eu estava ficando sem tempo, sem o empréstimo de Murphy e sem paciência, então não perdi a luz do dia andando pela rua em direção à casa dela.

Era uma casinha fofa, de dois andares, duas árvores jovens no jardim da frente, agora começando a rivalizar com a altura. Havia uma minivan na garagem e uma tabela de basquete, bem usada. O gramado cresceu bastante, mas todas as chuvas recentes deram uma boa desculpa para isso. A rua era tranquila e levei um momento para perceber que a maioria das casas não estava ocupada. Havia placas de à venda em muitos dos quintais. Cortinas esparsas pendiam sobre janelas vazias e abertas, como teias de aranha. Não havia muito canto dos pássaros, para uma rua com tantas árvores, e eu não conseguia ouvir nenhum cachorro latindo enquanto andava pela calçada. No alto, as nuvens estavam ficando mais densas, acumulando-se para outra tempestade.

Juntando tudo, tinha a sensação de algum lugar arruinado, um lugar onde um mago negro havia se estabelecido. Entrei pelo pátio dos Sells e fui até a porta da frente.

Toquei a campainha e esperei.

Não houve resposta.

Eu bati. Eu me inclinei na campainha.

Ainda sem resposta.

Eu apertei minha mandíbula e olhei em volta. Não vi ninguém, então voltei para a porta, me preparando para usar um feitiço para abri-la.

Em vez disso, a porta se abriu, talvez de centímetros. Monica Sells estava lá dentro, olhando para mim com seus olhos verdes. Vestia jeans, uma camisa

de flanela lisa com as mangas arregaçadas e os cabelos cobertos por uma bandana. Ela não usava maquiagem. Ela parecia mais velha e mais atraente assim, acho que talvez porque fosse uma aparência mais natural para ela, algo mais próximo do tipo de pessoa que ela realmente era, em vez das roupas e jóias mais agradáveis que ela usava quando visitou meu escritório. O rosto dela ficou pálido, os lábios sem sangue.

"Não tenho nada a lhe dizer, Sr. Dresden", disse ela. "Vá embora."

"Eu não posso fazer isso", eu disse. Ela começou a fechar a porta, mas enfiei o final do meu cajado na porta, impedindo que ela se fechasse.

"Vou ligar para a polícia", disse ela, a voz tensa. Ela se encostou na porta, tentando me impedir de entrar.

“Ligue”, eu rosnei, e então eu dei um palpite, “e eu vou falar para eles sobre você e seu marido.” Eu estava dando um tiro no escuro, mas que diabos. Ela não sabia que eu não sabia o que diabos estava acontecendo.

Meus instintos valeram a pena. Eu a ouvi respirar fundo e senti sua resistência na porta ceder um pouco. Coloquei meu ombro na porta, me inclinei com força e ela se afastou de mim, surpresa. Eu não acho que ela esperava que eu forçasse fisicamente meu caminho para a casa dela. Inferno, eu não esperava que eu fizesse isso. Eu não tinha percebido o quão bravo estava até ver o olhar de pânico em seu rosto quando ela olhou para mim. Não sei como eu estava, mas não deve ter sido amigável.

Eu parei. Fechei os olhos. Respirei fundo e tentei controlar minha raiva. Não adiantaria nada perder o controle.

Foi quando ela foi atrás do taser.

Eu a ouvi se mover, abri meus olhos a tempo de vê-la pegar uma caixa de plástico preta do tamanho de um telefone celular em cima do piano e avançar em minha direção. O rosto dela estava pálido, assustado. Um raio azul dançou entre os dois dentes do taser enquanto ela a empurrava no meu estômago.

Eu varri meu cajado, na vertical, da direita para a esquerda, e o taser passou por mim, junto com a investida dela, atingindo o batente da porta atrás de mim. Passei por ela e entrei na sala, virando-me para encará-la enquanto ela se recuperava e se virava.

"Eu não vou deixar você machucá-los", ela rosnou. “Nem você, nem ninguém. Eu mato você antes que eu deixe você tocar neles, mago.” E então ela estava vindo para mim novamente, a fúria substituindo o terror em seus olhos, uma determinação sombria para o sucesso que me fez pensar em Murphy por um segundo. Pela primeira vez, ela estava me olhando de frente. Pela primeira vez, ela esqueceu de manter os olhos desviados dos meus e, naquele segundo, vi dentro dela.

As coisas pareciam desacelerar por um momento. Tive tempo de ver a cor dos olhos dela, a estrutura do rosto dela. Para reconhecer onde eu os tinha visto antes, por que ela parecia familiar para mim. Tive tempo de ver, por trás dos olhos dela, o medo e o amor que motivavam cada movimento que ela dava, cada passo que dava. Eu vi o que a levou a vir até mim, por que ela estava com medo. Eu vi seu pesar e vi sua dor.

E todas as peças se encaixaram. Conhecendo as emoções que a guiavam, o terrível amor que ela estava demonstrando até agora, tudo parecia perfeitamente óbvio, e eu me senti idiota por não ter descoberto isso dias atrás.

"Pare", eu disse, ou tentei dizer, antes que ela avançasse a arma no meu peito. Larguei cajado e a varinha e peguei seu pulso com as duas mãos. Ela empurrou o taser para o meu rosto, e eu a deixei fazer isso.

Chegou a cerca de três centímetros de mim, a luz brilhando nos meus olhos. Então eu respirei fundo e soprei no taser, junto com um esforço de vontade. Houve uma faísca, um pouco de fumaça, e depois ele morreu em suas mãos, como qualquer outro dispositivo eletrônico parecia fazer sempre que eu aparecia. Inferno, fiquei surpreso que demorou tanto tempo para parar de funcionar. E mesmo que não tivesse, não teria nenhum problema para em amaldiçoá-lo em uma inutilidade.

Continuei segurando seu pulso, mas a tensão por trás de seu braço diminuiu

para nada. Ela estava olhando para o meu rosto, os olhos arregalados de choque pelo encontro de nossos olhares. Ela começou a tremer e soltou o atordoador inútil dos dedos moles. Ele caiu no chão. Eu a soltei, e ela apenas olhou para mim.

Eu também estava tremendo. Uma contemplação de alma nunca é algo agradável ou simples. Deus, às vezes eu odiava ter que viver com isso. Eu não queria saber que ela havia sido abusada quando criança. Que ela se casou com um homem que lhe forneceu a mesma coisa, quando adulta. Que a única esperança ou luz que ela viu em sua vida estava em seus dois filhos. Não houve tempo para ver todos os seus motivos, toda sua lógica. Eu ainda não sabia por que ela havia me atraído para todo esse negócio, mas eu sabia que era, afinal, porque ela amava seus dois filhos.

E isso era tudo que eu realmente precisava, essa e uma outra conexão, a semelhança irritante com alguém que eu havia notado nela no meu escritório. O resto se encaixou a partir daí.

Monica Sells levou um momento para se recuperar. Ela fez isso com uma velocidade notável, como se fosse uma mulher acostumada a colocar uma máscara novamente depois de a ter derrubado. "Eu ... me desculpe, Sr. Dresden." Ela levantou o queixo e me olhou com um orgulho frágil e ferido. "O que você quer aqui?"

"Algumas coisas", eu disse a ela. Abaixei-me para recuperar meu cajado e minha varinha. “Quero minha mecha de cabelo de volta. Quero saber por que você veio a mim na última quinta-feira, por que me arrastou para essa bagunça. E quero saber quem matou Tommy Tomm, Jennifer Stanton e Linda Randall.”

Os olhos de Monica ficaram ainda mais sombrios e seu rosto empalideceu. “Linda está morta?”

"Ontem à noite", eu disse a ela. "E alguém está planejando me tirar da mesma maneira, na próxima chance que eles tiverem."

Lá fora, ao longe, trovões retumbaram. Outra tempestade estava em andamento, crescendo lentamente. Quando chegasse à cidade, eu era um

homem morto. Simples assim.

Eu olhei de volta para Monica Sells, e estava estampado no rosto dela, ela sabia da tempestade tão bem quanto eu. Ela sabia disso, e havia uma espécie de frustração triste e cansada em seus olhos.

"Você tem que ir, Sr. Dresden", disse ela. "Você não pode estar aqui quando ... Você precisa ir antes que seja tarde demais."

Eu andei em direção a ela. “Você é a única chance que tenho, Monica. Eu lhe pedi uma vez antes para confiar em mim. Você precisa fazer isso de novo. Você precisa saber que eu não estou aqui para machucar você ou sua...”

Uma porta se abriu no corredor atrás de Monica. Uma garota, no final da pré-adolescência, com cabelos da cor da mãe, inclinou-se para o corredor. "Mãe?" Ela disse com uma voz trêmula. “Mãe, você está bem? Você quer que eu chame a polícia?” Um garoto, talvez um ou dois anos mais novo que sua irmã, também pôs a cabeça para fora. Ele estava carregando uma bola de basquete bem usada nas mãos, girando-a em pequenos gestos nervosos.

Eu olhei de volta para Monica. Os olhos dela estavam fechados. Lágrimas caíam por suas bochechas. Demorou um momento, mas ela respirou fundo e falou com a garota em uma voz clara e calma, sem se virar. "Estou bem", disse ela. “Jenny, Billy, voltem para o quarto e tranque a porta. Estou falando sério."

"Mas, mãe -" o garoto começou.

"Agora", disse Monica. Sua voz estava tensa.

Jenny colocou a mão no ombro do irmão. "Vamos, Billy." Ela olhou para mim por um momento. Seus olhos eram muito velhos e muito conhecedores para uma criança da idade dela. “Vamos.” Os dois desapareceram de volta para a sala, fecharam a porta e trancaram-na atrás deles.

Monica esperou até que eles sumissem e depois caiu em mais lágrimas. "Por

favor. Por favor, Sr. Dresden. Você tem que ir. Se você estiver aqui quando a tempestade chegar, se ele souber...” Ela escondeu o rosto nas mãos e emitiu um som baixo e coaxante.

Eu me aproximei dela. Eu precisava da ajuda dela. Não importava quanta dor ela tivesse, não importa que tipo de agonia ela estivesse passando, eu tinha que ter a ajuda dela. E eu pensei que sabia os nomes para invocá-lo.

Eu posso ser um bastardo às vezes.

“Monica. Por favor. Estou contra uma parede. Estou sem opções. Tudo o que tenho me traz aqui. Para você. E eu não tenho tempo para esperar. Preciso da sua ajuda, antes de terminar como Jennifer, Tommy e Linda.” Procurei seus olhos e ela olhou para mim sem desviar o olhar. "Por favor. Ajude-me.” observei os olhos dela, vi o medo, a dor e o cansaço ali. Eu a vi olhar para mim enquanto eu me apoiava nela e exigi mais dela do que ela podia dar.

"Tudo bem", ela sussurrou. Ela se virou e caminhou em direção à cozinha. "Tudo bem. Vou lhe contar o que sei, mago. Mas não há nada que eu possa fazer para ajudá-lo.” Ela parou na porta e olhou para mim. Suas palavras caíram com o peso da convicção, verdade simples. "Não há nada que alguém possa fazer agora."

Capítulo Vinte e Um

Monica Sells tinha uma cozinha colorida. Ela colecionou vacas pintadas de desenhos animados, e elas pairavam sobre as paredes e as portas dos armários da sala, numa espécie de indolência alegre e bovina. A geladeira estava coberta com desenhos de giz de cera e boletins. Havia uma fileira de garrafas de vidro coloridas no peitoril da janela. Eu ouvia sinos de vento lá fora, inquietamente agitados por um vento frio e crescente. Um grande e amigável relógio de vaca na parede balançava o rabo para frente e para trás, tique, tique, tique.

Monica se sentou à mesa da cozinha. Ela abraçou suas pernas e pareceu relaxar um pouco. Senti que sua cozinha era o seu santuário, o lugar onde ela se retirava quando estava chateada. Era cuidadosamente mantido, reluzente e limpo.

Eu a deixei relaxar o máximo que pude, o que não demorou muito. Eu quase podia sentir uma tensão se acumulando no ar, a tempestade se formando à distância. Eu não podia me dar ao luxo de pegar leve. Eu estava prestes a abrir a boca, começar a empurrar, quando ela disse: “Faça suas perguntas, mago. Eu as responderei. Eu nem saberia por onde começar.” Ela não olhou para mim. Ela não olhou para nada.

"Tudo bem", eu disse. Me encostei no balcão da cozinha. “Você conhece Jennifer Stanton, não? Você é parente dela.”

A expressão dela não mudou. "Temos os olhos de nossa mãe", ela confirmou. “Minha irmãzinha sempre foi a rebelde. Ela fugiu para se tornar atriz, mas se tornou uma prostituta. Combinava com ela, à sua maneira. Eu sempre quis que ela parasse, mas acho que ela não queria. Não sei se ela sabia como.”

"A polícia já entrou em contato com você sobre a morte dela?"

"Não. Eles ligaram para meus pais, em St. Louis. Eles ainda não perceberam

que eu moro na cidade. Alguém notará em breve, tenho certeza.”

Eu fiz uma careta. “Por que você não foi a eles? Por que você veio até mim?”

Ela olhou para mim. “A polícia não pode me ajudar, Sr. Dresden. Você acha que eles acreditariam em mim? Eles olhariam para mim como se eu fosse algum tipo de lunática, se eu fosse falar com eles sobre feitiços e rituais mágicos.” Ela fez uma careta. “Talvez eles estariam certos. Às vezes me pergunto se estou ficando louca.”

"Então você veio até mim", eu disse. "Por que você não me contou a verdade?"

"Como eu poderia?" Ela perguntou. "Como eu poderia entrar no escritório de alguém que eu nem conhecia e contar a ele ..." Ela engoliu em seco e fechou os olhos com mais lágrimas.

"E me diga, Monica?", Perguntei. Eu mantive minha voz suave. "Quem matou sua irmã?"

Os sinos de vento tilintaram do lado de fora. O relógio amigável da vaca deu um tique, tique-taque, Monica Sells respirou fundo e estremeceu e fechou os olhos. Eu a vi juntando os fios desgastados de sua coragem, amarrando-os com a maior força possível. Eu já sabia a resposta, mas precisava ouvir dela. Eu precisava ter certeza. Tentei me dizer que seria bom para ela encarar uma coisa dessas, só para dizer em voz alta. Eu não tinha certeza se acreditei nisso, como eu disse, não minto muito bem.

Monica apertou as mãos em punhos apertados e disse: “Deus me ajude. Deus me ajude. Foi o meu marido, Sr. Dresden. Foi o Victor.” Pensei que ela se dissolveria em lágrimas, mas, em vez disso, apenas se agachou mais contra sua pequena bola defensiva, como se esperasse que alguém começasse a bater nela.

"É por isso que você queria que eu o encontrasse", eu me ouvi dizer. “Foi por isso que você me enviou para a casa do lago, para procurá-lo. Você sabia que ele estava lá. Você sabia que se você me mandasse para lá, ele me veria.” Minha voz estava baixa, não muito zangada, mas as palavras soavam ao redor

de Monica Sells como marretas vomitando pedaços de concreto. Ela se encolheu de cada um deles.

"Eu precisava", ela gemeu. “Deus, Sr. Dresden. Você não sabe como era. E ele estava piorando. Na verdade, ele não começou como um homem mau, mas continuou ficando cada vez pior, e eu estava com medo.”

"Por causa dos seus filhos", eu disse.

Ela assentiu e apoiou a testa nos joelhos. E então as palavras começaram a derramar dela, lentamente a princípio, e depois em uma corrida cada vez maior, como se ela não pudesse mais segurar o imenso peso delas. Eu escutei. Eu devia isso a ela, por pisotear seus sentimentos, por forçá-la a falar comigo.

“Ele nunca foi um homem mau, Sr. Dresden. Você tem que entender. Ele trabalhou duro. Ele trabalhou tão duro por nós, para nos dar algo melhor. Eu acho que era porque ele sabia que meus pais eram tão ricos. Ele queria me dar tanto quanto eles poderiam ter dado, e ele não podia. Isso deixava-o tão frustrado, tão bravo. Às vezes ele perdia a paciência. Mas nem sempre era tão ruim. E ele poderia ser tão gentil, às vezes também. Eu pensei que talvez as crianças o ajudassem a se estabilizar.”

“Foi quando Billy tinha cerca de quatro anos que Victor encontrou a magia. Não sei onde. Mas ele começou a ficar obcecado com isso. Ele trouxe livros e livros para casa. Coisas estranhas. Ele colocou uma fechadura na porta do sótão e depois do jantar desaparecia lá em cima. Algumas noites, ele não vinha para a cama. Algumas noites, pensei ouvir coisas lá em cima. Vozes. Ou coisas que não eram vozes.” Ela estremeceu.

“Ele começou a piorar. Ele ficava bravo e as coisas aconteciam. Coisas pequenas. As cortinas pegavam fogo nas pontas. Ou as coisas voavam das paredes e quebravam.” Ela virou o olhar assombrado para suas vacas fofas e bregas por um momento, como se estivesse se assegurando de que elas ainda estavam lá.

“Ele gritava conosco sem motivo. Ou caia na gargalhada sem motivo. Ele ... ele via coisas. Coisas eu que não podia ver. Eu pensei que ele estava ficando

louco.”

"Mas você nunca o confrontou", eu disse baixinho.

Ela balançou a cabeça. "Não. Deus me perdoe. Não pude. Eu me acostumei a ficar quieta, Sr. Dresden. De não fazer barulho.” Ela respirou fundo e continuou. “Então, uma noite, ele veio até mim e me acordou. Ele me fez beber alguma coisa. Ele me disse que isso me faria ver, me fazer entendê-lo. Que se eu bebesse, eu veria as coisas que ele viu. Que ele queria que eu o entendesse, que eu era a esposa dele.” desta vez, ela começou a chorar, lágrimas que corriam silenciosamente por suas bochechas, nos cantos da boca.

Algo mais clicou solidamente no lugar, onde eu já pensei que iria. "O TerceiroOlho", eu disse.

Ela assentiu. “E ... eu vi coisas, Sr. Dresden. Eu o vi.” O rosto dela se contorceu, e eu pensei que ela ia vomitar. Eu entendia. Ter a Terceira Visão subitamente aberta para você assim, sem saber o que era, o que estava acontecendo com você; olhar para o homem que você casou, que lhe deu filhos e vê-lo como ele realmente era, obcecado por poder, consumido pela ganância, devia ter sido um inferno. E isso permaneceria com ela. Sempre. A memória nunca desapareceria, Monica nunca encontraria o conforto e consolo dos anos colocando um estofamento confortável entre ela e a imagem do marido como um monstro.

Ela continuou falando, apressadamente num sussurro. “Eu queria mais. Mesmo quando acabou, mesmo que fosse horrível, eu queria mais. Tentei não mostrar, mas ele percebeu. Ele olhou nos meus olhos e sabia, Sr. Dresden. Como você fez agora. E ele começou a rir. Como se tivesse acabado de ganhar na loteria. Ele me beijou, ele estava tão feliz. E isso me deixou doente.”

“Ele começou a fazer mais da droga. Mas ele nunca poderia fazer o suficiente. Isso deixava-o furioso, furioso. E então ele começou a perceber que quando estava com raiva, ele poderia fazer mais. Ele procurava desculpas para ficar com raiva. Ele se enfurecia. Mas ainda não era suficiente.” Ela engoliu em seco. "Foi quando ... quando."

Pensei em motoristas de pizza assustados e em comentários feéricos sobre o "treino" humano. “Foi quando ele percebeu que podia tocar as emoções de outras pessoas também", eu disse. "Usa-las para ajudar a fortalecer sua mágica."

Ela assentiu e se enrolou mais contra si mesma. “Era só eu, a princípio. Ele me assustava. E depois eu ficava tão exausta. Então ele descobriu que, para o que estava fazendo, a luxúria funcionava melhor. Então ele começou a procurar em volta. Por apoiadores. Investidores, ele os chamou.” Ela olhou para mim, seus olhos implorando. “Por favor, Sr. Dresden. Você tem que entender. Nem sempre foi tão ruim. Houve momentos em que quase pude vê-lo novamente. Que eu pensei que ele voltaria para nós.”

Eu tentei olhá-la com compaixão. Mas eu não tinha certeza se sentia algo além de fúria, que alguém, alguém tratasse sua família daquela maneira, ou qualquer outra pessoa, nesse caso. Meus sentimentos devem ter aparecido no meu rosto, porque Monica rapidamente desviou os olhos e se encolheu de medo. Ela falou com uma voz apressada, como se quisesse aliviar a minha raiva, na voz de uma mulher que aliviou a raiva de outros com palavras desesperadas mais de uma vez.

“Ele encontrou os Beckitts. Eles tinham dinheiro. E ele lhes disse que, se o ajudassem, ele os ajudaria a se vingar de Johnny Marcone. Para a filha deles. Eles confiam nele. Deram a ele todo o dinheiro que ele precisava.”

Pensei nos Beckit e em seus rostos magros e famintos. Pensei nos olhos mortos da sra. Beckitt.

“E ele começou os rituais. A cerimônia. Ele disse que precisava da nossa luxúria.” Os olhos dela se moveram para a esquerda e para a direita, e o olhar enojado em seu rosto ficou mais profundo. “Não foi tão ruim. Ele fechava o círculo e, de repente, nada importava. Nada além de carne. Eu poderia me perder por um tempo. Era quase como uma fuga.” Ela esfregou a mão na perna da calça jeans, como se estivesse tentando limpar algo sujo. “Mas não era o suficiente. Foi quando ele começou a conversar com Jennifer. Ele sabia o que ela fazia. Que ela conheceria o tipo certo de pessoas. Como ela, como Linda. Linda o apresentou ao homem de Marcone. Eu não sei o nome dele, mas Victor prometeu a ele algo que foi o suficiente para trazê-lo para o

círculo.”

“Eu não tinha que ir o tempo todo, então. Jenny ou eu ficava com as crianças. Victor fazia a droga. Começamos a ganhar dinheiro. As coisas melhoraram por um tempo. Contanto que eu não pensasse muito.” Monica respirou fundo. “Foi quando Victor começou a ficar mais sombrio. Ele chamou demônios. Eu os vi. E ele disse que precisava de mais poder. Ele estava com fome disso. Era horrível, como assistir a um animal faminto, sempre inquieto. E eu o vi começar ... começar a olhar para as crianças, Sr. Dresden. Isso me deixou com medo. A maneira como ele olhava para eles, às vezes, eu sabia...” Dessa vez ela se curvou e se dobrou em direção ao chão com um gemido. Ela estremeceu e chorou, fora de controle. "Oh Deus. Meus bebês. Meus bebês."

Eu queria ir até ela. Oferecer-lhe minha mão para segurar, colocar um braço sobre seus ombros e dizer-lhe que estaria tudo bem. Mas eu a conhecia agora. Eu tinha olhado dentro dela. Isso a faria gritar. Deus, Harry, pensei. Você não torturou esta pobre mulher o suficiente?

Vasculhei os armários até encontrar um copo. Coloquei água fria na pia, derramei no copo, depois fui até ela e coloquei ao lado dela. Ela se endireitou na cadeira e pegou o copo entre as mãos trêmulas. Ela tomou um gole e derramou um pouco no queixo.

"Desculpe", eu disse. Era tudo que eu conseguia pensar em dizer.

Se ela me ouviu, não apareceu. Ela tomou um gole de água e continuou, como se estivesse desesperada para terminar, para tirar o gosto das palavras da boca. “Eu queria deixá-lo. Eu sabia que ele ficaria furioso, mas não podia deixar as crianças ficarem perto dele. Eu tentei conversar com Jenny sobre isso. E ela tomou as rédeas. Minha irmãzinha, tentando me proteger. Ela foi até Victor e disse a ele que, se ele não me deixasse sair, iria à polícia e a Johnny Marcone. Ela contaria tudo sobre ele. E ele ... ele ...

"Ele a matou", eu disse. Inferno. Victor não precisava de nenhum dos cabelos de Jennifer Stanton para matá-la. Qualquer tipo de amostra de fluidos corporais teria funcionado. Com as cerimônias de luxúria que ele mantinha, teria tido ampla oportunidade de coletar amostras da pobre Jennifer Stanton. Talvez ele até a tivesse obrigado a levar uma amostra de Tommy

Tomm. Ou talvez Jennifer e Tommy Tomm estivessem muito próximos, enquanto estavam fazendo amor, para que o feitiço afetasse apenas um deles quando ele os matou.

"Ele a matou", Monica confirmou. Seus ombros caíram com um repentino cansaço. “Foi quando eu vim até você. Porque eu pensei que você poderia ver. Ser capaz de fazer alguma coisa, antes que ele machucasse meus bebês. Antes de ele matar outra pessoa. E agora Linda também está morta. E você é o proximo, Sr. Dresden. Você não pode detê-lo. Ninguém pode."

"Monica", eu disse.

Ela balançou a cabeça e se enrolou em uma bolinha miserável. "Vá", disse ela. "Oh Deus. Por favor, vá, Sr. Dresden. Não quero ver quando ele te matar também.”

Meu coração parecia um pedaço de cera fria no peito. Eu queria tanto dizer a ela que tudo ficaria bem. Eu queria secar suas lágrimas e dizer a ela que ainda havia alegria no mundo, que ainda havia luz e felicidade. Mas não achei que ela iria me ouvir. Onde ela estava, não havia nada além de uma escuridão sem fim, sem esperança, cheia de medo, dor e derrota.

Então eu fiz a única coisa que pude. Recuei em silêncio e a deixei chorando. Talvez isso a ajudasse a começar a se curar.

Para mim, soou como pedaços de vidro caindo de uma janela quebrada.

Enquanto eu caminhava em direção à porta da frente, um pequeno movimento para a esquerda chamou minha atenção. Jenny Sells estava no corredor, um espectro silencioso. Ela me olhou com olhos verdes luminosos, como os de sua mãe, como a tia morta cujo homônimo ela era. Eu parei e a encarei. Não sei por que.

"Você é o mago", disse ela, calmamente. “Você é Harry Dresden. Vi sua foto no jornal, uma vez. O Arcano.”

Eu assenti.

Ela estudou meu rosto por um longo minuto. "Você vai ajudar minha mãe?"

Foi uma pergunta simples. Mas como você diz a uma criança que as coisas simplesmente não são tão simples, que algumas perguntas não têm respostas simples, ou nenhuma resposta?

Eu olhei de volta para seus olhos também conhecedores e depois rapidamente olhei para outro lugar. Eu não queria que ela visse que tipo de pessoa eu era, as coisas que eu tinha feito. Ela não precisava disso. "Eu vou fazer tudo o que puder para ajudar sua mãe."

Ela assentiu. "Você promete?"

Eu prometi a ela.

Ela pensou nisso por um momento, me estudando. Então ela assentiu. “Meu pai costumava ser um dos mocinhos, Sr. Dresden. Mas acho que ele não é mais.” O rosto dela parecia triste. Era uma expressão doce e não afetada. "Você vai matá-lo?"

Outra pergunta simples.

"Eu não quero", eu disse a ela. “Mas ele está tentando me matar. Eu posso não ter escolha.”

Ela engoliu em seco e levantou o queixo. "Eu amava minha tia Jenny", ela disse. Os olhos dela brilharam com lágrimas. “Mamãe não diz, e Billy é muito pequeno para descobrir, mas eu sei o que aconteceu.” Ela se virou, com mais graça e dignidade do que eu poderia ter conseguido, e começou a sair. Então ela disse, baixinho: “Espero que você seja um dos mocinhos, Sr. Dresden. Nós realmente precisamos de um cara legal. Espero que você seja legal.” Então ela desapareceu no corredor com os pés descalços e silenciosos.

Deixei a casa nos subúrbios o mais rápido que pude. Minhas pernas me levaram pela calçada estranhamente silenciosa e de volta à esquina onde o taxista estava esperando, o medidor rolando.

Entrei no táxi e disse ao taxista para me levar até o telefone público mais

próximo. Então fechei os olhos e lutei para pensar. Foi difícil, com toda a dor que senti. Talvez eu seja estúpido ou algo assim, mas eu odeio ver pessoas como Monica, como a pequena Jenny, sofrendo assim. Não deveria haver dor assim no mundo, e toda vez que encontro isso, fico furioso. Furioso e triste. Não sabia se queria gritar ou chorar. Eu queria socar o rosto de Victor Sells e queria me arrastar para a cama e me esconder debaixo das cobertas. Eu queria dar um abraço em Jenny Sells e dizer a ela que tudo ficaria bem. E eu ainda estava com medo, todo apertado e ardendo no meu estômago. Victor Sells, das sombras e dos demônios, ia me matar assim que a tempestade chegasse.

"Pense Harry", eu disse a mim mesmo. " Pense, caramba." O taxista me deu um olhar estranho no espelho retrovisor.

Coloquei todos os sentimentos, todo o medo, toda a raiva em uma bolinha apertada. Não tinha tempo de deixar esses sentimentos me cegarem agora. Eu precisava de clareza, foco, propósito. Eu precisava de um plano.

Murphy. Murphy podia ser capaz de me ajudar. Eu poderia avisá-la sobre a casa do lago e chamar a cavalaria. Eles podem encontrar um estoque de TerceiroOlho lá. Eles poderiam prender Victor como qualquer outro traficante.

Mas havia muitos buracos nesse plano. E se Victor não estivesse mantendo seu estoque na casa do lago? E se ele enganasse a polícia? Monica e seus filhos estariam em perigo, se ele o fizesse. Não só isso, e se Murphy não me escutasse? Inferno, o juiz podia não emitir um mandado de busca para uma propriedade privada com a palavra de um homem que provavelmente tinha um mandado para sua própria prisão, agora. Não apenas isso, mas a burocracia envolvida no trabalho com as autoridades de Lake Providence, em um domingo, de todo os dias, atrasaria as coisas. Podia não acontecer a tempo de salvar meu coração de ser arrancado. Não, eu não podia confiar na polícia.

Se fosse em outra ocasião, se eu fosse menos suspeito pelo Conselho Branco, eu denunciaria Victor Sells e deixaria que eles cuidassem da coisa toda. Eles não são exatamente gentis com pessoas que usam magia como Victor a usava, para chamar demônios, matar, produzir drogas. Provavelmente ele

havia violado todas as Leis da Magia. O Conselho Branco não perderia tempo e enviaria alguém como Morgan para acabar com Victor.

Mas eu também não podia fazer isso. Eu já estava sob suspeita, graças à cegueira de Morgan. O Conselho já estava se reunido ao nascer do sol na segunda-feira. Alguns dos outros membros do Conselho poderiam me ouvir, mas eles estavam viajando agora. Eu não tinha como alcançar alguém que simpatizasse comigo, nem como pedir ajuda. Na verdade, não havia tempo para tentar reunir qualquer um dos meus aliados habituais.

Então, eu concluí. Dependia de mim. Sozinho.

Era um pensamento preocupante.

Tinha que enfrentar Victor Sells, o mais forte praticante que já havia enfrentado, em seu próprio local de poder, a casa do lago. Não apenas isso, mas eu tinha que fazer isso sem violar nenhuma das Leis da Magia. Não poderia matá-lo com feitiçaria, mas, de alguma forma, tinha que detê-lo.

As probabilidades de que eu seria morto pareciam realmente boas, mesmo tentando enfrentá-lo ou não. Para o inferno com isso, então. Se eu ia cair, não ia ser enquanto eu estava deitado gemendo e reclamando sobre como tudo isso era inútil. Se Victor Sells quisesse matar Harry Blackstone Copperfield Dresden, ele teria que enfiar sua magia na minha garganta abaixo.

Essa decisão me animou um pouco. Pelo menos eu sabia o que estava fazendo agora, para onde estava indo. O que eu precisava era de uma vantagem, eu decidi. Algo para atrair Victor, algo que ele não esperaria.

Agora que eu sabia quem ele era, entendi um pouco melhor a magia que eu havia encontrado fora do meu apartamento. Tinha sido potente, mortal, mas não era sofisticada, nem bem controlada. Victor era poderoso, forte, um mago natural, mas não era experiente. Ele não teve nenhum treinamento. Se ao menos eu tivesse algo dele, algo como seu próprio cabelo, que eu pudesse usar contra ele. Talvez eu devesse ter verificado o banheiro na casa de Monica, mas tive a sensação de que ele não teria sido tão descuidado. Qualquer um que gaste tempo pensando em como usar esse tipo de coisa contra as pessoas ficaria duplamente paranóico de que ninguém

tenha a oportunidade de usá-lo contra ele.

E então me ocorreu, eu tinha algo do Victor. Eu estava com o talismã escorpião dele, la na gaveta da minha mesa no escritório. Era um de seus próprios dispositivos, algo próximo e familiar. Eu poderia usá-lo para criar um vínculo com ele, para fazer um tipo de judô e usar seu próprio poder contra ele e vencê-lo, mãos limpas, sem perguntas.

Ainda podia ter uma chance. Eu ainda não tinha acabado, nem por um minuto.

O taxista parou em um posto de gasolina e estacionou ao lado do telefone público. Disse para ele me esperar um minuto e saí, tirando uma moeda do meu bolso para fazer a ligação. Se acontecesse que eu não viveria para ver o amanhã, eu queria ter certeza de que os cães do inferno rosnariam nos calcanhares de Victor Sells.

Eu disquei o número de Murphy, na estação.

Tocou várias vezes e, finalmente, alguém atendeu. A linha era áspera, barulhenta, e eu mal conseguia entender quem era. "Mesa de Murphy, Carmichael falando."

"Carmichael", eu disse alto no telefone. “É Harry Dresden. Eu preciso falar com Murphy.

"O quê?", Disse Carmichael. Houve um grito de estática. Droga, os telefones vão para o inferno comigo nos piores momentos. “Eu não consigo te ouvir. Murphy? Você quer Murphy? Quem é? Anderson, é você?”

"É Harry Dresden", gritei. "Eu preciso falar com Murphy."

"Eh", Carmichael resmungou. “Não estou ouvindo você, Andy. Olhe, Murphy está fora. Ela levou o mandado até o escritório de Harry Dresden para dar uma olhada ao redor.”

"Ela o quê?" Eu disse.

"O escritório de Harry Dresden", disse Carmichael. “Ela disse que voltaria

em breve. Olha, essa conexão é horrível, tente ligar de volta.” Ele desligou o telefone.

Eu me atrapalhei por mais uma moeda, minhas mãos tremiam e disquei o meu próprio número de escritório. A última coisa que eu precisava era que Murphy fosse bisbilhotar no meu escritório, talvez apreendendo coisas. Se ela colocasse o escorpião em evidência, eu estaria acabado. Eu nunca seria capaz de explicar a ela a tempo. E se ela me visse cara a cara, ela poderia estar furiosa o suficiente comigo para me fazer ficar enfiado numa cela de espera e sair de lá no dia seguinte. Se isso acontecesse, eu estaria morto de manhã.

Meu telefone tocou algumas vezes e Murphy atendeu. A linha estava alegremente clara. "Escritório de Harry Dresden."

"Murph", eu disse. "Graças a Deus. Olha, eu preciso falar com você.”

Eu praticamente podia sentir a raiva dela. “Tarde demais para isso agora, Harry. Você deveria ter vindo falar comigo esta manhã.” Eu a ouvi se movendo. Ela começou a abrir gavetas.

"Droga, Murph", eu disse, frustrado. “Eu sei quem é o assassino. Olha, você precisa ficar longe dessa mesa. Pode ser perigoso.” Pensei que ia contar uma mentira para ela, mas percebi ao dizer que estava dizendo a verdade. Lembrei-me de ver ou pensar ter visto o movimento do talismã quando o examinei antes. Talvez eu não estivesse imaginando coisas.

"Perigoso", Murphy rosnou. Eu a ouvi espalhando canetas pela gaveta da minha mesa, movendo as coisas. O talismã estava na gaveta embaixo. “Eu vou te dizer o que é perigoso. Foder comigo é perigoso, Dresden. Eu não estou jogando algum tipo de jogo aqui. E não posso mais confiar no que você diz.”

“Murphy” falei, tentando manter minha voz calma, “você precisa confiar em mim mais uma vez. Fique longe da minha mesa. Por favor."

Houve silêncio por um momento. Eu a ouvi respirar fundo e soltá-lo pela boca. Então Murphy disse, sua voz dura, profissional: “Por que, Dresden? O que você está escondendo?"

Eu a ouvi abrir a gaveta do meio.

Houve um som de clique e um palavrão assustado de Murphy. O receptor caiu no chão. Ouvi tiros, chocantemente altos, ricochetes choramingando e depois um grito.

"Droga!" Eu gritei no telefone. "Murphy!" Bati o telefone e corri de volta para o táxi.

O taxista piscou para mim. "Ei amigo. Onde está o fogo?

Bati a porta e dei o endereço para o meu escritório. Então empurrei todo o meu dinheiro restante para ele e disse: "Leve-me lá em cinco minutos".

O taxista piscou para o dinheiro, deu de ombros e disse: “Loucos. Os taxistas ficam com todos os malucos.” Então ele partiu para a rua, deixando uma nuvem de fumaça atrás de nós.

Capítulo Vinte e Dois

O prédio estava trancado no domingo. Eu enfiei minha chave na fechadura, torci com força para abri-la e puxei as chaves novamente. Eu não me incomodei com o elevador, apenas subi as escadas o mais rápido que pude.

Cinco andares de escadas. Levei menos de um minuto, mas odiei cada segundo. Meus pulmões estavam queimando e minha boca estava seca como areia quando cheguei ao quinto andar e corri pelo corredor para o meu escritório. Os corredores estavam silenciosos, vazios, escuros. A única luz vinha dos sinais de saída e do dia nublado lá fora. Sombras se esticaram e se instalaram nas portas fechadas.

A porta do meu escritório estava entreaberta. Eu podia ouvir meu ventilador de teto rangendo, sob a respiração ofegante da minha própria respiração. A luz do teto não estava acesa, mas a luz de leitura na minha mesa devia estar, porque a luz amarela contornava a porta e colocava uma faixa de ouro no chão do corredor. Eu parei no limiar. Minhas mãos tremiam tanto que eu mal conseguia segurar minha varinha explosiva e meu cajado.

"Murphy?", Gritei. "Murphy, você pode me ouvir?" Minha voz estava rouca, sem fôlego.

Fechei os olhos e ouvi. Eu pensei ter ouvido duas coisas.

A primeira foi uma respiração difícil, com um leve gemido ao expirar. Murphy.

O segundo foi um som seco e arrastado.

Eu podia sentir o cheiro de pólvora no ar.

Apertei minha mandíbula com raiva repentina. A pequena fera de Victor Sells, o que quer que fosse, tinha machucado minha amiga. Um inferno que eu ia ficar parado do lado de fora e deixar ela passeando no meu escritório.

Empurrei a porta com meu cajado e entrei no escritório, minha varinha explosiva estendida diante de mim e palavras de poder nos lábios.

Diretamente em frente à porta do meu escritório, tem uma mesa arranjada com uma série de panfletos com títulos como *As bruxas reais não flutuam tão bem* e *a Magia no século XXI*. Eu mesmo escrevi alguns deles. Eles foram feitos para curiosos, para pessoas que só queriam saber um pouco sobre bruxas e magia. Me abaixei por um momento, varinha explosiva apontada para debaixo da mesa, mas não vi nada. Levantei novamente, olhando para frente e para trás, a varinha explosiva ainda pronta.

À direita da porta, há uma parede forrada com arquivos e duas poltronas. Os armários estavam fechados, mas algo poderia estar escondido debaixo de uma das cadeiras. Deslizei para a esquerda, verifiquei atrás da porta do escritório e pressionei meus ombros contra a parede, mantendo os olhos no quarto.

Minha mesa está no canto de trás, à direita quando você entra pela porta, diagonalmente. É um escritório de esquina. Tinha janelas em qualquer uma das paredes externas. Minhas cortinas estavam, como sempre, puxadas. O ventilador, no centro da sala, girava com um gemido cansado a cada rotação.

Eu mantive meus olhos se movendo, meus sentidos alertas. Engoli minha raiva furiosamente e me mantive cauteloso. O que quer que tenha acontecido com Murphy, eu não faria nenhum bem a ela, deixando que acontecesse comigo também. Eu me movi devagar, com cuidado, minha varinha explosiva preparada.

Eu podia ver os tênis de Murphy atrás da minha mesa. Ela parecia estar deitada de lado, pelo angulo que seus pés estavam, mas eu não podia ver o resto dela. Eu avancei, caminhando para o centro da parede dos fundos, mantendo a minha varinha explosiva nivelada como uma arma de fogo no chão atrás da mesa quando ela se tornou visível.

Murphy estava lá, curvada de lado, com os cabelos dourados espalhados pela cabeça, os olhos abertos e olhando cegamente. Ela estava vestida de jeans, uma camisa de botão e uma jaqueta de cetim dos Cubs. O ombro esquerdo estava manchado com sangue. Sua arma estava ao seu lado, a alguns metros de distância. Meu coração entrou na minha garganta. Eu a ouvi respirar um

pouco e gemer quando ela soltou o ar.

"Murphy", eu disse. Então, mais alto, "Murphy".

Eu a vi se mexer, um pequeno movimento em resposta à minha voz. "Devagar, devagar", eu disse a ela. "Relaxe. Não tente se mexer. Vou tentar te ajudar."

Ajoelhei-me ao lado dela, muito lentamente, observando a sala ao redor. Eu não vi nada. Coloquei meu cajado de lado e senti sua garganta. Seu pulso estava acelerado. Não havia sangue suficiente para ser um ferimento grave, mas toquei seu ombro. Mesmo através da jaqueta, eu podia sentir o inchaço.

"Harry?" Murphy murmurou. "É você?"

"Sou eu, Murph", eu disse a ela, colocando minha varinha explosiva de lado e lentamente alcançando o telefone. A gaveta do meio da minha mesa, onde estava o talismã escorpião, estava aberta e vazia. "Apenas espere. Vou chamar uma ambulância para ajudá-la."

"Não posso acreditar. Seu bastardo" Murphy ofegou. Eu a senti mexer um pouco. "Você me enganou."

Peguei o telefone e liguei para o 911. "Silêncio, Murph. Você foi envenenada. Você precisa de ajuda, rápido."

O operador do 911 atendeu e pegou meu nome e endereço. Eu disse a ela para enviar uma ambulância preparada para tratar alguém por envenenamento, e ela me disse para ficar na linha. Não tinha tempo de ficar na linha. O que quer que tivesse feito isso com Murphy, ainda estava por aí, em algum lugar. Eu tinha que tirá-la de lá, e então tinha que recuperar o talismã de Victor, para poder usá-lo contra ele quando fosse para a casa do lago.

Murphy agitou-se novamente, e então eu senti algo duro e frio ao redor do meu pulso e um clique se fechando. Eu pisquei e olhei para ela. A mandíbula de Murphy estava em uma linha teimosa quando ela clicou a outra extremidade das algemas ao redor de seu próprio pulso.

"Você está preso", ela chiou. “Seu filho da puta. Espere até eu te colocar em uma sala de interrogatório. Você não vai a lugar nenhum.”

Eu olhei para ela, atordoado. "Murph", gaguejei. "Meu Deus. Você não sabe o que está fazendo.”

"Um cacete que não sei", ela disse, erguendo os lábios em um fantasma de seu rosnado usual. Ela girou a cabeça, fazendo uma careta de dor e olhou para mim. “Você deveria ter falado comigo esta manhã. Te peguei agora, Dresden.” ela interrompeu em um suspiro ofegante e acrescentou, “Seu idiota.”

"Sua cadela teimosa do inferno." Eu me senti perdido por um segundo, depois balancei a cabeça. "Eu tenho que tirar você daqui antes que ele volte", eu disse, e me inclinei para frente para tentar levantá-la.

Foi quando o escorpião explodiu em minha direção das sombras embaixo da minha mesa, uma forte explosão de movimento seco e rápido. Ele tinha deixado de ser um inseto que eu podia esmagar com os dedos. Ele tinha ficado do tamanho de um grande terrier, todo marrom e brilhante, e era quase rápido demais para eu ver vindo em minha direção.

Eu convulsionei para longe dele, e vi o lampejo de sua cauda, vi seu ferrão chicotear para frente e errar meus olhos por um fio de cabelo. Algo fresco e molhado salpicou na minha bochecha, e minha pele começou a queimar. Veneno.

Meu movimento assustado fez minha perna tremer e chutei meu cajado minha varinha explosiva para longe de mim. Eu rolei atrás desta última desesperadamente. As algemas de Murphy me puxaram, e nós dois emitimos sons de desconforto quando as faixas de aço cortaram na base de nossas mãos. Eu me estiquei para a varinha, senti a circularidade suave na ponta dos dedos, e então houve outro som de arranhões e o escorpião veio atrás de mim. A varinha rolou por baixo dos meus dedos para longe, fora de alcance.

Não tive tempo para um feitiço, mas agarrei a gaveta do meio da minha mesa, puxei-a completamente para fora da moldura e mal consegui empurrá-la entre o escorpião e eu. Houve um assobio de ar e um som de madeira

estilhaçada. O ferrão do escorpião atravessou a parte inferior da gaveta da mesa e travou. Uma pinça de caranguejo abriu um buraco na minha calça de moletom e na minha perna.

Gritei e joguei a gaveta para longe. O escorpião, com a cauda ainda presa, foi junto, e os dois aterrissaram em uma pilha a alguns metros de distância.

“Não vai adiantar, Dresden” Murphy gemeu incoerentemente. Ela devia estar afetada demais pelo veneno para entender o que estava acontecendo. "Eu te peguei. Pare de lutar contra isso. Vou pegar algumas respostas suas agora.”

“Às vezes, Murph”, ofeguei, “você torna as coisas um pouco mais difíceis do que precisam. Alguém já lhe disse isso?” Inclinei-me para ela e deslizei meu pulso algemado por baixo do braço dela e em torno de suas costas, puxando seu próprio braço comigo, meu braço direito e o esquerdo dela presos pela algema.

"Meus ex-maridos", ela gemeu. Eu me esforcei e levantei nós dois do chão, depois comecei a mancar em direção à porta. Eu podia sentir o sangue na minha perna, a dor onde o escorpião a havia rasgado, quente e odiosa. "O que está acontecendo?" Confusão e medo tremeram na voz de Murphy. "Harry, eu não consigo ver."

Merda. O veneno estava agindo nela. O veneno do escorpião marrom comum encontrado na maior parte dos Estados Unidos não é muito mais venenoso do que a picada de um zangão. Claro, a maioria dos zangões também não são do tamanho de um cachorro doméstico. E Murphy não era uma pessoa grande. Se um monte de veneno fosse introduzido no sistema dela, as chances não eram muito boas. Ela precisava de atenção médica e precisava imediatamente.

Se minhas mãos estivessem livres, eu teria pegado meu cajado e minha varinha explosiva e batalhado, mas não gostei das minhas chances, preso a Murphy, mesmo que eu pudesse manter a coisa longe de mim, ela poderia ser atingida, picada novamente, e seria o fim dela. Eu estava em um ângulo ruim para procurar suas chaves, e não tinha tempo de testá-las nas algemas uma por uma. Qualquer mágica que eu pudesse trabalhar rápido o suficiente para quebrar as algemas a tempo provavelmente me mataria com os estilhaços da

mesma, e não havia tempo para elaborar um feitiço de fuga mais suave. Droga, pai, pensei, gostaria que você tivesse vivido o suficiente para me mostrar como me livrar de um par de algemas.

"Harry", Murphy repetiu, sua voz rouca, "o que está acontecendo? Eu não consigo enxergar."

Poupei o fôlego e levei Murphy em direção à porta sem responder. Atrás de mim, houve um arranhar e clicar furioso. Olhei por cima do ombro. O ferrão do escorpião ficou preso na gaveta, mas a coisa estava destroçando e rasgando a madeira em pedaços com suas pinças e pernas.

Engoli em seco, me virei e saí mancando do meu escritório e pelo corredor com Murphy. Consegui fechar a porta do meu escritório com um pé. As pernas de Murphy não ajudaram muito no apoio, e a diferença em nossas alturas tornou a viagem estranha pra cacete. Eu estava me esforçando para mantê-la na vertical e em movimento.

Cheguei ao final do corredor, a porta da escada à minha direita, o elevador à minha esquerda.

Parei por um momento, ofegando, tentando não deixar os sons de madeira lascando no corredor abalarem meu julgamento. Murphy caiu contra mim, em silêncio agora, e se ela estava respirando, eu não sabia. Não havia como eu ser capaz de carregá-la escada abaixo. Nenhum de nós tinha força o suficiente para conseguir isso. A ambulância chegaria em minutos, e se eu não tivesse com Murphy lá embaixo quando ela chegasse, seria melhor deixá-la no chão para morrer.

Eu fiz uma careta. Eu odiava elevadores. Mas apertei o botão e esperei. As luzes redondas sobre as portas do elevador começaram a subir até cinco.

No final do corredor, os sons de estilhaços pararam e algo bateu na porta do meu escritório, sacudindo-a na moldura.

"Sinos do inferno, Harry", eu disse em voz alta. Eu olhei para as luzes. Dois. Uma pausa de aproximadamente dez séculos. Três. "Apresse- se ", rosnei, e apertei o botão umas cem vezes.

Então me lembrei da pulseira de escudos em volta do meu pulso esquerdo. Tentei me concentrar nisso, mas não consegui, com ele torcido desajeitadamente sob Murphy, apoiando-a. Então eu a deitei o mais gentil e rapidamente que pude, então levantei minha mão esquerda e foquei no bracelete.

O terço inferior da porta do meu escritório explodiu para fora e a forma marrom e brilhante do escorpião saltou pelo corredor e na parede. Agora estava maior. A maldita coisa estava crescendo. Ele ricocheteou na parede com uma agilidade horrível e arrastada, focando em mim, e correu pelo corredor em minha direção mais rápido que um homem pode correr, suas pernas estalando e correndo furiosamente pelo chão. Ele pulou em mim, garras estendidas, ferrão piscando. Concentrei minha vontade no escudo defensivo que a pulseira me ajudava a formar e manter, lutando para reuni-la antes que o escorpião me atingisse.

Eu consegui, por pouco. O escudo invisível de ar encontrou o escorpião a uma distância de uma mão do meu corpo e o lançou de volta e ele caiu de costas. Lá, ele lutou por um segundo, desajeitado e agitado.

Atrás de mim, o elevador apitou e as portas se abriram graciosamente.

Sem tempo para ser delicado, agarrei o pulso de Murphy e a levei para o elevador comigo, apertando o botão do saguão. No corredor, o escorpião sacudiu a cauda e se endireitou, se virando para mim novamente com uma inteligência estranha, e voou em minha direção. Não havia tempo para reunir meu escudo novamente. Eu gritei.

As portas do elevador se fecharam. Houve um baque agudo, e o elevador sacudiu quando o escorpião colidiu com eles.

O elevador começou a descer e tentei recuperar o fôlego. Que diabos era essa coisa?

Não era apenas um inseto. Era rápido demais, inteligente demais para isso. Ele me emboscou, esperando até que eu deixasse minhas armas de lado para me perseguir. Tinha que ser outra coisa, algum tipo de construto de poder, construído pequeno, mas projetado para atrair energia, para ficar maior

e mais forte, uma versão artrópode do monstro de Frankenstein. Não estava realmente vivo, era apenas um golem, um robô, uma coisa programada com uma missão. Victor deve ter descoberto aonde seu talismã estava e lançou um feitiço para atacar qualquer pessoa com quem ele tivesse contato, o bastardo louco. Murphy havia caído direto nele.

Ele ainda estava crescendo, ficando mais rápido, mais forte e mais cruel. Tirar Murphy de perigo não era suficiente. Eu tinha que encontrar uma maneira de lidar com o escorpião. Eu não queria, mas eu era o único no quarteirão que podia. Poderia ser muito perigoso. E se ele não parasse de crescer? Eu tinha que matá-lo antes que perdesse o controle.

As luzes no painel do elevador continuavam em contagem decrescente, de quatro, a três, a dois. E então o elevador estremeceu e parou. As luzes piscaram e se apagaram.

"Oh, merda", eu disse. "Agora não. Agora não." Elevadores me odeiam. Eu apertei os botões, mas nada aconteceu, e um segundo depois houve uma tosse de fumaça, e as luzes atrás dos botões se apagaram também, me deixando na escuridão. A iluminação de emergência acendeu por apenas um segundo, mas depois houve o estalo de um filamento em chamas e desapareceu também. Murphy e eu ficamos amontoados na escuridão no chão.

No alto, do lado de fora do poço do elevador, ouvia-se o som de um metal estridente. Eu olhei para o teto invisível do carro do elevador na escuridão. "Você só pode estar brincando", murmurei.

Então houve um estrondo estridente, e algo do peso de um pequeno gorila pousou no telhado do elevador. Houve um segundo de silêncio, e então algo começou a rasgar o telhado.

"Você só pode estar brincando!", Gritei. Mas o escorpião não estava. Estava puxando o teto do elevador, sacudindo os parafusos e os suportes, fazendo-o gemer. A poeira sacudiu na escuridão, areia invisível para os meus olhos que não viam. Éramos como sardinhas enlatadas, esperando para ser rasgados e comidos. Tive a sensação de que se a coisa me picasse agora, o veneno seria redundante, eu sangraria até a morte antes que se tornasse um problema.

"Pense Harry", eu gritei para mim mesmo. "Pense, pense, pense!" Eu estava preso em um elevador parado, algemado a minha amiga inconsciente que estava morrendo envenenada, enquanto um escorpião mágico do tamanho de alguns carros franceses tentava invadir e me despedaçar. Eu não tinha minha vareta ou meu cajado, os outros aparelhos que eu trouxe comigo para Varsity estavam esgotados e inúteis, e meu bracelete de escudo só prolongaria o inevitável.

Uma longa tira de metal rasgou no telhado, deixando entrar uma faixa de luz fraca, e eu olhei para o ventre do escorpião, vi-o cravar uma garra na brecha e começar a abri-la mais.

Eu deveria ter esmagado aquela coisa quando era apenas um inseto. Eu deveria ter tirado o meu sapato e esmagado ali mesmo na minha mesa. Meu coração pulou na garganta quando a coisa se inclinou, empurrou uma pinça exploratória para o terço superior do elevador e começou a rasgar um buraco ainda maior.

Cerrei os dentes e comecei a extrair cada grama de poder que tinha. Eu sabia que era inútil. Eu poderia direcionar uma tempestade de fogo para a coisa, mas ela derreteria o metal em que a coisa estava e cairia na gente e nos mataria, tornaria o poço do elevador quente demais para sobrevivermos. Mas eu também não deixaria a coisa me pegar, por Deus. Talvez, se eu cronometrasse direito, poderia pegá-lo quando ele pulasse, minimizando os danos no cenário. Esse era o problema de não ser muito bom na evocação. Muita velocidade, muita potência, sem muito refinamento. Era isso que a meu cajado e minha varinha explosiva faziam, eles foram projetados para me ajudar a concentrar meu poder, me dar um controle preciso. Sem eles, eu poderia muito bem ter sido um soldado suicida carregando uma dúzia de granadas presas ao cinto e pronto para puxar o pino.

E então me ocorreu. Eu estava pensando na direção errada.

Eu desviei meus olhos do teto, para o chão do elevador, pressionei minhas palmas contra ele. Pedaços de algo choveram na minha cabeça e ombros, e os cliques do escorpião ficaram mais altos. Eu peguei todo o poder que eu tinha extraído e o concentrei sob minhas mãos. Havia uma bolsa de ar embaixo, no poço do elevador, e foi isso que eu peguei: ar, em vez de fogo.

Era um feitiço simples, que eu tinha feito centenas de vezes, disse a mim mesmo. Não era diferente de chamar meu cajado para minha mão. Apenas ... um pouco maior.

“Vento servitas!” Eu gritei, derramando toda força, cada pingo de raiva, cada pingo de medo que eu tinha no feitiço.

E, embaixo do elevador, os ventos subiram ao meu chamado, uma sólida coluna de ar que pegou o fundo do elevador como a palma de um gigante e o arremessou para cima, através da escuridão do poço do elevador. Os freios rangeram e faiscaram e se destroçaram, caindo pelo buraco que o escorpião havia rasgado, para perto de mim. A força do movimento me pressionou no chão com um gemido. Houve um longo e crescente gemido quando o carro acelerou pelo poço do elevador.

Eu não tive intenção de que tivesse essa quantidade de vento, pensei, e rezei para que eu não tivesse matado nós dois.

O elevador subiu, subiu e subiu, e eu pude sentir meu rosto afundar com a velocidade dele. Meu prédio de escritórios tem doze andares. Tínhamos começado no segundo andar, portanto, assumindo uma média de dois metros e meio por andar, o telhado do edifício ficava a quase trinta metros.

O carro disparou em menos de meia dúzia de meus batimentos frenéticos, bateu os blocos no topo da linha e bateu no teto do poço como a campainha do jogo de marreta no parque de diversões. O impacto esmagou o escorpião no concreto com uma série de sons agudos, enquanto suas placas quitinosas rachavam e estilhaçavam, achatando-o em uma mancha marrom sem forma. Gosma incolor, o ectoplasma da massa criada magicamente, respingou entre as placas esmagadas e se escondeu dentro do elevador.

Ao mesmo tempo, Murphy e eu fomos arremessados, encontrando a gosma no meio do caminho. Eu mantive Murphy protegida com meu corpo, tentando ficar entre ela e o telhado, e minhas costas o atingiram com força suficiente para me fazer ver estrelas. Nós caímos vagarosamente de volta para o chão do elevador em uma expansão de membros, e Murphy gemeu embaixo de mim quando eu caí nela.

Fiquei parado por um momento, atordoado. O escorpião estava morto. Eu o matei, esmaguei-o entre o elevador e o teto do poço, e encharquei eu e Murphy em uma gosma quando fiz isso. Eu salvei nossas vidas do instrumento assassino, contra todas as probabilidades.

Mas eu simplesmente não conseguia afastar a impressão incômoda de que estava esquecendo alguma coisa.

Houve um pequeno gemido vindo do elevador, que estremeceu e começou a deslizar de volta pelo poço, não mais sustentado pelo vento poderoso, mas de curta duração, que o levara até lá. Estávamos caindo por onde viemos, e tive a sensação de que não teríamos um fim muito melhor no fundo do que o escorpião no topo.

Agora era a hora do bracelete, e eu não desperdicei um batimento cardíaco, agarrei Murphy para perto de mim, e criei o escudo ao nosso redor. Eu só tinha alguns segundos para me concentrar, para pensar, eu não poderia tornar o globo ao nosso redor muito duro, muito forte, ou apenas nos esmagaríamos contra o interior da mesma maneira que faríamos no elevador. Tinha que haver um pouco de flexibilidade, para distribuir a força tremenda da parada abrupta no primeiro andar.

Estava escuro e não havia muito tempo. Murphy e eu subimos ao centro do espaço do elevador enquanto empurrava o escudo ao nosso redor, preenchi o espaço com camadas e mais camadas de blindagem flexível, moléculas semi coesivas de ar, padrões de força destinados a espalhar o impacto ao redor. Havia uma sensação de pressão ao meu redor, como se eu tivesse sido abruptamente enfiado em isopor de amendoins.

Nós caímos, cada vez mais rápido. Eu senti o fundo do poço chegando. Houve um som enorme e segurei o escudo com todas as minhas forças.

Quando abri meus olhos novamente, eu estava sentado no chão do elevador quebrado e arrasado, segurando uma Murphy inconsciente e caída. As portas do elevador emitiram um som estridente e ofegante, depois estremeceram.

Um par de paramédicos com kits de emergência na mão estava olhando para

o elevador, para Murphy e eu, com os maxilares abertos até os joelhos. Poeira ondulava por toda parte.

Eu estava vivo.

Eu pisquei com isso, um pouco atordoado. Eu estava vivo. Eu olhei para mim mesmo, para meus braços e pernas, e eles estavam todos lá. Então deixei minha cabeça recuar e soltei uma risada desafiadora, um grande grito de alegria primitiva.

"Toma essa, Victor Homem das Sombras!" Eu gritei. “Hah! Hah! Me dê o seu melhor, seu bastardo assassino! Vou pegar meu cajado e enfiar na sua garganta!”

Eu ainda estava rindo quando os paramédicos me pegaram e levaram a mim e a Murphy em direção à ambulância, atordoados demais para fazer qualquer pergunta. Eu vi os dois me dando olhares cautelosos e trocando um olhar um com o outro, dizendo que eles me sedariam com algo assim que tivessem a chance.

"O campeão!" Eu uivava, ainda com uma adrenalina do tamanho do rio Colorado, enquanto eles me ajudavam a ir em direção à ambulância. Eu empurrei meu punho no ar, mal notando ou me importando que meu bracelete de escudos prateados tinha se transformado em um anel enegrecido de elos enrolados e murchos, queimado até a inutilidade pelas energias que eu forcei através dele. “Eu sou o cara! Homem das Sombras, é melhor você colocar a cabeça entre as pernas e beijar a sua...”

Os paramédicos me ajudaram a sair. Na chuva. As batidas molhadas de gotas de chuva no meu rosto me calaram, me deixaram sóbrio mais rápido do que qualquer outra coisa no mundo poderia ter feito. De repente, fiquei ciente das algemas em volta do meu pulso, ainda, do fato de que eu não tinha o talismã de Victor para usar seu próprio poder contra ele. Victor ainda estava lá fora, em sua casa no lago, ele ainda tinha um cacho do meu cabelo, e ele ainda estava planejando rasgar meu coração o mais rápido possível, quando a tempestade lhe desse a força que ele precisava.

Eu estava vivo e Murphy estava viva, mas minha alegria era prematura. Eu

não tinha nada para comemorar ainda. Eu levantei meu rosto para o céu.

Trovões rosnaram, quase à mão. Relâmpagos dançavam no alto, em algum lugar nas nuvens, lançando luz estranha e sombras espectrais através do nublado agitado.

A tempestade havia chegado.

Capítulo Vinte e Três

Gotas de chuva caiam ao meu redor, do tipo grande e que espirravam no chão, das que você só via na primavera. O ar ficou mais denso, mais quente, mesmo com a chuva caindo. Eu tinha que pensar rápido, usar minha cabeça, ter calma, me apressar. As algemas de Murphy ainda me prendiam ao pulso dela. Nós dois estávamos cobertos de poeira grudada na gosma fedorenta e incolor, o ectoplasma que a magia chamava de algum lugar sempre que a massa genérica era solicitada para um feitiço. A gosma não duraria muito, em cerca de alguns minutos, ela simplesmente se dissiparia, desapareceria no ar, retornaria para onde tinha vindo em primeiro lugar. No momento, era apenas um aborrecimento nojento e viscoso.

Mas talvez um que eu pudesse usar.

Minhas mãos eram muito largas, mas Murphy tinha as mãos delicadas de uma pequena dama, exceto onde o treino de armas e as rotinas da equipe de artes marciais havia deixado calos. Se ela tivesse me ouvido pensando isso e estivesse consciente, teria me dado um soco na boca por ser um porco chauvinista.

Um dos paramédicos estava balbuciando em um telefone, enquanto o outro estava do outro lado de Murphy, apoiando-a junto comigo. Era a única chance que eu teria. Debrucei-me para forma diminuta de Murphy e tentei esconder o que estava fazendo com as dobras escuras do meu casaco preto. Eu trabalhei na mão dela, apertando seus dedos macios e viscosos e tentando deslizar o laço de aço das algemas sobre a mão dela.

Arranquei um pouco de pele dela e ela gemeu muito, mas consegui tirar as algemas de seu pulso, assim que o paramédico e eu a sentamos no meio-fio ao lado da ambulância. O outro paramédico correu para a parte de trás da ambulância e a abriu, remexendo dentro dela. Eu podia ouvir sirenes, carros da polícia e carros de bombeiros, se aproximando de todas as direções.

Nada é simples quando estou por perto.

"Ela foi envenenada", eu disse ao paramédico. “O local da ferida está no braço ou no ombro direito. Cheque se há uma dose enorme de veneno de escorpião marrom. Deve haver algum antidoto disponível em algum lugar. Ela vai precisar de um torniquete e ...”

“Amigo”, disse o paramédico, irritado, “eu conheço meu trabalho. O que diabos aconteceu lá?

"Não pergunte", eu disse, olhando para o prédio. A chuva caia mais forte em graus lentos. Eu estava muito atrasado? Eu estaria morto antes que eu pudesse chegar à casa do lago?

"Você está sangrando", o EMT me disse, sem tirar os olhos de Murphy. Olhei para minha perna, mas ela não começou a doer até que eu realmente vi o ferimento e lembrei que estava com ele. A garra do escorpião me rasgou muito bem, abrindo um rasgo de dez centímetros na minha calça de moletom e um corte comparável na perna abaixo dele, irregular e doloroso. "Sente-se", disse o paramédico. "Eu vou cuidar disso em um segundo." Ele franziu o rosto. "Que diabos é essa merda fedorenta por todo o lado?"

Limpei a chuva do meu cabelo, deslizando-o de volta. O outro paramédico veio correndo com uma garrafa de oxigênio e uma maca, e os dois se curvaram para trabalhar em Murphy. Seu rosto estava descolorido, pálido em partes, muito vermelho em outros. Ela estava tão mole quanto um dólar molhado, exceto pelo ocasional tremor ou estremecimento, tremores musculares que vinham do nada, a machucavam por um momento e depois aparentemente desapareciam.

Era minha culpa que Murphy estava lá. Foi minha decisão esconder dela as informações que a obrigaram a tomar uma ação direta, a procurar no meu escritório. Se eu tivesse sido mais aberto, mais honesto, talvez ela não estivesse deitada ali agora, morrendo. Eu não queria me afastar dela. Eu não queria dar as costas para ela novamente e deixá-la para trás, sozinha.

Mas eu fiz. Antes que as unidades de apoio chegassem, antes que a polícia começasse a fazer perguntas, antes que os paramédicos começassem a procurar por mim e a dar minha descrição aos policiais, dei meia-volta e me afastei.

Eu me odiava a cada passo. Eu odiava sair antes de saber se Murphy sobreviveria à picada venenosa do escorpião. Eu odiava que meu apartamento e meu prédio de escritórios tivessem sido destruídos, destruídos por demônios, insetos gigantes e meu próprio poder desajeitado. Eu odiava fechar os olhos e ver os corpos retorcidos e mutilados de Jennifer Stanton e Tommy Tomm e Linda Randall. Eu odiava a torção doentia do medo em minhas entranhas quando imaginei meu próprio corpo rasgado pelas mesmas forças.

E, acima de tudo, eu odiava o responsável por tudo isso. Victor Sells. Victor, que ia me matar assim que a tempestade crescesse. Eu poderia estar morto em cinco minutos.

Não, não poderia. Fiquei um pouco mais empolgado ao pensar no problema e olhar para as nuvens. A tempestade veio do oeste e só agora passava pela cidade. Não estava se movendo rápido; era um rolo pesado de uma tempestade que martelava na área por horas. A casa do lago dos Sells ficava a leste, ao redor da costa do lago Michigan, talvez a quarenta ou sessenta quilômetros de distância. Eu poderia vencer a tempestade e chegar na casa do lago, se eu fosse rápido o suficiente, se eu pudesse pegar um carro. Eu poderia sair para a casa do lago e enfrentar Victor diretamente.

Minha varinha explosiva e cajado se foram, caíram quando o escorpião atacou. Eu poderia ter conseguido chamá-los do meu escritório com ventos, mas, com o quão agitado eu estava, poderia acidentalmente explodir a parede se tentasse. Eu não queria ser esmagado por centenas de quilos de tijolos voadores, chamados à minha mão estendida pela força da minha magia e minha fúria. Minha pulseira de escudos também estava queimada, combatendo a força tremendo do impacto do elevador.

Eu ainda tinha o talismã pentagrama de minha mãe na minha garganta, o símbolo de ordem, dos padrões controlados de poder que estavam no coração da magia. Eu ainda tinha a vantagem de anos de treinamento formal. Eu ainda tinha vantagem na experiência, em confrontos feiticeiros. Eu ainda tinha minha fé.

Mas isso era tudo. Eu estava cansado, maltratado, cansado, machucado e já havia tirado mais magia do chapéu em um dia do que a maioria dos bruxos conseguia em uma semana. Eu já estava puxando os limites, em termos

místicos e físicos. Mas isso não importava para mim.

A dor na minha perna não me enfraqueceu, não me desencorajou, não me distraiu enquanto eu caminhava. Era como um fogo em meus pensamentos, minha concentração, queimando cada vez mais intensamente, mais pura, refinando minha raiva, meu ódio, em algo duro e afiado como aço. Eu podia senti-la queimar e a peguei ansiosamente, empurrando a dor para dentro para alimentar minha raiva incandescente.

Victor Homem das Sombras pagaria pelo que fez a todas aquelas pessoas, a mim e aos meus amigos. Droga, eu não sairia de cena antes de alcançar aquele homem e mostrar a ele o que um mago de verdade poderia fazer.

Não demorei muito para caminhar até o McAnally's. Entrei pela porta como uma tempestade de pernas longas, chuva, vento, casaco esvoaçante e olhos zangados.

O lugar estava lotado, as pessoas sentadas em cada um dos treze bancos do bar, em cada uma das treze mesas, encostadas na maioria das treze colunas. A fumaça de cachimbo flutuava no ar em uma névoa, agitada pelas lâminas lânguidas dos ventiladores de teto. A luz estava fraca, velas acesas nas mesas e arandelas nas paredes, além de uma pequena luz cinza de tempestade deslizando pelas janelas. A luz tornava as esculturas nas colunas vagas e misteriosas, as sombras mudando-as de maneira sutil. Todos os tabuleiros de xadrez de Mac estavam em cima das mesas, mas sentia que aqueles que jogavam e assistiam aos jogos estavam tentando manter as mentes longe de algo que os perturbava.

Todos se viraram para me encarar quando entrei pela porta e desci os degraus, pingando água da chuva e um pouco de sangue no chão. O local ficou muito quieto.

Eles eram os falidos da comunidade mágica. Bruxos sem talento, motivação ou força inata suficientes para serem verdadeiros magos. Pessoas com talento inato que sabiam o que eram e tentavam fazer o mínimo possível. Curiosos, herbalistas, curandeiros holísticos, bruxas da cozinha, jovens problemáticos apenas tocando suas habilidades e se perguntando o que fazer sobre isso. Homens e mulheres mais velhos, pessoas mais jovens, rostos

impassíveis, preocupados ou com medo, estavam todos lá. Eu os conhecia de vista, se não por nome.

Eu varri meu olhar ao redor da sala. Todas as pessoas para quem olhei baixaram os olhos, mas não precisava olhar profundamente para ver o que estava acontecendo. Rumores tem uma maneira de se mexer entre os praticantes de magia, e a linha arcana dos praticantes estava funcionando como de costume. O rumor estava à solta. Havia uma marca na minha cabeça, e todos eles sabiam disso. Um problema estava se formando entre dois magos, e todos tinha vindo aqui, para o abrigo oferecido pelos espaços sinuosos do McAnally’s e pelas configurações dispersivas das mesas e colunas. Eles vieram aqui para se abrigar até que tudo acabasse.

Ali não me oferecia nenhum abrigo, no entanto. O McAnally’s não podia me proteger contra um feitiço daqueles direcionado contra mim. Era um guarda-chuva, não um abrigo antiaéreo. Eu não conseguiria fugir do que Victor faria comigo, a menos que eu quisesse fugir para a Terranunca, e para mim, aquilo era mais perigoso, de certa forma, do que ficar no Mac's.

Fiquei ali em silêncio por um momento, mas não disse nada. Essas pessoas eram sócios, amigos de um tipo casual, mas eu não podia pedir que ficassem ao meu lado. Fosse o que fosse que Victor pensasse que era, ele tinha o poder de um mago de verdade e podia esmagar qualquer uma dessas pessoas como uma barata. Eles não estavam preparados para lidar com esse tipo de coisa.

"Mac", eu disse, finalmente. Minha voz caiu no silêncio como um martelo no vidro. "Eu preciso pegar seu carro emprestado."

Mac não tinha parado de polir o balcão com um pano branco limpo quando entrei, sua forma sobressalente em uma camisa branca e calças escuras. Ele não parou quando a sala ficou imóvel. E ele não parou quando tirou as chaves do bolso e as jogou para mim com uma mão. Eu os peguei e disse: "Obrigado, Mac".

"Ungh", disse Mac. Ele olhou para mim e depois para trás. Eu tomei o gesto pelo aviso que era e me virei.

Um raio brilhou lá fora. A silhueta de Morgan estava na porta, no topo do

pequeno lance de escadas, com a moldura larga preta contra o céu cinzento. Ele desceu as escadas em minha direção e o trovão veio em seus calcanhares. A chuva fez pouca diferença na configuração de seus cabelos castanhos e grisalhos, exceto por mudar a textura do cacho no rabo de cavalo guerreiro. Pude ver o punho da espada que ele usava, sob o sobretudo preto. Ele tinha uma mão musculosa e cicatrizada.

"Harry Dresden", disse ele. “Eu finalmente descobri. Usar as tempestades para matar aquelas pessoas é insanamente perigoso, mas você é exatamente o tipo de tolo ambicioso que faria isso.” Ele apertou o queixo em uma linha dura. "Sente-se", disse ele, gesticulando para uma mesa. As pessoas sentadas lá se afastaram, rápido. “Nós vamos ficar aqui, nós dois. E vou garantir que você não tenha a chance de usar esta tempestade para ferir mais ninguém. Vou garantir que você não tente seus truques covardes até que o Conselho decida seu destino.” Seus olhos cinzentos brilhavam com uma determinação e certeza sombrias.

Eu olhei para ele. Engoli minha raiva, as palavras que eu queria jogar de volta para ele, o feitiço que eu queria usar para tirá-lo do meu caminho e falei gentilmente. “Morgan, eu sei quem é o assassino. E ele está atrás de mim, sou o próximo. Se eu não chegar até ele e pará-lo, estou morto.”

Seus olhos endureceram, o brilho de um fanático. Ele falou em duas pequenas explosões agudas de sílabas. "Sente-se.” Ele puxou a espada da bainha alguns centímetros.

Eu deixei meus ombros cederem. Eu me virei para a mesa. Inclinei-me nas costas de uma das cadeiras por um momento, tirando um pouco de peso da minha perna machucada e puxei a cadeira para fora da mesa.

Então eu a peguei, girei em um meio círculo com ela para ganhar impulso, e a esmaguei no estômago do Sentinela. Morgan tentou recuar, mas eu o peguei desprevenido, e o golpe atingiu certeiro, forte e pesado com o peso da cadeira artesanal de madeira do Mac. Na vida real, a cadeira não se quebra quando você bate nela com alguém, como acontece nos filmes. A pessoa que você bate é quem quebra.

Morgan dobrou para frente, caindo em uma mão e um joelho. Não esperei

que ele se recuperasse. Em vez disso, quando a cadeira ricocheteou em suas costelas, eu usei o momento para dar uma volta completa na outra direção, levantando a cadeira alto e a derrubando nas costas do homem. O golpe o derrubou com força ao chão, onde ele ficou imóvel.

Sentei a cadeira na mesa e olhei em volta da sala. Todo mundo estava olhando, pálido. Eles sabiam quem era Morgan, qual era o seu relacionamento comigo. Eles sabiam sobre o Conselho e minha posição precária. Eles sabiam que eu acabara de agredir um representante do Conselho devidamente nomeado em busca da execução de seu dever. Eu havia rolado a pedra sobre meu próprio túmulo. Não havia uma oração para convencer o Conselho de que eu não era um mago desonesto que fugia da justiça agora.

"Para o inferno com ele", eu disse em voz alta, para ninguém em particular. "Eu não tenho tempo para isso."

Mac saiu de trás do balcão, sem se mover com pressa, mas também não com sua habitual falta de preocupação lacônica. Ajoelhou-se junto a Morgan e sentiu a garganta, depois abriu uma pálpebra e olhou para o homem. Mac olhou para mim e disse, sem expressão: "Vivo".

Eu assenti, sentindo um ligeiro alívio. Por mais que Morgan fosse um idiota, ele tinha boas intenções. Ele e eu queríamos a mesma coisa, realmente. Ele simplesmente não percebia isso. Eu não queria matá-lo.

Mas, eu tinha que admitir, em algum cantinho alegre da minha alma, que o olhar de surpresa chocada em seu rosto arrogante quando eu o bati na cadeira era uma visão que valia a pena lembrar.

Mac se inclinou e pegou as chaves, onde eu as deixei cair no chão enquanto arremessava a cadeira. Eu não tinha notado que tinha caído. Mac devolveu-as para mim e disse: "O Conselho ficará chateado".

"Deixe que eu me preocupo com isso."

Ele assentiu. "Sorte, Harry." Mac me ofereceu sua mão, e eu a peguei. A sala ainda estava em silêncio. Olhos medrosos e preocupados me observavam.

Peguei as chaves e caminhei, saindo da luz e do abrigo de McAnally’s e entrando na tempestade, minhas pontes queimando atrás de mim.

Capítulo Vinte e Quatro

Eu dirigi pela minha vida.

O carro de Mac era um TransAm '89, branco puro, com um grande motor de oito cilindros. O velocímetro vai até 200 quilômetros por hora. Em alguns lugares, passei disso. A chuva que caía tornava as estradas perigosas na velocidade em que eu estava dirigindo, mas eu tinha bastante incentivo para manter o carro andando o mais rápido possível. Eu ainda estava cavalgando na ponta dura de aço da raiva que me carregaram para longe das ruínas do meu escritório e através de Morgan.

O céu ficou mais escuro, uma combinação de bancos de nuvens de tempestade e o crepúsculo que se aproximava. A iluminação era estranha, esverdeada, as folhas das árvores quando eu deixava a cidade se destacando muito bruscamente, muito severamente, os amarelos das linhas da estrada muito fracos. A maioria dos carros que vi estava com os faróis acesos e as luzes da rua estavam acesas enquanto eu corria pela estrada.

Felizmente, a noite de domingo não é muito movimentada, tanto quanto o tráfego. Eu estaria morto em qualquer outra noite. Eu também devia estar dirigindo durante a troca de turno da patrulha rodoviária, porque nenhum deles tentou me puxar.

Tentei sintonizar a estação meteorológica, no rádio, mas desisti. A tempestade, mais a minha própria agitação, estava criando uma nuvem de feedback agudo nos alto-falantes do rádio, mas nada inteligível sobre a tempestade. Eu só podia rezar para chegar ao lago Providence antes que isso acontecesse.

Eu venci. As cortinas de chuva se abriram para mim quando passei pela placa dos limites da cidade para Lake Providence. Pisei nos freios para diminuir a marcha para a estrada à beira do lago que levava à casa de Sells, comecei a aquaplanar, derrapei com mais habilidade do que realmente deveria ter e voltei a controlar o veículo a tempo de deslizar para a estrada correta.

Entrei no caminho de cascalho Sells, na península pantanosa que se estendia até o lago Michigan. O TransAm deslizou para uma parada em uma chuva de cascalho e um rugido de motor poderoso, depois estalou e ofegou em silêncio. Eu me senti, por um segundo tonto, como o Magnum. O Fusca Azul de lado, eu podia gostar dessa coisa de carro esportivo. Pelo menos ele durou o suficiente para eu chegar ao local de Sells. "Obrigado, Mac", eu resmunguei e saí do carro.

A entrada de automóveis de cascalho que levava de volta à casa do lago estava semi-afundada na água das recentes tempestades. Minha perna estava machucada demais para correr muito rápido, mas desci a estrada em um galope de pernas longas, ganhando rapidamente a distância até a casa. A tempestade apareceu diante de mim, rolando pelo lago em direção à costa, eu podia ver colunas de chuva, pouco iluminadas pela luz fraca, caindo em suas águas.

Corri contra a tempestade até a casa e, ao fazê-lo, atraí todo o poder e atenção que pude, me ativei a um nível mais tenso, afinei meus sentidos ao tom mais agudo. Parei a vinte metros da casa e fechei os olhos, ofegando. Poderia haver armadilhas mágicas ou alarmes espalhados, ou guardiões espirituais ocultos, invisíveis a olho nu. Poderia haver feitiços esperando, ilusões destinadas a esconder Victor Sells de quem aparecesse. Eu precisava ser capaz de ver além de tudo isso. Eu precisava ter todo o conhecimento que pudesse obter.

Então eu abri meu Terceiro Olho.

Como posso explicar o que um mago vê? Não é algo que se descreve facilmente. Descrever algo ajuda a defini-lo, a dar-lhe limites, a cercar os entendimentos. Os magos têm a Visão desde o início dos tempos, e ainda não entendem como funciona, por que ela faz o que faz.

A única coisa que posso dizer é que senti como se um véu de tecido grosso tivesse sido retirado quando abri meus olhos novamente, não apenas dos meus olhos, mas de todos os meus sentidos. Pude sentir abruptamente o cheiro de lama e peixe do lago, as árvores ao redor da casa, o aroma fresco da chuva que precede a tempestade no vento manchado de fumaça. Eu olhei para as árvores. Eu as vi, não apenas na primeira camada verde da primavera, mas

em plena floração do verão, no esplendor do outono e na desolação do inverno, tudo ao mesmo tempo. Vi a casa e cada parte separada como seu próprio componente, as madeiras como partes de árvores espectrais, as janelas como pedaços de praias arenosas distantes. Eu podia sentir o calor do verão e o frio do inverno no vento saindo do lago. Vi a casa envolta em chamas fantasmagóricas, e sabia que elas faziam parte de seu futuro possível, que o fogo abrigava vários dos muitos caminhos de possibilidade que surgiam na próxima hora.

A casa em si era um lugar de poder. Emoções sombrias, ganância, luxúria, ódio, tudo pairava sobre ela como coisas visíveis, mofos e gosmas que estavam espalhados sobre ela como musgo espanhol e com olhos malévolos. Coisas fantasmagóricas, espíritos inquietos, moviam-se pelo lugar, atraídos pela sensação de medo, desespero e raiva que pairavam sobre ela, sombras sem sentido que sempre eram encontradas nesses lugares, como ratos em celeiros.

A outra coisa que vi sobre a casa foi um crânio vazio e sorridente. Os crânios estavam por toda parte, onde quer que eu olhasse, apenas no limite da minha visão, silenciosos, imóveis e branqueados, tão sólidos e reais como se um fetichista os tivesse espalhado em antecipação a um feriado bizarro. Morte. A morte estava no futuro da casa, tangível, sólida, inevitável.

Talvez a minha.

Estremeci e empurrei o sentimento para longe. Não importa quão forte fosse a visão, quão poderosa fosse a imagem obtida com a Visão, o futuro sempre será mutável, sempre há algo que possa ser mudado. Ninguém tinha que morrer esta noite. Não precisava chegar a isso, não para eles e não para mim.

Mas uma sensação doentia se instalou em mim, enquanto eu olhava para a casa escura, com toda a sua luxúria e medo fedorentos, todo o seu ódio horrível usado abertamente à minha vista, como um manto de pele humana esfolada nos ombros de uma garota bonita com cabelos lindos, lábios deliciosos, olhos fundos e dentes podres. Isso me repugnou e me deixou com medo.

E alguma coisa naquilo, intangível, algo que eu não podia nomear, me

chamou. Me cumprimentou. Aqui tinha poder, poder que eu havia deixado de lado antes, no passado. Eu tinha jogado fora a única família que conhecia para afastar um poder exatamente assim. Esse era o tipo de força que poderia alcançar e mudar o mundo à minha vontade, dobrá-lo e moldá-lo ao meu desejo, poderia cortar todas as trivialidades mesquinhas da lei e da civilização e impor ordem onde não havia, garantir minha segurança, minha posição, meu futuro.

E qual tinha sido minha recompensa por deixar esse poder de lado até agora? Suspeita e desprezo dos próprios magos que eu havia agido para apoiar e proteger, condenação do Conselho Branco cuja Lei eu me apeguei quando todo o mundo foi colocado aos meus pés.

Eu poderia matar o Homem das Sombras agora, antes que ele soubesse que eu estava aqui. Eu poderia chamar a fúria e chamas na casa e matar todos nela, não deixar pedra sobre pedra. Eu podia alcançar e abraçar a energia escura que ele havia reunido neste lugar, atraí-la e usá-la para o que eu quisesse, e as consequências que se ferrem.

Por que não matá-lo agora? A luz violeta, visível à minha Visão, pulsava e pulsava dentro das janelas, o poder sendo reunido, preparado e modelado. O Homem das Sombras estava lá dentro, e ele estava reunindo suas forças, preparando-se para desencadear o feitiço que me mataria. Que razão eu tinha para deixá-lo continuar respirando?

Fechei os punhos com fúria e pude sentir o ar estalar de tensão enquanto me preparava para destruir a casa do lago, o Homem das Sombras e qualquer um dos patéticos subordinados que ele tinha com ele. Com tanto poder, poderia desafiar o próprio Conselho, a reunião de velhos tolos de barba branca sem previsão, sem imaginação, sem visão. O Conselho e aquele cão de guarda patético, Morgan, não tinham ideia das verdadeiras profundezas da minha força. A energia estava toda lá, alegre dentro da minha raiva, pronta para alcançar e reduzir a cinzas tudo o que eu odiava e temia.

O pentagrama de prata que tinha sido minha mãe queimou frio no meu peito, um peso repentino que me fez ofegar. Eu me inclinei um pouco para frente e levantei a mão. Meus dedos estavam tão firmemente apertados em punhos que doía ao tentar abri-los. Minhas mãos tremiam, tremiam e começaram a

cair novamente.

Então, algo estranho aconteceu. Outra mão pegou a minha. A mão era fina, os dedos longos e delicados. Feminino. A mão gentilmente cobriu a minha e a ergueu, como uma criança pequena, até que segurei o pentagrama de minha mãe.

Eu o segurei na mão, senti sua força fria, sua geometria ordenada e racional. A estrela de cinco pontas dentro do círculo era o antigo sinal de magia branca, a única lembrança de minha mãe. A força fria do pentagrama me deu uma chance, um momento para pensar novamente, para clarear minha cabeça.

Respirei fundo, lutando para ver claramente a raiva, o ódio, a luxúria profunda que queimava dentro de mim por vingança e retribuição. Não era para isso que servia a magia. Não era isso que a magia fazia. A magia vinha da própria vida, da interação da natureza e dos elementos, da energia de todos os seres vivos, e especialmente das pessoas. A magia de um homem demonstra que tipo de pessoa ele é, o que é mantido mais profundamente dentro dele. Não existe um indicador mais verdadeiro do caráter de um homem do que a maneira como ele emprega sua força, seu poder.

Eu não era um assassino. Eu não era como Victor Sells. Eu era Harry Blackstone Copperfield Dresden. Eu era um Mago. Magos controlam seu poder. Eles não deixam isso controlá-los. E magos não usam magia para matar pessoas. Eles a usam para descobrir, proteger, consertar, ajudar. Não destruir.

A raiva evaporou abruptamente. O ódio ardente diminuiu, deixando minha cabeça clara o suficiente para pensar novamente. A dor na minha perna se transformou em uma dor maçante, e eu tremi com o vento e as primeiras gotas de chuva. Eu não tinha meu cajado e nem minha varinha explosiva. As bugigangas que eu tinha comigo estavam gastas ou queimadas, inúteis. Tudo que eu tinha era o que estava dentro de mim.

Eu olhei para cima, subitamente me sentindo menor e muito sozinho. Não havia ninguém perto de mim. Nenhuma mão estava tocando a minha. Ninguém ficou por perto. Por um momento, pensei que cheirava um

perfume, familiar e assustador. Então se foi. E o único que eu tive que ajudar era eu mesmo.

Eu soltei um suspiro. "Bem, Harry", eu disse a mim mesmo, "isso vai ter que ser o suficiente."

E assim, caminhei por uma paisagem espectral coberta de crânios, até os dentes da tempestade que se aproximava, até uma casa coberta de poder malévolo, pulsando com força mística selvagem e feroz. Fui adiante para enfrentar um oponente assassino que tinha todas as vantagens e que estava preparado e disposto a me matar de onde ele estava dentro do coração de seu próprio poder destrutivo, enquanto eu estava armado com nada mais do que minha própria habilidade e inteligência e experiência.

Eu tenho um ótimo trabalho ou o quê?

Capítulo Vinte e Cinco

A Visão da casa do lago de Victor sempre estará comigo. Era uma abominação. Parecia bastante inofensiva, fisicamente. Mas em um nível mais profundo, era suja, podre. Ela fervia com energia negativa, raiva, orgulho e luxúria. Especialmente a luxúria. De desejo de riqueza, desejo de poder, mais do que desejo físico.

Seres espirituais sombrios, que não eram totalmente reais, apenas manifestações da energia negativa do lugar, estavam grudados nas paredes, nas calhas da chuva, na varanda, no parapeito da janela, se empanturrando da energia negativa que restava dos feitiços de Victor. Eu estava supondo que havia muito dela. Ele não me parecia com alguém que era capaz de garantir que seus feitiços fossem energeticamente eficientes.

Subi os degraus da frente mancando. Minha visão não revelou nenhum alarme, nenhum feitiço. Eu poderia estar dando muito crédito a Victor Homem das Sombras. Ele era tão poderoso quanto um mago completo, mas não tinha educação. Músculo, sem cérebro, esse era Victor Homem das Sombras. Eu tinha que manter isso em mente.

Eu tentei a porta da frente, só por tentar.

Ela abriu.

Eu pisquei. Mas não questionei a boa sorte ou o excesso de confiança que fizera Victor deixar a porta da frente destrancada. Em vez disso, respirei fundo, juntei o que tinha e entrei.

Eu não lembro de como a casa era mobiliada ou decorada. Tudo o que me lembro é o que a Visão me mostrou. Mais do mesmo que o exterior, porém mais concentrado, mais nocivo. Coisas grudadas por toda parte, coisas com olhos silenciosos e brilhantes e expressões famintas. Alguns reptilianos, outros mais parecidos com ratos, outros insetóides. Todos eles eram desagradáveis, hostis e se afastaram de mim quando me aproximava,

enquanto a aura de energia que mantinha pronta ao meu redor os tocava. Eles fizeram barulhos silenciosos, coisas que eu nunca teria ouvido com meus ouvidos, mas a Visão abrange tudo isso.

Havia um longo corredor escuro coberto com as coisas. Avancei devagar, silenciosamente, e eles escorreram, rastejaram e deslizaram para longe do meu caminho. A luz roxa escura da magia, que eu tinha visto de fora, estava à minha frente, e ficando mais brilhante. Eu podia ouvir música tocando e reconheci que era a mesma que estava tocando no CD player no Madison, na suíte de Tommy Tomm, quando Murphy me convidou para lá na quinta-feira. Música lenta e sensual, ritmo constante.

Fechei os olhos por um momento, ouvindo. Eu ouvi sons. Um sussurro quieto, sendo repetido repetidamente, a voz de um homem repetindo um encantamento, segurando um feitiço, esperando pela liberação. Esse seria Victor. Ouvi suspiros suaves de prazer de uma mulher. Os Beckitts? Eu só poderia assumir isso.

E, num estrondo que pude sentir através das solas das minhas botas, ouvi um trovão sobre o lago. A voz baixa e cantante assumiu uma ponta de satisfação cruel e maldosa, e continuou o encantamento.

Juntei a energia que tinha e dei a volta na esquina, saindo do corredor, em uma sala espaçosa que se estendia por toda a altura da casa sem interrupção, vários metros de ar livre. O quarto abaixo era uma sala de estar. Uma escada em espiral subia até o que parecia uma cozinha e sala de jantar em uma espécie de plataforma ou varanda acima do resto da sala. O convés elevado na parte de trás da casa devia dar acesso praquela plataforma.

Não havia ninguém na sala principal. O canto e o suspiro ocasional vinham da plataforma acima. O CD player estava embaixo, na sala, música fluindo dos alto-falantes cobertos com uma imagem de fogo e dezenas de criaturas inchadas e nojentas, alimentando-se da música que saía. Eu pude ver a influência da música como uma névoa violeta e fraca, em sintonia com a luz que vinha da plataforma acima. Este era um feitiço ritual complexo, então, envolvendo muitos elementos básicos coordenados pelo mago central, Victor. Complicado. Não é à toa que foi tão eficaz. Victor precisou de muitas tentativas e erros para descobrir isso.

Olhei para a plataforma e atravessei a sala, mantendo-me o mais longe que pude do CD player. Deslizei por baixo da plataforma sem fazer barulho, e dezenas de coisas espirituais viscosas e não físicas escorreram para longe do meu caminho. A chuva aumentou para um ritmo monótono e constante do lado de fora, no telhado, no deck de madeira e contra as janelas.

Havia caixas empilhadas ao meu redor, estojos e caixas plásticas e caixas de papelão e caixas de madeira. Abri o mais próximo e vi, dentro, pelo menos cem frascos finos como os que eu já havia visto antes, cheios do TerceiroOlho líquido. Sob a vista da minha Visão, parecia diferente, espessa e nublada com possibilidades, desastres em potencial à espreita em todos os frascos. Rostos, torcidos de horror e dor, nadaram através das imagens fantasmagóricas do que poderiam ser.

Eu olhei para as outras caixas. Em uma, garrafas de licor antigas cheias de um líquido verde quase luminescente. Absinto? Eu me inclinei mais perto, cheirando e quase podia sentir o gosto da loucura que nadava latente no líquido. Me afastei das caixas, estômago revirando. Eu verifiquei as outras caixas, rapidamente. Amônia, remanescente de hospitais e enfermarias. Cogumelos peiote em plástico Tupperware, eu conhecia eles. Alume, branco e em pó. Anticongelante. Glitter em cem tons metálicos em uma enorme sacola plástica. Outras coisas, mais profundas nas sombras, que eu não tive tempo para olhar. Eu já tinha descoberto para que servia tudo aquilo.

Poções.

Ingredientes para poções. Era assim que Victor estava fazendo o TerceiroOlho. Ele estava fazendo o mesmo que eu, quando fazia minhas pequenas poções, mas em uma escala maior, usando a energia que ele roubou de outros lugares, de outras pessoas. Ele usou o absinto como base e partiu de lá. Victor produzia em massa o que equivalia a um veneno mágico, que provavelmente permanecia inerte até estar dentro de alguém, interagindo com suas emoções e desejos. Isso explicaria por que eu não havia notado nada sobre isso antes. Não teria sido óbvio para um exame superficial, ou para algo que não abrisse totalmente minha Visão, e isso não era algo que eu fazia com muita frequência.

Fechei os olhos, tremendo. A visão estava me mostrando demais. Esse

sempre era o problema. Eu podia olhar para esses ingredientes, os frascos com a droga pronta, e capturar imagens em flash de exatamente quanto sofrimento poderia ser causado. Era demais. Eu estava começando a ficar desorientado.

O trovão veio de novo, mais bruscamente, e acima de mim, a voz de Victor aumentou, para algo audível. Ele estava cantando em um idioma antigo. Egípcio? Babilônico? Realmente não importava. Eu conseguia entender o sentido das palavras com clareza suficiente. Eram palavras de ódio, malevolência. Eram palavras que foram feitas para matar.

Meu tremor estava se tornando mais forte. Eram apenas os efeitos da Visão? A presença de tanta energia negativa, reagindo comigo?

Não. Eu simplesmente estava com medo. Aterrorizado por sair do meu esconderijo embaixo da plataforma e encontrar o mestre da horda deslizante que estava envolto em tudo o que estava à vista. Eu podia sentir sua força daqui, sua confiança, a força de sua vontade infundindo o próprio ar com uma espécie de certeza odiosa. Eu estava com medo, o mesmo medo que uma criança sente ao ser confrontada com um cachorro grande e raivoso ou com o bully da vizinhança, o tipo de medo que paralisa, faz você querer dar desculpas e se esconder.

Mas não havia tempo para se esconder. Não havia tempo para desculpas. Eu tinha que agir. Então forcei o fechamento de minha Visão e reuni minha coragem o melhor que pude.

Trovões rugiram do lado de fora e houve um relâmpago, os dois acontecendo juntos. As luzes piscaram e a música pulou uma faixa. Victor gritou o encantamento em uma espécie de êxtase acima de mim. A voz da mulher, presumivelmente a da sra. Beckitt, subiu para um tom febril.

"Ou vai ou racha", murmurei para mim mesmo.

Concentrei minha vontade, estendi meu braço direito e a palma da mão aberta para o sistema de som e gritei: “Fuego!” Uma onda de calor saiu da minha mão e explodiu em chamas no outro lado da sala engolindo o som, que começou a emitir um som mais como um grito longo e torturado do que

como uma música. As algemas de Murphy ainda pendiam do meu pulso, um lado solto.

Então me virei, estendi meus braços e rugi: "Veni che!" O vento varreu embaixo de mim, fazendo meu casaco voar como a capa de Batman, me levantando diretamente para a plataforma acima e sobre a grade baixa da sala suspensa.

Mesmo esperando a visão, aquilo me chocou. Victor estava vestido com calça preta, camisa preta, sapatos pretos, muito estiloso, especialmente em comparação com minhas calças de moletom e botas de caubói. Suas sobrancelhas desgrenhadas e feições magras eram destacadas assustadoramente pela luz escura que fluía do círculo ao seu redor, onde os instrumentos de seu feitiço ritual estavam prontos para completar a cerimônia que me mataria. Ele tinha o que parecia uma colher, as bordas afiadas como navalha, um par de velas, preta e branca e um coelho branco, os pés amarrados com cordão vermelho. Uma das pernas estava sangrando por uma pequena lágrima, manchando o pêlo branco. E amarrada à cabeça com uma corda estava a mecha do meu próprio cabelo escuro e liso. De um lado havia outro círculo, colocado em giz no carpete, com uns quinze metros de largura. Os Beckitts estavam lá dentro, se contorcendo em um desejo irracional, suando, gerando energia para o feitiço de Victor.

Victor me olhou chocado quando eu pousei na varanda, o vento chicoteando ao meu redor, rugindo dentro da pequena sala como um ciclone em miniatura, derrubando vasos de plantas e bugigangas.

"Você!", Ele gritou.

"Eu", confirmei. "Há algo que eu queria falar com você, Vic."

Seu choque se transformou em raiva em um piscar de olhos. Ele pegou a colher afiada, levantou-a na mão direita e gritou as palavras do encantamento. Ele arrastou o coelho à sua frente, a minha representação cerimonial, e se preparou para arrancar seu coração e, portanto, o meu coração.

Não lhe dei a chance de terminar. Coloquei a mão no bolso e joguei a lata de

filme plástico vazia no Victor Homem das Sombras.

Como arma, não era muito. Mas era real e fora arremessada por uma pessoa real, um mortal. Isso poderia destruir a integridade de um círculo mágico.

O cartucho atravessou o ar acima do círculo de Victor e o quebrou, assim que ele completou o encantamento e enfiou a lâmina da colher no pobre coelho. A energia da tempestade veio cortando o cilindro de foco criado pelo círculo agora defeituoso de Victor.

O poder se espatifou na sala, selvagem, sem direção e sem foco, cores nuas e sons bruscos espalhados por toda parte com força de um furacão. Enviou objetos voando, incluindo Victor e eu, e destruiu o círculo secundário em que os Beckitts estavam, arremessando-os rolando e esbarrando no chão e em uma parede.

Apoiei-me no corrimão e me segurei enquanto o poder se agitava ao meu redor, carregando o ar com magia bruta e perigosa, surgindo como água sob pressão, procurando uma saída.

"Seu bastardo!" Victor gritou no vendaval. "Por que você simplesmente não morre!" Ele levantou a mão e gritou algo para mim, e o fogo tomou conta do espaço entre nós, instantâneo e quente.

Peguei um pouco do amplo poder disponível na sala e formei um muro alto e duro à minha frente, apertando meus olhos com força. Era uma dúzia de vezes mais difícil me proteger sem a meu bracelete, mas eu bloqueei a chama, enviando-a girando alto e por cima de mim, aconchegando-me sob uma pequena cúpula de ar endurecido que não deixaria a mágica de Victor passar por ela. Abri os olhos a tempo de ver as chamas tocarem as vigas do teto e as acenderem.

O ar ainda vibrava com energia quando o jato de chama passou. Victor rosnou quando me viu levantar, levantou a mão para um lado e rosnou palavras de convocação. Um bastão torto que parecia ser algum tipo de osso voou pelo ar em sua direção, e ele o pegou com uma mão, virando-se para mim com a atitude de um homem segurando uma arma.

O problema com a maioria dos magos é que eles se acostumam a pensar de uma única forma: Magia. Eu não acho que Victor esperava que eu me levantasse, cambaleasse pelo chão trêmulo em direção a ele e enfiasse meu ombro em seu peito, batendo-o de volta na parede com um baque satisfatório. Eu me inclinei um pouco para trás e mirei uma joelhada em seu estomago, errei e o acertei bem entre as pernas. A respiração dele saiu às pressas e ele se dobrou no chão. A essa altura, eu estava gritando com ele, sem sentido e incoerente. Comecei a chutar a cabeça dele.

Ouvi um som metálico e estridente atrás de mim e virei minha cabeça a tempo de ver Beckitt, nu, apontar uma arma automática para mim. Me joguei para o lado e ouvi uma breve explosão de tiros. Algo quente rasgou meu quadril, me girando, e eu continuei rolando para a cozinha. Ouvi Beckitt rosnar uma maldição. Houve vários sons de cliques nítidos. A automática havia emperrado. Inferno, com tanta mágica voando pela sala, tivemos sorte da coisa não ter explodido.

Victor, enquanto isso, sacudiu a ponta do tubo de osso que segurava e meia dúzia de cascas de escorpião marrons secas caíram no carpete. Seus dentes mais brancos que brancos brilharam em seu rosto marrom e ele rosnou: "Scorpis, scorpis, scorpis!" Seus olhos brilhavam com luxúria e fúria.

Uma das minhas pernas não estava atendendo aos meus apelos à ação, então eu andei como um caranguejo para a cozinha, me apoiando nas minhas mãos e em uma perna. Na área de refeições da varanda, os escorpiões se estremeceram e começaram a crescer. Primeiro um, e depois os outros, orientados para a cozinha e começaram a vir em minha direção em rajadas de velocidade, ficando maiores à medida que chegavam.

Victor uivou sua alegria. Os Beckitts se levantaram, nus, magros e de aparência selvagem, ambos portando armas, os olhos vazios de tudo, exceto um tipo selvagem de sede de sangue.

Senti meus ombros pressionando contra um balcão. Houve um chocalho, e então uma vassoura caiu contra mim, sua alça saltando da minha cabeça e pousando no chão de ladrilhos ao meu lado. Eu a agarrei, meu coração batendo em algum lugar em volta da minha garganta.

Uma sala cheia de drogas mortais. Um feiticeiro do mal em seu território. Dois malucos com armas. Uma tempestade de magia selvagem procurando algo para colocá-la em movimento explosivo. E meia dúzia de escorpiões como o que eu mal havia sobrevivido antes, crescendo rapidamente para o tamanho de monstros de filmes. Menos de um minuto no relógio e nenhum tempo limite restante para o quarterback.

Ao todo, parecia uma péssima noite para o time da casa.

Capítulo Vinte e Seis

Eu estava tão morto. Não havia como sair da cozinha, não havia tempo para usar uma evocação explosiva a queima roupa, e os escorpiões mortais me rasgariam em pedaços bem antes que Victor pudesse me explodir com alguma magia explosiva ou um dos Beckitts enlouquecidos por sangue conseguissem fazer suas armas funcionarem tempo suficiente para colocar mais algumas balas em mim. Meu quadril estava começando a gritar de dor, o que eu supunha ser melhor do que o entorpecimento mortal de ferimentos mais graves e choque, mas no momento era a menor das minhas preocupações. Apertei a vassoura, minha única arma deplorável. Eu nem tinha mobilidade para usá-la.

E então algo me ocorreu, algo tão infantil que quase ri. Peguei uma palha da vassoura e comecei um canto baixo e constante, balançando no ar com os dedos que seguravam a palha. Estendi a mão e segurei as imensas quantidades de energia inexplorada que corriam desenfreadas no ar e as puxei para o feitiço. "Pulitas!", Gritei, elevando o cântico. "Pulitas, pulitas!"

A vassoura estremeceu. Tremeu. S endireitou nas minhas mãos. E então partiu pelo chão da cozinha, sua varrida balançando ameaçadoramente, para encontrar o avanço dos escorpiões. A última coisa que eu esperava usar esse feitiço de limpeza, que fui laboriosamente forçado a aprender, era contra uma maré de escorpiões venenosos e monstruosos, mas se trabalha com o que tem. A vassoura varreu neles com energia feroz e começou a jogá-los pela cozinha em direção ao lado oposto da varanda com movimentos limpos e eficientes. Cada vez que um dos escorpiões tentava se esquivar, a vassoura se inclinava e pegava a fera antes que pudesse e jogava-a cuidadosamente de costas e continuava o trabalho.

Tenho certeza de que também tinha levado toda a sujeira no caminho. Quando faço um feitiço, faço direito.

Victor gritou de raiva quando viu seus animais de estimação, ainda pequenos demais para carregar muita massa, sendo tão cuidadosamente pegues e

conduzidos para fora da varanda. Os Beckitts levantaram as armas e abriram fogo na vassoura, enquanto eu me agachava atrás do balcão. Eles deveriam estar usando revólveres agora, porque dispararam sem problemas e em um ritmo ordenado. Balas atingiram as paredes e os balcões nos fundos da cozinha, mas nenhum deles atravessou o balcão que me protegia.

Eu recuperei o fôlego, pressionando minha mão contra o sangue no meu quadril. Doeu como o inferno. Eu pensei que a bala estava presa, em algum lugar no osso. Eu não conseguia mexer minha perna. Havia muito sangue, mas não tanto que eu estava sentado em uma poça. Na varanda, o fogo começava a pegar, espalhando-se pelo telhado. Todo o lugar ia desmoronar em pouco tempo.

"Pare de atirar, pare de atirar, maldição!" Victor gritou, quando os tiros pararam. Arrisquei uma espiada por cima do balcão. Minha vassoura tinha varrido os escorpiões da beira da varanda, para o chão da sala abaixo. Enquanto eu observava, Victor pegou a vassoura pela alça e a quebrou sobre o parapeito da varanda com um rosnado. A palha que eu ainda segurava nos dedos quebrou com um pequeno zunido agudo, e senti a energia desaparecer do feitiço.

Victor Homem das Sombras rosnou. “Um truque fofo, Dresden”, ele disse, “mas patético. Não há como você sobreviver a isso. Desista. Estarei disposto a deixar você ir embora.”

Os Beckitts estavam recarregando. Eu abaixei minha cabeça antes que eles tivessem alguma ideia engraçada, e esperava que eles não tivessem balas mais pesadas que pudessem penetrar no balcão que me escondi atrás, para me matar.

"Claro, Vic", eu respondi, mantendo minha voz o mais calma possível. "Você é conhecido por sua misericórdia e senso de justiça, certo?"

"Tudo o que tenho a fazer é mantê-lo lá até que o fogo se espalhe o suficiente para matá-lo", disse Victor.

"Certo. Vamos todos morrer juntos, Vic. Pena que todo o seu inventário esteja lá embaixo, não é?”

Victor rosnou e lançou outra explosão de chamas na cozinha. Desta vez, foi muito mais fácil me cobrir, meio blindado como eu já estava pelos balcões. "Oh, que fofo", eu disse, minha voz pingando desprezo. “Fogo é a coisa mais simples que você pode fazer. Todos os magos de verdade aprendem isso nas primeiras semanas e seguem em frente.” Olhei em volta da cozinha. Tinha que haver algo que eu pudesse usar, de alguma maneira que pudesse escapar, mas nada aparecia.

"Cale a boca!" Victor rosnou. “Quem é o mago de verdade aqui, hein? Quem é o único com todas as cartas e quem está sangrando no chão da cozinha? Você não é nada, Dresden, nada. Você é um perdedor. E você sabe por quê?"

"Puxa", eu disse. "Deixe-me pensar."

Ele riu severamente. “Porque você é um idiota. Você é um idealista. Abra seus olhos, cara. Você está na selva agora. É a sobrevivência do mais apto, e você se mostrou inapto. Os fortes fazem o que querem e os fracos são pisoteados. Quando isso acabar, vou limpar você do meu sapato e continuar como se nunca tivesse existido.”

"Tarde demais para isso", eu disse a ele. Eu estava com vontade de contar uma mentira branca. “A polícia sabe tudo sobre você, Vic. Eu mesmo disse a eles. E eu disse ao Conselho Branco também. Você nunca ouviu falar deles, não é, Vic? Eles são como os Superamigos e a Inquisição, todos reunidos em um. Você vai amá-los. Eles vão te levar como o lixo de ontem. Deus, você realmente é um idiota ignorante.”

Houve um momento de silêncio. Então, "Não", ele disse. "Você está mentindo. Você está mentindo para mim, Dresden.”

"Se eu estou mentindo, estou morrendo", eu disse a ele. Inferno, até onde eu sabia, eu estava. “Oh. E Johnny Marcone também. Eu fiz questão de que ele soubesse quem e onde você estava.”

"Filho da puta", disse Victor. “Seu filho da puta estúpido. Quem te colocou nisso, hein? Marcone? Foi por isso que ele te tirou da rua?”

Eu tive que rir, fracamente. Um pouco de armário em chamas caiu de uma

prateleira superior sobre os ladrilhos ao meu lado. Estava ficando quente lá dentro. O fogo estava se espalhando. "Você nunca descobriu, né Vic?"

"Quem?" Victor gritou comigo. “Quem foi, maldito? Aquela prostituta, da Linda? A amiga prostituta dela, Jennifer?

"Strike dois, strike três, o outro lado tem a chance de roubar", eu disse de volta. Inferno. Pelo menos se eu pudesse mantê-lo falando, poderia mantê-lo na casa por tempo suficiente para ele morrer comigo. E se eu pudesse deixá-lo bravo o suficiente, ele poderia cometer um erro.

"Pare de falar com ele", disse Beckitt. “Ele não está armado. Vamos matá-lo e sair daqui antes que todos morramos.”

"Vá em frente", eu disse em um tom alegre. “Inferno, não tenho nada a perder. Vou transformar esta casa inteira em uma bola de fogo que fará Hiroshima parecer um hibachi. Faça o meu dia."

"Cale a boca", Victor gritou. “Quem foi Dresden? Quem, maldito?”

Se eu lhe desse Monica, ele ainda seria capaz de alcançá-la se escapasse. Não havia sentido em arriscar isso. Então, tudo o que eu disse foi: "Vá para o inferno, Vic".

"Ligue o carro", rosnou Victor. “Saia pelas portas do convés. Os escorpiões matam qualquer coisa no primeiro andar.”

Ouvi um movimento na sala, alguém saindo pelas portas para o convés elevado nos fundos da casa. O fogo continuou a se espalhar. A fumaça pairava no ar em uma névoa espessa.

"Eu tenho que ir, Dresden", Victor me disse. Sua voz era suave, quase um ronronar, "mas há alguém que eu quero que você conheça primeiro."

Senti uma sensação doentia e torta na boca do estômago.

"Kalshazzak", Victor sussurrou.

O poder vibrou. O ar brilhava e brilhava, começou a torcer e espiralar.

"Kalshazzak", Victor sussurrou novamente, mais alto, mais exigente. Ouvi algo, um assobio que parecia vir de uma grande distância, aproximando-se. O mago negro chamou o nome pela terceira e última vez, sua voz subindo a um grito: "Kalshazzak!"

Houve uma trovoada na casa, um cheiro abafado e sulfuroso, e estiquei o pescoço para ver por cima do balcão, arriscando um olhar.

Victor ficou parado junto às portas de vidro que davam para o deck de madeira. Chamas laranja-avermelhadas cobriam o teto daquele lado da casa, e a fumaça enchia a sala abaixo, lançando todo o lugar em um brilho infernal.

Agachado no chão, na frente de Victor estava o demônio sapo que eu havia banido na noite anterior. Eu sabia que não o tinha matado. Você não pode matar demônios, daquele jeito, apenas destruir os receptáculos físicos que eles criam para si mesmos quando chegam ao mundo mortal. Se chamados novamente, eles podem criar um novo sem dificuldades.

Eu assisti fascinado, atordoado. Eu tinha visto apenas uma pessoa chamar um demônio antes, e eu matei meu velho mestre logo depois. A coisa agachada na frente de Victor, seus olhos azuis, relâmpagos girando com tons de ódio escarlate, encarando o mago vestido de preto, tremendo com a necessidade de rasgá-lo, rasgar e destruir o mortal que ousou convocá-lo.

Os olhos de Victor se arregalaram e ficaram mais loucos, brilhando com intensidade febril. O suor escorria pelo seu rosto e ele inclinou a cabeça lentamente para um lado, como se sua visão estivesse distorcida na horizontal e pelo movimento que ele compensaria. Agradeci silenciosamente por ter fechado o Terceiro Olho mais cedo. Eu não queria ver como aquilo realmente era, e também não queria dar uma boa olhada no verdadeiro Victor Sells.

O demônio finalmente deu um assobio de frustração e virou-se para mim com um rosnado coaxante. Victor abaixou a cabeça e riu, sua vontade triunfante sobre a do ser que ele chamara do além. “Aí, Dresden. Você vê? Os fortes sobrevivem e os fracos são despedaçados.” Ele apontou a mão dele para mim e disse ao demônio: "Mate-o".

Eu me levantei, apoiando meu peso no balcão, para encarar o demônio

quando ele se levantou e começou a andar lentamente em minha direção.

"Meu Deus, Victor", eu disse. "Eu não consigo superar o quão burro você é."

O sorriso de Victor imediatamente se tornou um sorriso sarcástico, mais uma vez. Vi o medo tocar os cantos dos olhos dele, a incerteza de que ele estivesse por cima, e senti um pequeno sorriso torcer meus lábios. Eu mudei meu olhar para o demônio.

"Você realmente não deveria apenas entregar a alguém o nome de um demônio", eu disse a ele. Então respirei fundo e gritei com uma voz de comando: "Kalshazzak!"

O demônio parou e deu um assobio uivo de agonia e raiva quando eu chamei seu nome e peguei minha vontade para arremessar contra ele.

"Kalshazzak", rosnei novamente. A presença do demônio estava subitamente lá, na minha cabeça, furiosa e escorregadia e viscosa e se contorcendo como um girino venenoso. Era uma pressão, uma pressão horrível nas minhas têmporas que me fez ver estrelas e ameaçou roubar o meu equilíbrio o suficiente para me fazer cair no chão.

Eu tentei falar novamente e as palavras ficaram presas na minha garganta. O demônio sibilou em antecipação, e a pressão na minha cabeça redobrou, tentando me forçar a cair, para me fazer desistir da luta, momento em que o demônio estaria livre para agir. O azul relâmpago de seus olhos tornou-se incrivelmente brilhante, doloroso de se olhar.

Pensei na pequena Jenny Sells, por incrível que pareça, e em Murphy, deitada pálida e inconsciente em uma maca na chuva, em Susan, agachada ao meu lado, doente e incapaz de correr.

Eu já havia batido nesse sapo uma vez. Eu poderia fazer isso de novo.

Gritei o nome do demônio pela terceira e última vez, minha garganta queimando, crua. A palavra saiu ilegível e imperfeita, e por um momento agoniante, eu temi o pior, mas Kalshazzak uivou de novo e se jogou furiosamente no chão, golpeando seus membros como um inseto envenenado,

furioso e arrancando grandes faixas do tapete. Eu cedi, o cansaço caiu sobre mim ameaçando me fazer desmaiar.

“O que você está fazendo?” Victor disse, sua voz subindo a um grito agudo. "O que você está fazendo?" Ele estava olhando horrorizado para o demônio. "Mate ele! Eu sou seu mestre! Mate-o, mate-o!” O demônio uivou de raiva, voltou seu olhar ardente para mim e depois para Victor, como se tentasse decidir quem devorar primeiro. Seus olhos se fixaram em Victor, que empalideceu e correu para as portas.

"Oh, não, você não vai", eu murmurei, e proferi o último feitiço que pude realizar. Uma última vez, nos últimos suspiros do meu poder, os ventos subiram e me levantaram da terra. Eu me joguei sobre Victor como uma bala de canhão desajeitada, afastando-o das portas, passando pelo demônio, que fazia uma investida estranha em nós, e em direção à grade da varanda.

Caímos em uma pilha confusa na beira da varanda que dava para a sala abaixo, cheia de fumaça escura e o brilho vermelho da chama. O ar estava quase quente demais para respirar. A dor saltou pelo meu quadril, mais brilhante e ofuscante do que qualquer coisa que eu já havia imaginado, e respirei fundo. O ar enfumaçado queimou, me fez engasgar e ofegar.

Eu olhei para cima. O fogo estava se espalhando por toda parte. O demônio estava agachado entre nós e a única saída. Do outro lado da varanda havia apenas caos, chamas e fumaça, uma fumaça estranha e escura que deveria estar subindo, mas, em vez disso, estava assentada no chão como a névoa de Londres. A dor era muito grande. Eu simplesmente não conseguia me mexer. Eu não conseguia nem respirar o suficiente para gritar.

"Maldito seja", Victor gritou. Ele recuperou os pés e me puxou em direção ao seu rosto com força furiosa. "Maldito seja", ele repetiu. "O que aconteceu? O que você fez?"

"A Quarta Lei da Magia proíbe a amarração de qualquer ser contra a sua vontade", falei. A dor estava forte ao redor da minha garganta, me fazendo lutar para dizer as palavras. “Então eu entrei e cortei seu controle sobre aquilo. E não estabeleci nenhum dos meus.”

Os olhos de Victor se arregalaram. "Você quer dizer…"

"Está Livre", confirmei. Eu olhei para o demônio. "Parece faminto."

"O que fazemos?" Victor disse. Sua voz estava trêmula, e ele começou a me sacudir também. "O que nós fazemos?"

"Nós morremos", eu disse. “Inferno, eu iria morrer de qualquer maneira. Mas pelo menos assim, eu levo você comigo.”

Eu o vi olhar para o demônio, depois de volta para mim, olhos aterrorizados e calculistas. "Trabalhe comigo", ele disse. “Você o parou antes. Você pode pará-lo de novo. Podemos vencer juntos e sair.”

Eu o estudei por um momento. Eu não poderia matá-lo com magia. Eu não queria. E isso só teria trazido uma sentença de morte à minha cabeça de qualquer forma. Mas eu poderia ficar parado e não fazer nada. E foi exatamente o que eu fiz. Eu sorri para ele, fechei os olhos e não fiz nada.

"Foda-se, então, Dresden", Victor rosnou. “Aquilo só pode comer um de nós de cada vez. E não serei o que vai ser comido hoje” E ele me pegou para me lançar em direção ao demônio.

Eu lutei com uma tenacidade frágil. Nós lutamos. O fogo se acendeu. Fumaça subiu. O demônio se aproximou, olhos relâmpagos brilhando através da escuridão iluminada pelo inferno. Victor era mais baixo que eu, mais corpulento, melhor em luta livre, e não havia levado um tiro no quadril. Ele me levantou e quase me jogou, mas me movi mais rápido, chicoteando meu braço direito em sua cabeça e o pegando com a ponta livre das algemas de Murphy, interrompendo seu movimento. Ele tentou se afastar, mas eu o segurei, o arrastei em um círculo para bater contra o corrimão da varanda, e nós dois tombamos.

O desespero dá ao homem recursos extraordinários. Eu me agitei no parapeito da varanda e peguei na base, me impedindo de cair para a fumaça agitada abaixo. Olhei para baixo e vi a pele marrom brilhante de um dos escorpiões, com a cauda ardendo erguida como o mastro de um navio cortando fumaça com pelo menos um metro e meio de profundidade. A sala

estava cheia de cliques zangados, sons arrastados. Mesmo só com um único olhar desesperado, vi um sofá rasgado em pedaços por um par de escorpiões em menos tempo do que o necessário para respirar. Eles pairavam sobre ele, suas caudas balançando no ar como bandeiras da parte de trás dos carrinhos de golfe. Sinos do Inferno.

Victor agarrou-se à grade um pouco acima de mim e à esquerda, e olhou para o demônio que se aproximava com um rosto torcido de ódio. Eu o vi respirar fundo e tentar plantar um pé com firmeza suficiente para liberar uma mão para apontar para o demônio que se aproximava em algum tipo de ataque ou defesa mágica.

Eu não podia permitir que Victor escapasse disso. Ele ainda estava inteiro. Se ele pudesse derrubar o demônio, ele ainda poderia escapar. Então eu tive que dizer a ele algo que o deixaria bravo o suficiente para tentar me matar. "Ei, Vic", eu gritei. “Foi sua esposa. Foi a Monica que te ferrou.”

As palavras o atingiram como um golpe físico, e sua cabeça virou em minha direção, seu rosto se contorcendo em fúria. Ele começou a me dizer algo, as palavras de um feitiço para me despedaçar, talvez, mas o demônio do sapo o interrompeu, elevando-se com um assobio furioso e estalando as mandíbulas sobre a clavícula e a garganta de Victor. Os ossos quebraram com estalidos audíveis, e Victor gritou de dor, seus braços e pernas estremecendo. Ele tentou se afastar, para longe do demônio, e o equilíbrio da criatura oscilou.

Cerrei os dentes e tentei me segurar. Um escorpião saltou para mim, marrom e brilhante, e eu puxei minhas pernas para fora do alcance de suas pinças, apenas um pouco.

"Bastardo", Victor chorou, lutando inutilmente nas mandíbulas do demônio. Havia sangue escorrendo por seu corpo, rápido e quente. O demônio havia atingido uma artéria, ele estava simplesmente segurando, oscilando na beira da varanda enquanto Victor lutava e começava a chutar a minha mão. Ele me bateu uma vez, duas vezes, e meu equilíbrio vacilou, meu aperto escorregou. Um rápido olhar abaixo de mim me mostrou outro escorpião, se preparando para pular em mim, este mais perto.

Murphy, pensei. Eu deveria ter escutado você. Se os escorpiões não me

matassem, o demônio mataria, e se o demônio não matasse, o fogo ia me matar. Eu ia morrer.

Havia uma certa paz em pensar nisso, em saber que tudo estava prestes a acabar. Eu ia morrer. Era simples assim. Eu lutei o máximo que pude, fiz tudo o que pude pensar e acabou. Eu me vi, nos meus segundos finais, desejando ociosamente pedir desculpas a Murphy, pedir desculpas a Jenny Sells por ter matado seu pai, pedir desculpas a Linda Randall por não ter percebido as coisas com rapidez e salvar a vida dela. As algemas de Murphy estavam firmes e frias no meu antebraço enquanto monstros e demônios e magos negros e fumaça se fechavam ao meu redor. Fechei os olhos.

As algemas de Murphy.

Meus olhos se abriram.

As algemas de Murphy.

Victor tentou chutar minha mão esquerda novamente. Chutei com as pernas e puxei com os ombros para me dar um segundo de sustentação, e agarrei a perna da calça de Victor Sells na minha mão esquerda. Com a minha direita, agitei a extremidade livre das algemas em torno de uma das barras do corrimão. O anel de metal deu um ciclo na dobradiça e travou no lugar.

Então, quando comecei a cair, puxei com força a perna de Victor. Ele gritou, um grito horrível e agudo, quando começou a cair. Kalshazzak, finalmente desequilibrado pelo peso e alavancagem adicionais que eu acrescentara às lutas de Victor, saltou sobre o corrimão da varanda e caiu na fumaça abaixo, caindo no chão, carregando Victor com ele.

Houve uma corrida de sons rápidos e ferozes, um assobio penetrante do demônio. Os gritos de Victor subiram para algo estridente e horrível, até que ele parecia mais um animal, um porco guinchando no abate, do que um homem.

Balancei-me da varanda, com os pés vários metros acima da briga, mantidos suspensos de uma maneira extremamente dolorosa pelas algemas de Murphy, um laço em volta do meu pulso, o outro travado ao redor da grade da

varanda. Eu olhei para baixo quando minha visão começou a escurecer. Vi um mar de placas marrons e reluzentes de armaduras quitinosa e segmentada. Eu vi as caudas ardentes dos escorpiões brilhando uma e outra vez. Vi os olhos relâmpagos do receptáculo físico de Kalshazzak e vi um deles ser perfurado e apagado pela picada reluzente de um dos escorpiões.

E vi Victor Sells, golpeado repetidamente por ferrões do tamanho de picadores de gelo, as feridas espumando de veneno. O demônio ignorou as pinças e ferrões dos escorpiões para começar a destruí-lo. Seu rosto se contorceu na agonia final de raiva e medo.

Os fortes sobrevivem e os fracos são comidos. Eu acho que Victor investiu no tipo errado de força.

Eu não queria ver o que estava acontecendo abaixo de mim. Os fogos que consumiam o teto acima eram bastante bonitos, na verdade, ondas ondulantes de chamas, vermelho cereja e laranja-do-sol. Eu estava fraco demais para tentar sair dessa bagunça, e a coisa toda se tornou muito chata e dolorosa para sequer considerar isso. Eu apenas observei as chamas, esperei e notei, estranhamente, que estava simplesmente morrendo de fome. E não é de admirar. Eu não tinha feito uma refeição decente desde ... sexta-feira? Sexta-feira. Você percebe coisas estranhas nesses momentos finais, eles dizem.

E então você começa a ver as coisas. Por exemplo, vi Morgan atravessar as portas de correr de vidro que davam para o convés externo, a espada de prata da justiça do Conselho Branco em suas mãos. Vi um dos escorpiões, agora do tamanho de um pastor alemão, subindo as escadas correndo e investindo contra Morgan. Eu vi a espada de prata de Morgan cortar, e deixar o escorpião em pedaços se contorcendo no chão.

Então vi Morgan, sua expressão sombria, seu peso fazendo a varanda mastigada pelo fogo estremecer, vir para mim. Seus olhos se estreitaram quando ele me viu, e ele ergueu a espada, inclinando-se sobre o parapeito da varanda. A lâmina brilhou em prata brilhante à luz do fogo quando começou a descer.

Típico, foi meu último pensamento. Quão perfeitamente típico é sobreviver a tudo o que os bandidos podiam fazer e ser morto pelas pessoas cuja causa eu

estava lutando.

Capítulo Vinte e Sete

Acordei em algum lugar fresco e escuro, em tremenda dor, tossindo meus pulmões para fora de mim. A chuva estava caindo no meu rosto, e foi a melhor sensação que eu já conheci. O rosto de Morgan estava sobre o meu, e eu percebi que ele estava me dando RCP. Eww.

Tossi, engasguei e me sentei, respirando fundo. Morgan me observou por um momento, depois fez uma careta e se levantou, os olhos piscando.

Consegui respirar o suficiente para falar e disse, entorpecido: "Você me salvou."

Ele fez uma careta. "Sim."

"Mas por que?"

Ele olhou para mim novamente, depois inclinou-se para pegar sua espada e enfiá-la na bainha ao seu lado. “Porque eu vi o que aconteceu lá. Eu vi você arriscar sua vida para parar aquele homem. Sem violar nenhuma das leis. Você não era o assassino.”

Tossi um pouco mais e disse: "Isso não significa que você tinha que me salvar."

Ele se virou e piscou para mim, como se estivesse intrigado. "O que você quer dizer?"

"Você poderia ter me deixado morrer."

Sua expressão dura nunca mudou, mas ele disse: “Você não era culpado. Você faz parte do Conselho Branco.” Sua boca se contorceu como se as palavras fossem limões frescos. “Tecnicamente. Eu tinha a obrigação de preservar sua vida. Era meu dever.

"Eu não era o assassino", eu disse.

"Não."

“Então”, chiei, “isso me faria certo. E então isso faria você ...”

Morgan fez uma careta. “Mais do que pronto para executar a Condenação se você cruzar a linha, Dresden. Não pense que isso o tirou do gancho, no que me diz respeito.”

"Então. Se bem me lembro, como Sentinela, é seu dever relatar minha conduta ao Conselho, não é?”

Sua carranca escureceu.

“Então você terá que ir na segunda-feira e contar tudo sobre o que realmente aconteceu. Toda a verdade e nada além da verdade.”

"Sim", ele rosnou. "É até possível que eles cancelem a Condenação."

Comecei a rir, fracamente.

“Você não ganhou, Dresden. Muitos no Conselho sabem muito bem que você associou-se aos poderes das trevas. Nós, pelo menos, não relaxaremos nossa vigília em você. Vamos vigiá-lo dia e noite, provaremos que você é um perigo que deve ser detido.”

Eu continuei rindo. Eu caí do meu lado, ri muito.

Morgan arqueou uma sobrancelha e simplesmente olhou para mim. "Você está bem?"

"Me dê um galão de Listerine", engasguei, "e ficarei bem."

Morgan apenas olhou para mim e eu ri mais. Ele revirou os olhos e rosnou algo sobre a polícia estar aqui a qualquer momento para prestar assistência médica. Então ele se virou e pisou na floresta, murmurando para si mesmo o caminho todo.

A polícia chegou a tempo de pegar os Beckitts que tentavam sair e prendeu-os por, de todas as coisas, estarem nus. Mais tarde, eles foram envolvidos no

grupo de drogas TerceiroOlho e processados por acusações de distribuição. Para eles, é bom que eles estejam no sistema de justiça de Michigan. Eles não teriam saído de uma cela vivos se estivessem em Chicago. Não seria bom para os negócios de Johnny Marcone.

O Varsity sofreu um incêndio misterioso na noite da minha visita. Ouvi dizer que Marcone não teve nenhum problema em coletar o dinheiro do seguro, apesar de todos os rumores estranhos por aí. Chegou a notícia de que Marcone havia contratado Harry Dresden para derrubar o chefe da gangue TerceiroOlho, um daqueles rumores que você não pode rastrear de volta para ninguém. Não tentei negar. Era um preço barato o suficiente para não ter que se preocupar com alguém bombardeando meu carro.

Eu estava muito hospitalizado para aparecer na reunião do Conselho Branco, mas acabou que eles decidiram cancelar a Condenação de Dâmocles (que eu sempre achei um nome bastante pretensioso em qualquer caso), devido a "ação valorosa acima e além da obrigação." Não acho que Morgan tenha me perdoado por ser um cara legal. Ele teve que comer corvo na frente de todo o Conselho, incansavelmente impulsionado por seu senso quase idiota de dever e honra. Não há amor perdido entre nós. Mas o cara era honesto. Tinha dar crédito a ele por isso.

E inferno. Pelo menos eu não tenho que esperar que ele saia do nada toda vez que eu lançar um feitiço. Eu espero.

Murphy ficou em estado crítico por quase setenta e duas horas, mas ela conseguiu. Eles deram a ela um quarto no final do corredor, na verdade. Enviei flores para o quarto do hospital, junto com o anel sobrevivente de suas algemas. Eu disse a ela, em uma nota, para não perguntar como a corrente entre os anéis havia sido tão cuidadosamente cortada. Eu não acho que ela acreditaria que alguém a cortou com uma espada mágica. As flores devem ter ajudado. A primeira coisa que ela fez ao sair da cama foi cambalear pelo corredor até o meu quarto, jogá-las na minha cara e sair sem dizer uma palavra.

Ela falou não ter lembrança do que aconteceu no meu escritório, e talvez não tenha. Mas, de qualquer forma, ela rescindiu o mandado de prisão e, algumas semanas depois, quando voltou ao trabalho, ela me chamou para pedir

conselhos no dia seguinte. E ela enviou um grande cheque para cobrir minhas despesas nas investigações de assassinato. Acho que isso significa que somos amigos novamente, em um sentido profissional. Mas não contamos piadas mais. Algumas feridas não cicatrizam muito rapidamente.

A polícia encontrou os restos do enorme esconderijo de TerceiroOlho no que restava da casa do lago, e Victor Sells acabou por aparecer como o vilão. Monica Sells e seus filhos desapareceram na Proteção a Testemunhas. Espero que eles tenham uma vida melhor agora do que tinham antes. Suponho que não poderia ser muito pior.

Bob finalmente voltou para casa, mais ou menos dentro do prazo de vinte e quatro horas, suponho. Me fingi de surdo para os rumores de uma festa particularmente louca da Universidade de Chicago, que durou de sábado a domingo à noite, e Bob, sabiamente, nunca o mencionou.

ENCONTRO COM UM DEMÔNIO foi a atração principal do Arcano quando saiu na segunda-feira seguinte, e Susan veio ao meu quarto no hospital para me trazer uma cópia e conversar comigo sobre isso. Ela parecia achar muito engraçado o gesso que mantinha meus quadris imobilizados até que os médicos pudessem ter certeza de que não havia nenhuma fratura (a máquina de raios X continuava quebrando sempre que tentavam usá-la em mim, por algum motivo), e comentou que era uma pena que eu não estava com mais mobilidade. Eu usei o fator de simpatia para conseguir outro encontro com ela, e ela não parecia se importar muito.

Dessa vez, não fomos interrompidos por um demônio. E eu não precisava de nenhuma das poções ou conselhos de amor de Bob, muito obrigado.

Mac recuperou o TransAm. Eu peguei o Fusca Azul de volta. Isso não parecia exatamente igual, mas pelo menos o Fusca ainda funciona. A maior parte do tempo.

Fiz questão de enviar pizza para Toot-toot e seus amigos fadas todas as noites durante uma semana e uma vez por semana desde então. Tenho certeza de que o garoto do Pizza 'Spressa pensou que eu era um maluco, fazendo com que ele deixasse a pizza na beira da estrada. Pro inferno com ele. Eu cumpro minhas promessas.

Mister não ganhou muito com a situação toda, mas está bem abaixo de sua dignidade perceber essas coisas.

E eu? O que eu tirei disso? Eu não tenho certeza. Eu escapei de algo que me seguia há muito tempo. Só não tenho certeza do que. Não tenho certeza de quem estava mais certo de que eu era um anticristo ambulante esperando para acontecer, o ramo conservador do Conselho Branco, homens como Morgan, ou como eu. Para eles, pelo menos, a questão foi parcialmente acabada. Para mim, porém, não tenho tanta certeza. O poder está aí. A tentação está aí. É assim que vai ser.

Eu posso viver com isso.

O mundo está ficando mais estranho. Mais escuro todos os dias. As coisas estão girando cada vez mais rápido e ameaçando dar completamente errado. Falcões e falcoeiros. O centro não pode aguentar.

Mas no meu canto do país, estou tentando acertar as coisas. Não quero morar na selva de Victor, mesmo que ela o tenha devorado. Não quero viver em um mundo onde os fortes mandam e os fracos se acovardam. Prefiro criar um lugar onde as coisas sejam um pouco mais calmas. Onde trolls ficam debaixo de suas pontes e onde elfos não saem para pegar crianças de seus berços. Onde os vampiros respeitam os limites, e onde as fadas cuidam de seus pês e quês.

Meu nome é Harry Blackstone Copperfield Dresden. Conjure-o por sua conta e risco. Quando as coisas ficarem estranhas, quando o que percorre à noite acender suas luzes, quando ninguém mais puder ajudá-lo, ligue para mim.

Eu estou na lista telefônica.